

AS MINAS SÃO MUITAS: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E CULTURA

Mariana da Silva Marinho
(Org.)



AS MINAS SÃO MUITAS: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E CULTURA



**Secretaria de Estado de Educação
de Minas Gerais - SEE/MG**

Igor de Alvarenga Oliveira
Icassatti Rojas
Secretário de Estado de Educação

Fernanda de Siqueira Neves
Secretária de Estado Adjunta de Educação

Ana Costa Rego
Chefe de Gabinete

Kellen Silva Senra
*Subsecretária de Desenvolvimento
da Educação Básica*

Rosely Lúcia de Lima
Superintendente de Políticas Pedagógicas

Fabiana Benchetrit dos Santos
*Diretoria de Modalidades de Ensino e
Temáticas Especiais*

Rosália Aparecida Martins Diniz
*Coordenação de Temáticas Especiais e
Transversalidade Curricular*

Mara Letícia Carvalho de Souza Martins
Haline Cristina Ferreira Santos
Anne Caroline Ferreira Vaz
*Núcleo Gestor do Programa de Iniciação
Científica na Educação Básica (ICEB)*

**Universidade Estadual de
Montes Claros - Unimontes**

Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Ivana Ferrante Rebello
Pró-Reitora de Ensino

Rogério Othon Teixeira Alves
Pró-Reitor de Extensão

Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Cláudia Luciana Tolentino Santos
*Pró-Reitora de Planejamento, Gestão
e Finanças*

©Editora Unimontes

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Chefe

Conselho Editorial

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Ivana Ferrante Rebello
Leandro Luciano Silva Ravnjak
Luiz Henrique Carvalho Penido
Maria da Penha Brandim de Lima
Patrícia Takaki Neves
Tânia Marta Maia Fialho
Vanessa de Andrade Royo

Mariana da Silva Marinho
(Org.)

Mara Letícia Carvalho de Souza Martins
Coordenadora da Coleção ICEB

AS MINAS SÃO MUITAS: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E CULTURA



Montes Claros, 2025



EXPEDIENTE

Projeto gráfico e diagramação

Laura Silveira Fahel

Revisão linguística

Ana Cláudia Dias Rufino

Ana Márcia Ruas de Aquino

Impressão

Gráfica RB Flexo

Equipe Editorial

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro

Ana Márcia Ruas de Aquino

Luana Pereira Santos

Simone Rosiane Corrêa Araújo

João Pedro Viveiros Ribeiro

Victor Hugo Alves Almeida

Andressa Suelen Gonçalves Figueiredo

Jônatas Lino Rodrigues

Maria Gabriela de Souza

M663 As Minas são muitas [livro eletrônico] : memória, patrimônio e cultura / Mariana da Silva Marinho (org.). – Montes Claros, MG : Editora Unimontes, 2025. – (Coleção ICEB ; 4 / coordenação Mara Letícia Carvalho de Souza Martins) 295 p. : il. ; E-book (PDF).

Vários autores.

Bibliografia.

Modo de acesso: world wide web

<http://www.editora.unimontes.br/index.php/ebook>

ISBN: 978-85-7739-726-6. (E-book).

1. Memória coletiva. 2. Minas Gerais (Estado) - Aspectos culturais. 3. Patrimônio cultural - Minas Gerais (Estado). 4. Patrimônio histórico - Minas Gerais (Estado). I. Marinho, Mariana da Silva. II. Martins, Mara Letícia Carvalho de Souza. III. Série.

CDD-981.51

Elaborado por Biblioteca Central Professor Antônio Jorge / Roseli Damaso – CRB-6/1892

©Editora Unimontes

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

Montes Claros - Minas Gerais - Brasil, CEP 39401-089 - Caixa Postal 126.

www.editora.unimontes.br | editora@unimontes.br

Filiada à



VOLUMES DA COLEÇÃO ICEB

Volume 1: Africanidades confluentes na Educação Básica

Volume 2: Cultura, ancestralidade, tradições rurais e urbanas nas vivências de estudantes da Educação Básica

Volume 3: História e memória: o que as cidades têm a dizer sobre nós

Volume 4: As Minas são muitas: memória, patrimônio e cultura

Volume 5: Educação financeira, economias locais e mercado de trabalho: experiências da Educação Básica para a transformação social

Volume 6: Política e cidadania: vozes, experiências e reflexões das juventudes da Educação Básica mineira

Volume 7: Catalisando pesquisas em direitos humanos e juventudes sob olhares de estudantes da Educação Básica

Volume 8: Um convite para o diálogo: olhares de estudantes-pesquisadores sobre a diversidade

Volume 9: Vamos falar sobre saúde? Um olhar a partir de estudantes-pesquisadores da Educação Básica

Volume 10: Ciência e tecnologia da escola para a vida: caminhos da inovação e criatividade na Educação

Volume 11: Da escola para a vida: ciência e tecnologia em prol das comunidades e da sustentabilidade

Volume 12: Educação ambiental e mudança social: o enfrentamento à degradação do meio ambiente nas comunidades escolares de Minas Gerais

Volume 13: Gotas de mudança: um compromisso das escolas mineiras com o futuro hídrico

Volume 14: Raízes do futuro: experiências de sustentabilidade, conservação e tradição na Educação Básica

Volume 15: Caminhos para a sustentabilidade: experiências na Educação Básica em gestão de resíduos, reciclagem e inovação ambiental

Os textos que compõem os livros desta coleção derivam de ações pedagógicas e de atividades de pesquisas realizadas por estudantes e professores orientadores e tutores de escolas estaduais vinculados ao Programa de Iniciação Científica na Educação Básica do Estado de Minas Gerais. Seu conteúdo foi escrito de forma colaborativa entre os participantes, apresentando os resultados das atividades desenvolvidas sem refletir o ponto de vista do Estado de Minas, dos estudantes, dos professores envolvidos ou da Editora Unimontes, respeitadas as premissas para o desenvolvimento de pesquisas científicas. A reprodução é permitida para fins didáticos e informativos, com a devida indicação de autoria, sendo vedada qualquer utilização comercial ou com fins lucrativos.

PREFÁCIO

“A curiosidade é a primeira condição para a construção do conhecimento” (Fochi, 2021)¹. Com esse princípio em mente, ensinar torna-se um ato de empatia e inspiração, exigindo do professor a capacidade de despertar nos estudantes o prazer pela descoberta e o desenvolvimento do pensamento crítico e do questionamento ativo.

A melhor maneira de alcançar esses objetivos é através do *ensino por investigação*, uma metodologia que coloca os alunos como protagonistas de sua própria aprendizagem, aplicando métodos e práticas semelhantes às que os cientistas utilizam em suas pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento. É exatamente essa a proposta desta coleção: fomentar a curiosidade e abrir caminhos para uma educação baseada na pesquisa e na descoberta, divulgando atividades de pesquisas desenvolvidas por estudantes da Educação Básica de Minas Gerais.

Em *Ensino de Ciência por investigação*, Ana Maria P. de Carvalho (2013)² apresenta quatro etapas principais para o ensino investigativo: i) a delimitação de um problema para o início da construção do conhecimento; ii) a passagem da ação manipulativa para a ação intelectual na resolução do problema; iii) a tomada de consciência e iv) a construção de explicações. Nesse contexto,

1 FOCHI, P. S. A curiosidade, a intenção e a mão: o ethos lúdico do bebê. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 8, n. 68, p. 111-118, 2021.

2 CARVALHO, A. M. P. *Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula*. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

o papel do professor é promover a interação dos alunos com os fenômenos, fatos e informações, permitindo que eles investiguem e levantem hipóteses, testando-as, e consigam concluir a investigação, chegando a constatações significativas que os levem a compreender, de forma aprofundada, o tema escolhido. Essa abordagem tira os alunos da passividade das aulas tradicionais e os coloca em busca de solucionar problemas, com auxílio do professor, ou dos professores, quando a abordagem adotada for interdisciplinar.

No ensino por investigação, o professor propõe e discute questões, ajudando seus estudantes no planejamento da pesquisa e na busca de evidências, bem como na elaboração de conexões entre estas e as explicações teóricas plausíveis, por meio de discussões. Para isso, os professores costumam elaborar sequências didáticas, que são atividades articuladas e ordenadas sobre um tema de interesse, ou vários, com a participação ativa dos alunos. Para ter sucesso, essa abordagem de ensino deve ter a participação ativa de todos os envolvidos, incluindo a escola e a família, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos, entendendo suas dúvidas e utilizando conteúdos dinâmicos e interativos relacionados ao cotidiano.

O Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB), criado pelo Governo do Estado de Minas Gerais, tem como objetivo intensificar o estudo e a reflexão sobre os Temas Contemporâneos Transversais, por meio da aplicação de metodologias científicas, possibilitando aos estudantes identificar e propor soluções para os problemas do seu contexto social, incentivando, apoiando, valorizando e dando visibilidade à produção e compartilhamento de conhecimentos e saberes, a partir da aplicação de metodologias que são empregadas na pesquisa científica. O ICEB busca levar para as escolas públicas uma experiência com a Iniciação Científica que já é desenvolvida nas universidades e centros de pesquisa do Brasil e do mundo, promovendo, dessa maneira, a formação científica de estudantes que ainda se encontram no Ensino Fundamental e Médio, desenvolvendo aptidões que eles poderão aplicar em diversas esferas da vida, incentivando, inclusive, a formação em nível superior.

Esta coleção de livros do ICEB é o exemplo do sucesso do Programa, que demonstra como o ensino por investigação pode trazer

vários resultados de extrema relevância para os estudantes, como o desenvolvimento de competências e habilidades de reflexão, resolução de problemas e construção de conhecimento; desenvolvimento de autonomia, senso crítico, questionamentos; desenvolvimento de responsabilidade, respeito às diferentes visões de mundo e cooperação. Além disso, nos livros, fica claro que o aluno aprende sobre ciência e como fazer ciência em todas as suas áreas. Com certeza, para os professores envolvidos, o Programa resultou em reflexões críticas sobre a sua própria prática pedagógica, estimulando o seu aprimoramento, proporcionando, ademais, novas experiências que estimulam sua continuidade com dedicação na docência, apesar dos desafios que se apresentam na atualidade.

O ICEB, aplicando o ensino investigativo em sala de aula, certamente atinge o resultado esperado e essencial do ensino para estudantes e professores, que é o de formar cidadãos informados e críticos, por meio do diálogo e da exposição de ideias entre toda a comunidade escolar, com impacto positivo para toda a sociedade, no que se refere ao desenvolvimento do respeito pelo pensamento divergente.

Esta coleção de livros reúne relatos de experiências bem-sucedidas que promovem a formação de indivíduos mais questionadores, reflexivos e com capacidade de enfrentamento de problemas do cotidiano. Estudantes, professores e toda a comunidade escolar envolvida nesses projetos tornam-se, por meio do ICEB, mais aptos a confrontar informações imprecisas amplamente difundidas e, ainda, se tornam agentes multiplicadores de conhecimento — construtores de uma sociedade brasileira mais consciente da importância do saber científico e dos saberes locais na tomada de decisões em diversas esferas da vida em sociedade.

Vida longa a programas como o ICEB, que valorizam o pensamento crítico e a construção de conhecimento em prol de uma sociedade mais justa e humana.

Viviane Alves Gouveia

ICB/UFMG



APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO ICEB

Esta coleção reúne um conjunto de 15 livros organizados a partir dos relatos de experiência produzidos no Programa de Iniciação Científica na Educação Básica, conhecido como ICEB, uma iniciativa da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), que, desde 2017, integra a pesquisa científica no cotidiano escolar da educação básica.

O ICEB estimula a investigação científica nas escolas estaduais de Minas Gerais, envolvendo estudantes do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, sob a orientação de professores, formando Núcleos de Pesquisa. Esses núcleos exploram um dos dois eixos temáticos do programa: “Núcleos de Pesquisa e Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diáspora” (NUPEAAS) e “Territórios de Iniciação Científica” (TIC). O primeiro se constitui de espaços de fomento à educação para as relações étnico-raciais, abordando a história, cultura, produção científica e trajetória dos povos tradicionais, africanos e afro-brasileiros; o segundo, por sua vez, se relaciona a temas de interesse local e regional, correlacionados às diferentes áreas do conhecimento.

Ainda, os Núcleos de Pesquisa contam com o suporte e supervisão de professores tutores, professores efetivos da rede pública estadual

com formação *Stricto Sensu* que acompanham o desenvolvimento dos projetos, principalmente no aspecto da pesquisa e metodologia científica, oferecendo apoio aos professores orientadores, na condução e estruturação das pesquisas. De maneira indireta, os núcleos de pesquisa também contam com o apoio de professores curadores, também professores efetivos com formação *Stricto Sensu* que são responsáveis por organizar cursos de formação para os professores orientadores, assim como analisar os projetos sob o ponto de vista dos cuidados ao cumprimento das resoluções de Ética e Segurança em Pesquisa, indicando sugestões de melhorias e aprimoramento das pesquisas.

Nessa perspectiva, o ICEB busca oferecer um ambiente estimulante para que estudantes e professores possam explorar questões relevantes em seus territórios, criando possibilidades para que eles possam ser protagonistas na investigação e na busca de respostas em um processo crítico-reflexivo de (re)construção de conhecimento. Além de contribuir para o aprendizado acadêmico, o programa promove a valorização da ciência como ferramenta de transformação social, incentivando a inclusão de temas como diversidade cultural, sustentabilidade, direitos humanos e inovação. Assim, o programa fortalece a formação integral dos estudantes, preparando-os para serem cidadãos críticos e ativos, capazes de tomar decisões informadas e contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade.

A coleção que ora apresentamos é composta por trabalhos desenvolvidos entre outubro de 2021 e dezembro de 2022, resultado de pesquisas conduzidas por estudantes e professores das 47 Superintendências Regionais de Ensino da SEE/MG. Cada volume explora e fomenta a curiosidade científica, a consciência social e ambiental, e a valorização cultural, oferecendo aos leitores uma rica diversidade de temas relevantes para a formação crítica e cidadã.

Os livros abrangem uma vasta gama de temáticas transversais, que vão desde a valorização das africanidades e a luta contra o racismo até a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade. A coleção se inicia com o livro *Africanidades confluentes na Educação Básica*, apresentando a

história afro-brasileira no território mineiro, por meio de relatos científicos que abordam as suas culturas, identidades, resistências, memórias e tradições no processo de formação e identidade do povo brasileiro. Este volume é seguido por *Cultura, Ancestralidade, tradições rurais e urbanas nas vivências de estudantes da Educação Básica*, o qual promove uma imersão nas diversas manifestações culturais, religiosas, artísticas e comunitárias de raízes africanas e quilombolas no Brasil. Ambos os livros destacam a importância da preservação da memória, da identidade e da cultura como formas de resistência e valorização das heranças de nossos ancestrais.

Ainda na perspectiva de valorização da nossa história e identidade, os livros *História e memória: o que as cidades têm a dizer sobre nós* e *As Minas são muitas: memória, patrimônio e cultura* nos convidam a refletir sobre o legado histórico e as produções artísticas que moldam nossas comunidades em diversas localidades de Minas Gerais, destacando a importância da memória, da história e da preservação cultural. Ao mesmo tempo, eles trazem um convite à reflexão sobre como a história local, contada por seus próprios atores, pode enriquecer nossa compreensão crítica sobre o passado e nosso senso de pertencimento, bem como orientar políticas públicas voltadas à preservação do patrimônio cultural e ao desenvolvimento social.

Na sequência, temas relevantes, como a pobreza, a desigualdade social, os direitos humanos, a diversidade, e a inclusão também são abordados nesta coleção. Em *Educação financeira, economias locais e mercado de trabalho: experiências da Educação Básica para a transformação social*, reúne-se uma série de relatos que exploram as interseções entre educação, mercado de trabalho e desenvolvimento econômico em diferentes contextos de diversas localidades de Minas Gerais, convidando o leitor a uma compreensão prática de conceitos como educação financeira, empreendedorismo e sustentabilidade, oferecendo um panorama dos desafios e potencialidades enfrentados por diferentes regiões mineiras. Enquanto isso, o livro seguinte, *Política e cidadania: vozes, experiências e reflexões das juventudes da Educação Básica mineira*, nos proporciona um conjunto diversificado de experiências vivenciadas por estudantes mineiros da

educação básica voltados para a formação crítica, a cidadania e o direito à cidade, enfatizando o direito de todos ao acesso à cultura, ao lazer e a uma educação integral e de qualidade.

O exemplar *Catalisando pesquisas em direitos humanos e juventudes sob olhares de estudantes da Educação Básica* aborda relatos de experiência relacionados à educação em direitos humanos, ao engajamento social e aos impactos sociais da pandemia de Covid-19 na juventude, oportunizando uma visão ampla dos desafios enfrentados pelas juventudes e da importância de capacitá-las para serem protagonistas de suas próprias histórias e para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Ainda nessa vertente, a obra *Um convite para o diálogo: olhares de estudantes-pesquisadores sobre a diversidade*, nos oferece uma reflexão sobre como a educação pode ser um espaço de inclusão, empoderamento, respeito à diversidade e transformação social, abordando questões fundamentais que impactam diretamente a vida dos estudantes da educação básica e suas comunidades.

Continuando o percurso pela coleção, apresentamos obras que se destacam por abordar temas relacionados à ciência, à tecnologia, à saúde, ao meio ambiente e nossa responsabilidade socioambiental para com o desenvolvimento de nossa sociedade. O volume *Vamos falar de saúde? Um olhar a partir de pesquisadores estudantes da educação básica* reúne uma coleção de relatos que debatem os impactos da pandemia de Covid-19, os saberes científicos e tradicionais no cuidado com a saúde, bem como reflexões importantes sobre saúde mental e pública no ambiente escolar.

Os próximos dois livros são dedicados à ciência e à tecnologia, destacando a importância dessas áreas para o progresso da nossa sociedade e a atuação dos nossos estudantes pesquisadores como inovadores, adaptando-se diante dos desafios do mundo contemporâneo. Assim, o livro *Ciência e tecnologia da escola para a vida: caminhos da inovação e criatividade na Educação* é focado em relatos de experiências nas áreas das tecnologias digitais de informação e comunicação, gamificação e cultura maker. Nele encontramos trabalhos que discutem sobre os impactos educacionais

permeados por plataformas digitais, modelagem matemática e programação, sobre a gamificação como ferramenta pedagógica para o ensino-aprendizagem, sensibilização ambiental e para a redução da evasão escolar e sobre a inserção da cultura maker nas escolas, com criação de Fab Labs, biomateriais e uso da robótica. Já o volume *Da escola para a vida: ciência e tecnologia em prol das comunidades e da sustentabilidade* destaca trabalhos que relacionam ciência, tecnologia, sociedade e ambiente, apresentando relatos inovadores desenvolvidos pelos estudantes que buscam aproximar o conhecimento acadêmico-científico à vida cotidiana da sociedade, buscando contribuir para o desenvolvimento sustentável e o bem-estar social. Além disso, essas pesquisas se debruçam sobre a relação entre a ciência e dilemas éticos e sociais do nosso tempo e iniciativas que buscam investigar e melhorar as experiências de aprendizagem nas escolas, reforçando a importância da iniciação científica na trajetória estudantil.

A coleção avança para os últimos quatro livros, que apresentam relatos de experiência da educação básica versados na temática de meio ambiente e sustentabilidade socioambiental, destacando iniciativas para a preservação e melhoria da qualidade de vida nos ecossistemas.

O volume *Educação ambiental e mudança social: o enfrentamento à degradação do meio ambiente nas comunidades escolares de Minas Gerais* é focado em registros de experiências em ações de sensibilização e preservação ambiental, envolvendo uma variedade de temas relacionados à sustentabilidade e à biologia da conservação, como a Educação Ambiental, a implementação de hortas comunitárias, agricultura sustentável, a preservação e recuperação de áreas degradadas, a mineração responsável, a gestão dos recursos hídricos e os efeitos das atividades humanas no meio ambiente. A obra *Gotas de mudança: um compromisso das escolas mineiras com o futuro hídrico* reúne uma coleção de pesquisas relacionadas a soluções sustentáveis para resolver problemas de consumo e abastecimento de água potável, além de abordar a democratização da energia fotovoltaica e a educação ambiental como formas de preservação dos recursos naturais.

Em *Raízes do futuro: experiências de sustentabilidade, conservação e tradição na Educação Básica*, os relatos exploram experiências sustentáveis de valorização da biodiversidade local de comunidades mineiras e a conexão entre os saberes tradicionais e científicos, oferecendo-nos um rico conhecimento sobre o uso de plantas, a conservação da fauna e flora e a responsabilidade socioambiental. O exemplar é seguido por *Caminhos para a sustentabilidade: experiências na Educação Básica em gestão de resíduos, reciclagem e inovação ambiental*, que aborda uma coletânea estimulante de iniciativas de estudantes da educação básica para gestão de resíduos, reciclagem e inovação na construção de biodigestores para utilização de energias renováveis e o desenvolvimento de jogos e gincanas educativas, visando sensibilizar as comunidades escolares sobre o impacto dos resíduos no meio ambiente.

Assim, finalizamos a apresentação de nossa coleção, que aborda temas relevantes para a formação integral do ser humano, incentivando a reflexão sobre questões contemporâneas e históricas que permeiam nossa sociedade. Cada volume aqui exposto foi cuidadosamente organizado para não apenas apresentar o conhecimento científico de forma acessível, mas também mostrar esse saber contextualizado em realidades diversas, a partir dos olhares dos estudantes da educação básica mineira, proporcionando-nos um panorama crítico do mundo contemporâneo e refletindo a diversidade e a riqueza dos conhecimentos produzidos nas escolas estaduais de Minas Gerais. Esperamos que os trabalhos divulgados possam inspirar você, leitor, a atuar ativamente para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e sustentável.

Boa leitura!

Mara Letícia Carvalho de Souza Martins

Coordenadora da Coleção ICEB



APRESENTAÇÃO DO VOLUME 4

Sobre o que, em seu território, ela ajunta de tudo, os extremos, delimita, aproxima, propõe transição, une ou mistura: no clima, na flora, na fauna, nos costumes, na geografia, lá se dão encontro, concordeamente, as diferentes partes do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas (João Guimarães Rosa, 1957)¹.

Memória, do ponto de vista do senso comum, é uma capacidade humana importante, pois é nela que guardamos e acessamos diferentes saberes e experiências adquiridos e desenvolvidos ao longo de nossas existências. De um ponto de vista biológico, a “memória é a forma como o cérebro adquire e armazena informações, uma das funções mais complexas do organismo humano” (Bruna, 2012)².

De um ponto de vista histórico, a memória pode ser relacionada às nossas identidades e culturas: é por meio dela que nos

1 ROSA, J. G. A declaração de amor de Guimarães Rosa a Minas Gerais. *O Cruzeiro*, 1957. Disponível em: <https://www.revistabula.com/21511-a-declaracao-de-amor-de-guimaraes-rosa-a-minas-gerais/>. Acesso em: 21 set. 2024.

2 BRUNA, M. H. V. Memória. *Drauzio*, 2012 [2020]. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/corpo-humano/memoria/>. Acesso em: 23 set. 2024.

organizamos, reproduzindo ou refutando comportamentos, pontos de vista etc. Sartori (2018)³ afirma que

[a] memória presume uma temporalidade que tem como síntese a história vivida. A história vivida para alguns fica no arquivo, no registro oficial e no fato em si, para outros na lembrança, registrada em papel, fotografias, sentimentos, cartas, diários pessoais, registros de viagem, enfim, de muitas formas que as mantêm conservadas aguardando para ser lembradas (Sartori, 2018).

É a partir de uma compreensão de memória não restrita ao aspecto biológico, mas que se atenta aos (des)limites dessa capacidade humana, que apresentamos os relatos deste livro. São as memórias de diferentes “gentes”, lugares e patrimônios de Minas que contam a nossa história e a de nosso estado, tão rico e diverso.

Cada um dos 21 relatos que compõem esse décimo terceiro livro da série de publicações do ICEB (Iniciação Científica na Educação Básica), programa do governo estadual de Minas Gerais que fomenta pesquisas realizadas em todo o território estadual com alunos de escola pública, conta, de maneiras diversas, um pouco do que seria nossa mineiridade, presente e passada, mas sempre tão diversa. O título, *As Minas são muitas: memória, patrimônio e cultura*, se deve ao fato de que cada texto, à sua maneira, retrata diferentes aspectos da memória, do patrimônio e da cultura de nossa gente, em abordagens e temáticas tão diversas, mas tão complementares, que podemos conhecer um pouquinho mais de Minas Gerais sob o olhar de nossos pesquisadores.

Na primeira parte, intitulada *Que Minas é essa? Nossas memórias e patrimônios são muitos*, apresentamos os relatos que (re)tomam os conceitos de memória e patrimônio, a partir de diferentes aspectos. A Escola Estadual Delfino Magalhães (Montes Claros/MG) tratou da educação patrimonial, do papel da história e da contribuição da memória

3 SARTORI, M. E. Entre tempo, memória e história se constroem as narrativas do passado, memória e escrita: um encontro. *Itaú Cultural*, 2018. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/entre-tempo-memoria-e-historia-se-constroem-as-narrativas-do-passado>. Acesso em: 20 set. 2024.

na preservação do patrimônio cultural, em que foi feito um resgate acerca do patrimônio cultural da cidade de Montes Claros. Já a escola Escola Estadual Professor Hamilton Lopes (Montes Claros/MG), se propôs refletir sobre a importância cultural, patrimonial e religiosa da Igreja Nossa Senhora do Rosário para as tradicionais Festas de agosto, na cidade de Montes Claros/MG.

No relato da Escola Estadual Frei Marcelino de Milão (Iapu/MG), temos a busca dos possíveis bens patrimoniais materiais e imateriais daquela localidade, a partir de análises do estado de conservação e da consulta a alunos e funcionários da escola sobre o reconhecimento desses bens como um possível bem patrimonial do município, relacionado à história e à identidade da cidade. Por sua vez, a Escola Estadual Erotildes Hubner Borges (Mutum/MG) tinha como objetivo entender como a disputa territorial travada entre Minas Gerais e Espírito Santo influenciou a formação territorial do município de Mutum, além de identificar aspectos importantes do período em que ocorreram, oportunizando importantes reflexões sobre o apagamento que alguns aspectos da memória podem sofrer ao longo do tempo.

Já a Escola Estadual Regina Pacis (Raul Soares/ MG) buscou problematizar as relações e as percepções da comunidade escolar sobre sua biblioteca, privilegiando esse espaço como formador cultural e identitário. A Escola Estadual Manoel Loureiro (João Monlevade/ MG), por sua vez, retratou uma prática de educação patrimonial por meio da (re)leitura das paisagens urbanas do entorno da comunidade escolar, tendo como produto a criação de um Caderno Cultural com as manifestações da memória e do patrimônio cultural do espaço de vivência dos estudantes.

A seu turno, a Escola Estadual Maria Zeli Diniz Fonseca abordou a temática patrimonial, concentrando-se em entender as possibilidades e as alternativas de identificação cultural e patrimonial da escola. Por fim, a Escola Estadual Professor José Monteiro (Campo Belo/MG), com o intuito de preservar a memória e valorizar a proteção

dos patrimônios culturais do município de Campo Belo, desenvolveu um projeto no qual foram construídos dois aplicativos na web (app), em que foram mapeados os patrimônios culturais do município, permitindo ao usuário acessar as informações históricas.

A segunda parte, intitulada *As Minas são tantas... O (i)material da memória*, reúne relatos de pesquisas que vão discutir as diferenças entre a materialidade e a imaterialidade da memória quanto aos patrimônios e movimentos culturais de nosso estado. A Escola Estadual Maria Carneiro da Cruz (Glaucilândia/MG), por exemplo, investigou a relação existente entre o relato de memórias, das comunidades de Buriti, Cava, Espinho, Laranjão e Rio das Pedras (localizadas na zona rural de Glaucilândia, região Norte de Minas Gerais), e o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial. Já a Escola Estadual Zeca Guida (Francisco Sá/MG) elegeu como objeto de pesquisa a fotopintura e buscou compreender a prática que moradores do distrito de Cana Brava têm de guardá-las, seja por uma questão de custos das fotografias (no passado), seja como amuletos da memória familiar (no presente).

No trabalho desenvolvido pela Escola Estadual de Aparecida do Mundo Novo (Montes Claros/MG), discutiu-se o que é ser migrante, cuja pesquisa, bibliográfica e de cunho exploratório, foi feita em textos de diversos gêneros produzidos por autores migrantes, analisando e refletindo como essa caracterização afeta a identidade do sujeito que é assim caracterizado. A Escola Estadual Professor Júlio Bueno (Ibituruna/MG), por sua vez, tinha como objetivo perceber como as narrativas sobre os patrimônios históricos da cidade de Ibituruna influenciavam o sentimento de pertencimento dos habitantes da cidade em relação ao título de Primeiro Povoado Mineiro. Por fim, a Escola Estadual Professor José Freire (Juiz de Fora/MG) apresentou a investigação acerca das mulheres artistas da Primeira República que possuem obras no Museu Mariano Procópio (MMP).

Na terceira e última parte, intitulada *As Minas não param: “novas” memórias e produção cultural*, apresentamos os relatos de

experiências culturais, produzindo “novas” e diversas memórias, aos integrantes dos núcleos de pesquisa. O trabalho desenvolvido pela Escola Estadual Antônio Macêdo (Ewbank da Câmara/MG), por exemplo, tinha como objeto a prática de atividades circenses para a comunidade escolar e externa do município de Ewbank da Câmara. Na Escola Estadual Dr. Alfredo Castelo Branco (Além Paraíba/MG), no entanto, o objeto eleito pelo núcleo foi o teatro, em que se buscou compreender quais as contribuições do teatro, como prática pedagógica, na formação e no desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicossocial dos estudantes da E. E. Dr. Alfredo Castelo Branco.

A Escola Estadual Tiradentes (Lavras/MG) partiu da situação vivida durante a pandemia de Covid-19 e propôs um trabalho que visava compreender a necessidade de aprendizagem das novas ferramentas tecnológicas no espaço escolar; cujo enfoque era o letramento digital, e o produto um jornal digital. Outro trabalho que se baseou no uso de tecnologias no espaço escolar foi o desenvolvido pela Escola Estadual Henrique Kruger (Uberaba/MG), que teve como objetivo a implementação de uma rádio escolar dos alunos, com gestão coletiva e democrática dos recursos, da programação e do saber-fazer.

No relato da Escola Estadual Olegário Maciel (Belo Horizonte/MG), encontramos outra forma de produção cultural: o objeto “máscara”. O grupo desenvolveu estudos teóricos e práticos a partir de procedimentos do teatro, da cultura popular, das artes visuais, da intervenção urbana e da performance. Na Escola Estadual Deputado Agenor Ludgero Alves (Caratinga/MG), entretanto, o objeto foi a culinária, cujo produto foi um e-book com receitas que foram experimentadas na cantina escolar, que tiveram como objetivo a investigação e a contextualização dos processos científicos que ocorrem na cozinha.

A Escola Estadual Sagrada Família (Governador Valadares/MG) desenvolveu um trabalho que teve como objetivo principal a realização de uma pesquisa de campo dentro e no entorno da escola, com a finalidade de mapear a produção espontânea, artística e literária de seus

membros no território de influência da escola e promover um estudo dos processos de inserção da arte na comunidade, seus efeitos e perspectivas para o fortalecimento da autoestima e da saúde coletiva dentro e no entorno da escola. Por fim, o projeto da Escola Estadual Eloy Pereira (Montes Claros/MG) teve como foco parte da história, a aprendizagem de técnicas de fotografia do espaço escolar e as possibilidades de retratar esse espaço através do olhar do estudante.

Assim, convidamos os leitores desta obra a lançarem seus olhares sobre a riqueza histórica, cultural e patrimonial de Minas Gerais, explicitada em pesquisas desenvolvidas por estudantes da rede pública estadual de ensino de nosso estado, orientadas por professores interessados em uma formação que vai além do conhecimento escolar tradicional, propiciando uma formação científica tão importante para todos os cidadãos.

Boa leitura!

Mariana da Silva Marinho

Organizadora

SUMÁRIO

PARTE 1

QUE MINAS É ESSA? NOSSAS MEMÓRIAS
E NOSSOS PATRIMÔNIOS SÃO MUITOS

- 30** **História e memória: patrimônio cultural de Montes Claros/MG, sob a égide da educação**

Escola Estadual Delfino Magalhães – SRE Montes Claros

- 42** **Igreja Nossa Senhora do Rosário: símbolo de cultura, história e religiosidade nas tradicionais festas de agosto em Montes Claros/MG**

Escola Estadual Professor Hamilton Lopes – SRE Montes Claros

- 56** **Levantamento de bens patrimoniais e culturais (materiais e imateriais) do município de Iapu/MG**

Escola Estadual Frei Marcelino De Milão – SRE Araçuaí

- 68** **Essa terra é de quem, seu doutor? A disputa entre Minas Gerais e Espírito Santo na formação territorial do município de Mutum/MG**

Escola Estadual Erotildes Hubner Borges – SRE Manhuaçu

- 80** **Nossa biblioteca: fonte de conhecimento e reconhecimento, de busca e pertença**

Escola Estadual Regina Pacis – SRE Ponte Nova

- 94** **Território do afeto – um manifesto pelo despertar do óbvio: estudos de paisagem, cultura e circuito de memória como práxis do desenvolvimento da educação patrimonial na Escola Estadual Manoel Loureiro, em João Monlevade**

Escola Estadual Manoel Loureiro – SRE Nova Era

- 108** **Educação patrimonial: uma alternativa para o registro e a salvaguarda de nossas histórias e memórias**

Escola Estadual Maria Zeli Diniz Fonseca – SRE Divinópolis

- 122** **O uso das geotecnologias para a preservação da memória dos patrimônios culturais: mapeamento dos bens tombados do município de Campo Belo/MG**

Escola Estadual Professor José Monteiro – SRE Campo Belo

PARTE 2

AS MINAS SÃO TANTAS... O (I)MATERIAL
DA LEMBRANÇA

- 140** **Memória: lugar de história e de representação do patrimônio imaterial**

Escola Estadual Maria Carneiro Da Cruz – SRE Montes Claros

- 154** **Lembranças e saudades nas imagens: a fotopintura como amuleto de memória para os moradores da zona rural de Cana Brava/Francisco Sá/MG**

Escola Estadual Zeca Guida – SRE Montes Claros

- 166** **Escritas migrantes, espaços imaginários: os discursos da migração na literatura, na música e no cinema**

Escola Estadual de Aparecida Do Mundo Novo – SRE Montes Claros

180 A memória como delimitadora da identidade e do sentido de pertencimento no primeiro povoado mineiro
Escola Estadual Professor Júlio Bueno – SRE São João del-Rei

194 Mulheres artistas: pintoras e escultoras da Primeira República, no acervo do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora/MG)
Escola Estadual Professor José Freire – SRE Juiz de Fora

PARTE 3

AS MINAS NÃO PARAM: “NOVAS” MEMÓRIAS E PRODUÇÃO CULTURAL

210 O circo chegou: prática de atividades circenses para a comunidade de Ewbank da Câmara/MG
Escola Estadual Antônio Macedo – SRE Juiz de Fora

220 Castelo Branco em cena: luz, câmera e ação!
Escola Estadual Doutor Alfredo Castelo Branco – SRE Leopoldina

234 Letramento digital: produção artística e literária nas mídias digitais
Escola Estadual Tiradentes – SRE Campo Belo

244 Rádio escola – espaço de interação
Escola Estadual Henrique Kruger – SRE Uberaba

254 A máscara como linguagem: uma experiência de confecção e utilização de máscaras, realizada pelo Núcleo de Pesquisa da E. E. Olegário Maciel
Escola Estadual Olegário Maciel – SRE Metropolitana A

266 Receita com Ciência
Escola Estadual Deputado Agenor Ludgero Alves – SRE Caratinga

276 Descrição de uma experiência de pesquisa científica relacionada à produção cultural e artística de uma comunidade
Escola Estadual Sagrada Família – SRE Governador Valadares

284 Clube de Fotografias do Eloy: pensando o ambiente escolar através de imagens fotográficas experimentais
Escola Estadual Eloy Pereira – SRE Montes Claros Ludgero Alves – SRE Caratinga

PARTE 1

QUE MINAS É ESSA?

NOSSAS MEMÓRIAS E
NOSSOS PATRIMÔNIOS
SÃO MUITOS

HISTÓRIA E MEMÓRIA: PATRIMÔNIO CULTURAL DE MONTES CLAROS/MG, SOB A ÉGIDE DA EDUCAÇÃO

Abraão Pereira Zuba¹, Ângela Vitória Santos Dias¹, Bernardo Adriel Lobato Mota¹, Davyd Rafael Santos Soares¹, Erick Adriano Costa Cruz¹, Erick Rennan Colares de Sousa¹, João Gabriel Duarte Soares¹, João Paulo Ferreira Rodrigues¹, Ludmilla Rosa Santos¹, Mariana Aparecida Alves Andrade¹, Mariely Lorrany Pereira dos Santos¹, Sandra Alves dos Reis Rocha², Laysa Camilla Brant Oliveira³

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Delfino Magalhães é uma instituição sexagenária, fundada em 26 de fevereiro de 1959, pela professora Lúcia Pimenta Magalhães, na Fazenda Melancias, atualmente bairro Delfino Magalhães, na periferia de Montes Claros/MG. Atende alunos em vários segmentos: Ensino Fundamental, Ensino Médio, EJA e Educação Especial – Atendimento Especializado, proporcionando a educação inclusiva. De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola tem como filosofia de ensino ser comprometida com a educação dos novos tempos, engendrada

1 Escola Estadual Delfino Magalhães (Montes Claros/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Delfino Magalhães (Montes Claros/MG), sandra.reis.rocha@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual de Aparecida do Mundo Novo (Montes Claros/MG), laysa.12267969@educacao.mg.gov.br.

em princípios éticos, buscando agregar escola e comunidade escolar no contexto da cidade a qual pertence.

Montes Claros é uma cidade média localizada ao Norte de Minas de Gerais, permeada de muitas histórias e memórias, que estão presentes até mesmo nos nomes que já recebeu: Arraial das Formigas, Fazenda Montes Claros, Cidade Cosmopolita, Princesa do Norte, enfim, é um berço cultural. Conforme Pereira (2007):

O comércio diversificado, a expansão de atividades de apoio, transportes, setores financeiros, comunicação, saúde, educação, cultura e lazer, bem como a presença de órgãos estaduais (que possuem escritório regional apenas em Montes Claros) despontam como as atividades mais importantes na economia municipal e contribuem para confirmar o importante papel regional que essa cidade representa (Pereira, 2007, p. 170-171).

Nesse sentido, o presente trabalho tornou-se imprescindível para os estudantes, professores e toda a comunidade escolar, pois com crescimento da cidade, bem como com os avanços tecnológicos, o cerne da história e os lugares da memória (patrimônios culturais) paulatinamente tem se esvaído, se degradado, mesmo os que foram tombados.

Assim, embasando-se nas leis vigentes, ressaltando a Constituição Federal (1988), temos a seguinte descrição de patrimônio cultural:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos (Brasil, 1988, p. 126).

Dentro dessa perspectiva, é interessante ressaltar a relação entre patrimônio cultural e memória. Para Vieira (2017), a memória é um fenômeno inerente do ser humano ou pode ser trabalhada ao longo da formação do indivíduo enquanto parte integrante de uma sociedade. Não obstante, para ser perpetuada e concomitantemente manter vivo o passado, materializá-lo no presente, necessita da conservação desse espaço, ou seja, do patrimônio cultural como significativo lugar da memória.

Para a realização deste trabalho, mobilizamos alunos, professores e comunidade escolar a fazerem uma análise reflexiva acerca do patrimônio cultural da nossa cidade, que resiste ao longo do tempo. Utilizamos como fundamentação as muitas histórias, memórias e experiências, com o intuito de resgatar os sentimentos mais positivos e, principalmente, fomentar a pertinência da educação patrimonial.

Para Silva (2010):

Outra dimensão endógena esclarecedora destas ênfases da cultura nas políticas de escolarização pode ser observada quanto à educação patrimonial. A reorganização do macrocampo Cultura, Artes e Educação Patrimonial engendra a pertinência das memórias e do patrimônio cultural como conteúdo desta política, considerando a promoção e o respeito às diferenças culturais e às múltiplas produções estéticas como diretriz. Ao valorizar as expressões culturais, estabelece parâmetros de ação pedagógica orientados pela ruptura com os primados monoculturais derivados ainda das mudanças sociais vividas na transição ao século XIX (Silva, 2010, p. 123).

No contexto do século XXI, é de suma relevância tratar da educação patrimonial, do papel da história e da contribuição da memória na preservação do patrimônio cultural. Nessa perspectiva, o projeto desencadeou-se a partir da seguinte problematização: Como se encontra o patrimônio cultural da cidade de Montes Claros, importante lugar da memória

e da história local ou regional? Qual a importância desses espaços patrimoniais para os discentes e para a comunidade escolar?

A pesquisa objetivou, de forma geral, analisar o patrimônio cultural de Montes Claros, enquanto importante lugar da memória e da história, ressaltando de forma específica também os aspectos de preservação, bem como de educação patrimonial, amparando-se nas leis vigentes. Além disso, compreender a dimensão do patrimônio cultural de Montes Claros, no processo de formação da memória individual ou coletiva, foi um objetivo a ser alcançado para melhor construção desta pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi realizada entre outubro de 2021 e outubro de 2022, na cidade de Montes Claros. O viés deste trabalho focou principalmente a relação do patrimônio cultural enquanto meio norteador da história da cidade de Montes Claros, salientando aspectos concernentes à memória. A metodologia caracterizou-se por ser uma análise qualitativa, que, para Gerhardt e Tolfo (2009), é aquela que descreve ações por meio de sua hierarquia, é uma forma de compreensão da pesquisa, de compreender as relações entre o global e o local. Contudo, para atingir o que foi proposto, o núcleo de pesquisadores, de maneira alinhada, realizou, a priori, levantamento bibliográfico para embasar o estudo, a partir de artigos, dissertações, teses e livros que tratavam da temática proposta. Dentro dessa perspectiva, outro subsídio de grande importância histórica, bem como memorialística, foram as visitas de campo realizadas em “bens patrimoniais”, em que foi possível compreender melhor sobre a história do local, as dificuldades para mantê-los e os anseios pela preservação desses monumentos, que são amparados pela legislação federal e municipal – Lei nº 2.705, de 22 de abril de 1999, que criou o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município de Montes Claros (COMPHAC):

Art. 12 - Fica criado o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município de Montes Claros - COMPHAC.

Art. 13 - O COMPHAC é órgão colegiado, autônomo, consultivo e deliberativo, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura.

Art. 14 - O COMPHAC tem por finalidade deliberar sobre diretrizes, políticas, normas regulamentares e técnicas para proteção e preservação do patrimônio cultural, histórico, natural e científico de interesse de preservação do município (Montes Claros, 1999).

É importante salientar, nesse contexto, que as visitas de campo possibilitaram compreender a magnitude histórica dos bens culturais, patrimoniais, no âmbito local e regional. De acordo com Reis (2011), o contexto histórico de Montes Claros reafirma as características atuais do município, sendo conhecido como cidade da arte e da cultura. Para ter acesso a esses espaços, foram enviadas cartas de anuência (aceitação da pesquisa) aos responsáveis pelos patrimônios visitados.

Nessa perspectiva de análise reflexiva dos espaços da memória, as primeiras visitas do núcleo de pesquisa foram ao Museu Regional do Norte de Minas, bem como ao Corredor Cultural (Padre Dudu), perto da Igreja Matriz, no dia 04 de maio de 2022, com duração de aproximadamente três horas. O museu fica localizado num imponente casarão, uma edificação de importante valor arquitetônico e histórico para o município, construído em 1886, a princípio para residência e comércio. Possui uma fachada rústica no estilo colonial, com grandes portas, janelas e teto de madeira. Utilizado como um educandário, abrigou a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Norte de Minas (Fafil), atual Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), que é responsável pela administração do museu. Foi tombado em 28 de setembro de 1999, para instalação do Museu Histórico Regional. O espaço foi aberto oficialmente para visita em 30 de setembro de 2014.

O Museu permanece aberto durante todo ano e, além da sua relevância estilística, abriga exposições de artistas regionais e objetos que contam a história da cidade. O local recebe visitas principalmente de escolas e universidades locais, oferecendo visitas monitoradas. O uso do bem para esses fins estimula a apropriação do patrimônio e gera um sentimento de pertencimento da comunidade montesclarenses, contribuindo para a sua preservação como forma de registro da memória e da cultura local (Bernardes *et al.*, 2019, p. 7).

Ademais, no dia 23 de maio de 2022, foi feita uma visita à Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em comemoração aos 60 anos da instituição, com duração de aproximadamente três horas. Nessa visita, participamos de palestras e conhecemos sobre a história e as ambiências do campus de Montes Claros.

Já no dia 09 de agosto de 2022, visitamos a Biblioteca Central Professor Antônio Jorge, da Unimontes, onde foi possível conhecer o acervo bibliográfico da instituição, bem como o processo de restauração de livros, documentos e a importância da educação patrimonial.

Em 12 de agosto de 2022, durante a Semana da Juventude⁴, idealizada pela Secretaria Estadual de Minas Gerais, foi realizado, na escola, um seminário para a apresentação do projeto para os alunos do Ensino Médio, a fim de instigá-los sobre a relevância da preservação dos patrimônios culturais.

A riqueza patrimonial de Montes Claros é imensurável, tanto que, no dia 31 de agosto de 2022, com duração de três horas, foi feita a visita ao Parque Estadual da Lapa Grande, uma unidade de reserva e proteção ambiental, que apresenta uma rica biodiversidade de fauna, flora, mananciais e sítio arqueológico; recebe visitas com intuito de fomentar o entendimento referente à educação patrimonial, concomitantemente à preservação ambiental e à história desse espaço.

Em Montes Claros, a Educação Patrimonial está ligada ao Programa de Educação Ambiental do Parque Estadual Lapa Grande, enquanto Patrimônio Arqueológico, Paisagístico e Etnográfico. O enfoque do programa está nos alunos das instituições de ensino locais, Organizações Não Governamentais (ONGs), e na população como um todo, de forma a conscientizá-los para a preservação e proteção do parque, promovendo sua participação através de palestras, dinâmicas e trilhas ecológicas (Bernardes *et al.*, 2019, p. 6).

Enfim, no dia 15 de setembro de 2022, com duração de 2 horas e 30 minutos, o núcleo de pesquisa visitou o Mercado Municipal de Montes Claros, significativo espaço de patrimônio material e imaterial, onde foi

4 A Semana da Juventude é realizada anualmente pela SEE/MG com o intuito de estimular o protagonismo juvenil em ações que buscam viabilizar a discussão de políticas no contexto social da comunidade escolar.

visto um pouco do artesanato local e regional; da culinária, com os temperos e cheiros peculiares; além das histórias de trabalhadores que construíram ou fazem parte da história do mercado.

Segundo Guimarães e Doula (2018, p. 9), “o mercado, a barraca e a casa dos feirantes se misturam na construção de suas memórias e na formação de suas histórias”. Nesse sentido, podemos afirmar que as visitas de campo são de extrema relevância na implementação de um trabalho de cunho científico, assim como o projeto de experiência, uma vez que possibilitam aos integrantes do núcleo de pesquisa aprimoramento acerca da história e do zelo ao patrimônio cultural montesclarenses, criando um vínculo com esses lugares, despertando, assim, uma memória afetiva. Conforme Reis (2004), percorrer os trilhos da memória possibilita entender e se encantar pela trajetória de vida dos que fazem parte desses espaços ou sentimentos que eles geram. Após realizar essas visitas, foi possível ir para o próximo passo da discussão de informações obtidas em campo e conclusões sobre o assunto abordado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

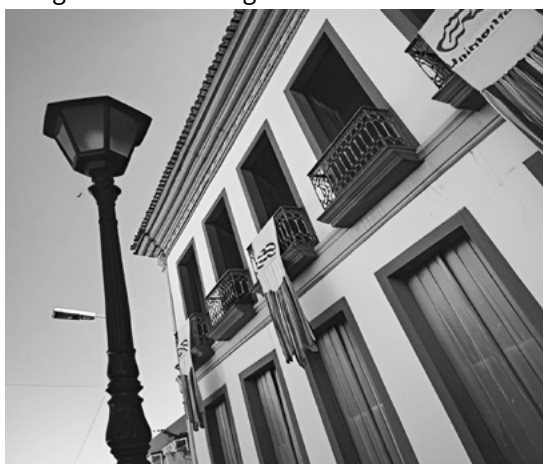
A partir de leituras realizadas, discussões, oficinas e participação em seminários e coleta de dados, pertinentes referentes à história patrimonial de Montes Claros, foi possível desenvolver melhor a discussão e os resultados desta pesquisa. Já as visitas de campo foram relevantes para compreender a importância desses espaços da memória, despertando o sentimento de pertencimento, de educação patrimonial e, ao mesmo tempo, perceber o descaso, principalmente de determinados órgãos governamentais, na falta de políticas públicas de conservação e de restauração de alguns patrimônios que estão se exaurindo no tempo.

Não obstante, é interessante elucidar que existem disponíveis trabalhos acadêmicos que tratam, com muita riqueza de detalhes, os aspectos significativos da temática que foi desenvolvida neste relato. Como exemplo, os trabalhos de conscientização, de preservação patrimonial, que são produzidos por universidades locais, como a Unimontes, e pelos mediadores do Parque Estadual da Lapa Grande.

Nesse sentido, tornou-se salutar descrever a experiência positiva que o núcleo de pesquisa obteve, principalmente a partir das visitas de campo, uma vez que alguns colegas do Projeto de Iniciação Científica nunca tinham visitado os lugares pesquisados. Destarte, o contato com o Museu Regional do Norte foi bastante produtivo, a recepção dos alunos-pesquisadores foi realizada por um estagiário do Curso de História, da Unimontes, que apresentou a história do museu, bem como todas as dependências, os artefatos e as iconografias do casarão.

Outro lugar que agregou muito conhecimento foi a visita à Unimontes, ressaltando a Biblioteca Central Professor Antônio Jorge, que sobremaneira instigou os discentes na busca das melhores escolhas para a vida acadêmica e profissional, o gosto pela pesquisa, o valor do acervo bibliográfico, destacando o acervo regional e a sala de restauração de livros e documentos. Logo, após o acesso a todos os compartimentos da biblioteca, a palestra educativa foi direcionada primorosamente pela diretora da instituição, Roseli Damasceno, que proporcionou aos estudantes pesquisadores através de um cadastro o acesso virtual ao acervo da biblioteca universitária. Nas Figuras 1 e 2 é possível verificar o Museu Regional do Norte de Minas e a Biblioteca Central da Unimontes respectivamente.

Figura 1: Museu Regional do Norte de Minas



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Figura 2: Biblioteca Central da Unimontes



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Nesse contexto de visitas e de condição, principalmente reflexiva, o Parque Estadual da Lapa Grande, de uma beleza exuberante, estimulou a curiosidade e o senso investigativo do núcleo de pesquisa: a palestra, o andar pelas trilhas, os caminhos de pedras deixados pelos nossos antepassados, as grutas e o barulho permeado de calma das nascentes, proporcionaram uma experiência incrível, necessariamente de proteção e conservação das nossas riquezas naturais, a fauna e a flora. Nas Figuras 3 e 4, pode-se verificar respectivamente o Parque Estadual da Lapa Grande e o Mercado Municipal de Montes Claros.

Figura 3: Parque Estadual da Lapa Grande



Fonte: Acervo dos autores, 2003.

Figura 4: Mercado Municipal de Montes Claros



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Já a visita ao Mercado Municipal foi marcada por exímios relatos do gerente do local e de alguns feirantes, que, com sorriso no rosto e com maestria, fazem questão de manter o ofício que fora das gerações passadas, conservando, assim, viva a história e a memória do lugar. O mercado, por sua vez, através dos temperos peculiares e dos cheiros, e por causa da presença de um abundante artesanato, despertou sentimentos nostálgicos e de deslumbramento.

É notório mencionar que a equipe do núcleo de pesquisa foi muito bem recepcionada pelos responsáveis ou colaboradores dos lugares visitados, profissionais capacitados que contribuíram eficazmente na construção do conhecimento e na valorização da educação patrimonial.

Nessa perspectiva, na Semana da Juventude, foi apresentado na Escola Estadual Delfino Magalhães um seminário aos alunos do Ensino Médio, idealizado pela aluna do núcleo de pesquisa Mariana Aparecida Alves Andrade, com a temática do relato de experiência. Assim, foi desenvolvida uma dinâmica que desafiou os alunos presentes a identificarem imagens antigas de patrimônios de Montes Claros, bem como estão atualmente. Desse modo, puderam perceber as mudanças, permanências e

conservação desses lugares de memória. Em seguida, foi exibido um vídeo educativo, produzido pelos alunos-pesquisadores, sobre alguns lugares visitados, enaltecendo a importância da Iniciação Científica na vida estudantil. Essa iniciativa foi bem acolhida pela comunidade escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa foi bastante significativo e produtivo para o núcleo de pesquisa da Escola Estadual Delfino Magalhães, uma vez que o conhecimento patrimonial galgado no contexto de uma prática científica foi de uma importância imensurável. Não obstante, foram encontrados alguns desafios no início do trabalho: a insegurança diante de um projeto que acarreta uma imensa responsabilidade e os trâmites burocráticos para adquirir os *notebooks*. Contudo, os contratempos que ocorreram não impediram a implementação do projeto científico, pois as contribuições foram muito relevantes, principalmente para os alunos-pesquisadores, que ficaram impactados positivamente com a riqueza patrimonial de Montes Claros, ressaltando que um número considerável dos integrantes da equipe de pesquisadores não conhecia, em profundidade, o patrimônio cultural da cidade.

Portanto, propõe-se o aprofundamento nos estudos acerca dessa temática, pois existe disponível um material bastante vasto para realizar seminários, oficinas, de modo especial para a comunidade escolar. Assim, seria possível estender, para outras unidades de ensino, o projeto, para que esse sentimento de pertencimento patrimonial seja despertado nos demais estudantes, bem como o conhecimento da história de Montes Claros através desses ricos espaços de memória.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, B. M., *et al.* O patrimônio e a memória em Montes Claros/MG: método de ensino em cultura como estímulo à educação patrimonial. In: Asociación de Escuelas y Facultades Públicas de Arquitectura de América

del Sur, 2019, Belo Horizonte. *Anais*. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/arquisur-2019/papers/o-patrimonio-e-a-memoria-em-montes-claros-mg--metodo-de-ensino-em-patrimonio-cultural-como-estimulo-a-educacao-patrimoni?lang=pt-br/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

GERHARDT, T. E.; TOLFO, D. *Métodos de pesquisa*. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, T. T. D.; DOULA, S. M. Memória e identidade: o processo de sucessão e herança no Mercado Municipal de Montes Claros – MG, Brasil. *Mundo Agrario*, [s. l.], v. 19, n. 40, p. e078, 2018. Disponível em: <https://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAe078>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MONTES Claros. *Lei nº 2705 de 22 de abril de 1999*. Montes Claros, 2019. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/lei/lei-n-2705-de-22-de-abril-de-1999/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PEREIRA, A. M. *Cidade Média e região: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. 2007. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geografia, Uberlândia, 2007. Disponível em: http://www.ppgeo.ig.ufu.br/sites/ppgeo.ig.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Anexos_AnetePereira.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

REIS, S. A. História e memória: os impactos da ferrovia em Montes Claros. *Iniciação à História*, Unimontes, Montes Claros/MG, v. 3, p. 131-143, 2004.

SILVA, R. M. D. Os direitos culturais e a política educacional brasileira na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, [s. l.], v. 26, n.1, p. 123-136, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19686>. Acesso em: 18 out. 2024.

VIEIRA, L. A. M. *Memória e Patrimônio Cultural*. 2017. Monografia (Tecnólogo) – Instituto Federal de Minas Gerais, Ouro Preto, 2017.

IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: SÍMBOLO DA CULTURA, DA HISTÓRIA E DA RELIGIOSIDADE NAS TRADICIONAIS FESTAS DE AGOSTO EM MONTES CLAROS/MG

Ana Júlia Rodrigues Nascimento¹, Anna Yasmin Fagundes de Jesus¹, Karen Lorrany de Souza Gomes¹, Karine Lorrany Soares Ruas¹, Karinne Ferreira Pimentel¹, Kauê Durães¹, Maria Júlia Fonseca Mendes¹, Pierre Lopes Silva¹, Raul Douglas Barbosa¹, Viviane Pereira¹, Valkúiria Miranda Andrade Braga², Fernando de Almeida Soares³, Laysa Camilla Brant Oliveira⁴

1 INTRODUÇÃO

É importante vislumbrar como as tradições, as festas, os rituais e a cultura são capazes de criar e modificar os espaços públicos, e deixar marcos na história da cidade. Assim, essas manifestações têm interferência direta na arquitetura das cidades e, muitas vezes, podem vir a surgir antes mesmo da formação física de uma urbe, a partir da iniciativa de grupos de

1 Escola Estadual Professor Hamilton Lopes (Montes Claros/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Professor Hamilton Lopes (Montes Claros/MG), escola.81507@educacao.mg.gov.br.

3 Coorientador, Escola Estadual Professor Hamilton Lopes.

4 Tutor, Escola Estadual de Aparecida do Mundo Novo (Montes Claros/MG), laysa.12267969@educacao.mg.gov.br.

pessoas distintas que se reúnem para celebrar algo, ou para dar continuidade a festejos antigos, ou para perpetuar uma tradição cultural (Almeida, 2015; Silveira; Colares, 1995).

As Festas de agosto acontecem na cidade de Montes Claros/MG há aproximadamente duzentos anos. Surgiram da grande devoção dos fiéis católicos a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo. A festa é composta por muitos rituais, missas, levantamento de mastros, apresentações folclóricas, reza de terços, cortejos e reinados. Essas manifestações iniciam-se com o desfile no centro histórico da cidade, onde são organizados em três grupos folclóricos – marujos, caboclinhos e catopês. É perceptível que os três pilares étnicos que formam a identidade da festa são inerentes às origens do povo brasileiro (Paula, 1979b; Almeida, 2015).

A presente pesquisa tem como objetivo conhecer a história e refletir sobre a importância cultural, histórica e religiosa da Igreja Nossa Senhora do Rosário para as tradicionais Festas de agosto na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Essa pesquisa foi realizada por alunos da Escola Estadual Professor Hamilton Lopes, localizada na referida cidade, na região Norte de Minas Gerais. Atende alunos do Fundamental II (6º ano ao 9º ano) e do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos). A escola participou de um edital para implementação do projeto de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB) em agosto de 2021, sendo que o projeto apresentado foi aprovado, e a pesquisa foi iniciada.

Esta proposta de estudo surgiu da necessidade de trabalhar o conhecimento regional e a valorização cultural e patrimonial na qual a comunidade está inserida, pois criou condições para que toda a comunidade reconheça suas raízes e se aproprie de uma história coletiva, favorecendo sua identificação, preservação e transmissão de significados para os presentes e para as futuras gerações.

2 DESENVOLVIMENTO

A metodologia empregada nesta pesquisa foi baseada em análises qualitativas e bibliográficas, que, segundo Gerhardt e Silveira (2009),

permitem a observação do fenômeno, buscando compreender, explicar e estabelecer comparações entre o mundo global e local, propondo respeito ao caráter interativo entre o objeto e seus investigadores.

Descreve-se aqui um relato sobre a experiência de Iniciação Científica que foi realizada com uma turma de 10 alunos do Ensino Médio, da Escola Estadual Professor Hamilton Lopes, com o apoio de uma professora-orientadora e um professor-coorientador. Ainda nos meses de novembro e dezembro de 2021, foi realizada a coleta de dados, com buscas em sites por artigos, monografias e teses que tivessem informações relevantes sobre o patrimônio pesquisado.

Os trabalhos, no ano letivo de 2022, tiveram início entre os meses de março e abril, quando foi possível participar de uma sala virtual no aplicativo *Google Classroom*, disponibilizado pela Secretaria de Educação, em que foram postados textos, atividades e discussões com conceitos relevantes ao tema. Participamos ainda de uma oficina de produção de resumos, ministrada por acadêmicos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) em Biologia, da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), e realizamos três visitas à biblioteca dessa universidade – Biblioteca Central Professor Antônio Jorge. Na biblioteca há uma estante específica de livros que tratam de temas relativos à história de Montes Claros. Foi realizada uma leitura prévia e levantamento de referências bibliográficas. Posteriormente, iniciou-se inspeção à biblioteca da Escola Estadual Professor Hamilton Lopes (Biblioteca José Geraldo Araújo), onde foram encontrados apenas dois livros relacionados ao tema.

Nos meses de maio e junho de 2022, duas visitas foram realizadas na biblioteca do Centro Cultural – Biblioteca Pública Municipal Antônio Teixeira de Carvalho. Em setembro, percebendo a necessidade de melhorar o entendimento acerca da arquitetura do bem estudado, foi executada uma oficina de maquete com o profissional da área de Arte e Arquitetura, em que os alunos puderam estudar e construir maquetes da Igreja Nossa Senhora do Rosário no estilo arquitetônico atual; o que foi primordial para entender suas linhas arquitetônicas modernas, cuja forma imita uma

embarcação, em conformidade com as crenças de um dos grupos folclóricos envolvidos nas Festas de agosto.

No mês de setembro, participamos do 16º Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão (FEPEG/2022), o que foi uma experiência ímpar. Foi planejada e ministrada uma oficina de criação e edição de *podcast*, por professores da Graduação e por estudantes de Pós-Graduação, o que contribuiu exponencialmente para o aumento do interesse pela pesquisa.

O mês de outubro foi dedicado a leitura, discussão e análise. Foi notado que não havia dados empíricos e fontes suficientes para iniciar a escrita do trabalho. Dessa maneira, foi dada continuidade à investigação, buscando jornais antigos que pudessem conter reportagens complementares às informações já adquiridas no Centro de Pesquisa e Documentação Regional (Cepepedor/Unimontes), onde a coleta de informações foi extremamente frustrante, já que não foi encontrado nenhum vestígio sobre o tema.

Ainda no mesmo período, foi feita uma visita ao Museu Regional do Norte de Minas, em Montes Claros/MG, e à Secretaria de Cultura de Montes Claros, onde foram encontrados livros, quadros, fotografias e artigos. Com os materiais em mãos, realizou-se a leitura, o estudo e a análise de todos os dados encontrados, discutindo sua importância e relevância, observando sua contribuição ou não para o desenvolvimento da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na perspectiva discente, o desenvolvimento dessa pesquisa contribuiu para adentrarmos ao universo da Iniciação Científica, aprendendo a trabalhar com diferentes tipos de fontes (arquitetônica, documental, fotográfica e bibliográfica), que possibilitaram problematizar e comprovar a importância da Igreja Nossa Senhora do Rosário para a comunidade de Montes Claros. A pesquisa criou condições para que toda a comunidade reconhecesse suas raízes culturais e que se apropriasse de sua história, buscando preservar seus bens materiais e imateriais.

A participação em eventos científicos facilitou a integração no ambiente acadêmico, o contato com pesquisadores e professores universitários, o que contribuiu de forma significativa para aumentar o interesse pela pesquisa e a percepção de habilidades e competências. Entre as dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa, são apontadas algumas questões: a falta de esclarecimentos para uso da verba destinada ao projeto, no que se refere às questões legais, e a ausência de referências bibliográficas que tratassem da história da igreja.

3.1 As tradicionais festas de agosto

A cidade de Montes Claros fica localizada no Norte do estado de Minas Gerais. Segundo Prates *et al.* (2015), a origem da cidade está vinculada a fazenda de Antônio Gonçalves Figueira, grande desbravador e bandeirante do sertão brasileiro no século XVII. Após o processo histórico de emancipação⁵, e com a evolução da cidade, principalmente entre as décadas de 1870 e 1880, Montes Claros tem um avanço considerável em relação à indústria e ao comércio, tornando-se um polo industrial regional. Montes Claros também é conhecida pelas festas religiosas, as mais antigas e tradicionais são as Festas de agosto. Há relatos de que as festas datam de meados de 1939, quando foram pedidas esmolas para as festas de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo. Era realizada em “três dias de festas, 16, 17 e 18 de agosto, com os reinados acompanhados de catopês, marujos e caboclinhos, as cavalcadas, leilões, procissões e bailes” (Silveira; Colares, 1995, p. 30).

De acordo com Almeida (2015), os catopês, conhecidos antigamente por dançantes, têm sua origem influenciada pela trajetória de vida

⁵ Ao contrário do que a maioria da população acredita, a emancipação político-administrativa de Montes Claros não teria ocorrido no dia 03 de julho de 1857. A data sempre é comemorada pelo poder público e amplamente estudada nas instituições de ensino tanto da rede particular quanto pública. Mas pesquisadores defendem que, na realidade, vale o registro ocorrido em 1832 quando foi instaurado o município de Montes Claros de Formigas e estabelecidos seus poderes executivo, legislativo e judiciário (Montes Claros completa..., 2012).

de Chico Rei, que foi capturado, feito escravo e chegou ao Brasil em 1740. O grupo, formado pelos escravos libertos, associou-se a uma irmandade em honra de Santa Efigênia, erguendo então a igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Vila Rica, onde comemoravam, no dia da Santa, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Os instrumentos usados pelos catopês são os de percussão: caixa, tamborim e pandeiro. Suas vestimentas baseiam-se na cor branca como base na coloração das roupas dos integrantes.

Os Marujos têm origem portuguesa e fazem referências às aventuras náuticas lusitanas. Em Montes Claros, atualmente, existe um grupo de marujada que se subdividiu em duas marujadas, com dois representantes cada. As vestimentas são nas cores azul e vermelho, respectivamente. Representam os cristãos e os mouros. Os dançarinos (porta-bandeiras) abrem passagem para suas coreografias, enquanto o mestre da marujada vem à frente dos demais integrantes com sua espada, conduzindo o desempenho do terno nos distintos momentos e situações do ritual.

Ainda segundo Almeida (2015), os Caboclinhos retratam historicamente a figura do indígena brasileiro, associado à confraria de Nossa Senhora do Rosário. As vestimentas do grupo representam os índios, com enfeites de penas coloridas adaptadas às roupas vermelhas e brancas. Os integrantes conduzem pequenos arcos e flechas que completam a caracterização plástica da manifestação, tendo uma grande participação de crianças e mulheres. Assim, os bailados indígenas, que muitas vezes eram apresentados nos festejos religiosos pelos jesuítas, com fins catequéticos, passaram a integrar as festas religiosas. Já são 175 anos de história, o que a torna a mais importante festa de iniciativa popular regional. Atualmente, seu estudo é relevante para a preservação da memória e da identidade. Além disso, as Festas de agosto também proporcionam, às novas gerações, o contato direto e legítimo com a manifestação popular da cidade.

A igreja Nossa Senhora do Rosário é o eixo das Festas de agosto, que são realizadas na segunda quinzena do respectivo mês e acontecem durante seis dias. Já incorporado à festa religiosa, o festival folclórico amplia os dias de festa, iniciando na terça-feira e encerrando-se no

domingo. O festival folclórico acontece na praça Dr. Chaves, geralmente promovido pelo poder público, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, no período noturno; já a festa religiosa inicia-se com a busca da bandeira na casa do mordomo e cortejo com músicas, danças, trajes característicos, rezas, instrumentos, em toda a cidade até a chegada à igreja.

No último dia do cortejo, no domingo, há o encontro dos ternos de congado (catopês, marujos e caboclinhos) em procissão para a missa de encerramento na igreja. O festival folclórico acontece em local próximo à programação religiosa, na Praça Dr. Chaves, junto à Igreja da Matriz, onde são erguidas barraquinhas, com mostra de artesanato e comidas típicas. Há também um palco para diversas apresentações folclóricas e musicais que se modificam ano a ano.

Mediante esses inúmeros atos ritualísticos, nota-se que tais traços culturais e religiosos permanecem na vivência popular por mais de dois séculos. Resistindo ao processo de modernização da cidade e mudanças culturais, os grupos folclóricos persistem com suas crenças, suas representações, e continuam encantando.

3.2 A Igreja Nossa Senhora do Rosário

A igreja nasceu com a cidade de Montes Claros. Ela é um patrimônio cultural e tem sua história marcada por resistência, tradição e cultura popular. Não há informações exatas sobre a data correta da inauguração da primeira edificação da igreja, mas acredita-se que ela tenha suas origens por volta de 1833. Sua construção foi iniciada na Praça Santo Antônio, no bairro do Rosário (que hoje faz parte do centro da cidade, onde está localizada a praça com o nome de João Cattoni), mas não teria sido terminada, deixando o prédio durante anos em ruínas, até ser demolido por questões de segurança.

Em 23 de abril de 1833 deu entrada na Câmara Municipal no requerimento do Pe. Feliciano Fernandes de Aguiar pedindo “a concessão de um terreno para construção ao pé da Capela Principiada nesta Vila

de Nossa Senhora do Rosário”, ponto na frente da Capela do Rosário. Pode-se ler ainda em relevo a data 1834 afirmando com segurança que esta data não está certa e a “Capela Principiada”, referida acima, não está localizada onde está hoje a igrejinha do Rosário. O primeiro local era na atual Praça Santo Antônio no bairro popularmente conhecido como Santo Antônio, devido, justamente, à tradição de ter sido iniciada a capela do Rosário (Paula, 1979a, p. 273).

No ano de 1839, a capela Nossa Senhora do Rosário foi reconstruída, mudando de local: da praça João Catoni para a Avenida Afonso Pena, no centro da cidade, onde permanece atualmente. Com a construção dessa nova sede, datam também o início dos festejos à Nossa Senhora do Rosário e ao Divino Espírito Santo e, depois, também a São Benedito, que ficaram conhecidos como “Festas de agosto”. As Figuras 1 e 2 representam a igreja respectivamente antiga e uma maquete da versão atual.

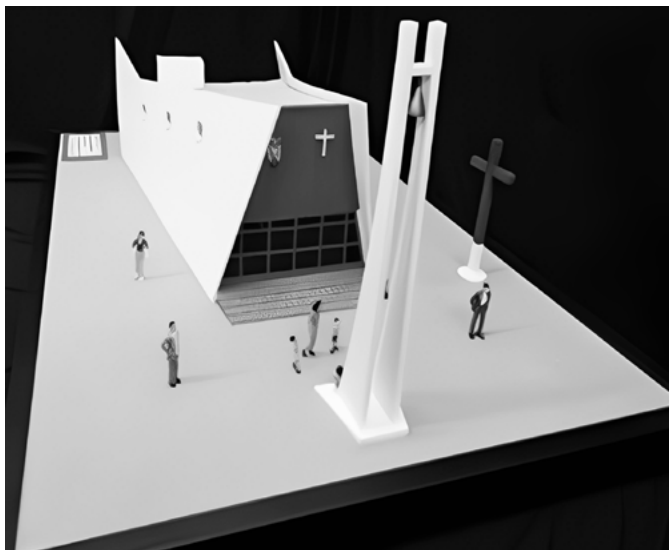
Figura 1: Prédio da Igreja Nossa Senhora do Rosário (1839)



Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros⁶, 2014.

⁶ Disponível em: https://www.ihgmc.art.br/revista_volume13.htm. Acesso em: 10 dez. 2024.

Figura 2: Maquete do prédio da Igreja Nossa Senhora



Fonte: Maquete de autoria do arquiteto e artista Cleyton Oliveira. Acervo da escola, 2022.

Em 1962, o poder público, incomodado com a localização da igreja do Rosário, que para muitos atrapalhava a circulação de carros na avenida, e com o intuito de modernizar a cidade, demoliu o prédio, deixando grande parte da população órfã do maior símbolo de sua devoção.

A festa teria fim. Impossível transferir aquela celebração para outra igreja. Foi então que meu pai teve uma ideia. Marcou hora com o prefeito para apresentá-la. “Hermes! Se estamos derrubando a capela porque está atrapalhando o trânsito, como você quer construir outra no mesmo lugar?” “Não será no mesmo lugar. Será erguida no canteiro da avenida com frente para o largo. Sem atravessar a rua. Diminuta. O importante é salvar a festa.” O prefeito Dr. Simeão Ribeiro Pires, também historiador, entendeu bem o projeto do meu pai e sua importância. Deu o consentimento. Tal projeto serviria para aliviar a dor da demolição da capela antiga. Não aliviou. A noite da despedida despedaçou nossos corações. [...] Como atrapalhando o trânsito se havia uma rua que a contornava? Os carros sempre passaram por ali sem problemas! Dia seguinte... a demolição. Um “assassinato” consentido... e nada podíamos fazer. Meu pai aguentou chegar até lá para salvar algumas relíquias. Trouxe para a Chacrinha um dos pilares e pedaços do corrimão da escada. Trouxe também uma boa notícia: o cruzeiro antigo permaneceria no mesmo lugar. Evitei por meses passar por ali. As ruínas machucavam meu coração (Paula, 2014, p. 36).

Ainda no final da década de 1960, os fiéis foram agraciados com uma nova construção para a sede da igreja. No mesmo local onde estava a antiga igreja, havia um pequeno espaço que, após a autorização da prefeitura, foram iniciadas as obras do novo prédio. A atual capela tinha, em seu projeto, um estilo voltado para o modernismo, inspirado em uma barca, referindo-se à tradição de um dos grupos folclóricos dos festejos, a marujada, como exemplificado pela Figura 3. “O contentamento era por estar salvando a festa, por ver a alegria dos dançantes. [...] E assim, pelas mãos dos catopês, marujos e caboclinhos, a capelinha foi erguida. Infelizmente ficou incompleta” (Paula, 2014, p. 37-38).

Como não foi concluída, ficou por um tempo servindo a fins culturais, apresentações teatrais, exibição de artesanato, aulas de inglês, chegando a ser até sede de um cinema e ainda sala para velórios por vários anos. No ano de 2014, iniciou-se o trabalho da reforma e se recuperaram as celebrações das missas no local. O projeto do arquiteto que fez o projeto original da igreja, ainda na década de 60, ainda existia, o que impulsionou a reforma.

Um dos detalhes artísticos que chama a atenção na capela é uma arte sacra de azulejo, que representa a última estação e ressurreição de Jesus junto às festas religiosas de agosto, com a representação dos marujos, caboclinhos e catopês (Figura 3) e o pilar da capela antiga (Figura 4).

Figura 3: Azulejo alusivo à última estação da via sacra e ressurreição de Jesus junto às festas religiosas de agosto, com a representação dos marujos, caboclinhos e catopês



Fonte: Artista Desconhecido. Acervo dos autores, 2022.

Figura 4: Pilar da capela de Nossa Senhora do Rosário, que foi retirado dos escombros, em 1962, e reformado no ano de 2014



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

A estátua de São Benedito, que pertencia à igreja e há muitos anos se encontrava na casa de fieis, foi doada para a igreja do Rosário; depois também foi doado um pilar da escada da antiga igreja que havia sido demolida. Após restaurada, serviu de suporte para o Santíssimo, para que ali representasse o que seria escrito nas paredes da igreja em seu projeto original: “O Deus do Salve Casa Santa onde Deus fez a morada”. Outro presente que o prédio recebeu foi o estandarte feito de cerâmica para que fosse colocado na fachada da igreja.

A partir da restauração da igreja, ela saiu do processo de invisibilidade e passou a comunicar a sua fé, fazendo com que o mês de agosto fosse revivido todos os dias, e a Praça Portugal recuperasse o seu símbolo que não é de apêndice, mas de guardiã da tradição da fé norte-mineira.

[...] a existência de um espaço sagrado, de rememoração e de rito, que se dá tanto pelo espaço edificado como pelo espaço público, é algo que transcende as relações materiais e as dimensões físicas, tornando-se uma base consistente para compreender as

diferenças entre o espaço do evento e o espaço da festa; ambos modificam de diferentes formas, temporariamente e permanentemente, seus respectivos limites, e os reflexos de suas sobreposições (ou as tentativas das mesmas) sobre as dimensões em que se inserem (Souza, 2020, p. 100).

A igreja não é apenas um ponto de encontro para o final do cortejo, mas também uma referência para as reuniões de planejamento de todo o ritual de tradição de catopês, marujos e caboclinhos; ela é um ponto importantíssimo de fé em que todos os preparativos da festa e do pós-festa acontecem, onde restabelecem os vínculos e as crenças. A Igreja se torna essencial para os fiéis e para os eventos culturais e religiosos da região. Porém, apesar de ser um símbolo da tradição cultural e religiosa, ainda não é tombada pelo Patrimônio Histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As poucas informações documentais possibilitaram o conhecimento referente à história da igreja e das tradicionais Festas de agosto. O fortalecimento do vínculo afetivo com o patrimônio histórico local favoreceu a conservação e a valorização de bens materiais. Alguns colegas envolvidos na pesquisa sequer conheciam a igreja, portanto, foi importante realizar as visitas a campo para ter um maior entendimento sobre a formação urbana local e sua ligação com a cultura popular montesclarenses, no que se refere às festas tradicionais de agosto.

Para apresentar os resultados da pesquisa, foram produzidos: maquete, texto informativo, resumo científico e oficinas. Percebe-se que a pesquisa necessita de continuidade, pois não foi possível trabalhar com a história oral e etnográfica (visto que foi iniciado em época de pandemia do Covid-19), mas essas duas formas de pesquisa demonstram ser fundamentais para confrontar as informações já obtidas.

Nota-se, inclusive, a importância da Igreja Nossa Senhora do Rosário como eixo e âncora fundamental para o início e o fim das festas.

A igreja tem grande valor, tanto por sua edificação, pois é um patrimônio, quanto pela sua simbologia, pelo que representa. Espera-se atingir o interesse de outros alunos da escola para a Iniciação Científica, visto que, a importância de ser pesquisador, enquanto estudante de escola pública, valoriza o meio no qual está inserido a partir da construção de novos saberes, promovendo e instigando a informação técnica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. C. Uma perspectiva sobre as festas de agosto como desenvolvimento regional, lazer e economia na cidade de Montes Claros/MG. *XV Encontro de Geógrafos de América Latina Cuba*, 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/18.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). *Métodos de pesquisa*. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS; Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MONTES Claros completa 180 anos de emancipação política nesta terça. *G1 Grande Minas*, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2012/10/montes-claros-completa-180-anos-de-emancipacao-politica-nesta-terca.html>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PAULA, H. A. *Montes Claros: sua história sua gente seus costumes*. v. 1. Montes Claros: IBGE, 1979a.

PAULA, H. A. *Montes Claros: sua história sua gente seus costumes*. v. 3. Montes Claros: IBGE, 1979b.

PAULA, V. A. Capela do Rosário. *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Montes Claros*, Montes Claros, v. 23, p. 123-128, 2014.

PRATES, A. E.; OLIVEIRA, A. L. S.; ALMEIDA, E; R.; FINELLI, L. A. C. Restauração do patrimônio histórico cultural da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José de Montes Claros/MG. *Humanidades*, Montes Claros, v. 4, n. 1, 2015.

SILVEIRA, Y.; COLARES, Z. *Montes Claros de ontem e de hoje*. Montes Claros: Academia Montesclarensense de Letras, 1995.

SOUZA, L. F. D. *Festa na cidade: Uma leitura das festas de agosto de Montes Claros/MG como intervenções no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31368?locale=pt_BR. Acesso em: 21 out. 2024.

LEVANTAMENTO DE BENS PATRIMONIAIS E CULTURAIS (MATERIAIS E IMATERIAIS) DO MUNICÍPIO DE IAPU/MG

Amanda Almeida Pereira Félix¹, Geovana Siqueira Marins¹, Kauane Kelle Gonçalves Neves¹, Letícia Marques Valério¹, Lívia Estéfane Martins Silva¹, Luana Samara De Souza¹, Maria Eduarda Oliveira da Silva¹, Miguel Bomfim¹, Pâmela Emanuele Sousa Correia de Melo¹, Ryan Alisson De Souza¹, Geilson Oliveira dos Santos², Hilbert da Silva Julio³

1 INTRODUÇÃO

O município de Iapu, localizado na região Leste do estado de Minas Gerais, possui uma população estimada segundo o IBGE de 11.085 habitantes, e tem como principais fontes econômicas a agricultura e a pecuária (IBGE, 2017).

Segundo o portal da Prefeitura Municipal de Iapu, o primeiro relato de formação foi em 1822, com a chegada de Raimundo José de Souza e seu sobrinho. Eles acompanharam o curso do Ribeirão Santo

1 Escola Estadual Frei Marcelino de Milão (Iapu/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Frei Marcelino de Milão (Iapu/MG), geilson.santos@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Olympio Araujo (Rio Novo/MG), hilbert.julio@educacao.mg.gov.br.

Estêvão, nome que no futuro seria dado ao povoado. Porém o local se consolidou somente na década de 1880, com a chegada de novos moradores atraídos pelo solo produtivo, mesmo período em que foi construída uma capela como marco da fé daquele povo. Somente em 1º de janeiro de 1949 veio a emancipação, através de uma Lei Estadual nº 336, de 27 de dezembro do ano anterior. Nesse período, o município tinha um vasto território geográfico, sendo englobada a região da cidade de São João do Oriente e Bugre, que, posteriormente, se desmembrou de Iapu.

Com vasta extensão territorial e um longo período de história, a cidade acumula um grande patrimônio, que se manifesta através de sua arquitetura e de suas manifestações culturais, no qual se destacam os templos religiosos, que foi uma das primeiras arquiteturas de expressão a ser edificada no município; e as fazendas, que por muito tempo foi a principal geração de emprego, alavancando ainda hoje a economia. As manifestações culturais também tiveram grande importância, passadas de pais para filhos e difundidas ao longo da história, muitas das vezes representam a fé do povo, as principais são as festas de: Folia de Reis, São Sebastião e Festas juninas.

Segundo dados da Secretaria de Educação e Cultura, houve um levantamento do patrimônio histórico no município de Iapu em 2007, porém poucos conteúdos e informações estão disponíveis para consulta nos órgãos públicos, sem falar na desinformação da população acerca desses bens. Com isso, faz-se necessária a mobilização da comunidade escolar, introduzindo tal tema na formação dos alunos; também é de nosso interesse incentivar a população a se ver como protagonista, atualizando sua opinião prévia sobre a relevância patrimonial, propiciando a relação de identidade com a cultura local e concitando a comunidade para que se conscientize em conservar o patrimônio histórico e estimular a cultura local.

Sendo assim, é objetivo deste trabalho identificar os possíveis bens patrimoniais e culturais do município de Iapu, e identificar sua relevância para a história e a identidade local, realizando um levantamento através de fotos e relatos históricos, e questionando alunos

sobre a relevância histórica, arquitetônica e cultural para a identidade do município de Iapu/MG.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira etapa deste trabalho foi a busca de informações sobre os possíveis bens patrimoniais tombados ou em processo de tombamento na cidade. Para isso, foi realizada uma pesquisa nos órgãos públicos (Prefeitura Municipal de Iapu/MG). Concomitantemente a essa etapa, foi feito estudos sobre o que são, quais são as características, e como ressaltar a memória patrimonial e histórica desses bens.

Após a pesquisa dos patrimônios já tombados ou em processo de inventário, foram realizadas visitas técnicas aos imóveis listados, sendo feito registro fotográfico e entrevistando pessoas vinculadas ao bem. Pesquisamos a relevância do imóvel para a identidade cultural e histórica, analisamos o estado de conservação e juntamos outros registros para comprovar a relevância do objeto ou manifestação cultural. Na ocasião, também foi solicitado o registro civil do imóvel junto ao Cartório de Registro de Imóveis de Inhapim/MG. Tínhamos como objetivo comprovar o período de edificação, idade e a sucessão de proprietários dos locais.

Também foi aplicado formulário, com alternativas de múltipla escolha, em cada visita técnica, para os alunos que compõem o projeto de Iniciação Científica, com o intuito de que fizessem uma avaliação dos imóveis dentro da capacitação que tiveram no projeto. Tal formulário foi aplicado através da ferramenta *Google Forms*, disponível no *Google Workspace*, disponibilizado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, possibilitando a utilização de seus recursos para análise de dados.

Nesse formulário, o primeiro tópico se tratava da função que o bem exercia, podendo ser um imóvel particular ou público; objeto com valor artístico; podendo ser uma imagem, monumento, quadros etc.; ou até mesmo ser considerado um bem cultural, como festas, danças, comidas. Dessa forma, foi-se destacado a natureza do bem.

O segundo tópico do formulário descrevia quanto a situação do bem junto ao Conselho de Patrimônio do Município, podendo ele ser tombado ou inventariado. O aluno poderia ainda julgar, de acordo com as características do local, a sua relevância histórica, cultural e arquitetônica, se o bem é ou não passivo de tombamento junto ao Conselho de Patrimônio do Município.

O terceiro tópico do formulário refere-se ao estado de conservação do bem, podendo ele ser considerado conservado (quando o imóvel não apresenta danos estruturais e estético aparente); semiconservado (quando ele possui reparos como pinturas, manutenção telhado, piso, parte elétrica e hidráulica); e, em casos de danos estruturais (quando o móvel corre risco de desabamento), considerado não conservado. Nesse mesmo tópico, o aluno marcava algumas patologias do imóvel, como infiltração, manchas de bolor, rachaduras ou fissuras, problema na parte elétrica e hidráulica.

O quarto tópico do formulário descrevia as características daquele bem. No caso de edificações, era perguntado se os materiais que compõem piso, cobertura, tipo de revestimento e estruturas; dessa forma compreendendo que os bens patrimoniais podem possuir diferentes características e composição. Para finalizar os questionários, os alunos descreviam a relevância histórica do bem, tendo em vista relatos de moradores, vizinhos ou pessoas que porventura tiveram contato com aquele bem patrimonial.

Após ter realizado a análise, foi aplicado um formulário para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º do Ensino Médio, da Escola Estadual Frei Marcelino de Milão, quanto ao fato de considerar ou não considerar tais elementos expostos na pesquisa como um bem patrimonial. Para tal consulta, foi utilizado o *Google Forms*. Foram listados os bens patrimoniais inventariados, tombados ou os possíveis para tombamento, destacando nomes, características, localização. O formulário continha ainda algumas perguntas, como: Você sabe o que é um bem patrimonial material e imaterial?

Foi questionado também se os possíveis bens listados pela equipe do projeto poderiam ser relacionados com a história e a identidade de Iapu, sendo os bens destacados: Conjunto arquitetônico da Igreja Matriz de Santo Estêvão; Capelinha onde foi sepultado Pe. Francisco Weber; Casa

do senhor Carlinho; Casa da Dona Geni; Casa da Dona Jovelina; Fazendas Boa Vista; Califórnia; Paraíso; Residência do Sr. Celson e do Milton; além dos bens patrimoniais imóveis, como as imagens de Santos Estêvão, Nossa Senhora das Dores e São João Batista, que pertence ao conjunto de imagens sacras da Igreja Matriz.

As mesmas interrogações foram feitas com relação aos bens culturais imateriais, como: Folia de Reis e São Sebastião, Fogueira de São João Batista, Feira da Paz, Festa do Tomate e a tradicional Novena do Divino Espírito Santo. Após registro, com descrição dos bens culturais e suas histórias, o resultado dos questionários foi encaminhado para catalogação, de acordo com o modelo estipulado pelos órgãos competentes estaduais e federais, para possível processo de inventário, caso seja interesse do poder público.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a conclusão da primeira fase, que foram pesquisas e levantamento junto a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Iapu, obteve-se informações de alguns bens levantados para possível tombamento. Para análise, foram realizadas as visitas, as quais deram origem aos seguintes resultados:

Tabela 1: Resultado total do questionário de visita técnica

Este bem trata-se de:	Imóvel particular	50%
	Imóvel Público	0%
	Objetos	20%
	Manifestações Culturais	30%
Este bem é:	Tombado	15%
	Inventariado	30%
	Passível de tombamento	45%
Estado de conservação do bem:	Conservado	60%
	Semiconservado	30%
	Não conservado	10%

Fonte: Elaboração própria.

Tal análise descrita na Tabela 1 foi realizada pelos alunos no Projeto de Iniciação Científica, onde podemos notar que grande parte dos bens são de domínio particular, o que justifica a grande dificuldade de preservação. Embora tenha uma boa parte de objetos e imóveis vinculados a instituição religiosa, sendo de notoriedade pública, eles não podem ser considerados.

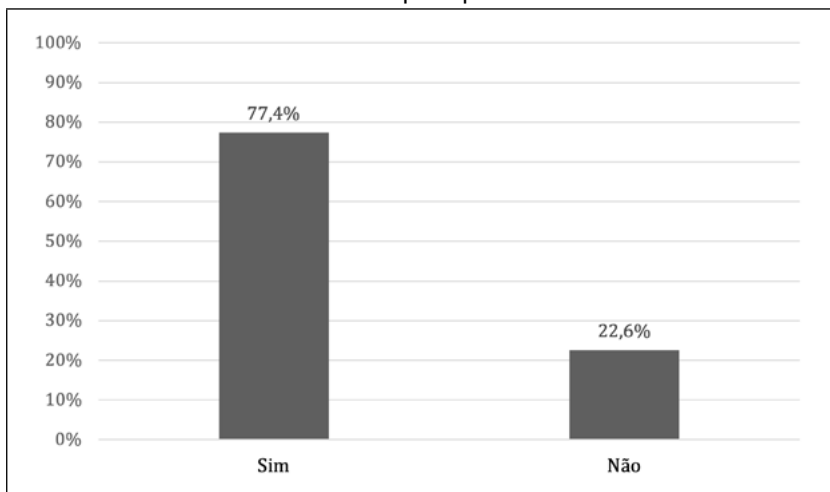
As manifestações culturais foram destacadas com base nas histórias das pessoas, essas manifestações foram de importância na formação cultural da cidade, tendo em vista que elas movimentam famílias e pessoas de diferentes regiões, trazendo turistas. Todavia, parte destas manifestações se encontra esquecida pela nova geração, não sendo celebrada com grande frequência, tais como Folia de Reis de São Sebastião e Fogueira de São João.

Quanto aos imóveis tombados, segundo relatos e documentos obtidos junto à Secretaria de Cultura, no município encontra-se tombado todo o conjunto arquitetônico da Igreja Matriz de Santo Estêvão, a imagem do padroeiro (Santo Estêvão) e a Festa da cidade, Feira da Paz, que anteriormente se chamava Festa do Tomate, em homenagem ao principal cultivo da região.

Sobre o estado de conservação dos bens materiais, nota-se que grande parte dele se encontra em bom estado de conservação, por se tratar de imóveis particulares, vinculado a alguma instituição responsável pela manutenção, em muitos casos tal manutenção é feita pela família. Dos bens que não se encontram conservados, nota-se a casa da Dona Jovelina e a Residência do sr. Milton, ambos já falecidos. Tais bens se encontram em processo de divisão judicial. Também se nota as imagens de Nossa Senhora das Dores e São João Batista, que se encontram no acervo da Igreja Matriz Santo Estêvão. As imagens possuem algumas patologias por ataques de cupins e desbotamento da pintura. Os 30% dos imóveis considerados semiconservados em sua maioria apresentavam danos estéticos, como pinturas, fissuras nas paredes, infestação de cupins nas estruturas de madeiras, forros e goteiras. Lembrando que tais análises foram realizadas com base na visão dos alunos integrantes do projeto de Iniciação Científica, carecendo assim, de uma análise profissional.

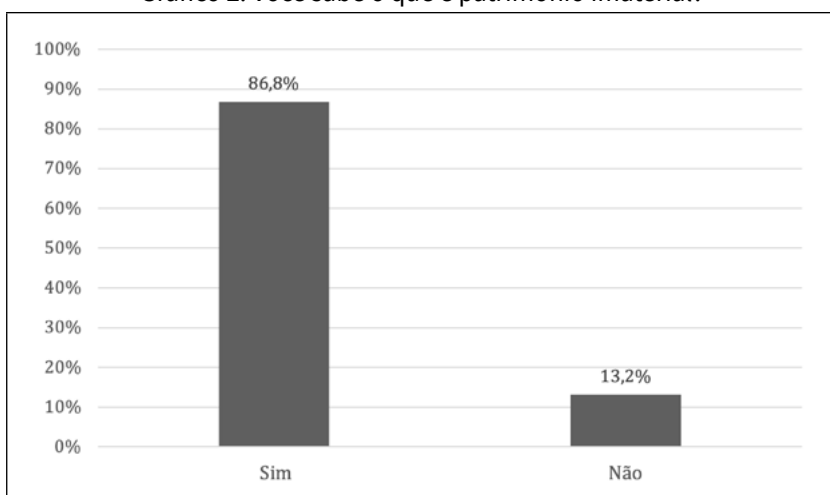
Quanto ao questionário da última etapa, ele ficou disponível por 24 horas e foi realizado por alunos da escola com idade de 14 anos acima, correspondendo ao 9º ano do Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º do Ensino Médio. Ao final, obteve-se 53 respostas, sendo o resultado descrito no Gráfico 1 e 2.

Gráfico 1: Você sabe o que é patrimônio material?



Fonte: Elaboração própria.

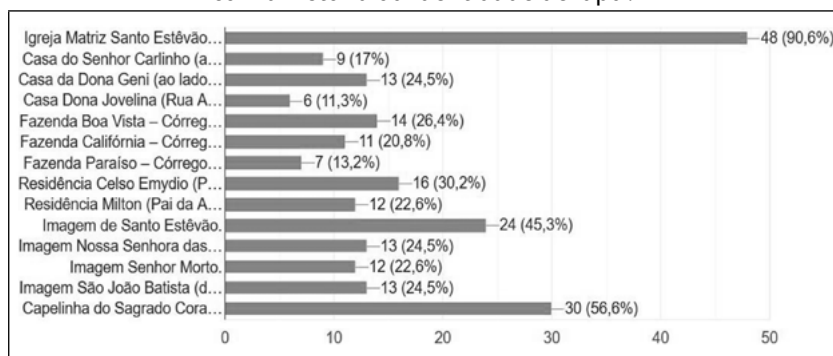
Gráfico 2: Você sabe o que é patrimônio imaterial?



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se, nos Gráficos 1 e 2, que a grande maioria declara saber o que é um patrimônio material e imaterial. Na segunda aba do questionário, elencamos os possíveis bens patrimoniais do município, levantados no processo de investigação dos alunos junto a comunidades e órgãos competentes, como a prefeitura municipal.

Gráfico 3: Dos bens listados, qual ou quais julgam relacionado(s) com a história ou identidade de Iapu?



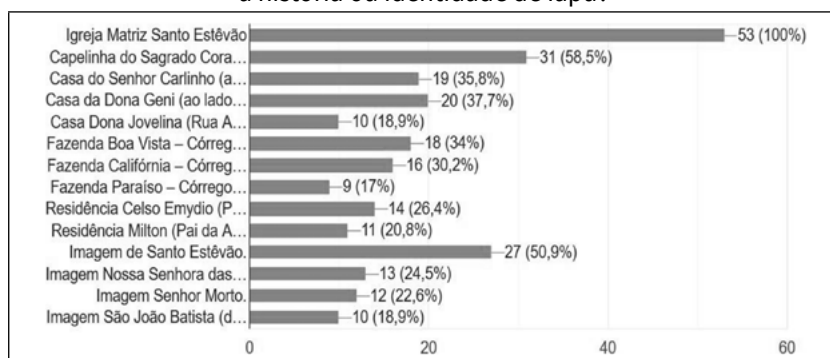
Fonte: Elaboração própria.

Pode-se analisar, no Gráfico 3, que os edifícios e os objetos religiosos tiveram um maior reconhecimento por parte dos alunos e dos funcionários da escola, provavelmente por esses objetos já estarem atrelados à história da formação da cidade, sendo as edificações de maior destaque. A matriz e a capela onde foi sepultado o Pe. Francisco Weber estão associadas ao pároco, que foi um grande líder na cidade, responsável pela construção da igreja matriz, de boa parte do desenvolvimento do município e do cuidado do povo que sofria em tempos de guerra, sendo uma figura marcante na comunidade.

Também analisando os dados, percebe-se que as residências e as casas tiveram percentual menor de pessoas que jugam relacioná-los com a história e a identidade da cidade, tendo em vista que muitas dessas edificações são desconhecidas pelos alunos, pois não há uma divulgação ou um trabalho que apresente a história desses locais para que assim possa haver um reconhecimento da população, aqui representada pelos alunos da escola.

O que se comprava no Gráfico 4, onde as pessoas questionadas pontuaram apenas imóveis mais conhecidos, como a Igreja Matriz, Capela Sagrado Coração de Jesus (Capelinha onde foi sepultado o Pe. Francisco Weber) e imagem de Santo Estêvão, dessa forma ficando claro o papel da religião na formação da identidade do município e na divulgação dos elementos patrimoniais.

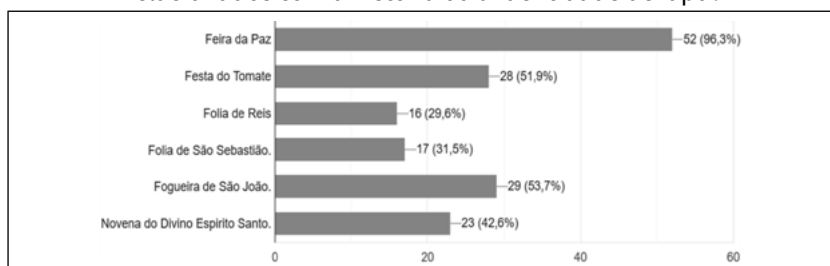
Gráfico 4: Dos bens listados, qual ou quais julgam relacionado(s) à história ou identidade de Iapu?



Fonte: Elaboração própria.

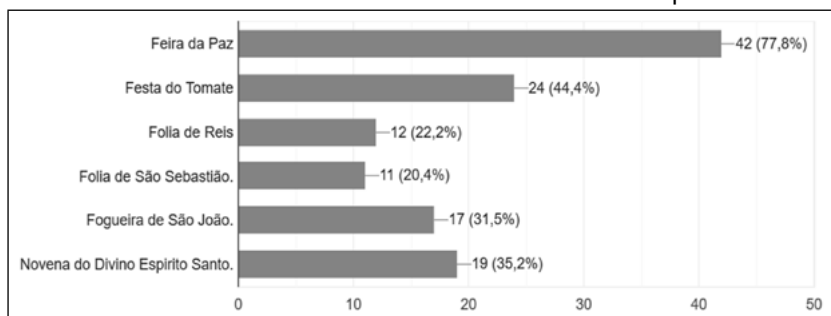
Quanto aos bens imateriais, relatados nos Gráficos 5 e 6, onde destaca as festas realizadas e as manifestações religiosas, nota-se que a principal festa da cidade é reconhecida como o principal bem cultural, seguida pela extinta Festa do Tomate, que hoje deu lugar à Feira da Paz. Tal situação se deve às divulgações da festa, com participação de pessoas de várias cidades e presença de grandes nomes do meio artístico.

Gráfico 5: Dos bens imateriais listados, qual ou quais julgam relacionados com a história ou a identidade de Iapu?



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 6: Dos bens imateriais listados, qual ou quais julgam relacionados com a história ou identidade de Iapu?



Fonte: Elaboração própria.

As festas, as danças e as novenas, uma forma de manifestação religiosa, não são muito pontuadas, pois grandes partes deixaram de existir, ficando restritas ao âmbito religioso, como a Novena do Divino Espírito Santo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados levantados e dos resultados do questionário, pode-se concluir a relevância da identidade patrimonial na história do município de Iapu/MG, nota-se ainda que essa história começa desde sua formação com base nos costumes religiosos. Em razão disso, ergueram edificações, como a Igreja Matriz e a capela, onde foi sepultado o Pe. Francisco Weber, um grande influenciador no desenvolvimento religioso e social do município.

Pode-se notar ainda que as edificações de uso não coletivos, como residências, não tiveram muito reconhecimento como um bem patrimonial, apesar de sua história e de sua arquitetura peculiar de outro período. Contudo, essas edificações possuem grande importância, pois retratam a história de gerações que deixaram seu legado, através de vários serviços sociais que proporcionaram o desenvolvimento do município.

No entanto, faz-se necessário que a educação patrimonial seja de fato colocada em prática, não somente de forma teórica, mas fazendo

com que alunos reconheçam a importância da preservação de patrimônio como maneira de se preservar a história de um povo.

Educação Patrimonial um instrumento da “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999).

Por fim, como forma importante de diálogo com a comunidade escolar, divulgamos a pesquisa através de uma exposição, onde serão explicados pelos alunos o que é aquele bem, qual sua história e relevância para a comunidade. Poderá ser apresentada, também, alguma manifestação cultural que retrate a identidade da população iapuense.

REFERÊNCIAS

HORTA. L. P. M.; GRUMBERG. E.; MONTEIRO Q. A. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidade de Iapu/MG*. História da cidade de Iapu. Rio de Janeiro, IBGE, 2017.

PREFEITURA Municipal de Iapu/MG. *História de Iapu*. Disponível em: www.iapu.mg.gov.br/conheca-iapu/. Acesso em: 21 nov. 2022.

ESSA TERRA É DE QUEM, SEU DOUTOR? A DISPUTA ENTRE MINAS GERAIS E ESPÍRITO SANTO NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE MUTUM/MG

Bernardo Lucas Godinho Florindo Ramos¹, Cássia Godinho Carlos¹, Lavínya Mendonça de Oliveira¹, Livia Leite Fialho¹, Marcella Hernandes de Amorim¹, Ryan Luas Bonifácio da Silva¹, Vinicius Antônio Américo Diniz¹, Walisson Rodrigues Viana¹, Daniel Bruno da Silva Triumpho², Cátia de Castro Dias³

1 INTRODUÇÃO

Segundo Espindola (2008), o Brasil caracterizou-se, no período imperial (1822-1889) como um país expansionista, tanto em suas fronteiras externas como nas internas, na busca de conquista e de afirmação territorial. As províncias brasileiras, no mesmo período, vivenciaram um movimento semelhante, caracterizado pela conquista e pela dominação de zonas pertencentes aos povos originais e

1 Escola Estadual Erotildes Hubner Borges (Mutum/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Erotildes Hubner Borges (Mutum/MG), daniel.triumpho@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Ilídio Caixeta de Melo (Patos de Minas/MG), catia.dias@educacao.mg.gov.br.

de áreas que outrora foram proibidas pela coroa portuguesa durante o período colonial (1500-1822).

A província de Minas Gerais, focada inicialmente na exploração de recursos minerais (ouro), teve seu território controlado rigidamente no período colonial, o que impossibilitou a expansão oficial das ocupações de regiões no entorno das áreas de exploração mineral. Ao Leste existia uma área florestada, cortada pelo Rio Doce, que foi proibida de ser ocupada. Essa área ficou conhecida como “zona proibida” ou “sertões do leste” (Espindola, 2008).

Michelato e Almeida (2022) apontam que a província do Espírito Santo, na busca de ampliar e dinamizar sua economia, iniciou um movimento de expedição e de expansão territorial para as áreas de mata, a oeste do litoral, e regiões florestais ao longo do Rio Doce. Coincidentemente, esse movimento ocorreu no momento em que a economia do ouro começou a colapsar. Então, para manter a população e a economia ativa na província, foi permitida a exploração e a ocupação da zona então proibida.

O encontro iminente entre os dois movimentos expansionistas levou a uma corrida de conquistas e de dominações dos espaços da região das matas. Contudo, devido ao relevo, à extensão territorial e à diversidades de rotas, esses movimentos por vezes reivindicaram a posse dos mesmos locais, gerando, assim, incongruências nas linhas divisórias das províncias, que ao longo do tempo se tornaram zonas de disputas mais acaloradas. Como aponta Botelho (1992):

Esse contestado compreendia a faixa territorial situada à direita, entre toda a extensão do Rio José Pedro, desde suas nascentes na serra do Caparaó, e o estado do Espírito Santo. Além do mais, a parte baixa do Manhuaçu, a partir da foz do José Pedro, um trecho do Rio Doce que corre no território mineiro abaixo da embocadura do Manhuaçu, era reivindicada pelos dois estados em litígio (Botelho, 1992, p. 19).

As disputas territoriais ao longo do século XIX e meados do século XX, que reverberaram na construção do território de ambos os estados,

promoveram uma corrida para ocupar e colonizar as regiões dos sertões do leste, com impasses sobre os marcos e as zonas limítrofes entre os estados. Nesse contexto, se dá a formação do município de Mutum/MG, com diversos casos de trocas de domínios sobre os territórios e com diversos relatos de uso da violência para garantia da posse do espaço. Afirmar a posse sobre o território tornou-se uma questão de ordem às unidades federativas, levando a uma disputa a nível judicial.

Nesse contexto, as margens do Rio José Pedro tornaram-se palco de uma das disputas entre Minas Gerais e Espírito Santo. Ambos afirmavam deter a posse das terras à margem esquerda do rio, sendo palco de episódios de trocas de poder e de persuasão para que a presença de um ou outro estado fosse mais evidente. Chegou-se, em determinados momentos, a contar com a presença bélica de tropas oficiais e milícias dos fazendeiros que ali ocupavam terras.

O desenvolvimento da pesquisa se deu no âmbito do núcleo de pesquisa da escola e da comunidade escolar no intuito de entender como se deu a formação do território mutuense em um contexto de disputa territorial entre os dois estados. O estudo foi dividido em etapas e executado através de pesquisa documental, bibliográfica e de campo sobre a região contestada e disputada por Minas Gerais e Espírito Santo.

2 DESENVOLVIMENTO

Este trabalho originou-se da pesquisa documental que retrata o período entre 1890 a 1914, onde ocorreu o ápice da disputa entre Minas Gerais e Espírito Santo, na região das margens do Rio José Pedro, conhecida como Contestado. O núcleo de pesquisa buscou, através de textos, correspondências e mapas, entender os movimentos expansionistas, encontros, desencontros e trocas de domínio sobre o território que levaram as disputas observadas.

Como ponto de partida, buscou-se entender a formação do município através dos decretos de emancipação dos municípios

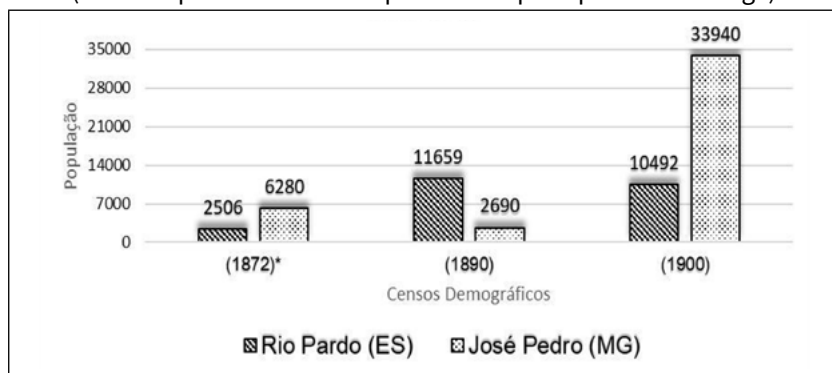
mineiros e capixabas, que faziam parte da região contestada, numa tentativa de entender os limites dos municípios e as linhas conflitantes, assim como uma possível demarcação territorial da região em questão. Utilizou-se Sistemas de Informações Geográficas (SIG), para uma possível análise reversa dos decretos emancipatórios, a fim de construir os extintos municípios de Rio Pardo, no Espírito Santo; e José Pedro, em Minas Gerais. Para além do entendimento das organizações espaciais, buscou-se compreender a organização e a movimentação da população para a ocupação dessa região ao longo do período analisado e como isso se refletiu na determinação da posse do território ao estado mineiro.

Com o avanço das análises sobre a ocupação, notou-se que a presença quase nula dos estados nessa região levou a formação de lideranças políticas e militares entre os fazendeiros, que, posteriormente apoiados por ambos os governos, desencadearam eventos de violência em nome da posse para cada lado da disputa. Os dados dos censos demográficos de 1872 a 1900 apontam que essa região foi amplamente ocupada por migrações para ocupação e afirmação da posse a ambos os estados, e apresentam Minas Gerais como um estado que fez um grande esforço nesse sentido.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Analisou-se as correspondências entre presidentes de ambos os governos que debatem a questão. Os dois políticos apresentam argumentos que justificariam sua posse sobre o contestado, o que acabou em uma disputa judicial que deu veredito a favor de Minas Gerais. Pode-se avançar no estudo das questões propostas, sobretudo no que tange a construção espacial e o entendimento dos movimentos de migração impulsionados pelos governos estaduais, que disputavam o domínio da região contestada. O gráfico a seguir mostra esse movimento de impulso no período analisado.

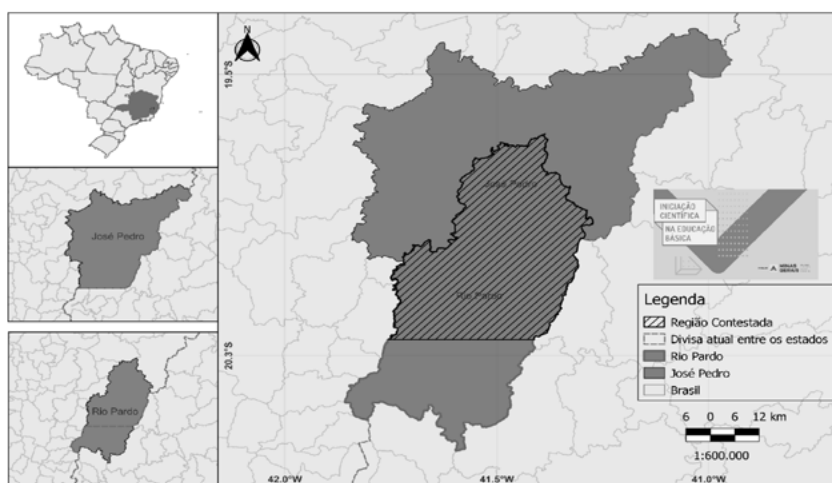
Gráfico 1: Demonstrativo da evolução populacional
(o município de José Pedro pertencia à paróquia de Caratinga)



Fonte: Elaboração própria a partir dos censos demográficos de 1872, 1890 e 1900.

Foi possível observar uma boa construção de uma base territorial dos antigos municípios que disputavam o território mutuense através das informações das leis de desmembramentos e de emancipações fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como mostra a imagem a seguir:

Figura 1: Região de conflito entre os municípios de José Pedro (MG) e Rio Pardo (ES), 1890 a 1914



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE, 2022a.

Pode-se perceber que o trabalho com dados espaciais associado a textos e pesquisa documental estimulou a curiosidade sobre a formação territorial do município e as questões lideradas entre os dois estados vizinhos.

3.1 Relato de experiências dos alunos

3.1.1 Estudante I – percepções sobre os aspectos políticos

Minha experiência com o projeto foi ótima, mesmo não tendo resultados 100% satisfatórios, o que, por sinal, é normal em todos os projetos. Sinto que realmente foi algo bom para mim e para os outros estudantes, até porque isso vai me ajudar no futuro de certa forma. Em relação ao conteúdo do projeto, eu realmente fico feliz em saber fatos que normalmente não são divulgados para nós daqui mesmo da região. A região mutunense foi realmente muito disputada por um bom tempo, por acordos firmados, ficou do lado mineiro da história (já que antes pertenciam ao Espírito Santo).

Realmente percebi que nossa região chega a ser privilegiada ao ter uma história dessas, e, por outro ponto de vista, menosprezada por não ter dados suficientes nem livros retratando os acontecimentos; mas, por bem, fomos selecionados para fazer parte desse projeto para reunir e reescrever dados, mesmo que escassos, e mostrar nossa história. Com certeza estamos sendo cautelosos ao pesquisar e concluir o trabalho, mostrando nosso real empenho nessa pesquisa devido sua importância cultural.

Desconhecia que existiria aqui uma disputa pelo local por conta da atual situação pacífica, mas nem sempre foi assim, já que, no passado, o município viveu um período de intensas disputas territoriais entre os dois estados (Minas Gerais e Espírito Santo), por vezes, acabando em episódios de violência armada. Essas disputas realmente me surpreenderam, já que remontam ao período imperial brasileiro, duzentos anos atrás, mostrando, assim, a importância estratégica da região.

Ademais, ambos os estados realizaram diversos acordos no período estudado, porém, somente em 1911 foi estabelecido um convênio

para uma resolução definitiva, assinada entre os governadores, para solucionar os conflitos que haviam. De acordo com Portes (2007):

Esse convênio assim delimita a área litigiosa: a oeste, a linha entre a cabeceira do rio José Pedro, afluente do rio Manhuaçu e a embocadura deste no rio Doce; a leste pelo divisor de águas entre os rios Guandu e Manhuaçu. Dentro daqueles limites a Comissão deveria encontrar bases para sentenciar definitivamente, levando-se em consideração as divisas naturais, a tradição, o interesse dos habitantes e o *utti possidetis* verificado (Portes, 2007 *apud* Soares, 2013, p. 25).

Em nosso projeto, tivemos a oportunidade de conhecer e pesquisar dados e relatos presentes no acervo digital da Biblioteca Nacional, na parte referente à Coleção Digital de Jornais e Revista da Biblioteca Nacional, o que facilitou a procura de informações.

A questão secular foi um desafio muito grande para qualquer governo, de ambos os lados tudo parecia uma luta sem fim, mostrando e exaltando a geografia e a história da região, mas se revelando uma luta inglória, que trouxe conteúdos e mais conteúdo para jornais e revistas da época.

3.1.2 Estudante II: Formação territorial

Quando fui convidada para fazer parte do projeto, não pensei duas vezes para responder que sim, queria participar. Muitos falaram que era bobagem, e eu não ia ganhar nada com isso, mas agora vejo o tanto que aprendi coisas novas. Aprendi as histórias de Mutum/MG e como ela mudou com o tempo. O projeto foi uma experiência muito maravilhosa, nos ajudou a amadurecer mais e abrir novas portas e caminhos para nossas vidas. Nesse projeto, tive uma boa experiência, aprendendo como Minas Gerais e parte de seus municípios foram se formando ao longo dos anos e, nesse contexto, como Mutum veio a pertencer a Minas Gerais e não ao Espírito Santo.

Tive a oportunidade de estudar sobre a história da formação de Mutum e como ela passou a fazer parte de Minas Gerais. Partindo de uma região que era habitada por indígenas e reivindicada tanto por Espírito Santo quanto por Minas Gerais, passando a pertencer a Minas no ano de 1914.

Figura 3: Localização do município de Mutum/MG



Fonte: Acervo dos autores.

Meus estudos me trouxeram uma dúvida: Mutum recebeu esse nome por causa de um santo ou por causa do governador de Portugal? Ao ler os textos, essa questão me chamou bem atenção e diante das pesquisas foi explicado acerca da questão:

Ao fazer o conhecimento de suas terras em 1864, o alferes acompanhado pelo Major Joaquim Teixeira e um grupo de aborígenes desceram por um rio até a foz de um de seus afluentes da margem esquerda, subiram a margem esquerda deste e chegaram no dia 17 de junho, data consagrada ao santo São Manuel, ao local onde existira anteriormente uma povoação, ao qual deram o nome de Guaxima (malvácea muito abundante na região), ao rio deram-lhe o nome do referido Santo e ao afluente denominaram de Mutum designação de uma ave muito comum na região (IBGE, 2022b).

Depois de passar dezoito anos, Francisco Inácio doou 20 alqueires de terra para fazer uma capela em honra a São Manuel, assim, no local surgiu uma nova povoação que passou a se chamar de São Manuel do Mutum. Pude esclarecer que a atual denominação do município era o nome indígena de um pássaro comum da região. Essa parte me chamou

bem a atenção, pois esclareceu uma dúvida que eu tinha. Por isso eu acho legal esses estudos, eles nos ensinam, esclarecem nossas dúvidas e abre mais o nosso pensamento para um futuro melhor, nos permitindo entender nossas origens, e os conflitos que construíram nossa identidade.

3.1.3 Estudante III: Disputas entre os estados

Esses textos me ensinaram coisas que eu não fazia ideia, como a história de Mutum e a origem do seu nome, por exemplo: no idioma dos boruns, “mutum” significa cor preta. Tive uma experiência como uma viagem aos tempos antigos, podendo conhecer a história do nosso lugar. Foi divertido ler e aprender o passado e as confusões que ocorreram entre líderes de governo.

Aprendi sobre os rios, Rio Pardo e Rio José Pedro, os textos ajudaram a entender o passado para compreender os dias de hoje, e as confusões que existiram para termos esses nomes, do lugar onde moramos. Tem muita coisa que eu não sabia, aprendi lendo, por exemplo: tinha dois chefes, um chamava-se Osório e o outro Leandro, eles tinham “ganges”. Osório era do lado capixaba e Leandro do lado mineiro. Antes, o território se chamava Marechal Hermes; depois S. Manoel de Mutum. Vários lugares eram nominados por causa da religião ou do idioma, e já sofreram várias mudanças até chegar no nome atual. Aprendi ainda sobre o contestado, os limites territoriais, a Igreja e diversas coisas importantes, como os 21 esqueletos achados em covas perto de uma nascente, que provavelmente foram resultado de guerras. É interessante aprender sobre o tempo antigo e sobre as pessoas que lutavam por terras e que foram importantes para mudar a realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se a importância do desenvolvimento da Iniciação Científica na Educação Básica, pois foi esse projeto que contribuiu para o desenvolvimento da capacidade de pesquisa e do pensamento crítico dos estudantes. Foi possível proporcionar aos participantes a experiência

de se debruçar sobre um tema para descobrir fatos e acontecimentos que levaram a formação de seu local de residência, trazendo, assim, o sentimento de importância que o espaço em que vivem têm na construção da história e de sua identidade e sentimento de pertencimento.

A partir deste trabalho, os estudantes tiveram acesso a fontes de pesquisas convencionais e não convencionais no âmbito da Educação Básica, muito além do livro didático, como as leituras desenvolvidas em artigos científicos e periódicos presentes na Biblioteca Nacional, bem como jornais, revistas e cartas. Também pudemos proporcionar a experiência do contato dos estudantes com Tecnologias de Informações Geográficas (SIG), para o conhecimento e as construções das possíveis bases territoriais da região do contestado.

No que tange a busca por relatos e documentos sobre o tema analisado, pudemos montar um pequeno, mas rico, banco de informações contidas em jornais, livros e cartas oficiais trocadas entre os presidentes estaduais do período estudado. Há muito no que se pode avançar, tanto na pesquisa documental quanto na de campo, nos levantamentos de dados empíricos, no manuseio e na construção das bases cartográficas da região contestada e do município, mas o que foi feito neste trabalho proporcionou conhecimentos importantes para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, D. A. *São Manuel do Mutum: Município (formação e criação) e Paróquia (caminhada histórica)*. Belo Horizonte: O Lutador, 1992.

ESPINDOLA, H. S. Sertão, território e fronteira: expansão territorial de Minas Gerais na direção do litoral. *Fronteiras*, Dourados/MS, v. 10, n. 17, p. 69-96, 2008.

FUNDAÇÃO Biblioteca Nacional. *BNDigital I: Coleção de Jornais entre 1890 e 1914*, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 maio 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Recenseamento do Brasil em 1872: Espírito Santo*. IBGE, 2022a. Disponível em: <https://>

biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v4_es.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mutum: histórias e fotos*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mutum/historico>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MICHELATO, A. A. G.; ALMEIDA, E. M. A formação do território capixaba: ocupação e conflitos em cinco séculos de disputas. *Revista SINAI*S, UFES. Vitória, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/35315>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PHAROL. Indicador Geral da Cidade de Juiz de Fora. *O Pharol*, 29 abr. 1911, ed. 00100, 1911. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=258822&pagfis=27760>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOARES, J. G. *Limites Territoriais em Litígio no Brasil: estudo do caso existente na divisa entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, no interior do Parque Nacional do Caparaó*. 2013. Dissertação (Pós-Graduação em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2013.

NOSSA BIBLIOTECA: FONTE DE CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO, DE BUSCA E PERTENÇA

Bianca Camille Nascimento Pires¹, Bianca Stefany Pereira Rodrigues¹, Bianca Vieira Vidigal¹, Edmilson Grillo de Souza¹, Fábio Júnior de Araújo Boaventura¹, Jennifer Stefany Gomes Dias¹, João Vítor Barcelos¹, Sara Torres Lopes, Saymon Henrique Alves Soares¹, Walter Vieira Júnior², Mayara Amanda Januário³

1 INTRODUÇÃO

Nosso problema de pesquisa admitiu que a construção de uma mentalidade cultural perpassa e fundamenta-se na própria identidade coletiva. Frente aos tempos virtuais, de bibliotecas virtuais, de livros digitais e digitalizados, ainda podemos pensar em uma biblioteca “convencional” enquanto espaço de aprendizagem e referência para a construção de memória?

Segundo Le Goff (1978), a história é o modo como a memória coletiva se apresenta como discurso científico. Nela, o que sobrevive não

1 Escola Estadual Regina Pacis (Raul Soares/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Regina Pacis (Raul Soares/MG), walter.vieira@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Raul de Leoni (Viçosa/MG), mayara.januário@educacao.mg.gov.br.

é casualidade, mas uma escolha consciente dos agentes que operam no pensamento coletivo. Por essa razão, entendemos que a biblioteca possui potencial histórico e cultural.

Partindo desse paradigma conceitual, visualizamos uma biblioteca como espaço marginal, culturalmente esquecido. Na centralidade do projeto, apostando no núcleo de pesquisa como agente transformador da própria história, retomamos o dia a dia da escola e investimos em uma série de ações culturais que promovessem uma nova experiência no espaço discente. Nessa perspectiva, admitimos o aluno como agente transformador e produto dessa transformação.

A problemática apresentada é o resultado de uma análise perceptiva das nossas pesquisas, no que diz respeito à forma como a biblioteca da escola se encontrava. Considerando que essa visão não é uma singularidade ou especificidade da nossa biblioteca, entendemos, ao longo das nossas pesquisas, que se trata de uma situação corrente e até mesmo já mencionada em artigos e debates que discutimos em nossa construção teórica.

Em grande parte das escolas, a biblioteca não existe como tal, sendo substituído por salas de leitura, “cantinhos” etc... O desenho de bibliotecas nos projetos arquitetônicos das escolas é raro, inclusive quando foram projetadas como parte do edifício escolar, e a dinâmica institucional conduz ao “reaproveitamento” das bibliotecas como salas de aula, sempre que a escola pensa em expansão de matrículas.

Pensar a biblioteca escolar com características físicas que transcendam a ideia de uma sala com estantes de livros não foi o denominador comum nas escolas visitadas. Pelo contrário, muitas bibliotecas se confundiam com depósitos de livros amontoados, sem nenhum critério nem organização. Muitas vezes, encontramos os livros empacotados em suas embalagens originais. Outras se reduziam a “armariotecas”, e os livros se encontravam guardados em armários, trancados a chave, não estando disponíveis para consulta de alunos ou de professores. Em muitas bibliotecas não existiam registros dos livros em catálogos, o que implicava

desconhecimento por parte da comunidade escolar sobre a quantidade e a qualidade das obras de que dispunham (Paiva; Berenblum, 2009).

Nossa biblioteca vinha sofrendo com um desamparo histórico, pelo menos nas últimas duas décadas; e com a falta de documentação, sistematizada e organizada. Tanto a cidade quanto a escola carecem de fontes de informação e consulta sobre sua formação, seu passado, para compreender determinados movimentos e transformações do presente que afetarão as futuras gerações. Ao eleger a biblioteca como centro de revitalização e resgate (promovendo-a como espaço de aprendizagem, convívio e acolhida), a escola contribui para a formação de cidadãos mais conscientes de suas raízes e, portanto, mais seguros nas tomadas de decisão em ações vindouras.

A ação possibilita a criação de vínculos entre as pessoas e os lugares, favorecendo e fortalecendo o sentimento de pertença, o que leva ao cuidado e à busca por preservação dos livros, dos utensílios, dos móveis e de todos os materiais que colaboram para a composição do espaço e de seus desdobramentos materiais e imateriais. Entendemos que, no exercício de pesquisa, contribuímos para a ressignificação da biblioteca, seus usos e excepcionalidades, na comunidade escolar como um todo para a formação global dos alunos.

Na procura por respostas às inquietações encontradas ao longo da pesquisa sobre a própria essência do espaço da nossa biblioteca, os pesquisadores se sensibilizaram com a descoberta de um espaço que se encontrava repleto de obras defasadas pelo tempo, e inúmeros livros de literatura e de consulta sem a devida catalogação ou até mesmo sem registro (já que os registros haviam sido perdidos e não teria como resgatá-los). Ou seja, era uma biblioteca que em si tinha a serventia de ser usada para fins de exposição de vídeos (uso da televisão) ou para que os alunos pudessem pegar algum livro para ler. E, no pior dos cenários, era o espaço destinado a colocar os alunos com mau comportamento de castigo.

Em meio a tudo isso, procuramos, por meio da memória e da pertença, criar lembranças, experiências de se sentir parte daquele espaço, resgatar a identidade da nossa biblioteca, bem como o seu verdadeiro significado

(o fazer memória). Buscamos ainda trazer para a comunidade mais um lugar onde o aluno e o cidadão possam se sentir parte (o fazer pertença).

A memória representa aqui um caminhar que se faz ao longo de uma trajetória que começou antes de nós e que continuamos a criar. Toda essa ação relaciona passado e presente, que por sua vez se torna pertença, na experiência das “ações concretas”, potente no direcionamento dos objetivos coletivos.

Entendemos que a biblioteca é a instituição madrinha da ciência e da cultura. Tomá-la como instituição histórica, apontar e repensar seus problemas, são meios de propagação, preservação e manutenção do conhecimento. Buscamos, ao longo da elaboração do trabalho, evidenciar o quão importante é esse instrumento de cultura, não só para o espaço pedagógico escolar, mas, acima de tudo, para a própria cidade, dada a relevância de seu acervo.

O despertar para a pesquisa acadêmica teve por objetivo metodológico a criação de um sentimento de pertença e de engajamento, no que concerne ao uso, à manutenção e à promoção da biblioteca escolar, bem como a reconstrução da história da própria instituição de ensino, contribuindo para o processo de revitalização da memória e do patrimônio histórico-cultural do município. Nesse sentido, dentro do que se entende por pesquisa-ação, foram combinadas ações que afetaram tanto o espaço físico da biblioteca, quanto as relações que dela se depreendem.

Ao especificar mais propriamente os objetivos, foi postulado aprender como cadastrar e quais são as formas de cadastros dos arquivos existentes na biblioteca. Elaboramos momentos culturais (Noite de conversas com autores da cidade; Participação no 1º festival de literatura da cidade; Dia do Estudante) atraindo, assim, os alunos, os profissionais da educação e a comunidade para conhecerem e reconhecerem a história da escola por meio da biblioteca, salientando seu papel na conquista e na promoção da educação de qualidade que todos almejamos.

Dumont (1983), ao escrever sua tese sobre as bibliotecas escolares comunitárias da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, analisando seu funcionamento em dez escolas de primeiro grau de Belo

Horizonte, cita dupla finalidade para tais espaços: 1) a disponibilização de materiais de aprendizagem; e 2) centro formador de cultura. Nesse primeiro aspecto, é possível dar suporte aos programas docentes e estimular hábitos de leitura. No segundo, o fomento ao espírito criativo coletivo, como espaço para recreação e informação.

Tal colocação acima mencionada fundamenta a importância da nossa biblioteca, não só no cenário escolar, mas como centro cultural também na nossa cidade. Dessa maneira, é mister fazer de nossa biblioteca um lugar onde as pessoas se sintam acolhidas e pertencentes, fazer memória e reconhecer, na própria história, seu valor e sua identidade.

A nossa biblioteca é, além de escolar, também comunitária; o que a torna fonte de conhecimento ao povo raul-soarense. Porém, infelizmente, notamos a falta de tratamento técnico e o descaso do poder público. Devido a essa limitação, o interesse literário popular se mantém estagnado. A ausência de uma entrada social faz com que o espaço esteja constantemente fechado, impossibilitando o acesso à biblioteca da Escola Estadual Regina Pacis.

No campo conceitual, admite-se a perspectiva relacional que o trabalho contempla, partindo da concepção de pertença, de valorização do “meu lugar” no ambiente em que o ser convive, experimenta e atua (Silva, 2018). O sentido de pertencimento escolar que se considera como modelo para o alunado é aquele que privilegia, além do conteúdo curricular, a emoção e a afetividade que o espaço escolar possa proporcionar. Entende-se que as relações de identidade e pertencimento ao lugar são mescladas no processo de apropriação e territorialização do espaço. Isso só é possível quando os sujeitos desenvolvem, nesse local, valores atrelados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, recriando o espaço onde vivem, se identificando e se sentindo pertencer.

Vemos, na ação proposta, a perspectiva de um trabalho que ofereceu aos pesquisadores a condição de que eles próprios, por meio da pesquisa feita, comesçassem a se sentir parte importante da construção do conceito, tal qual nos apresenta Silva (2018, p. 133). A abordagem surgiu como uma forma de incentivar as pessoas a valorizarem e cuidarem do

lugar que estão inseridos. A ideia de pertencimento institui uma identidade no indivíduo que o fará refletir mais sobre a vida e o ambiente, desencadeando uma postura crítica e reflexiva dentro do local onde ele se encontra. Os sentimentos de pertencimento e identidade são construídos no ambiente escolar através do estudo do meio, pois é um espaço de vivência que viabiliza “aprofundar conhecimentos e rever atitudes, conceitos, valores éticos e estéticos” (Lestinge, 2004, p. 5 *apud* Silva, 2018, p. 133).

Como produto cultural coletivo, entendemos de esse sentimento de pertença constitui e constrói ainda uma valiosa memória. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (Le Goff, 1990, p. 476). Nesse sentido, percebemos que a biblioteca é extremamente importante por ser um instrumento de desenvolvimento não só didático, mas social e autônomo.

No que se refere às concepções de biblioteca, existe geralmente uma ênfase nas características da estrutura física e uma separação entre essa e os projetos de incentivo à leitura. As escolas e a maioria dos professores, todavia, não desenvolveram uma análise compreensiva acerca das finalidades sociais das bibliotecas no interior das escolas, remetendo-se a enfoques unicamente didáticos, simplistas e alienadores. Uma concepção mais cuidadosa dos usos sociais da escrita e de suas implicações no campo do desenvolvimento de sistemas de pensamento e de esquemas cognitivos mais amplos poderia considerar a potência geradora de conhecimentos que é a biblioteca, fonte de desenvolvimento da autonomia de pensamento e de criatividade, e poderia, principalmente, tornar a biblioteca um instrumento indispensável na formação da identidade dos atores da escola e da comunidade (Paiva; Berenblum, 2009, p. 185).

O sentimento de pertencimento empregado na instituição tem como prioridade fazer com que os jovens participem ativamente na sociedade, construindo assim um espaço social agradável e incentivando jovens a exercerem seus direitos na sociedade. Como nos apresenta Dias, Gontijo e Matias (2022, p. 11), a escola é um espaço social no qual, além

de conhecimentos, os jovens criam memórias, se relacionam e constroem relações. Assim, recomenda-se o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas às competências socioemocionais, as quais promovam o autoconhecimento e o reconhecimento das qualidades e das potencialidades dos estudantes.

2 DESENVOLVIMENTO

A opção metodológica combinou ações que fortaleceram a história da biblioteca, seu passado e seus usos na atualidade, além do significado para o seu entorno, na perspectiva relacional já citada. Foi feita uma pesquisa documental que buscou, na própria escola e nas escolas da cidade, levantar o máximo de informação possível sobre a história da escola. Para mapear as percepções relacionais comunidade-biblioteca, foram usados dois questionários, nos quais pudemos conhecer o que os cidadãos pensavam/conheciam sobre a biblioteca, de forma a fundamentar as ações que seriam colocadas em prática durante a vigência do projeto.

Na data de 18 de março de 2022, foi realizado o primeiro questionário não identificado (pesquisa de opinião) com alunos e funcionários da escola, a fim de coletar dados essenciais para a pesquisa. Nele, buscamos, a partir de um campo de questões e respostas pré-determinadas, mapear os usos e as percepções a respeito da nossa biblioteca. Na análise desses dados, colhemos observações contraditórias, como funcionários que consideraram a biblioteca como um local viável e prático, que ajuda na aprendizagem do aluno; porém, muitos não conheciam o acervo.

No segundo questionário, realizado nos mesmos moldes e feito na rua com pessoas entre 20 e 50 anos, nas datas de 29 de março 2022 e 30 de março de 2022, pudemos observar que muitas pessoas consideravam a biblioteca como um local importante para a aprendizagem. Entretanto, boa parte nunca citou a importância do espaço da biblioteca com jovens, e muitos não frequentavam o local no período mínimo de 5 a 20 anos. Percebemos que muitos adultos sabiam o quão importante é uma biblioteca; porém, não

transmitiam essa informação aos jovens, fazendo com que eles passem mais “tempos nas telas” (tempo que o jovem passa em frente aos dispositivos digitais e pesquisando trabalhos utilizando a internet).

No dia 4 de maio de 2022, ocorreu uma reunião entre os alunos-pesquisadores, os professores e a gestão escolar, onde foi apresentado um dos objetivos do projeto de Iniciação Científica: o resgate da biblioteca. O intuito era mostrar que a biblioteca não é apenas um local para repouso ou, como já citado, depósito de livros, ou para outras finalidades; e sim um ambiente de pesquisa e produção cultural. Além disso, buscou-se apresentar e explicar a simbologia da figura do elefante, símbolo do projeto “Memória e Pertença”, que foram espalhadas pelas áreas da escola. Na oportunidade, também se discutiu os questionários feitos na escola e no centro de Raul Soares, problematizando os resultados encontrados.

A partir do que foi visto nos resultados do primeiro questionário, em razão do pouco uso e conhecimento da biblioteca, os pesquisadores consideraram a realização de um evento aberto à comunidade, para que fosse possível ver uma mudança nos dados do segundo questionário, usando o mesmo método do primeiro (alunos e comunidade). Pensou-se, inicialmente, em fazer dois eventos, um ligado a comunidade, que seria uma roda de conversa com os autores da cidade; e o outro seria uma visita levando os pesquisadores nas escolas de Ensino Fundamental, a fim de apresentar a história (memória) e a identidade (pertença) dos futuros alunos da instituição, haja vista que a escola é a única a receber alunos para o Ensino Médio da rede pública.

No campo formal e arquivístico, foram feitas pesquisas pelos alunos-pesquisadores e pelo professor-orientador no arquivo morto da escola, visando descobrir informações antigas sobre a instituição, como a data da construção do prédio, quem foi a pessoa responsável pelo inquérito de solicitação da construção etc... Nessas buscas, foi encontrado, também, o hino escrito para a escola. A letra e a partitura do hino foram escritas pelo então professor Sotero Silveira de Souza, que viria a ser, posteriormente, prefeito da cidade. Descobrimos ainda que no dia 31 de maio foi celebrado o Dia da

Escola Estadual Regina Pacis, momento único da valorização do sentimento de pertença. A data memorável, tal qual se depreende dos registros encontrados, era de desconhecimento da atual gestão.

Objetivando a retomada desse exercício de memória, oportunizado pela agenda do passado escolar, resultado da imersão arquivística, houve o hasteamento da bandeira e o canto do Hino Nacional Brasileiro, no dia 31 de maio de 2022, e, ao final, a apresentação da intencionalidade do grupo em retomar o referido “Dia da Escola”.

No aspecto relacional, investimos nas vivências, nas percepções e nas experiências culturais da biblioteca. Após a análise dos questionários aplicados na comunidade, o núcleo de pesquisa optou pela criação de um cronograma de ações que pudesse, ao longo do ano, fortalecer o conceito de historicidade na criação de uma sociedade consciente de seu papel e de sua construção. Com o desenvolver das atividades, fomos aprendendo a desenvolver novas e variadas habilidades, por exemplo o senso de organização, de leitura e de pesquisa. Foram experimentadas e vivenciadas situações que nos permitiram colocar em prática potenciais habilidades e competências. Essas referidas ações tiveram por culminância um dia temático, para exposição do projeto para toda a escola e convidados.

No dia 10 de agosto de 2022, um dia antes do evento, denominado “Dia do Estudante”, nós, alunos-pesquisadores e mais alguns alunos-colaboradores, organizamos a escola. Foi um rico momento, de intensa entrega e união, com a intenção de levar os alunos e convidados à uma completa experiência de memória e pertencimento. Essa ação ofereceu a todos um olhar carinhoso sobre o próprio ser como agente de transformação.

No dia 11 de agosto, os alunos foram distribuídos em grupos de duas turmas (cerca de 70 alunos em média) e encaminhados para as estações que, por sua vez, tinham o papel de levar os alunos a uma viagem. Segue-se um relato das estações e suas impressões.

Na Estação Empirismo, houve a participação de quatro grupos de alunos que em cada turno tiveram a oportunidade de apresentar experimentos de química e física, sendo eles: condução de energia elétrica pela

água, efeito da luz na água e oxidação da dipirona. Na Estação Túnel do Tempo, aconteceu a simulação de paredes, como um túnel, preenchendo com fotos e arquivos importantes para que as pessoas pudessem conhecer um pouco mais sobre a história do projeto.

Já a Estação Descoberta deu a oportunidade aos alunos e aos funcionários de conhecerem alguns dos escritores/poetas de Raul Soares. Houve um bate papo dos alunos com os escritores que, por sua vez, relataram suas histórias, lições de vida e ainda leitura de algumas de suas obras. A participação e o interesse dos alunos não deixaram de serem percebidos. No evento, ocorreu ainda um momento de fotos com os autores e sorteio de algum de seus livros.

Na Estação Memória, os alunos tiveram a oportunidade de assistir a um documentário gravado, interpretado e editado por nós, pesquisadores, cujo roteiro contava a história da escola, desde a sua idealização até a compra do terreno, a construção do prédio, chegando aos dias atuais. Após a exibição do documentário, ainda foi feita uma palestra, com o auxílio de slides, aprofundando um pouco mais o conteúdo do vídeo e fazendo a exposição de algumas fotos antigas.

Por fim, na Estação Conhecimento, mostramos, com as bibliotecárias, a importância dos livros, a partir de amostras de novos exemplares que chegaram à nossa biblioteca e de algumas dinâmicas relacionadas a literatura e a importância da biblioteca. Conseguimos perceber que, com esse evento, foi possível alcançar um de nossos importantes objetivos: a aproximação dos alunos com a biblioteca.

3 RESULTADO E DISCUSSÕES

Os desdobramentos desse trabalho, como resultado esperado, sinalizaram para o afinamento nas relações entre a escola e a comunidade. As etapas da pesquisa fomentaram a valorização dos próprios escritores locais e, por essa razão, o grupo propôs separar uma parede da biblioteca para se fazer um memorial dos escritores de Raul Soares. Nessa medida,

o trabalho se desdobrou em outras potencialidades, também de caráter educativo. Um deles, uma pesquisa biográfica com entrevistas com alguns escritores, trabalho que contou com o apoio da professora de História e de alunos dos primeiros anos do Ensino Médio do período vespertino.

Outros resultados deste projeto foram o convite para uma entrevista na rádio local e a participação no Primeiro Festival de Literatura do Interior (FLIN), que aconteceu entre os dias 15 e 19 de agosto de 2022 em nossa cidade. Como já mencionado, o projeto previu, até o final do ano, um balanço como resultado das ações, na expectativa de que a cidade reconhecesse a Biblioteca Pe. José Silvério de Araújo em sua memória e pertencimento.

Conseguimos ainda agregar valor ao espaço físico da biblioteca, valorizando também a pesquisa física e a virtual. Com os recursos ganhos do projeto, adquirimos para a biblioteca notebooks que serviram para pesquisas internas (acervo dos livros e documentos da biblioteca) quanto para as pesquisas virtuais. Aumentou-se, assim, o campo de pesquisa dos alunos e usuários da biblioteca, no que tange à modernização do espaço, superando a ideia de que ele fosse apenas depósito de livros.

Retomando os conceitos que nos foram basilares, refletir sobre o que é ter e/ou fazer memória e pertença foi compreender um aspecto relacional e coletivo. Foi um processo de transformar o público-alvo, mas também de fazer essa mudança de mentalidade nos próprios educandos. O saber reflexivo, próprio do exercício investigativo, constrói um saber democratizado, no qual o estudante também é participante. Nesse sentido, amplia seu entendimento de mundo, de cultura, e o aproxima da organização escolar como um todo, ao manifestar seus anseios e desejos dentro de um problema de pesquisa.

A observação cotidiana dos alunos, após a pesquisa-ação, mostrou-se proveitosa ao evidenciar os resultados positivos alcançados pelo trabalho. No Dia do Estudante, por meio de uma caixa de opinião, foi possível colher as percepções do evento, onde os participantes da culminância manifestaram sua satisfação, envolvimento e entusiasmo com as experiências promovidas pelo grupo de pesquisa. Percebeu-se a partir daí uma

mudança de mentalidade no que se refere ao sentido de pertencimento e à promoção de eventos de valorização ao espaço da biblioteca escolar. Com a chegada de novos livros, observamos uma crescente popularização da leitura em nossa escola, trazendo de volta o entendimento de uma biblioteca que também é comunitária. Dessa forma, percebemos a eficácia do projeto em nossa instituição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se este relato destacando o sentimento de realização de um dos momentos significativos da história de mais de 50 anos da Escola Estadual Regina Pacis. Fazer parte desse momento e poder aqui relatar é significar a memória como processo de transformação do agir, do sentir, do viver. Sabe-se que muitas outras ações ainda estão no porvir. Citando uma frase atribuída a Madre Teresa de Calcutá: “O que eu faço é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor”. Compreende-se que cada um de nós se tornou uma gota que, ao se juntar, inundou os corações de muitos. Ou ainda, como produto de um saber científico, entendemos que a memória e o pertencimento surgem como produções culturais coletivas, vibrantes e dinâmicas, que podem e devem ser ambientadas no universo escolar.

REFERÊNCIAS

DIAS, K. S.; GONTIJO, S. B. F.; MATIAS, J. P. Acolhimento e pertencimento estudantil no ensino médio integrado. *Revista Nova Paideia*, Brasília/DF, v. 4, n. 1, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/95>. Acesso em: 21 out. 2024.

DUMONT, M. M.V. *As bibliotecas comunitárias da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais: análise de seu funcionamento em dez escolas de primeiro grau de Belo Horizonte*. 1983. Dissertação (Mestrado em Administração de Bibliotecas) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.

LE GOFF, J. Documento/monumento. 1978. In: LE GOFF, J. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 173-188, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/WSnjQJ7PWctJPmpXLcGtTLJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SILVA, A. S. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. *Revista brasileira de educação em geografia*, Campinas, v. 8, n. 16, p. 130-141, 2018. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/535/300>. Acesso em: 21 nov. 2024.

TERRITÓRIO DO AFETO – UM MANIFESTO PELO DESPERTAR DO ÓBVIO: ESTUDOS DE PAISAGEM, CULTURA E CIRCUITO DE MEMÓRIA COMO PRÁXIS DO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA ESTADUAL MANOEL LOUREIRO, EM JOÃO MONLEVADE

Alêssa Silva Marques¹, Ana Letícia dos Reis¹, Fabian Giovanna Marcolino dos Santos¹, Felipe Júnior Silva Brumado¹, Karine Laila dos Santos¹, Karlos Henryck Aparecido de Souza¹, Rafaela Luiza de Mello¹, Stefany Ferreira Mendes Batista¹, Tuane Vitória Januário Rodrigues¹, Vitor Hugo Assis Sampaio¹, Rosângela Gonçalves Silva², Joel dos Santos Pereira³, Leandro Marques³, Marisa Bueno de Bellis³, Marcelo Ribeiro Vasconcelos⁴

1 INTRODUÇÃO

Quando se aborda o tema patrimônio, é possível perceber que poucas pessoas foram sensibilizadas para entender que as

1 Escola Estadual Manoel Loureiro (João Monlevade/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Manoel Loureiro (João Monlevade/MG), rosangela.silva1@educacao.mg.gov.br.

3 Coorientadores, Escola Estadual Manoel Loureiro (João Monlevade/MG).

4 Tutor, Escola Estadual Delfim Moreira (Juiz de Fora/MG), marcelo.ribeiro.vasconcelos@educacao.mg.gov.br.

memórias afetivas, subjetivas, podem ser tão próximas e, portanto, coletivas, e que trazem, em si, o pertencimento ao grupo que com elas se alinha. Identificar-se com a periferia, de modo especial com o *Cruzeiro Celeste*, no município de João Monlevade, faz parte da construção de um sentimento de pertença pouco explorado e validado positivamente: a região foi formada por populações que emigraram em busca de renda e maiores possibilidades de sobrevivência, criando esse espaço de vivência que ainda está “nas trevas” da compreensão patrimonial da cidade.

É muito difícil validar a exuberância de um lugar se ele está bloqueado por muros reais e simbólicos, como define Teresa Caldeira em “Cidade de Muros” (2003). Muros que nos diminuem e despertam em nós sentimentos menores. Alimentados pela ideologia do poder do capital, consecutivamente deixamos as nossas raízes de fora.

No entanto, quem cria cultura é todo ser que habita um território. Espanta-se quem descobre que o conceito de patrimônio cultural vai além de obeliscos e fatos históricos, mas que está presente, também, na riqueza das lembranças do vivido pelas sucessivas gerações, a marca, forte e presente, da referência de cada indivíduo que se agrega ao território. São essas relações que compõem o que se entende como paisagem.

Pretende-se que este texto consiga, de fato, derrubar e revelar cada vez mais os muros que nos impedem de vivermos a nossa própria história, para que sejamos livres e autênticos, expressando-nos nas mais distintas linguagens que nos identificam e nos inserem, sem sermos diminuídos ou cerceados de nossos direitos por não pertencermos a um padrão que o poder dominante emprega.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este projeto estruturou-se nas diretrizes do Programa de Iniciação Científica da Educação Básica (ICEB), ofertado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). Nosso objetivo foi desenvolver a Educação Patrimonial. Por meio dela, fomentar o trabalho com a pesquisa

científica, de modo a identificar, conhecer e compreender para assim, reconhecer, publicizar e preservar os patrimônios culturais da cidade de João Monlevade, de modo especial, aqueles advindos do Polo Regional do Cruzeiro Celeste, levando ao conhecimento dos leitores e, principalmente dos moradores dos bairros que compõem região, uma análise mais aprofundada dos emaranhados tecidos sobre suas próprias histórias e origens, ainda bastante desconhecidas em suas complexidades.

Para isso, foi seguido um roteiro de trabalho de base qualitativa⁵, utilizando métodos adequados às pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais. A proposta desenvolvida foi delimitada por aulas de campo, na modalidade de aula-passeio⁶, por revisão bibliográfica e por um conjunto de entrevistas estruturadas, formuladas a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa.

A delimitação dos conceitos de Cultura, Memória, Paisagem, Território, Patrimônio, Afeto, Referência, Periferia e Direitos Sociais foram a base do aporte teórico que sustentou tanto o contorno daquilo que se pretendia pesquisar quanto a análise dos índices revelados pelos dados compilados.

A estruturação das entrevistas, autorizadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)⁷, deu-se a partir do levantamento das expressões culturais mais relevantes e identitárias para a comunidade escolar local, com foco na memória e nos registros da paisagem urbana (Pereira, 2018).

As aulas-passeio foram divididas em duas etapas. Na primeira, objetivou-se ampliar os horizontes do olhar dos pesquisadores. A partir da perspectiva da educação do olhar, a segunda visita técnica consistiu-se no mapeamento da região do Cruzeiro Celeste, desde seu ponto

5 Ao nos apropriarmos de uma abordagem qualitativa, caberá aos pesquisadores relatar o planejamento da pesquisa, desde a coleta de dados e documentos, até suas análises e interpretações, garantindo a compreensão e a construção dos significados do objeto em estudo (Pereira, 2018).

6 O educador francês Celestin Freinet (1975) utilizou o termo “aula-passeio” para incorporar o espaço de vivência do aluno à escola, rompendo um modelo de aula meramente expositivo, de forma a incentivar a criatividade, a liberdade de expressão e a organização coletiva dos alunos, garantindo-lhes a criticidade e a autonomia.

7 CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

de origem até as suas imediações, a fim de cruzar os dados levantados em ambos os lugares visitados, buscando entender suas origens e suas histórias, paridades e contradições.

Compreender a realidade de um território passa por analisar questões conceituais importantes. No estudo de uma porção de terra, as relações materiais e imateriais definem seus paradigmas. Gottmann (2012) afirma que o território consiste em componentes materiais ordenados no espaço geográfico de acordo com certas leis da natureza. Os componentes naturais de qualquer território foram determinados pela ação humana e são usados por um certo número de pessoas por razões específicas, sendo tais usos e intenções definidos por, e pertencentes, a um processo político. Território é, portanto, um conceito gerado por indivíduos organizando o espaço segundo seus próprios objetivos.

Tomando a perspectiva fenomenológica, que opera a realidade a partir da interpretação humana no tempo, nos lugares de vivência e em suas relações, Lefebvre (1997) ilustra o espaço utilizando o exemplo da troca. A troca, assim como a origem histórica da sociedade da mercadoria, não é limitada à troca (física) de objetos. Ela também requer comunicação, confronto, comparação e, por conseguinte, linguagem e discurso. A relação de troca também contém um aspecto afetivo, uma troca de sentimentos e paixões que ao mesmo tempo liberta e aprisiona o enfrentamento (Lefebvre, 1977, p. 20-22).

Dessa forma, ao elaborar um conceito de patrimônio, a partir da lógica do discurso, Olender (2017) explicita que o conjunto de obras que compõem a materialidade da paisagem precisa ser entendido não apenas em sentido objetivo, mas também na sua subjetividade, na qual a importância não cabe propriamente às obras, mas ao valor que a elas atribuímos. Assim, espaços e vivências são conceitos imbricados à noção de identidade, e é a partir desse entendimento que se consegue desvelar o olhar para o invisível que recobre as sutilezas da ação humana sobre o território, conferindo-lhe os aspectos de paisagem.

Paisagens constituem-se através da identificação dos grupos com as suas demandas e os seus discursos, das quais se pode depreender o

conceito de comunidade: pessoas que se identificam nas suas relações e que têm sentimentos de pertencimento bem delineados. Dentre esses territórios está a periferia. Em regiões periféricas, a maioria das pessoas vive do trabalho informal ou formal de baixa remuneração, sendo a maior parte dos empregos ligados ao comércio. Essa natureza de atividade contribui para caracterizar uma população de classe, nesse caso, pobre e trabalhadora. De acordo com o historiador e youtuber Jones Manoel (2021), nos seus estudos sobre o marxismo, compreende-se que há uma sociedade com diversidade de classes sociais estabelecidas pelo poder capital dominante. Nessa perspectiva, apesar da população periférica se identificar como uma classe pobre e trabalhadora, ela é determinada a seguir comportamentos e modos de ser, que obedecem a um mesmo padrão elitizado.

Subúrbios, normalmente, caracterizam-se por modos de vida em comunidade, a qual abrange pessoas cujas histórias individuais e coletivas se caracterizam pela organização e pela luta por direitos sociais dos quais são apartadas. As regiões em que cada pessoa mora, suas formas de criação, o autoconhecimento e as memórias ligadas a elas, precisam ser compreendidos como o aspecto afetivo da ideia de paisagem como patrimônio; uma vez que, frequentemente, pessoas são julgadas pelo lugar onde moram (de modo especial, no referente à periferia, entendida ideologicamente como região de vandalismo, generalizando a violência como estigma desse tipo de paisagem). O que se pode confirmar na fala de seus moradores:

Lembro de uma forte onda de violência com muitas mortes, principalmente voltada ao tráfico de drogas, o que gerou bastante preconceito em nossa região. Creio que ainda hoje carregam preconceito sobre. Mesmo tendo amenizado. Foi um marco muito forte destacado até nos dias atuais (Entrevista com morador).

Para Raymond Williams (2007), o capital dominante determina padrões sociais excludentes e define um modo específico de comportamento coletivo denominado de cultura. Nesse contexto, cultura é antes de tudo um processo de desvinculação e não de identificação de um indivíduo com seus espaços, modos de ser e de viver coletivos. Tal desvelamento

precisa ser objeto da educação patrimonial. As relações que produzem identidade são carregadas de memórias de vivências significativas para os grupos aos quais elas pertencem. Ecléa Bosi salienta que

a Memória se concentra em lugares “privilegiados”, quase sempre com um nome e que se constituem como “referências” duradouras e carregadas de histórias. A narração da própria vida é o testemunho mais convincente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória (Bosi, 1994, p. 81-82).

Para Candau (2016, p. 156), memória e identidade estão totalmente interligadas com lugares, considerados “lugares privilegiados”, elevados à categoria de referência. A principal característica de um lugar que representa uma memória “é a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte” (Nora, 1993, p. 20). A função desses lugares é dada pelo historiador Pierre Nora (1993) como “lugares de memória”. Candau (2016) entende que um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha. Por isso, os espaços e as vivências transformam-se em patrimônio, a partir do momento em que as gerações ressignificam seus afetos e seus modos de ver e de sentir para seus descendentes.

É importante tornar observável que quando falamos em identidade tratamos de conceitos diferentes que se complementam e interferem ou até mesmo ferem o nosso modo de ver as coisas, permitindo-nos desenvolvê-lo para preservá-lo ou modificá-lo. Em se tratando de cultura, nada é fixo porque, como forma de comunicação e comportamento, ela é reconstruída constantemente, a partir de algumas permanências que lhe atribuem identidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O bairro Cruzeiro Celeste iniciou-se com a doação de um terreno onde se encontra hoje a igreja do Cruzeiro Celeste. A capela original foi inaugurada há 112 anos (no ano de 1905). Para demarcar o início da obra, foi erguido um cruzeiro, o qual podemos considerar como o primeiro

marco afetivo local, uma vez que se constituiu como principal elemento simbólico do lugar, ocupando, nesse caso, o status de monumento. *“A principal identidade do bairro Cruzeiro Celeste é a Igrejinha que é um Patrimônio da cidade. Ela é mais antiga que a igreja São José Operário, sendo a primeira igreja a ser construída”* (Entrevista com morador).

Meio século depois, a igreja recebeu uma enorme cruz, doada pelos missionários monfortinos. Consecutivamente, uma pedra fundamental anunciava a substituição da igreja velha. Anos mais tarde, com o advento da BR-262, foi erigido um novo cruzeiro no local, dessa vez, pintado de azul celeste, dando origem ao atual nome da região (Descortinando o Cruzeiro Celeste, 1996). Nesses termos, a religiosidade é, portanto, um elemento de memória, porque encontra nas igrejas um forte agregador social, favorecedor de interações e de identidades coletivas.

Em visitas técnicas, aqui denominadas de aulas-passeio, realizadas nas cidades coloniais de Catas Altas e Santa Bárbara/MG, foi possível perceber que as construções arquitetônicas religiosas, em especial as igrejas católicas, ocupam pontos de centralidade ao longo da paisagem, o que não foi diferente da região pesquisada neste estudo. Na parte alta do Cruzeiro Celeste, que é mais recente e recebe a população de menor renda local, encontra-se um número considerável de igrejas evangélicas. A região central do polo comporta a maior parte das igrejas católicas que, semelhante às igrejas coloniais, reproduzem, em sua medida, o poder do divino representado na forma de ouro.

Em cidades patrimoniadas, como Catas Altas/MG, foi notório o processo de identificação dos visitantes, de modo geral, com a história que a paisagem preservada conta. O processo de democratização do acesso a bens e memórias públicas contribui para a permanência do entendimento do espaço, do lugar e dos monumentos como patrimônio, impulsionando o valor da memória, carregado de referência, afeto e pertencimento. Observou-se, de forma lúcida, a posição de patrimônio caracterizado não apenas por uma legislação, mas pela educação patrimonial da população que ali se encontra. O mesmo não acontece em regiões desapropriadas

de sua própria história, como a ora pesquisada. Esses lugares contam com informações factuais, normalmente atreladas a estigmas próprios dos espaços marginalizados. Talvez fora relegado à periferia um trabalho de educação patrimonial que lhe permita o despertar do óbvio: existem memórias e histórias de afeto que constroem um grupo de pessoas como comunidade. Suas histórias vão além dos fatos.

No prefácio de Williams (2007), Maria Elisa Cevalco depreende a crítica do autor sobre o conceito de cultura como a forma de pensar os lugares determinado por uma elite dominante. Nesses termos, cria-se um domínio que promove, para além da divisão territorial, uma divisão ideológica, fazendo com que o indivíduo se exclua da sua própria memória.

Entrevistas com os moradores das áreas periféricas do lugar revelaram que, nos últimos anos, poucas mudanças ocorreram. Apesar disso, na oportunidade da aula-passeio para visita técnica, foi perceptível o aumento dos espaços habitados nos arredores do local de origem da fundação do Cruzeiro Celeste. Uma observação a partir do ponto mais alto da geografia local permitiu visualizar a divisão de novos bairros contornando o território de origem. Dessa forma, constatou-se que o processo de desenvolvimento da região é renovado constantemente e reproduz, conforme Cardoso (2000), as práticas de segregação social a partir da segregação espacial, o que se pode entender através da análise dos relatos dos moradores locais.

Neste Relato de Experiência, a memória local, investigada a partir de entrevistas qualitativas estruturadas em um universo de 15 moradores, envolveu dois grupos de análise. Sob a perspectiva, portanto, de dois olhares distintos, sejam eles moradores-crianças, que hoje estabeleceram família e moram no local, sejam jovens e adultos que se estabeleceram no local a fim de criarem suas famílias e hoje são idosos. Em ambos os grupos, o período analisado foi de 40 anos, considerando seu início na década de 1980. Ao analisar as mudanças e as permanências que se deram no lugar com o passar do tempo, uma entrevistada salientou que *“é impossível durante 44 anos as coisas ficarem do mesmo jeito, sempre existe algo a melhorar”*.

Todos os moradores alegaram em seus depoimentos a precariedade na garantia dos direitos sociais até a década de 1980. Dado que corrobora com dois marcos históricos muito importantes no país, o processo de redemocratização, a partir de 1985, e a Constituição Cidadã, de 1988. O que se pode constatar em memórias como:

Tenho lembrança da precariedade no saneamento básico. Não tinha água tratada, nem rede de esgoto, e poucas ruas com calçamentos. Mas isso não retirava da comunidade um comportamento acolhedor, doador e benevolente. As pessoas dividiam desde água de cisternas até o sofá na hora das novelas. O que um não tinha, o outro supria. Era uma troca. Quando eu tinha 6 anos, anunciaram o calçamento das ruas e água encanada; eu me senti importante, porque teria água em caixa d'água (Entrevista com moradora local que viveu na região desde o nascimento, hoje com 44 anos).

Analisando as entrevistas, pudemos perceber que há muitas relações de natureza coletiva e, portanto, de identidade e memória entre elas. Entre essas semelhanças está a ideia de referência, que de acordo com Olender (2017) constitui o patrimônio cultural, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, que reportam à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade. Nesse caso, especialmente, o entendimento de desenvolvimento atrelado às garantias dos direitos sociais e à religiosidade como expressão de vida social. Ao pontuarem os espaços de referência local, o território mais apontado foi o de um supermercado, localizado na região central do lugar. Seguido de uma escola de grande porte, que atende a mais de mil estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e as Igrejas (católicas e evangélicas, em especial) todos na mesma circunscrição. Nenhum espaço de cultura, lazer ou entretenimento laico foi citado.

Um dos entrevistados analisou as complexidades interligadas à desassistência pública, e sua fala final conclui a reflexão desse grupo de pesquisa:

Passavam dificuldades como o difícil acesso ao transporte público e ao posto de saúde, mas com muitas manifestações pacíficas e união do povo conseguiram a implementação do asfalto, ônibus que chegasse até lá, e a aprovação da passarela se tornando independente do bairro Carneirinhos, mas ao mesmo tempo criando um muro

invisível, fazendo com que o bairro se tornasse uma periferia da cidade
(Entrevista com morador).

Apesar do paradoxo, com a ajuda da população, por meio tanto de debates públicos quanto de contribuições e arrecadações financeiras, foram construídas a Escola Manoel Loureiro e, posteriormente, uma Unidade Básica de Saúde (UBS), dando conceito à palavra comunidade (que se refere a um grupo de pessoas que compartilham algo em comum, como uma história, um objetivo ou uma prática).

No fechamento das percepções de memória analisadas nas entrevistas, restou ainda o entendimento das tradições religiosas como festejos e entretenimento, uma vez que se constituíam como o espaço mais significativo de experiências de vivência social. Entre elas, manifestações de matrizes africanas ajustadas ao sincretismo católico, como se evidencia na fala de um dos entrevistados: *“as tradições eram o congado, também tinham o costume de celebrar festas de santos”*.

Percebeu-se nos relatos, para além da convivência, forte apelo político favorecido pelos eventos: *“As manifestações culturais dão identidade a um povo. E as pessoas se sentiam pertencentes ao local. Causava um sentimento de unidade. Favorecia as ações humanitárias”* (Entrevista com morador). Percebeu-se, portanto, que é dessa forma que um circuito de memória se faz, constrói-se e se reconstrói, constantemente, porque é vivo, circular e sobrevive nos diferentes contextos em que é criado. Como elemento de identidade e de produção de cultura, a memória se constitui como um comportamento humano capaz de influenciar os outros e de receber influência.

O imaterialismo, carregado de afetividade, impôs no mapa do patrimônio pessoas, grupos e espaços, a partir de compreensões de mundo que antes eram relegadas. É provável que essa seja uma das contribuições da educação patrimonial para a humanidade e, de modo especial, para os alunos da Escola Estadual Manoel Loureiro: despertar o protagonismo social onde ele era, até então, desconhecido.

3.1 Produto didático: caderno cultural

Como resultado deste relato de experiência, disponibilizamos em formato digital e impresso o caderno cultural *Território do Afeto – Um manifesto pelo despertar do óbvio: Estudos de Paisagem, Cultura e Circuito de Memória como práxis do desenvolvimento da Educação Patrimonial na Escola Estadual Manoel Loureiro, em João Monlevade*, que traz uma análise sobre a identificação dos bens patrimoniais sob a ótica de grupos marginalizados, sem a imposição de uma cultura dominante, de modo a romper com a violência simbólica cultural (Bourdieu, 1989).

O caderno cultural foi dividido em eixos estruturantes que iniciaram com o prefácio sobre a proposta deste relato de experiência e apresentou a metodologia de pesquisa, bem como todo o referencial teórico necessário para subsidiar o entendimento do leitor, despertando-o para uma análise de conceitos, como memória, patrimônio, paisagem, território e afeto, em um viés antropológico e sob a percepção dos estudantes-pesquisadores em relação aos lugares de memória dos seus respectivos espaços de vivência e experiências.

O caderno cultural se apresenta de forma didática em relação às problematizações sobre cultura, memória, territórios e patrimônio cultural, numa linguagem acessível a todos os tipos de leitores, convidando-os a compreender suas representações culturais, por meio de interfaces e interações textuais coloridas e dispostas de forma agradável e atrativa, ao longo de suas páginas, tornando a leitura prazerosa. Por fim, o caderno retratou uma síntese dos bens culturais identificados pelos estudantes que, apesar de configurarem a paisagem cultural da comunidade local, eram invisíveis e imperceptíveis sob o olhar dos grupos dominantes.

O documento trouxe ainda as reflexões finais do grupo de pesquisadores em relação à temática do patrimônio cultural e sua configuração nas paisagens, bem como a identificação dos lugares de memória, rompendo uma lógica de imposição cultural. Longe de esgotar as possibilidades culturais presentes nos territórios de afeto dos grupos de periferia, o

caderno apresentou “a luz” que a Educação Patrimonial, quando tratada dentro das possibilidades de relações afetivas com as comunidades, favorece à verdadeira identificação dos patrimônios culturais.

Em suma, numa perspectiva antropológica de cultura (Geertz, 2008), o caderno cultural “abriu caminhos” para novas reflexões sobre o patrimônio cultural, de modo que não hierarquizou os grupos sociais, ao mesmo tempo que valorizou as diferenças culturais por meio da alteridade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando tudo o que se pode desvelar sobre a complexidade das relações humanas, a partir dos estudos de memória, paisagem e patrimônio, percebeu-se como a ausência de políticas que fomentem a educação patrimonial aos cidadãos, particularmente em seus lugares de origem, faz com que as pessoas não consigam se identificar e se reconhecer enquanto grupo que produz história e cultura. O capital dominante cria ideologias que definem valores inalcançáveis, incompatíveis ou até mesmo desrespeitosos com os povos, em uma espécie de marginalização da cultura popular que se manifesta em regiões periféricas, relegando-os à margem da sociedade.

Nesse ínterim, como objetivo, a educação patrimonial precisa despertar o óbvio social em cada indivíduo, mostrando a ele suas raízes, sem temer a comparação cultural, permitindo-lhe significar para construir um presente e um futuro fundamentado no direito a um passado. Pois compreender a própria cultura é ofertar às pessoas a possibilidade de expansão do pensamento, fazendo com que enxerguem a si mesmas, sem precisar de se desconstruir ou alterar seus próprios valores em função de moldes sociais. Cultura se constrói nas relações do ato de educar, alicerçada na democratização de direitos e de conhecimento.

Com o despertar de tantos óbvios, pretende-se que a libertação dos ciclos de dominação impulsione raízes nas almas de grupos que andam pelas sombras sociais. Acredita-se que essa proposta de educação

patrimonial atenda a isso, um manifesto à liberdade e à beleza de descobrirmos em nós uma identidade, uma vez que é por meio dessa ideia de patrimônio que encontramos a chave do despertar social que uma escola pública de periferia pode produzir.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALDEIRA, T. P. R. *Cidades de Muros*. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2003.

CANDAU, J. *Memória e Identidade*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DESCORTINANDO o Cruzeiro Celeste. *O Celeste*, João Monlevade, ano I, n. 1, jun., 1996.

FREINET, C. *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOTTMAN, J. A evolução do conceito de território. *Boletim Campineiro de Geografia*, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 523–545, 2012. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2458>. Acesso em: 21 out. 2024.

LEFEBVRE, H. *De l'État, tome III: le mode de production étatique*. Paris: Union d'Éditions, 1997.

MANOEL, J. Pobre de direita? Marxismo e ideologia. *Jones Manoel*, YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pC-druWz193k>. Acesso em: 22 nov. 2024.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993.

OLENDER, M. O afetivo efetivo. Sobre afetos, movimentos sociais e preservação do patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 321-341, 2017.

PEREIRA, J. S. *A paisagem que vejo e construo*: a aplicação da aula-passeio freinetiana como práxis da Educação Patrimonial em uma escola da cidade de João Monlevade/MG. 2018. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

WILLIAMS, R. *Palavras-Chaves* [um vocabulário de cultura e sociedade]. São Paulo: Boitempo, 2007.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA ALTERNATIVA PARA O REGISTRO E A SALVAGUARDA DE NOSSAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Adryan Ryquelme Marques da Silva¹, Anelise Silva Max¹, Evelyn Victória de Oliveira Rodrigues¹, Gabriele Queiroz Ramos¹, Iasmin Moura da Silva¹, Luiz Henrique Lopes de Oliveira¹, Luna Bianca Fernandes Pereira¹, Matias Pereira Ramos Júnior¹, Taynara Natielly Souza Batista¹, Wellington Jesus Sampaio¹, Samuel José Santiago², Sandra Siqueira Silva³

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Maria Zeli Diniz Fonseca foi criada pelo Decreto nº 45.004, de 09 de janeiro de 2010, com o nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio. No dia 02 de agosto de 2009, a escola se instalou em uma construção própria, um educandário, que fica localizado na Avenida Coronel Pacífico Pinto, 221, no Bairro Fausto Pinto da Fonseca,

1 Escola Estadual Maria Zeli Diniz Fonseca (Nova Serrana/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Maria Zeli Diniz Fonseca (Nova Serrana/MG), samuel.jose.santiago@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Doutor Agostinho da Silva Silveira (Minas Novas/MG), sandra.siqueira.silva@educacao.mg.gov.br.

em Nova Serrana, Minas Gerais. No Diário Oficial de Minas Gerais⁴ do dia 21 de junho de 2010, de acordo com a Lei nº 18.875, publicou-se o nome oficial da escola, que foi denominada Escola Estadual “Maria Zeli Diniz Fonseca”, em homenagem a senhora que doou o terreno para a construção da escola.

Tendo em vista a importância da escola e seu papel para a comunidade, nosso objeto de pesquisa nasceu no seio da escola e nele se frutificou, a partir, principalmente, das expressões manifestas por todos que dele fazem parte. Entender o mundo científico, principalmente no modelo educacional que ainda hoje é proposto na maioria dos componentes curriculares, se mostrou um grande desafio para nós estudantes. O projeto de Iniciação Científica, nesse sentido, veio inicialmente como uma oportunidade de nos conectarmos com os métodos e a forma de se fazer ciência, principalmente “Ciências Humanas”, que em algumas vezes nos é apresentada muito associada a opiniões políticas e principalmente ligada ao senso comum.

Quando falamos de patrimônio cultural, a ideia inicial que tínhamos passava por um caminho construído pela História e pela tradição, em que apenas monumentos e objetos vindos de uma elite possuíam significado cultural. Além disso, nossa pesquisa se propunha a falarmos de patrimônio cultural dentro da escola, o que foi mais desafiador ainda, por se tratar de um objeto de pesquisa que não possuía uma chancela patrimonial do município ou dos níveis estaduais e federais, e que estava muito mais ligada a dimensões e experiências da nossa comunidade escolar.

Nosso trabalho se dedicou a exercitar uma prática em que a cultura comunitária de cada indivíduo fosse o ponto de partida para a compreensão do patrimônio, que é muito mais a construção coletiva de um saber do que um conjunto de teorias verbalizadas por um interlocutor que possui uma estrutura teórica sobre o tema. As heranças preconceituosas foram um dos principais desafios que tivemos que superar na identificação e no reconhecimento do patrimônio cultural.

4 Os diários oficiais são jornais criados, mantidos e administrados por governos para publicar as literaturas dos atos oficiais da administração pública executiva, legislativa e judiciária.

Uma das principais características do ser humano é se realizar, enquanto pessoa, no entorno de uma comunidade de iguais; assim, o reconhecimento dessa comunidade como parte da história individual é essencial para o entendimento das diversas faces do patrimônio.

Esse patrimônio constitui as raízes visíveis da comunidade em seu território. E essas raízes são variadas, correspondem a todas as diversidades culturais dos componentes da população que vive no território ou dele se beneficia [...] é por isso que o patrimônio não é intocável, nem alienável. Ele é essencialmente consumível, destrutível, mas somente em função do desenvolvimento (Varine, 2012, p. 21).

Com a pesquisa, tivemos a oportunidade de nos questionar sobre a possibilidade de nossa escola ser uma alternativa para a construção de elementos de identificação, e buscamos responder se ela se caracterizaria ou não como patrimônio cultural na vida da comunidade escolar. Para isso, desenvolvemos nosso trabalho associando nosso problema de pesquisa com análise de fontes, como atas de colegiado, regimento interno, acervo fotográfico e, principalmente, coletando depoimentos de membros da comunidade escolar, que são os principais responsáveis pela construção das práticas culturais.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto de Iniciação Científica ICEB, iniciativa da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, se iniciou na escola pela primeira vez em outubro de 2021. O pré-projeto foi elogiado e obteve uma excelente pontuação no processo de seleção a nível estadual. O projeto foi executado pela equipe de pesquisadores formada por alunos do 1º do Ensino Médio da escola e pelo professor-orientador.

O tema escolhido para nosso projeto se deu a partir da conscientização, enquanto estudantes e professor, que a temática patrimonial pode e deve ser entendida para além das grandes narrativas apresentadas nos livros didáticos. Trazer tal reflexão a uma pesquisa na Educação Básica

reconfigura essa forma de entender nossas potencialidades histórico-sociais e promove, objetivamente, a conscientização da comunidade escolar acerca de seu papel na construção da história.

Iniciamos a escrita do projeto meio confusos, mas embarcados principalmente nas ideias do nosso orientador, que já possuía uma bagagem sobre o tema, por ter feito uma pesquisa parecida em seu mestrado. Nesse sentido, nos primeiros meses, nos foi proposto uma gama de leituras muito confusas e pesadas, que nos pareciam aterrorizantes inicialmente, mas que foram se tornando essenciais no percurso do trabalho.

Por mais que a Escola Estadual Maria Zeli Diniz Fonseca possua apenas treze anos de existência, sempre foi característica dos nossos estudantes uma história de vida muito difícil, pois a cidade de Nova Serrana sempre atraiu um número grande de migrantes, principalmente do Nordeste do país e do Norte de Minas Gerais, que se mudam em busca de melhoria de vida. Essas pessoas deixam para trás família, amigos e espaços de identificação cultural, que sempre tiveram algum significado para a vida de cada um deles. Assim, nosso projeto, desde o início, também se mostrou como alternativa para a construção de memórias e para a valorização da história de cada um desses muitos sujeitos que sempre fizeram parte da cultura e da história de nossa comunidade.

Para Barth (1998), os traços culturais que o grupo seleciona para marcar sua identidade podem ser divididos em traços diacríticos e valores fundamentais, que são marcados primeiramente pela autoatribuição. O que o autor chama de traços diacríticos pode ser compreendido, nas apropriações do objeto que estudamos, a partir do entendimento e da apropriação simbólica que os agentes das práticas culturais construídas e nutridas na escola realizam. Esses traços, apesar de muito comuns, podem ser evocados, apropriados e praticados de formas diferentes, por diferentes agentes: estudantes, professores, pais e servidores em geral.

Nenhum desses tipos de “conteúdos” culturais deriva de uma lista descritiva de traços ou de diferenças culturais, não podemos prever

a partir de princípios evidentes quais traços serão realçados e tornados organizacionalmente relevantes pelos atores. [...] As categorias étnicas fornecem um cadinho organizacional dentro do qual podem ser colocados conteúdos de formas e dimensões várias em diferentes sistemas socioculturais. Tais categorias podem ter grande importância para o comportamento, mas não precisam necessariamente sê-lo; elas podem permear toda a vida social, ou podem ser relevantes apenas para setores limitados de atividade (Barth, 1998, p. 194).

Nesse sentido, foi necessário desenvolvermos um olhar apurado sobre o outro, em que a história construída por ele se tornasse o norte da realização de toda e de qualquer intervenção acerca do patrimônio. Entre os elementos que constroem a cultura de uma comunidade está seu patrimônio, e foi compromisso dessa pesquisa ter um olhar sensível e comprometido para com o outro, para auxiliá-lo a entender que seus saberes são dotados de importância e merecem ser resguardados como algo importante para a história da nossa escola.

Para isso, selecionamos doze integrantes da comunidade escolar, entre funcionários, pais, estudantes e gestão; pessoas essas que poderiam nos dizer sobre a construção de celebrações, saberes e fazeres realizados pela escola. Fizemos uma entrevista com cada uma delas utilizando-nos da metodologia da história oral, que coloca o entrevistado num papel de agente histórico, compreendendo, em seu discurso, a personalidade em relação ao objeto discutido, e a sua própria experiência e percepção em ser parte daquela história.

Nosso trabalho foi desafiador. Cada dia de trabalho foi essencial para compreendermos o papel de nossa escola na comunidade, principalmente por fazer as pessoas se sentirem parte da história dela. Assim, nossa proposta se fez relevante por analisar a importância de reconhecer, dentro da escola, a existência do patrimônio cultural. Ao propormos analisar e estudar patrimônios, saberes, fazeres e celebrações tradicionais, buscamos, embasados nas teorias e nas metodologias que nos eram apresentadas, entender os diversos aspectos e processos correlacionados às práticas culturais encontradas, além de seus significados para todos que dele participavam.

2.1 Fontes: coleta, análise e construção de narrativas

As fontes desta pesquisa foram múltiplas: registros oficiais e não oficiais, jornais da cidade, arquivos da escola, acervos pessoais de professores e funcionários, atas de colegiado e internet. Porém, destacamos que as fontes orais foram nosso principal material, pois entrevistamos estudantes, diretora, serviços e equipe pedagógica no geral para que pudessemos atingir nossos objetivos.

Segundo Thompson (2006), a história oral é uma abordagem ampla, pois se trata de uma interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por meio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas. É por meio desses testemunhos orais que, ao falar sobre o passado e sobre as experiências, que as pessoas podem resgatar uma fonte histórica capaz de reconstruir e permitir ao pesquisador perceber, na individualidade do testemunho, a compreensão subjetiva e particular do vivido. A história oral coloca o entrevistado num papel de agente histórico, compreendendo em seu discurso a personalidade em relação ao objeto discutido, e a sua própria experiência e percepção em ser parte daquela história.

Buscamos, em cada entrevista, analisar as práticas culturais relativas à nossa comunidade escolar. Também buscamos, por meio de uma ampla análise *in loco*, compreender as diversas dimensões que possibilitaram a construção de alternativas educativas e de identificação cultural dentro do ambiente escolar. As entrevistas foram realizadas a fim de também analisarmos a subjetividade do discurso e a prática experimentada no dia a dia.

Para a realização das entrevistas e escolha dos entrevistados, adotamos critérios básicos de envolvimento com as práticas culturais. Como se trata de uma escola, os membros da equipe apontaram, em conversas e trocas de experiências, quais seriam as pessoas que poderiam contribuir com nossa pesquisa. As entrevistas foram previamente semiestruturadas, com o objetivo de relacionar as práticas culturais com a realidade

que cada um observava dentro da escola; e quais seriam os efeitos de tais práticas na vida das pessoas, depois de passarem pela escola.

Nesse sentido, a partir da história oral como recurso metodológico historiográfico, que permitiu darmos voz aos excluídos e conhecer mais sobre a realidade vivida e experienciada pessoalmente pelos indivíduos que fazem parte de determinada cultura, construímos nossa pesquisa sob a égide desses agentes que diretamente mantêm e reproduzem essa experiência cultural e patrimonial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre os inúmeros elementos culturais que percebemos e identificamos ao longo da pesquisa, optamos por elencar os que se destacaram em diferentes falas e documentos analisados. Sabemos que nossa escola conta com diversas manifestações culturais de cunho individual e coletivo. No entanto, elencamos aqueles que possuem um sentido patrimonial, uma vez que nossa indagação inicial sempre esteve relacionada à possibilidade de se compreender as práticas culturais existentes na escola como elemento patrimonial. A constante manutenção de tais práticas só se torna possível se está associada a uma realidade viva, que se concretiza no *modus operandi* dos saberes e dos fazeres das mais diversas pessoas. Apresentamos, na sequência, nossa percepção de alguns desses saberes e fazeres patrimoniais.

3.1 Feira de Cultura E. E. Maria Zeli Diniz Fonseca

Não é difícil notar que a Feira de Cultura é uma prioridade tanto da equipe gestora e pedagógica quanto dos estudantes. A feira é um evento anual que envolve toda a comunidade escolar, com temas que foram decididos e pensados a favor da construção de conhecimento dos estudantes e mostrando as habilidades e a experiência de cada um. Essa atividade é muito importante na escola, pois, quando apresentamos a vasta diversidade cultural presente na nossa comunidade escolar, não só estamos preparando

cidadãos para saberem a conviver com as diferenças em seus futuros, como também os preparamos para saber conviver com a diversidade e a diferença.

De forma prazerosa, nossa escola busca despertar o interesse de aprender e conhecer novos costumes, práticas culturais e talentos, que trazem ótimos resultados, ajudando a conhecer as histórias inspiradoras e a arte em suas diversas formas. Para a escola, a Feira Cultural é uma maneira de unir as pessoas, pois, ao ter a sua cultura apresentada, você se sente valorizado, porque a sua cultura é a sua identidade, e você se une com as pessoas que valorizam você.

É por isso que a Feira Cultural não é trabalhada só pelos funcionários e professores, mas também é trabalhada com o protagonismo dos estudantes, para que todos possam construir juntos essa harmonia. Na escola, a feira já teve a famosa “batalha de rimas”, músicas, apresentação de dança, teatro, exposição de obras de arte e trabalhos em geral, além, é claro, de deliciosas merendas que são distribuídas, mostrando também a diversidade gastronômica que todos nós tanto apreciamos.

No ano anterior a esta pesquisa, nossa feira, aliada ao projeto de leitura, teve como tema o livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (1943). A feira se inspirou na leitura coletiva desse clássico da literatura, e foi extremamente inspirador percebermos as inúmeras exposições, músicas e apresentações que resultaram dessa união tão bonita, que faz com que nossa escola se mobilize para que cada um tenha seu talento valorizado.

3.2 Festa Junina/“Arraiá da Zeli”

A Festa Junina, ou como chamamos carinhosamente “Arraiá da Zeli”, é uma prática muito comum nas escolas em geral. Tal festa, segundo os historiadores, foi trazida pelos portugueses, que tinham esse momento para celebrar alguns santos, como Santo Antônio, São Pedro e São João. Então se tornou uma festa que grande parte do país celebra no mês de junho.

Na E. E. Maria Zeli Diniz Fonseca não é diferente: quando chega o mês de junho, toda a comunidade escolar se mobiliza para fazermos uma

linda festa, onde todos os pais, os alunos e os funcionários são convidados de honra. Com a proximidade da data da festa, a escola começa a se preparar para uma grande celebração. Os estudantes são incentivados a participarem da quadrilha; as tarefas de organização são divididas; e um delicioso cardápio é construído para que todos experimentem dos sabores e os fazeres da nossa festa.

Desde a última festa, tivemos a alegria de ver a escola se organizando para que o evento fosse todo gratuito para a comunidade escolar, incluindo as brincadeiras e as comidas típicas. Nossa escola se organizou para que todas as pessoas tivessem a oportunidade de participar, mesmo não tendo condição financeira.

Nossa festa é organizada com grandes apresentações musicais e dança de todas as turmas. Os professores de Educação Física organizam as brincadeiras; outros professores trabalham nas barraquinhas e auxiliam as cozinheiras no preparo das comidas típicas; e todos, juntos, decoram a quadra da escola com bandeirinhas, fogueira e muita cor. Atualmente, tivemos uma parte da festa destinada a premiar os estudantes que tivessem alguma habilidade culinária. Foi criado, como parte do “Arraiá”, o “Festival da Quitanda”, que é um momento onde mães e alunos podem mostrar para a comunidade os seus dotes culinários, e o prato que tiver mais votos é o vencedor do festival.

A E. E. Maria Zeli Diniz Fonseca valoriza muito a realização dessa festa, que é sempre muito divertida e traz muita tradição e história. A escola sempre busca melhorar a realização para que os alunos, principalmente, aproveitem bastante a experiência; mas sempre lembrando dos aspectos tradicionais e incorporando a identidade de cada um de nós.

3.3 Horta comunitária

Em 2014, nasceu a Horta Comunitária da escola, a partir do “Projeto Quatro Elementos”. Desde então, a horta é uma iniciativa coletiva e oferece uma excelente alternativa nutricional e de sociabilidade. Uma

das melhores formas de se conectar com a terra é cultivando uma horta, e foi essa a forma que nossa escola escolheu para que nós, alunos, nos conectássemos com a natureza. É de grande importância essa conexão, pois, além de aprendermos a cultivar diversas hortaliças e plantas, também temos a oportunidade de que esse cultivo seja feito em grupos, oportunizando assim uma comunicação e uma dinâmica muito maior entre nós.

O projeto da horta na escola tem um fundamento muito bonito, que é usar tudo o que é plantado pelos alunos em nossa própria merenda, o que resulta em um patrimônio de fato experimentado por todos nós, uma vez que nos une, nos inspira, nos leva ao cuidado e nos enche de esperança e principalmente amor.

Achamos muito interessante a interação que temos cultivado. Usar as ideias de outras pessoas, partilhar as nossas ideias, tudo isso ajuda no nosso crescimento pessoal. Cultivar uma horta, criar uma expectativa em tudo que é plantado e, no final, ver que aquilo valeu a pena é simplesmente gratificante. Esperamos que esse projeto maravilhoso nunca acabe, que por muitos anos a horta da nossa querida “Zeli” possa ser preservada, carregando, assim, um pouquinho de cada um de nós que naquela terra tocamos e deixamos parte do que acreditamos para a escola e para o mundo.

3.4 Fanfarra – Banda Marcial Prof. Olival N. De Andrade

Como todos sabem, nossa escola é conhecida por sua valorização à diversidade cultural. Nossa fanfarra iniciou seus trabalhos em 06 de julho de 2017 e, desde então, vem incentivando os talentos dos nossos estudantes através da musicalização. Na banda, além da prática de tocar instrumentos, os alunos aprendem sobre a importância da coletividade, da disciplina e da responsabilidade.

O início da fanfarra se deu para compor a apresentação da nossa escola em desfiles cívicos; no entanto, na época a escola não possuía instrumentos musicais. Foi daí que surgiu a ideia de termos uma fanfarra ecológica, em que a partir da utilização de materiais recicláveis foram construídos

instrumentos musicais. No ano seguinte, graças a uma emenda parlamentar, nossa escola conseguiu adquirir os instrumentos musicais, iniciando assim as atividades de musicalização de forma mais completa.

A fanfarra se apresenta em várias ocasiões, seja na escola, seja fora dela, em datas de celebração, como no dia 7 de setembro, ou em momentos de homenagem e em apresentações em festivais, onde o público vivencia, com a escola, as apresentações que exalam cultura e carisma, a partir de um belíssimo repertório, deixando registrado, na memória de cada pessoa, momentos incríveis em que são os alunos que representam a escola com tanta dedicação. A tradicional fanfarra da nossa escola é sempre viva, e todos os anos incorpora novos membros, que vão ensinando uns aos outros as músicas e o sentido de representar a escola.

3.5 Esporte/Equipes esportivas

As equipes esportivas de nossa comunidade escolar se sobressaem nas mais diversas competições escolares. A escola também é conhecida pela grande variedade de esportes praticados e pelos inúmeros troféus adquiridos ao longo dos anos. Também é importante citar a representatividade feminina e a forma como a escola incentiva seus alunos a praticarem esportes. A equipe esportiva conta com grandes treinadores e apoiadores do esporte. Os alunos-atletas sempre são parabenizados e prestigiados com comemorações no final das competições.

Notamos o quanto é importante os alunos terem esses momentos de descontração e poderem levar para a vida essas lembranças incríveis. Nosso esporte é marcado pela força de vontade dos atletas e pelo carinho que toda a comunidade escolar expressa, seja na torcida, seja no apoio dos professores, e também no incentivo dos colegas.

O esporte é uma parte muito importante na vida dos estudantes, proporciona que eles aprendam mais sobre trabalho em equipe e valores, como humildade, empatia, educação, comunicação e respeito. A comunidade escolar, nesse sentido, se une em prol de evidenciar o esporte como

uma alternativa na vida dos estudantes e principalmente para nos sentirmos como uma família, buscando novas conquistas para nossa escola.

3.6 A importância do patrimônio cultural para a comunidade escolar

A compreensão das diversas manifestações culturais de um determinado grupo social deve sempre partir de um entendimento coletivo acerca da história e dos significados que determinada prática cultural possui na vida das comunidades. Segundo Geertz (1989), o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, a cultura é como as teias em sua análise. A cultura, portanto, está ligada a essa busca de significados que se dá no cotidiano das práticas realizadas em determinado lugar, por grupos de pessoas, se servindo em sua compreensão não apenas do conhecimento que a história possui, mas das manifestações constantes e ininterruptas ali produzidas. Observar as práticas nutridas dentro da escola, em certa medida, permite compreender, numa nova perspectiva de análise, o quanto a construção cultural interfere e é interferida pelos agentes que a produzem.

Nesse sentido, a escola, enquanto espaço que reúne diferentes grupos, com múltiplas práticas culturais, se tornou um ambiente onde, a cada canto e em cada pessoa, encontrávamos novas fontes e novas histórias. Além do acervo documental, fotográfico e edificado, que proporcionaram uma variedade de possibilidades, de múltiplos registros e manutenção da memória e da história, a memória das pessoas e suas experiências foram se tornando norteadores da nossa pesquisa e nos levaram a novos lugares e constatações a cada vez que nos reuníamos.

A partir disso, a reflexão sobre a patrimonialização e tais elementos no ambiente escolar se construiu sob a luz de uma reflexão ligada às práticas culturais (em que o patrimônio possui um aspecto de vivacidade e do vivido, visto não ser algo estático) e à incorporação de novas práticas, inerente às atividades humanas, constituindo-se igualmente enquanto herança moral e cultural desses indivíduos (Varine, 2012).

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio, que se transmite, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (Varine, 2012, p. 21).

Nossa pesquisa incorporou inúmeros norteadores metodológicos e teóricos que ajudaram a compreender as práticas culturais dentro da escola como nosso patrimônio vivencial, o que não necessita de uma chancela governamental para ser resguardado, mas sim da nossa vontade e de nosso afeto para a manutenção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ICEB, em nossa escola, foi sem dúvidas um divisor de águas para a compreensão das Ciências Humanas com seriedade e, principalmente, para refletirmos sobre a dimensão de tudo aquilo que sempre produzimos na nossa comunidade escolar.

A noção de patrimônio foi alargada em nossa pesquisa, além, é claro, de nos fazer refletir sobre os mais diferentes aspectos das práticas culturais vivenciadas e construídas em nossa escola. Este breve relato de experiência nos pareceu insuficiente para dizer da grandeza e da riqueza daquilo que, durante seus anos de história, nossa escola construiu, e que agora foi amplamente pesquisado e registrado com o trabalho que a pesquisa científica desempenhou no período em que foi desenvolvida.

Por fim, fica aqui nosso encorajamento a todos aqueles que se interessam de uma maneira ou de outra pela salvaguarda do patrimônio cultural, a realizar pesquisas e outras práticas que auxiliem na sua preservação e manutenção. Tendo em mente sempre, como nos orienta o Iphan, que “o patrimônio deve ser reconhecido primeiramente pela comunidade que o nutre” (Iphan, 2016, p. 23). Ainda, incentivamos os profissionais de áreas

afins, a construir, a partir do plural entendimento de patrimônio cultural, uma educação que seja transdisciplinar e que, nesse sentido, possamos, juntos, entender as multifaces para o estabelecimento profícuo de práticas que protejam e facilitem a livre perpetuação de nosso patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação*. Iphan, Brasília/DF, 2016.

THOMPSON, P. História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. *In*: WORCMAN, K; PEREIRA, J. V. (coord.). *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: SESC SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VARINE, H. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Tradução: Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

O USO DAS GEOTECNOLOGIAS PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DOS PATRIMÔNIOS CULTURAIS: MAPEAMENTO DOS BENS TOMBADOS DO MUNICÍPIO DE CAMPO BELO/MG

Ana Cecilya Fróis¹, Felipe Paiva Martins¹, Geovana dos Santos Garcia¹, Giovana Cardoso Martins¹, Iasmin Coutinho Oliveira Sousa¹, Leticia Mariane de Sousa¹, Maria Clara Pereira Diniz Teixeira¹, Otávio Novais Soares¹, Pedro Henrique Tavares Rodrigues¹, Raphael Mendonça Ferrari Luiz¹, Diego Alexandre Sousa², Bruno Martins de Castro³

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural diz respeito, sobretudo, àquilo que faz parte da cultura de uma determinada sociedade. São divididos em patrimônios culturais materiais e imateriais. Podemos destacar, como bens materiais,

1 Escola Estadual Professor José Monteiro (Campo Belo/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Professor José Monteiro (Campo Belo/MG), diego.alexandre@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual Coronel Mário Campos (São Francisco de Paula/MG), bruno.martins.castro@educacao.mg.gov.br.

as obras de arte, como pinturas, monumentos e bens imóveis tombados, que possuem importância histórica e cultural para o local. Os patrimônios históricos imateriais possuem conceito mais abrangente, pois podem ser considerados o idioma, a culinária, as festas populares e os rituais religiosos. Conforme a Constituição Federal (1988), em seu Art. 2016:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Brasil, 1988).

A partir dos patrimônios culturais, conseguimos conhecer a cultura de uma determinada sociedade, uma vez que cada um deles carrega em si uma história cultural. Para o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), patrimônios culturais são “referenciais da memória coletiva” (Iphan, 2012), ou seja, é tudo aquilo que nos conta a história da sociedade local, visando manter viva a memória do povo em questão. De acordo com a terceira edição de *Patrimônio Histórico: como e por que preservar*, temos como memória:

A imagem viva de tempos passados ou presentes. Os bens, que constituem os elementos formadores do patrimônio, são ícones repositórios da memória, permitindo que o passado interaja com o presente, transmitindo conhecimento e formando a identidade de um povo (Ghirardello; Spisso, 2008, p. 13).

Sendo assim, destacamos que o objetivo principal desta pesquisa foi o de contribuir com a proteção e com a valorização dos patrimônios da nossa cidade, porque, infelizmente, nem sempre eles são devidamente valorizados pelo poder público municipal, o que impacta na preservação desses bens que constituem a história do município.

Através da introdução à Iniciação Científica no Ensino Básico, a pesquisa científica proporcionou uma oportunidade de tratar de assuntos relevantes para a sociedade, com o objetivo de influenciar os estudantes a aprimorar a escrita de artigos e a oratória durante as apresentações. Essa iniciativa trouxe para os alunos novos conhecimentos,

2 DESENVOLVIMENTO

Utilizamos o método de pesquisa qualitativo para analisarmos grupos sociais distintos e como esses grupos estavam preservando a história do município. Em 13 de agosto de 2021, os alunos do 9º ano foram convidados pelo professor de Geografia, Diego Alexandre Sousa, para seu projeto de mapeamento dos patrimônios culturais materiais e imateriais da cidade de Campo Belo/MG. Devido à pandemia e ao então ensino remoto, tal convite foi feito através dos grupos de *WhatsApp* de todos os nonos anos. Os alunos interessados deveriam entrar em contato com o professor, para que pudessem ser inscritos. Inicialmente doze alunos fizeram contato e obtiveram mais informações de como seria realizado o projeto.

Foram feitas diversas reuniões teóricas, através da plataforma de encontros *online*, *Google Meet*. As reuniões aconteceram de forma online devido às restrições impostas pela pandemia. Nesses encontros, foi apresentada a importância da valorização dos patrimônios culturais, e foi mostrado como é essencial ampliar a visualização e o conhecimento sobre o patrimônio, a fim de conscientizar o município em relação ao peso cultural e histórico que carregam.

A partir de março de 2022, com a volta às aulas, foi dado início às reuniões presenciais, nas quais os temas começaram a ser aprofundados. Com o passar do tempo, alguns alunos desistiram do projeto por terem que cumprir carga horária no trabalho remunerado, restando por fim oito alunos. Tal ocorrência poderia ter sido evitada se os pesquisadores recebessem uma bolsa de Iniciação Científica como forma de incentivo à produção de pesquisas.

Através da introdução do tema nas aulas teóricas, fomos orientados a pesquisar mais para aprofundarmos nossos conhecimentos. Realizamos a revisão bibliográfica, intensificando nosso saber, conhecendo autores e instituições que tratam sobre o assunto.

No dia 29 de setembro fomos informados que o projeto havia sido pré-aprovado pela Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Campo Belo; e em 8 de outubro de 2021 a SEE divulgou a lista daqueles que foram

aprovados, constando o nosso projeto, com novecentos pontos. A partir da aprovação, a Secretaria de Estado da Educação, em novembro de 2021, disponibilizou uma verba para fornecer materiais de pesquisa, que foram entregues aos pesquisadores para o uso durante a realização do projeto. Cada aluno recebeu um *notebook*, internet móvel e um mouse, além de uma pasta para o transporte dos materiais. O responsável de cada integrante recebeu um termo de responsabilidade que deveria ser assinado, ficando ciente dos riscos e dos cuidados que deveria ter com esses materiais.

Em uma aula teórica sobre geotecnologias, nos foram apresentadas duas ferramentas o *ArcGIS Online*⁴ e o *Story Maps*⁵, que foram disponibilizadas através da parceria com o Laboratório de Inovação em Geografia Física, da Universidade Federal de Alfenas. Assim, os alunos foram vinculados à conta da UNIFAL, para obter o acesso às ferramentas. Essa parceria só foi possível devido ao nosso professor-orientador fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela referida universidade.

O *ArcGIS* é uma solução geotecnológica de análise e de mapeamento baseado em nuvem, que nos permite visualizar imagens via satélite e mapear as áreas através da ferramenta, além de facilitar a análise de dados. O *Story Maps*, por sua vez, é uma ferramenta que nos permite reunir as informações e construir um aplicativo web, inserindo o mapeamento feito pelo *ArcGIS*, e adicionar outros itens, como vídeos, áudios, fotos etc...

A partir do uso de ferramentas geotecnológicas, como o *ArcGIS Online* e o *Story Maps*, construímos dois aplicativos web nos quais foram disponibilizados mapas com os patrimônios culturais, materiais e imateriais de Campo Belo/MG. Neles, buscamos apresentar suas localizações, histórias, fotos, vídeos, áudios.

Após a vinculação dos alunos às contas, deu-se início às aulas práticas sobre como manusear as ferramentas. Para que pudéssemos compreender melhor o funcionamento de cada uma delas, o professor-orientador,

4 ArcGIS. Disponível em: <https://www.arcgis.com/index.html>. Acesso em: 23 out. 2024.

5 Story Maps. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/d8aff4ca3ef94825a5f9b4661be848eb>. Acesso em: 23 out. 2024.

Diego Alexandre Sousa, nos propôs uma atividade prática: que nos dividíssemos em grupos e escolhêssemos, a partir de temas livres, um local para que fosse mapeado e construído um aplicativo web a partir dele. Através dessa prática foi possível familiarizar-nos com a ferramenta e ter ciência de sua funcionalidade.

Durante esse processo, surgiu a oportunidade da nossa escola se inscrever para a Feira de Ciências do Inatel (Instituto Nacional de Telecomunicações), em 2022, mas apenas parte da equipe se interessou em participar. Os temas escolhidos pelas equipes foram: Guia Turístico de Campo Belo/MG; Mapeamento dos Templos Católicos de Campo Belo/MG; e Os Impactos Ambientais e a Importância da Preservação.

Primeiramente, realizamos algumas pesquisas de campo para a obtenção de dados. Foram visitados o Museu e o Arquivo Público Municipal, a Casa da Cultura, a Prefeitura Municipal e o Colégio São José. Foram realizadas, também, pesquisas bibliográficas em sites da internet e em artigos científicos, nos quais encontramos dados importantes. Houve uma grande dificuldade de encontrar os dados, esse foi mais um dos motivos pelo qual decidimos criar os aplicativos web: para facilitar o acesso às informações por parte da população. Após a pesquisa de campo finalizada, as equipes iniciaram o mapeamento (utilizando a ferramenta *ArcGIS Online*) com as informações obtidas e a construção do aplicativo web (utilizando a ferramenta *Story Maps*), no qual inserimos todos os dados.

A partir da finalização do nosso projeto, foi realizada a primeira etapa da Feira de Ciências, que ocorreu em um evento interno da escola, quando foram apresentados os trabalhos produzidos. Primeiramente, em formato de apresentação científica para uma banca avaliadora, constituída por três professores de nossa escola, fomos avaliados, e os grupos foram ranqueados. Os três primeiros colocados foram premiados, mas somente os dois primeiros foram selecionados para ir para a etapa final da Feira de Ciências, que ocorreu no campus do INATEL, em Santa Rita do Sapucaí.

Após essa avaliação, apresentamos, durante três dias, o nosso aplicativo web para o corpo docente e para os alunos da nossa escola. No dia

20 de agosto de 2022, fomos até o Inatel para apresentar o nosso projeto na etapa final da feira. Fomos recepcionados pelos organizadores e recebemos uniformes para a Feira de Ciências. Após esse momento inicial, fomos direcionados para nossos *stands*, e assim se iniciaram as apresentações.

Fomos avaliados pela banca avaliadora e recebemos premiações pela feira da escola, com medalhas e troféus (Figura 2). Houve, após a feira de ciências, uma reunião com a Superintendência Regional de Ensino de Campo Belo, para apresentarmos o nosso projeto, na qual estavam presentes diversos representantes da educação local.

Figura 2: Medalhas e troféus concedidos aos alunos no Inatel



Fonte: Acervo dos autores.

Com o projeto da Feira de Ciências do Inatel finalizado, foi decidido que voltaríamos às atividades do aplicativo web com os patrimônios culturais. Nesse momento, o grupo foi dividido em dois: o primeiro, de cinco pessoas, debruçado sobre os patrimônios culturais materiais; e o segundo, também com cinco pessoas, debruçado sobre os patrimônios culturais imateriais. Apesar de serem dois grupos distintos, ambos se relacionavam entre si, sendo complementares. Para Ferreira Junior (2009),

[...] valorizar um patrimônio cultural é levar em conta os seus aspectos materiais e imateriais, visto que um não faz sentido sem o outro, e ambos se complementam. Um permanece e é também conservado pelo tempo enquanto forma dada, o outro se transforma permanentemente e acaba. Um pode ser contemplado, o outro lembrado, mas ambos dinâmicos (Ferreira Junior, 2009, p. 2).

Através da pesquisa de campo, realizamos entrevistas, visitas à Prefeitura Municipal de Campo Belo, ao Museu e Arquivo Público Municipal e à Casa da Cultura da cidade, além de pesquisas bibliográficas e outros dados que foram coletados da internet⁶. Para todos os locais visitados e pessoas entrevistadas, foram apresentadas cartas de anuência, nas quais constavam a finalidade da pesquisa e autorizaram o uso de imagem e de informações, o que respaldou nosso trabalho de qualquer problema futuro, além de estarmos em consonância com a ética na pesquisa científica.

Ambos os grupos tiveram um encontro com o Conselho da Fundação Museu e Arquivo Público do município, no qual foi discutido o patrocínio para ser colocado um *QR code* na porta de cada bem tombado que forneceria, de forma simples, acesso aos aplicativos web, a fim de ajudar os turistas e a população a conhecerem a identidade, a cultura e a história dos patrimônios da cidade.

Houve, por parte do grupo dos patrimônios imateriais, uma entrevista com Josias⁷, membro do Terno da Feira, e outra entrevista com a Thaís⁸, dirigente do Congado do Porto dos Mendes e membro do Terno Moçambique.

Nas duas entrevistas, para as quais foi construído um roteiro, foram feitas perguntas sobre o Congado, como: por que são feitas as festividades, qual a origem da cultura etc... O Congado é de origem afro-brasileira, sendo uma forma que seus participantes encontraram de expressar sua religiosidade e cultivarem sua cultura, conforme disseram:

6 Exemplos de alguns bens tombados históricos do Município de Campo Belo: Praça Cônego Ulisses, Praça Menotti D'Aurea, Igreja Velha Matriz e o Colégio São José.

7 Entrevista realizada com o Guia do Congado da Feira, em 03 jun. 2022.

8 Entrevista realizada com a Presidenta do Congado do Porto dos Mendes e participante do Terno de Moçambique, em 30 maio 2022.

O Congado é uma festa religiosa onde dançamos para a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Santa Isabel. Que são os santos que o pessoal do Congado acredita, eles fazem promessas a esses santos, esperando que elas sejam atendidas (Entrevista com Roberta, 2022)

A Congada ela é uma cultura afro-brasileira, uma cultura popular, dando como exemplo seria uma mistura todo mundo junto e misturado (Entrevista com Josias, 2022).

Foram obtidas diversas informações necessárias para o conhecimento e a preservação da cultura. Durante o processo de montagem do aplicativo web, foi realizada a transcrição de ambas as entrevistas, o que foi extremamente necessário para a elaboração de análises e escrita deste relato. Após obtidas as informações através da entrevista, fomos mapear (utilizando o *ArcGIS*) as áreas em que ocorrem as festividades do Congado. Terminado o mapeamento, iniciamos a montagem do aplicativo web. Foi inserida a história do Congado e o mapeamento, finalizando, assim, o aplicativo web sobre os patrimônios culturais imateriais.

O grupo dos patrimônios culturais materiais visitou o Museu da cidade, no dia 20 de maio de 2022, momento em que foi realizada uma entrevista com a coordenadora do Museu e Arquivo Público Municipal de Campo Belo, Júlia de Sá Carvalho⁹. Foi preparado, antecipadamente, um roteiro com as perguntas relacionadas aos patrimônios. A entrevista foi gravada por um *smartphone*, transcrita e salva em documento de formato *Word*. Durante a conversa, a coordenadora nos relatou que:

Todos os bens tombados são importantes, através deles o município recebe uma verba do ICMS cultural, são os impostos que nós pagamos, e uma parcela é destinada à recuperação dos imóveis. Nós trabalhamos no meio turístico para poder conseguir que esses bens se desenvolvam e se tornem cada vez mais conhecidos. A falta de preservação dos imóveis antigos é um grande defeito da população de Campo Belo. Temos como exemplo as casas mais antigas da cidade, que estão sendo demolidas devido à construção de novos prédios (Carvalho, 2022).

⁹ Entrevista realizada com a coordenadora do Museu e Arquivo Público Municipal, em 22 maio 2022.

Recebemos ainda, do museu, um livro (*Educação para o Patrimônio*) com diversas informações que nos possibilitaram o aprofundamento de nossos conhecimentos acerca dos patrimônios culturais da cidade. Juntamos todos os dados coletados e demos início ao mapeamento dos pontos, através do *ArcGIS Online*. Foram realizados diversos encontros, presenciais e virtuais, para a execução do projeto. Utilizando o *Story Maps*, construímos a base de nosso aplicativo web, no qual inserimos todas as informações, fotos e mapas.

Com os resultados em mãos, alguns membros dos grupos se juntaram e participaram de uma reunião com o Conselho Municipal de Turismo de Campo Belo (Comtur), quando foram discutidas questões acerca do fornecimento de informações, criação de verba direcionada às pesquisas e esclarecimento de algumas questões em relação aos patrimônios.

Finalizamos os trabalhos e enviamos ao professor-orientador, que realizou uma reunião na qual fez algumas observações para auxiliar na melhoria da estrutura dos aplicativos web.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Patrimônios Culturais Imateriais

Foi criado um aplicativo web sobre o Congado (patrimônio cultural imaterial de Campo Belo) que, de acordo com o Inventário do Reinado, realizado pela Prefeitura Municipal de Campo Belo, em 2020:

segue as normas do seu respectivo estatuto, que se encontra registrado no Cartório Civil de Pessoas Jurídicas da Comarca de Campo Belo/MG, sob o Nº 452, fl 01, em 17 de janeiro de 1997. Tem como finalidade: Art. 1º ... preservar as tradições folclóricas brasileiras, mineiras e campobelenses, advindas das antigas festas efetuadas pelos escravos, após a fatura das colheitas, agradecendo as bênçãos recebidas e descansando, após um ano inteiro de trabalho árduo. Art. 2º - Objetividade da Irmandade dos Congadeiros de Nossa Senhora do Rosário da Feira, um perfeito entrosamento de ideias entre os seus componentes, de atos e ações dignos das festividades as quais participam, para maior brilhantismo e preservação dos Congados (Prefeitura Municipal, 2020, p. 7).

Ao acessar o aplicativo web, pode-se observar uma introdução com informações sobre a cultura e a origem do Congado. Ao rolar a página, podemos ver o slide que contém informações sobre as três divisões do Congado, com as Irmandades dos Congadeiros: Nossa Senhora do Rosário do São Benedito¹⁰, Nossa Senhora do Rosário da Feira¹¹ e Nossa Senhora do Rosário do Porto dos Mendes¹². Além desses dados, pode-se acessar o áudio da entrevista realizada com o Josias, Guia do Congado da Feira e a entrevista com a Thais, Presidenta do Congado do Porto dos Mendes. No slide há um mapeamento das três irmandades, com as áreas onde ocorrem as festividades, as datas de quando é realizada as festas de cada irmandade, além de vídeos demonstrativos da manifestação cultural. Abaixo dessa apresentação, encontra-se o resumo das entrevistas. Também é mostrado por imagens e audios os instrumentos comuns utilizados na manifestação cultural. O aplicativo web pode ser acessado de duas formas, via link, ou através do QR code (Figura 3) que foi gerado com o intuito de facilitar o acesso por parte da população.

Figura 3: Código QR para acesso ao app web sobre o patrimônio imaterial



Fonte: Elaboração própria.

10 Ocorre em 13 de maio e em agosto, durante quatro dias.

11 Ocorre nos meses de maio e setembro.

12 Ocorre durante quatro dias nos meses de agosto e setembro.

3.2 Patrimônios culturais materiais

Criamos um aplicativo web apresentando todos os dezessete bens tombados existentes em nossa cidade. Cada bem tombado apresentava sua localização no mapa da cidade, a história e a data de fundação, as coordenadas em tempo real e o direcionamento de fotos dos bens e os horários de funcionamento.

O acesso ao aplicativo se deu pelo link e pelo QR code (Figura 4). Na tela principal, está incluída uma pequena introdução sobre o que são patrimônios e um pouco da história de Campo Belo. Ao rolar pela página, encontra-se um mapa da nossa cidade, contendo todos os patrimônios destacados e, mais abaixo, têm-se acesso às informações do primeiro bem tombado, por exemplo, a Praça Cônego Ulisses.

Os patrimônios foram divididos em sete diferentes grupos arquitetônicos, de acordo com suas histórias e finalidades, que foram dispostas de forma organizada e planejada. Dentro de cada um deles ficou disponível um link, que forneceu acesso a outro aplicativo web, uma vez que os dois possuem uma correlação.

Figura 4: Código QR para acesso ao app web sobre o patrimônio material



Fonte: Elaboração própria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que os bens tombados são de extrema importância para nossa sociedade e nossa história. Através deles entendemos nossas

origens e passamos a valorizá-las mais. Percebemos que os patrimônios em nossa cidade não são valorizados e respeitados da maneira correta; alguns possuem até pichações em suas paredes, mesmo sendo um bem especialmente protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial.

Pudemos reconhecer e identificar cada bem tombado de nossa cidade, conhecendo sua história, localização e importância para nosso município, e, assim, com o nosso trabalho, fazer com que todos os conheçam e procurem transmitir esse conhecimento para que seja preservada nossa cultura e nossa história.

Durante o processo de pesquisa, percebemos uma certa dificuldade de encontrar dados sobre os patrimônios citados; portanto, nosso projeto pode fazer com que os governantes e os cidadãos deem mais atenção a eles e invistam mais para sua restauração e valorização, mantendo, assim, a identidade da sociedade.

Nosso trabalho trouxe uma ótima aquisição para a cidade, colaborando com a preservação e com o conhecimento da memória e, a partir desses resultados, podemos, cada vez mais, adicionar novas informações e aprimorar o aplicativo web sempre que possível.

A pesquisa científica no Ensino Básico nos traz diversos benefícios, pois proporciona aos participantes aprendizados que serão essenciais a longo prazo. A nossa experiência, através do projeto, foi bastante satisfatória; foi possível absorver diversos ensinamentos. O uso das geotecnologias nos aproxima da revolução introduzida na educação, trazendo novas formas de ensinar e de aprender, que são extremamente importantes na atualidade.

Aprendemos a realizar, de forma correta, pesquisas de campo e bibliográficas; a escrever um relato de experiência; realizar mapeamentos; e construção de aplicativos web, utilizando as ferramentas *ArcGIS* e *Story Maps*. Esta pesquisa possibilitou novas experiências, melhorando a nossa comunicação, postura ética e tornando-nos mais disciplinados, elementos que serão considerados pontos positivos em nossos currículos acadêmicos, além de trazer maior conscientização sobre a grande importância de garantir o reconhecimento e a preservação da nossa

identidade cultural. Favoreceu, também, a Escola Estadual Professor José Monteiro, por ser reconhecida como uma escola que incentivou o projeto de Iniciação Científica no Ensino Básico. Além do reconhecimento, proporcionou e proporcionará melhorias no aprendizado, nos tornando cada vez mais preparados para o ingresso no Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília/DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Escolar 2021*: resumo técnico. Brasília, DF: INEP, 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica 2021*. Brasília, DF: INEP, 2021b.

CARVALHO, J. de S. Entrevista sobre Patrimônios Culturais de Campo Belo-MG. Entrevista concedida ao Projeto do Mapeamento dos Patrimônios Culturais Materiais e Imateriais, Campo Belo-MG. *Story Maps*, 2022. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/d8aff4ca3e-f94825a5f9b4661be848eb>. Acesso em: 23 out. 2024.

FERREIRA JÚNIOR, S. P. Patrimônio Cultural no Brasil. *Revista Diversitas*, 2009. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/node/2250>. Acesso em: 23 out. 2024.

GHIRARDELLO, N.; SPISSO, B. (coord.). *Patrimônio histórico: como e por que preservar*. Bauru/SP: Canal 6, 2008.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília/DF: Iphan, 2012.

JOSIAS, S. C. Entrevista sobre o Congado de Campo Belo-MG. Entrevista concedida ao Projeto do Mapeamento dos Patrimônios Culturais Materiais e Imateriais, Campo Belo/MG, 2022.

PREFEITURA Municipal de Campo Belo-MG. *Atualização da ficha de inventário do reinado*. Prefeitura Municipal de Campo Belo/MG, 2020.

ROBERTA, T. *Entrevista sobre o Congado de Campo Belo-MG*. Entrevista concedida ao Projeto do Mapeamento dos Patrimônios Culturais Materiais e Imateriais, Campo Belo/MG, 2022.

PARTE 2

AS MINAS SÃO TANTAS... O (I) MATERIAL DA LEMBRANÇA

MEMÓRIA: LUGAR DE HISTÓRIA E DE REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Ana Luiza Botelho Cunha¹, Bárbara Mayara Vieira dos Santos¹, Brunna Emanuely Gonçalves Soares², Eduardo Vinicius Duarte², Emily Eldiany Santos Oliveira¹, Guilherme Rodrigues Cardoso¹, Júlia Tainá Ramos dos Santos¹, Kevin Jean Costa¹, Lucas Emanuel Fernandes Moura¹, Taynara Raquel Oliveira Alves¹, Vitor Daniel de Souza Ferreira¹, Maria Elizabete Souza Mameluk², Dulce Mirian Veloso Carcereri³

1 INTRODUÇÃO

A constituição da identidade de um povo, em parte, está pautada em suas manifestações, que se materializam como patrimônio cultural do lugar onde vivem. A memória contribui significativamente para essa construção, já que é capaz de abarcar vivências pessoais e/ou coletivas; repassar costumes; reportar conhecimentos para a população mais jovem; evidenciar a história, contextualizando e mantendo viva as tradições.

Os conceitos centrais que nortearam a nossa pesquisa foram o de Memória e de Patrimônio Cultural Imaterial, pois estudamos como a

1 Escola Estadual Maria Carneiro da Cruz (Glaucilândia/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Maria Carneiro da Cruz (Glaucilândia/MG), maria.mameluk@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira (Montes Claros/MG), dulce.veloso@educacao.mg.gov.br.

evocação e a rememoração do passado traz reminiscências que apontam para a constituição da identidade do município glaucilandense.

Nesse panorama, pode-se dizer que memória é um termo geral, utilizado para denominar a função do sistema nervoso com a capacidade de reconhecer, evocar, reter e fixar as experiências passadas ou “[...] lembranças, *anamneses*, recordações, relembrações, rememorações, reminiscências”. Ou seja, “a faculdade de reter ideias, impressões adquiridas” (Dicio, 2009). Já a palavra patrimônio vem do latim, *patrimonium*, que significa herança familiar, bens familiares ou bens materiais que pertencem a uma pessoa, instituição ou coletividade (Michaelis, 2017).

Nesse sentido, pensamos que, ao analisarmos e darmos voz aos moradores mais antigos das comunidades rurais da cidade Norte-mineira de Glaucilândia, estaríamos contemplando não apenas memórias individuais, mas também marcos das vivências sociais, culturais, familiares e grupais, e reunindo elementos que representam traços de patrimônio cultural imaterial.

Temos interesse em coletar memórias e vivências a partir da importância, da construção e da permanência da identidade dos povoados; e de estabelecer vínculo entre gerações. Essa concepção está ligada diretamente à memória, às sensações agregadas ao que Le Goff (2003) pressupõe como narrativa dos sujeitos, pois é através da oralidade que se expressam suas lembranças. Dentro desse panorama, estabelecemos um diálogo entre memória, relatos (depoimentos) e patrimônio cultural, visto que, segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, patrimônio cultural é “um bem, material ou não, significativo como produto e testemunho de tradição artística e histórica, ou como manifestação da dinâmica cultural de um povo ou de uma região” (Ferreira, 1986, p. 247).

Desse modo, nossa pretensão foi promover uma breve discussão acerca de qual era a relação existente entre o relato das memórias dos moradores mais antigos e o Patrimônio Cultural das comunidades de Buriti, Cava, Espinho, Laranjão e Rio das Pedras – localizadas na zona rural de Glaucilândia – analisando de que forma esses depoimentos poderiam ser considerados como um patrimônio cultural imaterial da cidade mineira.

Vale ressaltar que Glaucilândia é um município brasileiro do estado de Minas Gerais. Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2020, era de 3.177 habitantes. Outra questão importante sobre a história da cidade é que o distrito pertenceu ao município de Juramento, entre 30 de dezembro de 1962 até o ano de 1995, ano em que ocorreu sua emancipação, em 21 de dezembro. Assim, hoje o município se estende por 145,9km², cuja densidade demográfica é de 21,6 habitantes por km² no território do município.

Glaucilândia é vizinho dos municípios de Montes Claros e de Juramento, e se situa a 23km ao sul-leste de Montes Claros (principal cidade do norte de Minas). Seus meios de subsistência são a agricultura e a pecuária trabalhada pelas famílias das comunidades de Água Boa, Cava, Espinho, Gameleira, Lagoa do Boi, Laranjão, Laranjeira, Malhadinha, Rio das Pedras e Tabocal.

É importante salientar que a Escola Estadual Maria Carneiro da Cruz é situada no povoado de Rio das Pedras e é composta por 96 alunos, distribuídos no Ensino Fundamental Anos Finais e no Ensino Médio. São discentes moradores das comunidades de Buriti, Cava, Espinho, Laranjão e Rio das Pedras, que utilizam o transporte escolar para frequentarem a escola citada. Neste contexto, as famílias são, na maior parte, constituídas por seus avós, que guardam na memória relatos que foram parte muito importante na construção da trilha científica do trabalho ora relatado.

2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa que oportunizou este relato ocorreu durante o período de setembro de 2021 a novembro de 2022, e foi desenvolvida pensando em um projeto voltado para a comunidade escolar em que o núcleo de pesquisa, bem como seus familiares e toda a coletividade da zona rural de Glaucilândia, estivessem inseridos. Ação esta que fez toda a diferença na vida comunitária, principalmente das pessoas mais antigas da localidade, pois promoveu uma reflexão sobre a importância de se preservar as raízes culturais, afirmando a sua identidade.

Outra questão importante é que o núcleo científico corroborou com o Projeto Político Pedagógico da escola, que prevê o respeito pelas diversidades pessoais e culturais dos alunos e propõe “[...] desenvolver um trabalho em parceria com a própria comunidade, além de espaços para o diálogo em busca de uma educação cidadã” (Escola Estadual Maria Carneiro da Cruz, 2020, p. 11).

2.1 Procedimentos metodológicos

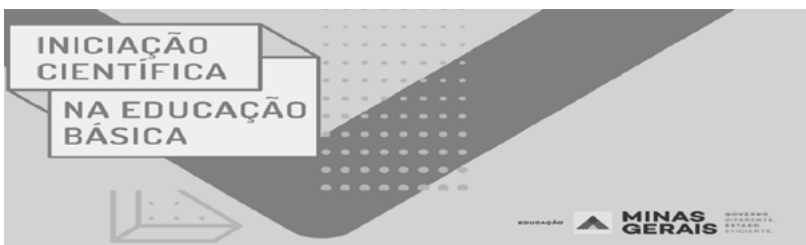
Iniciamos o trabalho fazendo um levantamento bibliográfico e teórico sobre as temáticas “memória” e “patrimônio cultural imaterial”, baseando-nos no método de pesquisa qualitativa que, segundo Abramowicz (1996, p. 50), “[...] é rica em depoimentos”, pelo fato de a produção do saber ser cheia de valores, tanto por parte do investigador quanto por parte dos investigados. Buscamos conhecer não só as intenções das pessoas investigadas, mas suas interpretações do mundo. Segundo Trivinõs (1987, p. 152), a pesquisa qualitativa “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”; ademais, mantém um diálogo atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Assim sendo, nossa pesquisa teve como núcleo principal os relatos, através de um questionário, das pessoas mais antigas das comunidades rurais mencionadas anteriormente, fazendo com que o pesquisador se aproximasse ainda mais dos entrevistados e se conectasse ao seu depoimento, uma vez que o papel da nossa equipe de pesquisa foi focalizar os assuntos e mediar a linguagem narrativa, de modo a fazer um movimento pendular entre passado e presente, e a repensar o contexto social e cultural do lugar em que viveram e construíram historicamente suas ideologias e identidade.

A pesquisa foi desenvolvida por etapas, sendo que, na primeira, fizemos um levantamento de quais eram as pessoas mais antigas daquelas localidades e contactamos aquelas que quiseram participar da nossa investigação. Em seguida, foram feitos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente, coletamos dados da região com o

objetivo de conhecer melhor o contexto em que eles estavam inseridos e compreender as nuances que poderiam ser abordadas durante a entrevista do depoente. Na segunda etapa, foram elaboradas as perguntas que foram utilizadas na entrevista com os moradores integrantes da pesquisa.

Figura 1: Questionário utilizado na entrevista com os moradores mais antigos das localidades pesquisadas



**INICIAÇÃO CIENTÍFICA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

ENTREVISTA COM MORADORES ANTIGOS DA LOCALIDADE DE _____

Nome: _____ **Idade:** _____ **Sexo:** _____ **Ocupação:** _____

Veio de onde: _____ **Data da entrevista:** _____ **Nível de escolaridade:** _____

Onde nasceu: _____

1. Há quanto tempo mora nessa comunidade? Onde morou antes de vir para cá?
2. Vem de uma família grande? Quem foram seus pais?
3. Como foi sua infância?
4. Descreva como era a casa de sua infância
5. Como veio morar aqui?
6. Gosta de morar nessa localidade?
7. Como era antigamente a estrutura do lugar? Mudou muito? O que mudou?
8. O sr.(a) tem alguma foto, registro documental (carta, cartão-postal...) ou objeto daquele tempo?
9. Quais eram seus hábitos alimentares quando criança? Eram muito diferentes das crianças de hoje? O que mudou?
10. As coisas eram mais fáceis ou mais difíceis? Havia fartura?
11. Como era viver nessa localidade antigamente? O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida daqui?
12. Como as pessoas se divertiam aqui?
13. Quais as manifestações culturais da época? Ainda continuam? O que mudou?
14. Como eram as reuniões em família antigamente? E como é hoje? Mudou muito?
15. Quais eram os assuntos mais discutidos? Contavam muitos causos?
16. Ainda hoje tem esse hábito?
17. Hoje é muito diferente de quando você era criança?
18. O que existia antigamente na época que era novo e hoje não existe mais?
19. O que sr.(a) gostaria que continuasse do seu tempo de infância ou mocidade?
20. Ainda hoje vocês se reúnem com antigamente para contar causos de como era antigamente?
21. Você acha importantes essas histórias antigas serem repassadas? E por quê?
22. Você tem uma história que o marcou? E que ainda hoje repassa para seus netos, bisnetos?
23. No seu ponto de vista, quais são os aspectos positivos e negativos dessas mudanças com o tempo?

Fonte: Elaboração própria.

É importante frisar que, mesmo o questionário tendo sido previamente elaborado, deixamos nossos entrevistados à vontade para expor sua subjetividade e suas impressões do passado, levando em conta a memória e a reelaboração das vivências individuais e coletivas. Como é possível observar na Figura 1, as perguntas foram baseadas nas questões relacionadas ao lugar onde viviam, bem como ao que já vivenciaram naquele ambiente, comparando ao que seria hoje e suas transformações. Tais depoimentos e relatos coletados foram gravados e depois transcritos na íntegra.

Vale salientar que utilizamos a compreensão de entrevista feita por Vergara (2009), com a finalidade de constatar, ou não, se os relatos e depoimentos dos habitantes idosos constituíam o patrimônio cultural imaterial local. Essa autora indica a entrevista quando os pesquisadores buscam a captação da subjetividade própria do ser humano, ou seja, se o foco da pesquisa é a realidade na qual o entrevistado está inserido, há a necessidade de domínio de teorias e referências que embasem a pesquisa, uma vez que esse domínio facilitará a captação de informações nem sempre explícitas (Vergara, 2009).

A partir desse panorama, para dar embasamento e sustentação teórica, reportamo-nos a Constituição Federal de 1988, no *caput* do artigo 216, que define patrimônio como:

[...] bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver (Brasil, 1988).

Ademais, de acordo com Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), patrimônio cultural se constitui em uma coleção dos saberes, práticas, expressões, fazeres e produtos, os quais remetem à história, à memória e à identidade de um povo. Então, se as formas de expressão, o modo de criar, fazer e viver são considerados como bem imaterial, logo, pertencem ao patrimônio cultural.

É válido constatar que, além das investigações feitas através de coleta de dados com pessoas mais antigas e dos estudos teóricos e

documentos históricos, culturais e geográficos da cidade, também fizemos uma pesquisa de campo, em julho de 2022, que foi um fator muito importante para que fizéssemos um estudo mais aprofundado sobre as temáticas da memória e do patrimônio cultural. Visitamos a cidade de Diamantina (cidade mineira histórica) para observar os fatos e os fenômenos que ocorreram ao longo do tempo e a fizeram tornar-se patrimônio cultural e histórico da humanidade. Conhecemos o centro histórico de Diamantina como pesquisa de campo pelo fato de ser uma cidade rica em memória e que, segundo o Iphan (2014), possui “[...] um valioso acervo de construções do período colonial, um conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade”. Além disso, o município de Diamantina “[...] foi tombado, em 1938, pelo Iphan e, em 1999, a Unesco concedeu a Diamantina o título de Patrimônio Mundial” (Iphan, 2014). Portanto, lugar propício como observatório e para constatação material e imaterial do nosso estudo.

Figura 2: Centro Histórico de Diamantina – visita em 09 de julho de 2022



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A nossa pesquisa teve propósitos específicos que eram valorizar o relato de memórias dos moradores mais antigos das comunidades e incentivar a preservação da memória e da história dos locais estudados.

Acreditamos que a conservação das lembranças dá novos sentidos e sentimentos de continuidade à vida em sociedade, pois, ao que parece, são por meio delas que é possível estudar e/ou ressignificar determinadas situações de nossa existência.

A importância de se estudar a memória se sustenta no fato de que trabalhar com as reminiscências, envolvendo as suas mais diversas espécies, implica recriar o passado. Para tanto, em nossa sociedade, encontramos as lembranças dos velhos que se constituem como guardiões da memória de um povo (Jesus, 2016, p. 17).

Na segunda fase da pesquisa, aplicamos o questionário em forma de entrevista; em seguida coletamos as respostas gravadas, depois transcrevemos todas as respostas, tabulamos e ponderamos a fala de cada morador em formato de relato/depoimento/narrativa. Observamos que as faltas de oportunidades dos nativos de áreas rurais evidenciaram a dificuldade de prosseguir os estudos. Essas pessoas se encontravam atreladas à necessidade de ajudar os pais na pecuária e na agricultura, de modo que fizeram com que os estudos ficassem em último plano. Dos 10 entrevistados, apenas 1 conseguiu, depois de adulto, terminar o Ensino Médio. Os outros 9 possuem apenas os anos iniciais de escolaridade.

Outra questão recorrente nas entrevistas foi a nostalgia. Quando perguntávamos sobre as mudanças que ocorreram durante esse tempo até os dias atuais, as respostas foram as mais diversas: “*do rio que corria aqui e hoje não tem mais*”⁴; das plantações para sobrevivência “*as coisas era difíci, nós desde pequeno, tinha que plantar roça para poder comer*”⁵; das necessidades “*já cheguei a almoçar folha de árvore de barriguda*”⁶. Ao fazermos a análise dessas narrativas, pudemos perceber que há recordações alegres, como a abundância da água

4 J. V. C (morador do Laranjão).

5 D. D. S. Q (morador da Cava).

6 J. M. D (morador do Buriti).

do rio e que atualmente está seco; memórias tristes, por exemplo, dos empecilhos financeiros; lembranças da infância, que foi marcada pelo trabalho, mas apesar das dificuldades guardam apenas as lembranças boas; as conversas intermináveis à beira do fogão à lenha; as longas distâncias percorridas a cavalo para trocar ou vender suas mercadorias para o sustento dos familiares.

Outra questão importante nos relatos foi a exposição de como eram as festas tradicionais que (por mais simples que possam parecer), para os moradores tornavam-se eventos grandiosos, permeados de religiosidade, fé e alegria, ao som de sanfona, de Folias de Reis e de muita fatura. Nesse contexto, podemos dizer que o momento da entrevista trouxe reflexões importantes tanto para os entrevistados quanto para a comunidade escolar. Pudemos constatar não só os sentimentos, as impressões e as memórias do passado dos nossos participantes, mas a abordagem frisou características econômicas do município no passado, aspectos geográficos, históricos e culturais, confidenciais de forma singular.

Antes de alcançarmos tal percepção, foi preciso entrarmos em contato com o patrimônio cultural material, para que pudéssemos notar a diferença do patrimônio material e do imaterial; mas com a mesma valoração e olhar para as experiências que não são palpáveis de verificação quantitativa, pois são carregadas de simbolismo e de subjetividades. Dessa maneira, fizemos uma visita ao centro histórico de Diamantina, para que pudéssemos fazer esse comparativo entre memória e patrimônio cultural material (classificado dessa forma pela sua natureza de durabilidade e características de um bem palpável e/ou durável).

Realizamos essa pesquisa de campo no dia 09 de julho de 2022, fizemos a apreciação do centro histórico das 8h às 18h. Nesse intervalo de tempo, fomos à casa de Juscelino Kubitschek, pequeno museu que conta a história da infância e da juventude de JK e onde preserva alguns objetos pessoais da época em que ele morou em Diamantina, de 1902 a 1920.

Figura 3: Visitação à Praça e à casa de Juscelino Kubitschek



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Passamos pela rua da Casa da Glória e o Passadiço, que foi construído em 1835 e já foi reformado. Mais tarde, visitamos as igrejas. Começamos pela de Nossa Senhora do Carmo, que abriga obras de Aleijadinho; depois fomos à igreja de São Francisco de Assis; e, por último, à Catedral Metropolitana, antiga Igreja Matriz de Santo Antônio, construída no século XVIII.

Figura 4: Igreja de São Francisco de Assis, em Diamantina/MG



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Outro local do qual gostamos muito foi o Museu do Diamante, em que havia um acervo dos séculos XVIII e XIX com artefatos históricos da época de circulação dos diamantes na cidade. E, por fim, o Mercado Velho de Diamantina.

Durante essa viagem, aprendemos a reconhecer um patrimônio histórico, vivenciamos histórias de lutas semelhantes ao dos nossos entrevistados. Além disso, percebemos a representação do patrimônio cultural nos monumentos visitados e pudemos comparar o valor que tem o patrimônio material integrado ao imaterial.

Após a visita à Diamantina, tivemos outro momento único, que foi a apresentação dos resultados parciais da pesquisa no 16º FEPEG - Fórum de Ensino Pesquisa e Extensão, da Universidade Estadual de Montes Claros. Momento em que os alunos tivemos a chance de conhecer o espaço acadêmico da Unimontes e mostrar à comunidade universitária que a Educação Básica, mesmo em áreas rurais, é capaz de realizar Iniciação Científica, discutir e divulgar a sua pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Executar este projeto foi um momento de aprendizado em que ficamos surpresos com os relatos das pessoas entrevistadas, pois tais realidades narradas eram desconhecidas pela maioria do nosso grupo. Da mesma forma, foi benéfico para os entrevistados porque, no momento em que relataram suas vivências, eles se sentiram valorizados, queridos e notados pela escola e pela sociedade.

Destacamos que, de início, quando foram convidados a participar da pesquisa, em formato oral, os entrevistados, na sua simplicidade, se mostraram resistentes, pensando que não iriam dar conta ou não saberiam responder às questões, mas depois, no decorrer da conversa, se sentiram confortáveis e gratos por termos proporcionado a eles aquele momento. Além do vínculo entre gerações que se estabeleciam, notamos a reafirmação dos relatos como patrimônio imaterial daquelas localidades, naquelas pessoas com idades entre 70 e 89 anos de idade. A memória se materializou nos relatos feitos pelas pessoas mais antigas das localidades participantes da pesquisa e ampliou o conceito de patrimônio histórico como construção de identidade.

Em suma, acreditamos que essa reflexão também foi de grande valia para a comunidade, pois despertou neles o interesse sobre os relatos locais, incentivou a preservação da memória e da história, ao mesmo tempo que possibilitou um resgate da própria trajetória. Tudo isso, atrelado à visita ao centro histórico de Diamantina, em que pudemos presenciar e valorizar ainda mais o patrimônio histórico material e imaterial, possibilitou reflexões importantes.

Por fim, é válido ressaltar que, no decorrer deste trabalho, nossas expectativas foram se superando cada vez mais. Esperamos que ele não se encerre aqui, mas que seja o início de um grande projeto, visto que já temos um material colhido que possibilita a continuação dessa pesquisa e que poderá ser estudado em outros aspectos, como a possibilidade de estudarmos uma das manifestações culturais mais emblemáticas de Glaucilândia, a Folia de Reis, citada em quase todos os relatos como uma manifestação cultural local que precisa ser resgatada.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, M. *Avaliando a avaliação da aprendizagem: um novo olhar*. São Paulo: Lúmen, 1996.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília/DF: Centro Gráfico, 1988.

DICIO. *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/memorias/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

ESCOLA Estadual Maria Carneiro da Cruz. *Projeto Político Pedagógico (PPP)*. Glaucilândia, 2020.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 542.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Centro histórico de Diamantina (MG)*. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/371/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Instrumentos de Salvaguarda*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1600/>. Acesso em: out. 2022.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 12 set. 2022.

JESUS, A. O. Notas para a memória. In: SANTOS, R. de C. S. D.; ALMEIDA, I. F. R.; MORAES, C. R. A. (org.). *Fragmentos de memórias*: Arquivo da história e da paixão no ensino superior. Montes Claros: Unimontes, 2016, p.17-32.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MICHAELIS. *Dicionário Português Brasileiro*. Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patrim%C3%B4nio/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, S. C. *Métodos de coleta de dados no campo*. São Paulo: Atlas, 2009.

LEMBRANÇAS E SAUDADES NAS IMAGENS: A FOTOPINTURA COMO AMULETOS DE MEMÓRIA PARA OS MORADORES DA ZONA RURAL DE CANA BRAVA/FRANCISCO SÁ/MG

Alicia Gabrielly Ferreira Alves¹, Alane Silva de Abreu¹, Carlos Adriano Conceição Alves¹, Cibele Rodrigues Rocha¹, Izamara Cristina Rodrigues Souza¹, Luiz Eduardo Rodrigues Soares¹, Kayty Gabrielly Pereira Amaral¹, Maria Luiza Rodrigues de Moura Edilanni Oliveira Silva¹, Sâmella Clarissa Gomes Dias¹, José Vinícius Peres Silva², Renan Marcelo Alves Coimbra³

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do projeto de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB). Expediente o qual foi promovido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, nas escolas de Ensino Fundamental e Médio do estado. Como forma de problematizar temáticas dos currículos e parâmetros educacionais brasileiros, nosso tema situa-se

¹ Escola Estadual Zeca Guida (Francisco Sá/MG).

² Orientador, Escola Estadual Zeca Guida (Francisco Sá/MG), ose.peres@educacao.mg.gov.br.

³ Tutor, Escola Estadual Sérgio de Freitas Pacheco (Uberlândia/MG), renan.coimbra@educacao.mg.gov.br.

na grande área de Ciências Humanas e Sociais da BNCC do Ensino Médio, dentro do tópico do Tempo e Espaço.

Trabalhar com as diferentes culturas e explicar os motivos e as razões da formação de uma sociedade, além de entender como as mudanças sociais ocorrem, consiste em questões de grande relevância para o desenvolvimento científico. Dessa feita, o presente trabalho se justifica no plano de fomentar potencial questionador e de desenvolver sentimentos de pertencimento e de identidade dos alunos com o local onde vivem e estão inseridos.

Desenvolvemos o presente projeto na Escola Estadual Zeca Guida. Pode-se afirmar que o trabalho obteve êxito em instigar os alunos a se interessarem por processos da memória material e visual que fazem parte do patrimônio histórico imaterial das localidades rurais onde estão inseridos. Para tanto, focou-se nos documentos imagéticos denominados fotopinturas. O objetivo mais geral consistiu em estudar, construir e possibilitar uma divulgação de saberes do conhecimento científico na área de Ciências Humanas e Sociais.

1.1 Fotopintura

As fotografias pintadas aparecem com frequência enfeitando as paredes de habitações rurais no Norte de Minas Gerais. Encontradas em moradias, cemitérios e casas de ex-votos, essas fotografias são muitas vezes vistas como parte da cultura popular do sertão. Por outro lado, frequentemente, não representam foco de fascínio e de admiração por parte da elite urbana. Isso, aliás, é uma das razões de, ainda hoje, encontrarmos poucos estudos sobre elas no Brasil.

Conforme Titus Riedl (2007), no texto “A morte transformada em vida: o caso da fotopintura”, esse tipo de arte não é uma exclusividade de áreas mais pobres, como o interior de Minas Gerais e o Nordeste do Brasil. A prática de fazer retoque em imagens pré-selecionadas sempre foi uma realidade desde a invenção da fotografia.

Acontece que a fotopintura, historicamente, representou uma democratização na obtenção de um retrato. Algo que se explica pelo baixo custo de aquisição dos materiais e pelo modo como ela foi ressignificando o sentido original da foto. Ressignificando pois uma prática comum na técnica era vestir os personagens das imagens com roupas e indumentárias oriundas das camadas ricas (Riedl, 2007, p. 25).

Sendo, sobretudo, uma prática de comunidades pobres de zonas rurais, propusemos um olhar aprofundado acerca da produção e de como se guardam as fotopinturas.

Para tanto, selecionamos localidades próximas ao distrito de Canabrava, do município de Francisco Sá, que fazem parte da região onde se encontra a Escola Estadual Zeca Guida. Os estudos de fontes visuais da memória situam-se no âmbito das Ciências Humanas. Pode-se dizer que eles contemplam as disciplinas de Arte e História e fazem parte do eixo-temático sobre a Memória e o Patrimônio cultural. Nosso trabalho encontra-se na esfera da Educação Patrimonial que, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, engloba processos formais e não formais de educação sobre o patrimônio cultural. Nessa abordagem, a compreensão sócio-histórica das referências culturais, revela-se como caminho de reconhecimento, valorização e preservação da memória e da cultura de um povo. O processo educativo que nela se insere deve priorizar a construção coletiva e democrática do conhecimento por meio da participação da comunidade produtora dos materiais que sejam foco de estudos.

Contamos, assim, com um grupo de estudantes selecionados em duas frentes. Em primeiro lugar, no expediente de buscar contato com os proprietários das fotografias. Em segundo, na atividade de pensar questões que pudessem nortear a pesquisa. O contato é muito importante, pois possibilita estreitar laços entre os sujeitos pesquisados, a comunidade e a escola. Outro aspecto essencial é a autonomia dos alunos, pois é o que permite à pesquisa modificar a forma com que eles veem o mundo, além de lhes proporcionar a possibilidade de transformá-lo.

1.2 O distrito de Cana Brava, as comunidades rurais e a Escola Estadual Zeca Guida

O distrito de Cana Brava conta com uma população média de 2.000 habitantes e está distante 18 km da sede do município. Tem um clima seco e é predominantemente rodeado do ecossistema Caatinga. A origem do povoamento da localidade aconteceu dentro do contexto das bandeiras no século XVIII (Dias, 2013). Por isso a região detém uma rica história ligada à produção agrícola e à pecuária de subsistência e de abastecimento de outros locais.

Historicamente, a escola teve origem em 1914, quando a comunidade ainda era conhecida como Bela Vista de Nossa Senhora da Conceição. Nessa época, foi construído o primeiro prédio, com apenas uma sala de aula, por meio de doação do fazendeiro José Dias Pereira Guida. Em 1948, a escola passa a fazer parte da administração do município de Francisco Sá, mantendo a função de alfabetização de crianças. A ampliação de séries aconteceu somente no ano de 1959 e mais turmas dos anos iniciais foram acrescentadas em 1974. Isso quando a instituição passou a fazer parte da rede estadual de ensino.

Os alunos, em sua maioria, são residentes das comunidades rurais do distrito. Com o total de 280 alunos matriculados, conforme projeto político pedagógico atualizado em 2020 (Escola Estadual Zeca Guida, 2020). O espaço é caracterizado pela forte ligação dos seus atendidos com a economia voltada para o campo, bem como para práticas socioculturais relacionadas com esse meio (IBGE, 2022).

Funcionando atualmente com os anos finais do Ensino Fundamental, a escola também oferta o Ensino Médio e duas turmas de tempo integral (oitavo ano e nono ano). Nos últimos anos, também foram disponibilizadas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Destaca-se, ainda, um foco educacional da instituição em áreas específicas de formação, como projetos, eventos, culminâncias e outros que possibilitem o acesso do Distrito de Canabrava às questões educativas.

2 DESENVOLVIMENTO E METODOLOGIA DE TRABALHO

Nosso método de trabalho dialoga diretamente com os estudos de cultura visual presentes nas pesquisas de historiadores e estudiosos do assunto. Nossa forma de análise das fotografias – pintadas enquanto suportes visuais – se deu no intuito de reconstruir os circuitos sociais no qual essas imagens estão inseridas. Observamos os locais onde estão guardadas e sua conexão com o detentor da obra a fim de problematizarmos o contexto social e cultural onde elas estão mantidas.

O primeiro passo da execução da pesquisa foi a apresentação de cada estudante como pesquisador do Projeto de Iniciação Científica na Educação Básica da Escola Estadual Zeca Guida. Os alunos responsáveis ainda informaram sobre a orientação, a qual está na incumbência do professor Me. José Vinícius Peres Silva, do conteúdo de História.

A fotopintura corresponde à nossa fonte e ao nosso objeto de trabalho. Por isso, pensamos que ela “deve submeter-se a críticas” (Mauad, 2015, p. 10). Só assim extraímos todo o seu potencial de pesquisa. Procuramos seguir um método significativo, que se deu por um critério de seleção, a fim de evitar a descaracterização dessa fonte, visto que, conforme Mauad (2015, p. 10), “seu objeto, que é a foto em si, deve ser trabalhado e estudado separadamente, garantindo, pois, a individualidade do objeto fotográfico a ser estudado, o qual tanto pode ser um álbum, uma foto, ou, no caso, uma fotopintura, para que em seguida possa-se estudar a parte material”.

O próximo passo foi a entrevista, a qual buscava informações que identificassem o local, a família e as pessoas que estão relacionadas à fonte estudada. As perguntas realizadas foram:

- Qual o seu nome completo, idade e profissão?
- Qual o nome da localidade e qual o endereço onde você mora?
- Qual a quantidade de fotopinturas que você tem em sua casa?
- Como elas estão guardadas? Estão exibidas na parede? Ou mantidas em outro local?

- Você tem o costume de guardar fotografias de pessoas da família em sua casa?
- Qual a quantidade de fotografias e/ou álbuns de família que você detém?
- Qual a importância de guardar uma fotopintura para você?
Como você se sente ao guardar esse objeto?

O terceiro passo da pesquisa foi identificar a quantidade, a localidade, a forma, as cores e como elas foram guardadas. Isso foi preenchido conforme o quadro abaixo.

Quadro 1: Informações sobre as fotopinturas e seus detentores

FOTOPINTURA NÚMERO _____
Nome do detentor
Localidade
Forma da fotopintura
Local onde está guardada
Cores
Ano ou época de confecção da imagem
A imagem já teve outros donos? Quais?
Artista que confeccionou a fotopintura e sua relação com a família:
Quantas pessoas aparecem na foto pintura?
Quem são as pessoas que aparecem na fotopintura?
Qual a posição em que cada pessoa aparece na fotopintura?
Existe alguma importância ou critério para a posição das pessoas na fotopintura? Se sim, quais os critérios?
Como cada pessoa representada está vestida?
Qual a idade aproximada que cada pessoa foi representada?
Quais pessoas das fotopinturas estão vivas e quais faleceram?
Existem outros detalhes específicos de cada fotopintura?

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a metodologia de análise de imagem disponível no site do Laboratório de História Visual, da Universidade Jaume I, identificaremos os seguintes níveis para decompor as características das fotografias: nível conceitual, morfológico, compositivo e enunciativo. A partir desses pontos, ainda dentro da metodologia, organizamos roteiros de análise no intuito de decompor a imagem fotográfica em unidades, guardando a devida distinção entre forma, conteúdo e expressão. Essa proposta foi adaptada para a nossa realidade de pesquisa. Foram destacadas informações, como os produtores das fotopinturas, o ano, o local retratado, as pessoas retratadas, os atributos das pessoas e o tempo retratado, além dos fotógrafos que produziram o material.

O último passo realizado para a pesquisa foi fotografar com o celular uma imagem detalhada e legível do local onde a fotopintura está guardada. Exemplo: Se estiver exposta na parede da sala acompanhada de outros quadros, isso deve aparecer na fotografia feita. As imagens feitas foram encaminhadas para a pasta na nuvem eletrônica do núcleo de Iniciação Científica para serem analisadas pelos outros integrantes.

Cada aluno que participou da pesquisa como pesquisador foi às casas selecionadas por eles na localidade rural onde residem. Como nem todos os alunos moram no distrito de Cana Brava, onde é o local da sede da Escola Estadual Zeca Guida, a pesquisa se concentrou na comunidade rural de cada pesquisador. Vinte famílias, no total, receberam alunos-pesquisadores, sendo as comunidades visitadas em número de cinco.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados mais importantes obtidos a partir das entrevistas foram a menção em quase a totalidade da fala dos entrevistados das palavras “lembrança” e “saúde”. Essas palavras são os elementos discursivos expressivos que sintetizam toda a ideia por trás da fotopintura como elemento de memória. Ao mesmo tempo em que era esperado que os entrevistados respondessem assim, a descrição das fotografias e a

associação delas com o ato de relembrar e sentir falta das pessoas retratadas representam formas de identificarmos como funciona a memória coletiva em uma comunidade.

Os elementos que compõem cada imagem analisada são, na maioria das vezes, repetitivos, com algumas mudanças de acordo com a época que foram produzidas. Com relação à essa temporalidade, das 25 imagens que foram anualizadas, 5 são da década de 1970, 3 da década de 1980, 10 de 1990 e 7 dos anos 2000 e 2010. Além de revelar que a prática de produzir e guardar a fotopintura permanece como um valor cultural das pessoas das comunidades rurais de Canabrava, essas temporalidades revelam ainda algumas poucas mudanças na forma de produzir essa arte. A seguir, selecionamos algumas imagens para analisarmos.

Figura 1: Fotopintura casal



Fonte: Acervo de Ivo Dias Martins.

A fotopintura acima pertence a uma mulher, atualmente na faixa dos 60, que é produtora rural e reside em comunidade distante 6 km do distrito de Canabrava, Francisco Sá/MG. Nas imagens podemos observar a proprietária do objeto e seu esposo. Na época, eles tinham aproximadamente 23 e 26 anos, respectivamente. As fotos foram feitas, de acordo com a entrevista realizada, no dia do seu casamento e depois foi realizado o processo de pintura. Isso, anos depois, em data não informada.

Na imagem, é preservado o rosto dos personagens da fotografia original em preto e branco. Fez-se adição de roupas coloridas, com um terno e uma gravata (ambos em tom azul claro) para o marido e apenas o começo de um vestido para a jovem. O casal retratado apresenta um olhar sério, típico da pose comum em retratos da época. Os dois ainda aparecem centralizados em um fundo na cor azul claro, e a mulher está levemente sobreposta a seu esposo.

Figura 2: Fotopintura sogra e nora



Fonte: Acervo de Senhorinha Dias Pereira.

Na Figura 2, de propriedade de outra pessoa, também mulher, observamos duas mulheres de diferentes idades. A mais velha é a sogra da proprietária da foto, enquanto a de menor idade é sua sobrinha. As duas já são falecidas. A imagem está em preto e branco e provavelmente foi produzida na década de 1970, conforme entrevista. A sogra está à esquerda com um lenço na cabeça e uma blusa clara. Seu olhar é fixo e sério, com uma pose comum em retratos da época. Está ainda representada em sua quase meia idade, confrontando nitidamente com a outra personagem ao lado, que é criança. A jovem é representada com um vestido, ou blusa despojada, com franjas e cabelos preso com um laço branco. Seu semblante é infantil e mostra um discreto sorriso. As duas personagens estão centralizadas na imagem e se encontram lado a lado. O estado físico da imagem é desgastado

devido à sua idade. Ela está exposta na parede da casa da detentora, a qual se localiza em uma comunidade que fica a 7 km de Canabrava.

Figura 3: Fotopintura família



Fonte: Acervo de Maria da Conceição Alckmin Martins.

Nessa última imagem, pertencente a uma mulher com quase 60 anos, dona de casa e residente no Distrito de Canabrava, observamos um padrão diferente com relação às outras aqui apresentadas. Produzida em 2020, ela não segue o padrão das outras, já que nela é acrescido um fundo com paisagem. Nessa fotopintura, estão representados respectivamente avó, mãe, pai e avô da proprietária. As pessoas que aparecem na imagem estão em posição padrão de retrato, ou seja, com o olhar fixo para frente. Outro detalhe é que a imagem é colorida. Esta é a única em que o entrevistado se lembra do nome do artista que a produziu. Foi-lhe dirigida a pergunta acerca de qual sua ligação com ele, a resposta foi que se tratava de um viajante com o qual não tem mais contato.

Estabelecendo um paradigma da fotopintura como um amuleto de memória, devemos entender que, para algo ser considerado como parte de materiais que fazem parte da lembrança de um determinado grupo ou família, esse algo foi resultado de uma escolha coletiva selecionada para

ser vista como tal. Entender os meandros da memória é compreender, conforme Bosi (1994), que ela se desenvolve a partir dos laços de convivência familiar, de convivências escolares e de convivências profissionais, que atam a memória de seus membros, acrescentam, unificam, diferenciam, corrigem e passam a limpo o passado. Devemos muito à memória coletiva para o indivíduo que recorda lembranças. Ele detém o passado ao guardar objetos que são para ele relevantes. Isso, considerando que eles constroem significados de valor único. É por isso que observar quais materiais se guardam numa sociedade diz respeito, também, a entender os valores dessa na construção de um passado e de suas memórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de Iniciação Científica da Escola Estadual Zeca Guida foi importante, pois permitiu uma reflexão por parte da comunidade escolar acerca da prática de pesquisa na área de Ciências Humanas. Além de permitir, também, visualizar e compreender como o entendimento daquilo que é uma ciência pode ser ampliado para outros setores que não os tradicionais.

As fotopinturas são uma forma de se conectar com o passado, recorrer às lembranças de uma vida que já ocorreu e de se recordar dos entes que já se foram. No entanto, não se referem apenas a coisas que foram guardadas nas gavetas ou que estampam as paredes das casas do povo das comunidades da zona rural de Cana Brava. Elas são uma forma de expressão e prática viva de pertencimento do povo do local onde estão situadas. Guardar fotopinturas é recorrer à construção de um passado coletivo que transmite para o presente o modo de agir, sentir e viver.

Identificamos na prática da fotopintura vários significados, sejam eles próximos a um álbum de família, seja como uma prática de guardar imagens do passado, seja de se mostrar como pertencente a uma comunidade que sempre fez e faz uso dessa técnica. Vale ressaltar que o ato de produzir as fotopinturas ainda é persistente na vida das pessoas que foram

entrevistadas. Por isso essa prática não está reclusa ao tempo mais antigo descrito no início do trabalho (décadas de 1960 e 1970), sendo ainda observada atualmente. O fato de ainda existirem fotopintores, e a população utilizar dessa prática, mostra a lembrança e por consequência a memória como parte preponderante e importante para a memória coletiva.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DIAS, R. S. *Representação do Sertão: poder, cultura e identidades*. São Paulo. Humanitas, 2013.

ESCOLA Estadual Zeca Guida. *Projeto Político Pedagógico*. Canabrava, Francisco Sá/MG, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População*. IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/franciscosa/panorama>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MAUAD, A. M. Fotografia Pública e poder. In: ROSSA, W.; RIBEIRO, M. C. (org.). *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. Coimbra/Niterói: Imprensa da Universidade de Coimbra/Eduff, 2015.

RIEDL, T. A morte transformada em vida: caso da fotopintura. *Revista Ângulo*, n. 109, p. 23-27, 2007.

ESCRITAS MIGRANTES, ESPAÇOS IMAGINÁRIOS: OS DISCURSOS DA MIGRAÇÃO NA LITERATURA, NA MÚSICA E NO CINEMA

Amanda Rodrigues Quaresma¹, Ana Luíza Lima Gusmão¹, Carlos Eduardo Silva Soares¹, Diego Fernandes Soares¹, Gabrielle Alves da Rocha¹, Hendy Eduarda Dias Santana¹, Igor Rodrigues Sene¹, Isabela da Rocha Panato¹, Maria Fernanda Rodrigues da Silva¹, Samira Gonçalves Quaresma¹, Samyr Carvalho Pereira¹, Stefany Isabelly Rodrigues Santos¹, Fernanda Xavier Maia², Lucas Barbosa Borges³, Dulce Mirian Veloso Carcereri⁴

*Do leste vieram pássaros
rápidos leves
nem sombra nem rastro
deixam:
apenas passam. Não pousam.*

Orides Fontela

1 INTRODUÇÃO

A migração foi o tema principal desta pesquisa, importante questão presente na comunidade da Escola Estadual de Aparecida do Mundo Novo, localizada na zona rural da cidade de Montes Claros. Nossa comunidade é marcada

1 Escola Estadual de Aparecida do Mundo Novo (Montes Claros/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual e Aparecida do Mundo Novo (Montes Claros/MG), fernanda.xavier.maia@educacao.mg.gov.br.

3 Coorientador, Escola Estadual de Aparecida do Mundo Novo (Montes Claros/MG).

4 Tutora, Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira (Montes Claros/MG), dulce.veloso@educacao.mg.gov.br.

pela produção rural e agrícola, fonte principal de renda e organização social. Desse modo, na região, pode-se perceber um forte fluxo de êxodo rural – em especial a partir dos anos 1960 e 1970 – transformando as relações e pessoas do lugar. Em busca de maiores oportunidades de trabalho, muitas famílias migram da comunidade, o que causa uma diminuição acentuada de alunos da escola.

Esta pesquisa foi, portanto, uma oportunidade de entender as causas e as motivações para essas mudanças, historicizar os acontecimentos e dar ferramentas para os estudantes compreenderem os processos sociais que impactam diretamente em suas vidas e que causam reflexos e impactos no contexto em que habitam.

Desse modo, pensar a história das migrações internas contribuiu para entendermos o modo como se formou nossa sociedade e, principalmente, como as trajetórias individuais tornaram-se parte de um processo muito mais amplo de mobilidade de massa na luta pela sobrevivência. Nesta pesquisa, a partir do recorte temático da migração, procurou-se construir instrumentos de leitura dos discursos produzidos a partir do deslocamento, da diáspora dos povos, através de pesquisa bibliográfica exploratória, a fim de construir uma bibliografia de experiências e testemunhos que aproximem o tema da experiência de cada sujeito.

Após a pesquisa bibliográfica exploratória e a leitura qualitativa dos textos escolhidos, se realizou a pesquisa de campo – o último momento da pesquisa (importante na construção dos relatos de experiência). O deslocamento do ambiente rural para o maior centro urbano do estado foi um fator importante na pesquisa, que diversificou a experiência para integrar os discursos da experiência multicultural e migrante, a fim de compreendermos a vivência migrante e individual de cada ser e entender como os processos migratórios ocorrem na atualidade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme referido, o ponto de partida para o recorte temático da pesquisa foi a migração. Buscamos construir instrumentos de leitura dos

discursos produzidos a partir do deslocamento e da diáspora dos povos. Nos primeiros momentos de pesquisa bibliográfica exploratória, foram escolhidos textos de prosa poética, poema, música e cinema de autores migrantes, a fim de construir referências artísticas que aproximassem o tema da experiência de cada um e que fariam sentido no contexto social em que a escola está situada.

Esses textos foram lidos coletivamente a partir de uma série de estratégias de leitura ativas dos textos, explorando as especificidades de cada gênero, seu contexto histórico e social, e as intenções de cada discurso. A seleção dos textos artísticos e críticos (feita ao longo do processo de pesquisa) procurou oferecer um panorama de pesquisas na área de Linguagens e suas tecnologias, alinhada às discussões científicas do momento – oferecendo um recorte amplo tanto dos textos artísticos quanto dos textos críticos. Após a pesquisa bibliográfica exploratória e a leitura qualitativa dos textos escolhidos, foram realizadas viagens de pesquisa de campo. Todo o Núcleo de Pesquisa deslocou-se da zona rural para o maior centro urbano do estado, nossa capital, Belo Horizonte; e para a antiga capital do estado, Ouro Preto/Vila Rica. Assim, os deslocamentos da pesquisa de campo constituíram um momento importante da coleta de dados, em que tivemos a experiência das distâncias, das paisagens, das diferenças, dos acessos, das estruturas desses lugares (que recebem os imigrantes rurais).

O trajeto escolhido teve como objetivo conhecer o maior fluxo migratório da região – quando os sujeitos saem da zona rural para a capital em busca de melhores condições de trabalho. Nesse sentido, privilegiamos também os aspectos históricos da migração, visitando também a antiga capital do estado (Vila Rica), destino de muitos fluxos de imigrantes nos séculos passados. Além da experiência de deslocamento em si, visitamos museus e acervos para articular e consolidar as fontes teóricas – usadas como instrumento de leitura dos textos artísticos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O termo migração refere-se ao deslocamento de pessoas de um lugar para outro. “Migrar é trocar de país, de estado, de região ou até de

domicílio, um fenômeno tão antigo quanto a própria história da humanidade” (Valim, 1996, p. 8). O processo de migrar faz da pessoa um imigrante ou emigrante, e modifica a identidade desse sujeito. Vale frisar que a migração se tornou uma parte essencial da vida, milhões de pessoas migram todos os anos – principalmente devido às condições econômicas ou devido a ordens governamentais. Por exemplo, muitos trabalhadores migrantes se mudam para cidades industriais na Índia e na China para encontrar trabalho nas fábricas. Alguns trabalhadores migrantes são também aqueles que deixam suas casas rurais temporariamente, antes de voltar para casa após um período de trabalho sazonal. Essas estadas temporárias são conhecidas como “jornadas migratórias” e acontecem em toda a América Latina e África.

Além disso, existem diferentes padrões migratórios com base em status socioeconômico e grupos etários. As migrações juvenis referem-se ao movimento de jovens das áreas rurais para as áreas urbanas em busca de oportunidades de emprego ou Ensino Superior. Tal atividade rural-urbana ocorre quando os jovens saem de suas casas rurais para os centros urbanos em busca de trabalho ou oportunidades de qualificarem-se. O terceiro tipo existente desse fenômeno é a migração rural-urbana entre os idosos que querem se aposentar na cidade depois de trabalhar por várias décadas na agricultura ou na indústria em áreas rurais. Outro aspecto dessa temática que não pode deixar de ser mencionada é o fato de que pessoas com deficiência geralmente têm problemas para migrar, devido a problemas de acessibilidade, dificuldades financeiras e obstáculos legais, como requisitos obrigatórios de registro de trabalho ou nenhuma opção de transporte.

Dessa forma, vê-se que a migração global se tornou uma realidade para a maioria dos países e comunidades. À medida que as pessoas se deslocam das áreas rurais para as áreas urbanas, ou entre continentes, percebeu-se um aumento significativo desse fenômeno, principalmente nos últimos 60 anos, pois os países abriram suas fronteiras para o comércio internacional e para as viagens. Assim, espera-se que os governos criem ambientes sociais acolhedores para os migrantes – como educação, saúde

e emprego – para que possam fazer a transição de forma mais natural para seus novos lares. Além disso, os governos devem se preparar e responder a possíveis surtos de migração, integrando avanços tecnológicos em seus sistemas. Caso contrário, a migração continuará a ser imprevisível e causará grandes problemas para todos os países da Terra. É uma questão fundamental para caminharmos em direção à estabilidade global, para que a migração se torne oportunidade e não uma necessidade para as gerações futuras.

Existem vários tipos de migrações no nosso mundo, um exemplo diário é o ato de ir à escola e voltar para casa, que representa um tipo de migração, pois se sai de um lugar para outro diariamente – é a chamada “migração pendular”. Outro tipo que há é a “migração sazonal”, ocorrida apenas em algumas épocas do ano, como nas épocas de colheitas, ou até quando pessoas ficam algum tempo em um lugar e depois voltam para o seu lugar. Existe também a “migração de refúgio”, em que as pessoas são obrigadas a saírem de suas casas por algum motivo – um exemplo são os povos de países que declaram guerra contra outros; muitas vezes, eles saem de seu país de origem sem condições de subsistência, sem ter para onde ir, e mesmo assim eles saem para não correr o perigo de morrer; em muitos casos fecham as fronteiras do país para as pessoas não saírem, por esse motivo que muitos refugiados morrem anualmente.

Os refúgios geralmente são causados por guerras, mas esse não é o único motivo, são causados também por conflitos de ordem política. Muitos cidadãos fogem de seus países porque são ameaçados por organizações criminosas que dominam o cenário político local. Esse é um tema amplo e discutido por inúmeros autores, exatamente por se tratar de algo que acompanha o desenvolvimento da humanidade – e implica territórios, costumes, símbolos, hábitos e culturas. As discussões inseridas nesta pesquisa tomaram como base o texto “Migrações: da perda da terra à exclusão social”, de Ana Valim (1996), o livro *Lugar e Trecho: migrações, gênero e reciprocidade em comunidades camponesas do Jequitinhonha*, de Cláudia de Jesus Maia (2000), e outros artigos que apresentavam leituras de diversos gêneros a partir dos discursos migrantes. Entre eles, chamamos atenção

para a fala de Edna Clara Januário Araújo (2021), no relato de pesquisa *Discurso, migração e cinema*:

O século XXI tem sido marcado pela construção de um novo paradigma relativo à mobilidade dos seres humanos. As migrações, inerentes à trajetória do homem, ganham novos contornos na medida em que a sociedade se vê diante de uma crescente globalização e, paralelamente, confronta as novas crises humanitárias responsáveis pelo aumento do êxodo populacional (Araújo, 2021, p. 174).

3.1 Aspectos sócio-históricos da migração em Montes Claros

Num recorte histórico regional, a cidade de Montes Claros, situada no norte do Estado de Minas Gerais, desde seu início está ligada à temática da migração pois é fruto de bandeiras ocorridas no período do Brasil Colonial, onde Antônio Gonçalves Figueira criou a Fazenda Montes Claros:

Pelo alvará de abril de 1707, Antônio Gonçalves Figueira obteve a sesmaria de uma légua de largura por três comprimentos, que constituiu a Fazenda de Montes Claros. Formigas foi o segundo povoado da Fazenda Montes Claros. Gonçalves Figueira para alcançar mercado para o gado, construiu estradas para Tranqueiras na Bahia, e para o Rio São Francisco. Era grande o seu interesse de expansão do comércio de gados, e com isto procurou ligar-se ao Rio das Velhas e também à Pitangui e Serro. A região foi se povoando e a Fazenda de Montes Claros transformou-se no maior Centro Comercial de Gado, no Norte de Minas Gerais (Montes Claros, [s.d.]).

Podemos perceber a migração desses bandeirantes paulistas como fio condutor do processo de povoamento e desenvolvimento da cidade, num processo chamado à época de “interiorização do Brasil”, em que era necessário povoar as áreas no interior para que houvesse produção de mantimentos para alimentar a população, uma vez que o Brasil estava em meio de dois ciclos econômicos: o da cana-de-açúcar no Nordeste/litoral brasileiro e a Mineração na região das Minas. Essas regiões atraíam cada vez mais imigrantes, mas a produção de alimentos ficava em segundo plano, pois o objetivo era enriquecer os grandes latifundiários.

Outro dado que chama atenção é Montes Claros ter uma localização geográfica bastante privilegiada na região, facilitando assim a oferta de rotas de transporte e locomoção para os principais centros do país, contando com o Aeroporto Mário Ribeiro (inaugurado em 1939 e desde 1980 sob administração da Infraero) e o Terminal Rodoviário Ildeberto Alves de Freitas (inaugurado em 1980), onde passam, por ano, cerca de 200 mil passageiros aproximadamente, se aproveitando do fato da cidade ser considerada o 2º maior entroncamento rodoviário do país (Montes Claros, [s.d.] a). Ao longo da história, vemos muito sobre o processo de imigração e emigração passando pela cidade, pois a cidade se torna um importante centro de desenvolvimento regional, sendo referência em geração de emprego, educação, comércio e saúde.

A economia, originalmente voltada para a agricultura e pecuária, sofreu transformações a partir dos incentivos fiscais e financeiros concedidos pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que fez com que grandes indústrias do contexto nacional e internacional como se estabelecessem no município, a exemplo do que fizeram as empresas Coteminas, Elster Medição de Água S.A, Lafarge, Nestlé, Novo Nordisk e Vallée S.A. Recentemente a multinacional do setor farmacêutico, Eurofarma, anunciou a instalação de uma unidade em Montes Claros. / No tocante à Educação, na cidade estão instalados importantes centros universitários e faculdades, a sede da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), o campus da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Conta, ainda, com um vasto número de instituições na rede privada de ensino. / Montes Claros é referência regional na prestação de serviços de saúde, possuindo uma ampla rede de hospitais, consultórios e clínicas médicas, além de laboratórios de que procedem os mais diversos tipos de análises (Montes Claros, [s.d.]a).

Isso faz com que vários migrantes utilizem esses serviços e fixem residência na cidade ou fiquem num movimento pendular indo e voltando para sua cidade natal. Sobre os que fixam residência, podemos perceber que na maioria dos casos residem em bairros próximos às saídas da cidade em direção a suas cidades natais. No movimento pendular, percebemos que as cidades se organizam na forma de consórcios intermunicipais para prover a seus habitantes serviços de transporte regular e de qualidade

para estudantes universitários e pacientes que fazem tratamentos de saúde nos hospitais da cidade.

3.2 Escritas migrantes: música, literatura e cinema

O tema que direciona esta pesquisa nos deu a liberdade de leitura de diversos gêneros e suportes, importantes para compreender o que há em comum nos discursos produzidos por pessoas imigrantes de contextos distintos. Na música, escutamos artistas de inúmeras vertentes musicais, passando pela tradição migrante dos nordestinos em São Paulo, do bailão ao rap contemporâneo, também eu-líricos que cantavam sobre o corte de cana ou da vida de estrada de caminhoneiros e mascates.

Dentre a variedade de textos do gênero musical, escolhemos trazer para este texto a música *O imigrante* que nos mostra a migração externa. No dia 21 de agosto de 2010, Ed Moreno lançou a música *O Imigrante*, em que é possível notar o sentimento e a aflição de um eu poético que imigrou para trabalhar e realizar seus sonhos, mas acabou se arrependendo. Pensava que encontraria uma vida melhor, mas o que conseguiu além do trabalho foi ficar para sempre no país que imigrou. Percebe-se isso no trecho “[...] o tempo foi passando e foi se transformando, e pouco a pouco por aqui eu fui me aprisionando, chegou uma hora que não deu mais pra desistir, e eu tive que ficar aqui”. E, no fragmento “[h]oje uma saudade que me dá, de tudo aquilo que um dia eu deixei por lá, uma vontade de largar tudo agora e pra casa voltar”. Nesse viés, podemos perceber que o eu poético tem saudade de tudo que ele deixou pra trás, por isso tem vontade de deixar o que conseguiu nesse lugar que imigrou para voltar para casa e para o lugar no qual nasceu e cresceu.

Em outro excerto é revelado o desejo do eu lírico imigrante: “Quem sabe um dia eu ainda irei por lá rever minhas coisas, meus amigos, meu lugar, matar a saudade e então acalantar meu coração”, assim, é notória a esperança que permanece de voltar para seu país para rever os pertences, os amigos, a família, a casa, e matar a saudade, a fim de trazer

paz e acalento para o seu coração. Na canção, ainda podemos visualizar o objetivo de mostrar que nem sempre emigrar é a melhor opção, nem sempre vamos nos adaptar a outro país (ou cidade). Também mostra a saudade: o sentimento comum para qualquer pessoa imigrante que vai sentir falta de algo, uma vez que existe algum sentimento de saudade e o alerta de que nem sempre ao migrar a pessoa conseguirá realizar seus sonhos.

O que os textos escolhidos têm em comum é a saudade de casa, da terra, do seu país de origem, a falta que a família faz, a necessidade de sair de casa para conseguir dar o sustento e uma vida melhor para as pessoas que amam. As pessoas que saem de suas casas para trabalhar muitas vezes em outras cidades, estados países, tem uma grande expectativa de darem uma vida bem melhor para essas pessoas que eles tanto amam; também acham que o lugar de destino será bem melhor, pensam que será bem mais fácil; porém, em muitos casos, eles não obtém sucesso em seus objetivos – a realidade dos lugares não é o que imaginaram, e são obrigados a se sujeitar a atividades e ações por vezes precárias ou difíceis, diferente do que imaginaram.

Um exemplo são os caminhoneiros que muitas vezes acordam de madrugada, passam por um aperto em seus corações de ter que deixar sua família, e ficam por tanto tempo viajando de cidade em cidade fazendo entregas. Eles viajam pelas estradas, não vendo a hora de chegar, estar de volta no seu lar, voltar para os braços da sua família, voltar a ver os amores da sua vida. O cansaço muitas vezes aperta, o sono vem, o perigo que eles correm nas rodovias, acidentes, assaltos, entre outros problemas.

Na Literatura, podemos ler sobre a migração desde os primeiros textos produzidos em nosso território, como as cartas das grandes navegações portuguesas. Da vasta produção, lemos o conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa (1988), e outros contos do autor⁵. Entre outros textos, destacamos o “Poema ao Imigrante”, de Zoccarato (2014),

⁵ Na viagem de campo realizada durante a pesquisa, visitamos o Museu Casa de Guimarães Rosa em Cordeiro, fundamental para visualizar a cultura e os deslocamentos no sertão, presentes nos textos lidos.

que descreve pessoas que tiveram que emigrar por conta da fome, do desemprego, da epidemia e do país em guerra, que pode ser lido no trecho “muita fome e desemprego nos assola/ nossa pátria está a acabar mal/ sonhos esperança/ vamos embora/ a primeira guerra a iniciar”. O escritor ilustra as condições de vida desses seres humanos: a fome e a esperança. No final do poema percebemos que todo aquele apuro passou, e todos estavam em paz, já descendentes nesta nova terra.

O tema referente à migração pode ser um tanto “desinteressante” inicialmente para a maioria dos jovens, não causando uma prioridade de interesse, afinal, há uma infinidade de outras temáticas que podem e ofuscam o contexto da migração. Por isso, muitas obras misturam questões fantasiosas e outros temas, dando uma infinidade de possibilidades criativas aos textos. Conhecemos inclusive animes e séries que abordavam o tema.

No cinema, podemos chamar atenção para o filme *O Céu de Suely*, de Karim Aïnouz. Lançado em 2006, a narrativa conta a história de Hermila, uma mulher cearense que engravida ainda bem jovem e que sai de sua cidade natal (Iguatu) sem avisar ninguém e decide ir a São Paulo. Algum tempo depois, a protagonista retorna para o lugar que nasceu por causa de problemas financeiros. Há um trecho em que ela diz que “estava tudo muito caro” (em São Paulo), e reencontra pessoas que não via há muito tempo; elas notam certa diferença em Hermilla, o visual diferente e até mesmo o jeito de agir. Desse modo, nota-se que o tema do filme e o motivo pelo qual a personagem migra têm em comum muitos casos da vida real, como problemas financeiros que a personagem tinha na cidade em que vivia, por exemplo: custo de vida muito caro, falta de emprego ou salário insuficiente para suprir necessidades básicas. Além disso, é possível visualizar outro aspecto importante em diversos outros textos analisados: o sujeito é modificado pelo lugar, tendo em vista que o imigrante volta diferente, porque além de sua cultura de origem, ele também carrega as marcas dos lugares que passou (na linguagem, nos modos). Por isso, percebemos como o espaço e os sujeitos estão implicados, se transformam mutuamente.

3.3 Do campo à cidade: Aparecida do Mundo Novo, Cordisburgo, Ouro Preto e Belo Horizonte

Figura 1: Travessia sobre a ponte de Aparecida do Mundo Novo / Praça Raul Soares de Belo Horizonte



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Figura 2: A cidade de Ouro Preto



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

De 04 a 07 de outubro de 2022, todo o Núcleo de Pesquisa realizou uma viagem de campo. Saímos da Escola Estadual de Aparecida do Mundo Novo ainda bem cedo. Nossa primeira parada foi em Cordisburgo, no Museu Casa de Guimarães Rosa – para conhecer a história do escritor, o acervo literário e a cultural do local. Nosso outro destino foi a cidade de Ouro Preto, com uma geografia tão distinta. Pudemos conhecer os aspectos históricos de formação do estado de Minas Gerais e a influências dos fluxos migratórios. No Museu da Inconfidência foi possível perceber mecanismos de poder e manutenção das migrações forçadas para a escravidão, bem como a migração dos portugueses para as terras colonizadas.

Em Belo Horizonte, visitamos a Universidade Federal de Minas Gerais, alguns outros locais turísticos e os Museus da Praça da Liberdade. Nesse momento, além da experiência com o espaço urbano da capital, conhecemos também um pouco mais sobre os diversos povos migrantes que compõem nosso território, por meio de instalações, exposições e vídeos explicativos. Conhecer os museus foi fundamental para despertar o interesse; através de recursos tecnológicos e artefatos históricos, o conhecimento foi apresentado de uma forma diferenciada, transformando o modo como aprendemos. Muitos desses lugares estavam para além do que imaginamos, ou poderíamos imaginar, seja pela história, seja pela dimensão. A experiência nos fez perceber o sentido presente nos textos de referências que estudamos e o quanto esse deslocamento modifica os sujeitos migrantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser migrante é parte da identidade de muitas pessoas que não têm o direito ou a possibilidade de permanecer em seu lugar de origem. São muitas as questões que levam aos fluxos migratórios, quase sempre ligados à falta de direitos básicos, como segurança, moradia, alimentação, trabalho e liberdade. Assim, ao ler textos produzidos por pessoas migrantes, estamos conhecendo histórias e memórias de diversas culturas e saberes, que nos mostram como a realidade é percebida de modo diferente por

cada um. Conhecemos os direitos, as fronteiras e os discursos através de outro ângulo – outra perspectiva.

Portanto, percebemos ao longo da pesquisa que a experiência da migração faz parte da trajetória humana e tem se tornado um fenômeno social com o advento da globalização. Paralelamente, tem ganhado contornos que contrastam com o aumento do êxodo rural populacional e com as grandes crises humanitárias mundiais. Na nossa região não é diferente, visto que a prática do deslocamento é recorrente em nossos dias e é um elemento do nosso arcabouço histórico, social e cultural que precisa ser problematizado e estudado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. C. J. de. Discurso, migração e cinema. *Revista da Abralín*, v. 20, n.3, p.173-199, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1952#article-nav-affiliations>. Acesso em: 24 out. 2024.

MAIA, C. J. *Lugar e trecho: migrações, gênero e reciprocidade em comunidades camponesas do Jequitinhonha*. 2000. Tese (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2000.

MONTES CLAROS, Prefeitura Municipal de Montes Claros. *Aspectos gerais*. Prefeitura Municipal de Montes Claros, 2018-2022a. Disponível em: [//portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/aspectos-gerais](http://portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/aspectos-gerais). Acesso em: 20 jun. 2022.

MONTES CLAROS, Prefeitura Municipal de Montes Claros. *História*. Prefeitura Municipal de Montes Claros, 2018-2022b. Disponível em: [//portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/historia](http://portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/historia). Acesso em: 12 jul. 2022.

O CÉU DE SUELY. Direção: Karim Aïnouz. Fotografia: Walter Carvalho. Rio de Janeiro: *VideoFilmes*, 2006.

ROSA, J. G. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: ROSA, J. G. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.18-21.

VALIM, A. *Migrações: da perda da terra à exclusão social*. Atual Editora, São Paulo, 1996. ZOCCARATO. Poema ao Imigrante. *Pensador*. [2014]. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTUzMDYzNA/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

A MEMÓRIA COMO DELIMITADORA DA IDENTIDADE E DO SENTIDO DE PERTENCIMENTO NO PRIMEIRO POVOADO MINEIRO

Aender de Sousa Almeida¹, Ana Luíza Miranda Ribeiro¹, Jamilli Cristine da Silva Nascimento¹, Larissa Vitória Nascimento Rodrigues¹, Letícia Flávia de Sousa¹, Luanna dos Reis Correa¹, Lucas Rafael do Nascimento Andrade¹, Maria Clara de Sousa Andrade¹, Otávio Maximiliano dos Santos Silva¹, Luiz Guilherme Esteves da Silva², Tatiana da Silva Falcão Costa³

1 INTRODUÇÃO

O processo de construção da identidade de um povo, do seu orgulho sobre determinado tema local e do seu sentido de pertença, se dá através daquilo que se diz, daquilo que se narra por meio das histórias e das memórias que atravessam as gerações. Nossa cidade, Ibituruna, localizada no Campo das Vertentes, em Minas Gerais, é popularmente conhecida como “o primeiro povoado mineiro”, fundada pelo bandeirante Fernão Dias Paes, no ano de 1673, que desbrava o sertão mineiro

1 Escola Estadual Professor Júlio Bueno (Ibituruna/MG).

2 Orientador, Escola Estadual Professor Júlio Bueno (Ibituruna/MG), luiz.esteves@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Ministro Gabriel Passos (São João Del Rei/MG), tatiana.falcao@educacao.mg.gov.br.

em busca de pedras preciosas, as esmeraldas. Contudo, de acordo com a historiadora local, Maria do Rosário de Pompéia (2009), vários estudiosos contestam o título, visto que são poucos os documentos e os estudos sobre tal denominação.

É nesse contexto em que nos preocupamos sobre como os moradores da atual Ibituruna estabelecem um sentido de pertencimento, ou de orgulho, em relação ao título de primeiro povoado mineiro. Não raro, encontramos ibiturunenses descrentes com a cidade e a sua história. No entanto, há pouco tempo, alguns moradores e autoridades locais buscaram políticas de preservação de patrimônios materiais e imateriais. Como patrimônio material, há políticas de preservação da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cuja construção, segundo Pompeia (2009), não se sabe ao certo, mas possivelmente consta do início do século XIX.

Outros exemplos de bens tombados do município são os Passinhos, pequenos oratórios usados durante as celebrações da Semana Santa; a Praça dos Bandeirantes, localizada em frente à Igreja do Rosário; e o Marco de Sesmaria, ponto histórico no qual o bandeirante Fernão Dias teria deixado uma marca de sua passagem pelas terras ibiturunenses. Além disso, a popular Festa de São Gonçalo do Amarante, padroeiro da cidade, recebeu há pouco tempo o tombamento como Patrimônio Imaterial Municipal.

Este relato teve por objetivo demonstrar como o sentido de pertencimento de um povo, em relação ao patrimônio cultural material e/ou imaterial, pode ser apreendido por meio das memórias narrativas. Considerando a narrativa enquanto gênero, pretendíamos abordar e compreender os aspectos composicionais, bem como entender como se dava o processo de pertencimento na constituição de um povo.

Para tanto, em nosso relato, dialogamos com os teóricos Joel Candau (2021), Delgado (2009), entre outros, para dar suporte à compreensão das questões da narrativa, do sentido de pertencimento e da memória. Comparamos os escritos desses teóricos com os dados colhidos na obra *Memória Histórica de Ibituruna: Primeiro Povoado Mineiro*, da historiadora

local Maria do Rosário de Pompéia (2009). Acreditamos que, com isso, foi possível refletir sobre como o pertencimento se constitui no povo ibiturunense em relação ao título do município de primeiro povoado mineiro.

2 MEMÓRIA, NARRATIVAS E IDENTIDADE

Em nossas pesquisas, percebemos que o gênero narrativo privilegia a ordenação dos fatos em uma ordem cronológica, em um espaço, bem como com as personagens que compõem a história. Nesse sentido, a História, enquanto documento de vida de um povo, usa das narrativas para apresentar uma sucessão dos fatos. O tempo e o espaço, por sua vez, servem de memória para resgatar aquilo que está no inconsciente, nas lembranças, nas vivências já passadas (Delgado, 2003).

Assim sendo, a junção desses fatores contribui para a construção da identidade de um povo, como considera Delgado (2009). Em outras palavras, a união da memória, através das narrativas, e da história que se conta pode contribuir para que se perceba uma fixação, ou não, de uma identidade, de um sentido de pertencimento, mesmo que o espaço em que se vive mude com o passar do tempo. Em paráfrase ao que afirma Joel Candau (2021), sem as memórias, sem as lembranças, é possível que o sujeito não exista, não tenha uma identidade, não se sinta pertencente ao espaço em que vive.

Na busca por uma identidade, os sujeitos alcançam essa representação em repertórios muito diversos: “representações, ‘mitos-histórias’, crenças, ritos, saberes, heranças etc.” (Candau, 2021, p. 17-18). Portanto, esse repertório é composto, em sua grande maioria, pelo gênero narrativo que, como dissemos, está dentro de uma organização temporal e espacial. Ainda, tudo isso se apresenta dentro de um registro da memória que é acessado nas lembranças que se têm sobre a história de um determinado povo.

Compreender a memória que trabalha no inconsciente e cria o sentido de identidade de um povo deve ser considerado um trabalho árduo e deve ser analisado em vários sentidos. De acordo com Candau

(2021), a memória pode ou não inserir, em um indivíduo, o pertencimento em relação ao fato de sua história. Uma memória sobre um aspecto positivo na vida de um sujeito pode acarretar um processo de pertencimento que é, obviamente, positivo. Por outro lado, uma memória negativa pode não produzir o mesmo efeito. Assim, a memória e a identidade se concretizam em um jogo em que os aspectos positivos são lembrados, e os negativos são esquecidos.

Ao pensar a memória como uma faculdade inseparável do indivíduo, Candau (2021) propõe três definições que são, neste processo de pesquisa, necessárias: protomemória, memória propriamente dita e metamemória. De acordo com o teórico, a protomemória diz respeito àquilo que podemos fazer sem nos preocupar. Ou seja, é a memória que nos permite fazer determinadas ações do nosso cotidiano sem que exista a necessidade de preocupar-se com o processo que tal ato necessita para ser realizado. Contudo, essa noção não se aplica a grupos ou sociedades, pois não é possível que eles tenham saberes e memórias que sejam compartilhados da mesma forma por todos os membros. Nas palavras do autor:

A protomemória, de fato, é uma memória “imperceptível” que ocorre sem tomada de consciência. Ela é essa forma de memória bem descrita por Anne Muxel que trabalha o corpo sem relaxar, esculpindo-o para fazer dele um corpo mimesis e que é “a alienação fundadora da identidade” (Candau, 2021, p. 23).

A memória propriamente dita é a que retoma o passado, as lembranças. Nesse viés, pode ser tanto uma memória individual quanto uma memória de um povo, ou uma memória enciclopédica, como os saberes, as crenças, as sensações e os sentimentos (Candau, 2021). Por fim, a metamemória é, segundo Candau (2021, p. 23), “por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela”. Nesse processo de construção da metamemória, podemos considerar, baseados nos pensamentos de Candau (2021), que ela é responsável pela fixação da identidade de um indivíduo, pois é no processo de representação que os sujeitos têm de sua própria

memória, no processo de representação da memória de um outro e sobre como e no que se diz sobre ela é que se formam as condições necessárias para que o sujeito desenvolva a sua identidade. Além disso, quando tratamos da memória a nível de uma sociedade, é essa que melhor se aproxima daquilo que comumente é considerado uma memória coletiva, ou, como afirma Candau (2021), a memória coletiva deve ser entendida como uma representação de uma metamemória.

Ademais, em caminho semelhante, a identificação de uma identidade coletiva deve ser considerada por meio de um processo diferente da identidade individual. O termo identidade, por si só, diz respeito a algo individual, singular. Não é possível, objetivamente, falar em uma identidade que diga respeito a um grupo de pessoas. Entretanto, é possível levar em consideração que as identidades individuais, quando colocadas em relação, podem fazer emergir sentimentos de pertencimento em relação a uma sociedade ou a uma cultura (Candau, 2021).

Para ampliar nossa discussão sobre como a memória pode incutir um sentido de identidade e de pertença, retomamos as reflexões apresentadas por Delgado (2009). Segundo a autora, ativar a memória pode representar para os sujeitos, entre outras coisas:

[...] reacender e reviver utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou suas vidas individuais ou comunitárias; reconstruir a atmosfera de outros tempos, relembrando hábitos, valores e práticas da vida cotidiana; reacender emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais; [...] reconstruir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismo, de lutas (Delgado, 2009, p. 15).

Todos os fatores apresentados pela autora podem servir de base para, com o que já apresentamos anteriormente, definir a memória como um ponto estruturante da constituição das identidades. Assim, partindo do exposto, consideramos os sonhos, as utopias que marcam as vidas individuais ou comunitárias, como aspectos subjetivos da essência de um ser humano; é evidente que podemos tratá-los como constituintes das identidades e, por conseguinte, do sentido de pertencimento. Em comparação,

os hábitos; os valores; as emoções; e o clima religioso, de lazer e de lutas, também exercem o mesmo sentido.

Evocando um outro significado para o que deve ser compreendido como memória, a afirmação de Todorov (1999 *apud* Delgado, 2009, p. 17) nos leva a crer que, partindo da memória, não é possível perder a nossa essência, a nossa identidade, visto que ela não remete apenas ao ato de recordar os fatos. Como demonstra o mesmo autor, as memórias nos “revelam os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano” (Todorov, 1999 *apud* Delgado, 2009, p. 17).

Consideramos, então, que a memória, através do seu exercício próprio de lembrar os fatos e de fazer esquecer outros, mas também de contemplar a nossa essência, de reacender e de reconstruir valores, hábitos e emoções, constrói a nossa identidade como sujeitos de uma sociedade, de uma cultura. É nesse contexto em que acreditamos que a própria memória tem o poder de nos colocar como pertencentes dessa sociedade em questão, pois, como afirmam Santos e Valentim (2021, p. 215), “a memória se relaciona ao pertencimento e às escolhas que envolvem as relações humanas, pois possibilita que as pessoas se sintam parte da organização ou instituição”.

3 DESENVOLVIMENTO

Nosso processo de pesquisa se construiu através da hipótese de que o sentido de pertencimento, a identidade de um povo, estaria intimamente ligada à memória que se tem de fatos, acontecimentos e sobre aquilo que se diz sobre o seu patrimônio, seja ele material ou imaterial. Assim, buscamos na história, contada pelos próprios sujeitos que a viveriam, uma forma de depreender o processo de identidade de um povo, pois, de acordo com Delgado (2009), à história e à memória são delegadas as funções de construir nos indivíduos as suas identidades, coletivas ou individuais. Além disso, como afirma Santos (1994), essas identidades são

consideradas identidades mutáveis, ou seja, elas se modificam de acordo com os sujeitos, com o tempo e com fatores sociais pertinentes a tais construções. Tudo isso nos permitiu considerar que o sentido de pertencimento, a identidade, pode não ser a mesma de um indivíduo para outro.

Nosso projeto versava, sobretudo, a constituição da identidade de um povo por meio das narrativas que se criam sobre os patrimônios culturais materiais e imateriais de nossa cidade. Nesse contexto, acreditamos que, por possuímos o título de primeiro povoado mineiro, foi de grande importância entender como os patrimônios da localidade influenciaram no orgulho e no sentimento de pertença do povo ibiturunense em relação ao título supracitado. Além disso, tivemos, como outros objetivos de nossa pesquisa, compreender as características de uma narrativa e esclarecer como se daria o processo de pertencimento em um sujeito.

Como o projeto tratava de uma análise de memórias dos sujeitos que habitam a cidade de Ibituruna, elaboramos questões que deveriam ser respondidas por alguns moradores da cidade, por meio de entrevistas. Tais questões tinham por pretensão coletar narrativas sobre patrimônios históricos materiais e imateriais do município. Entretanto, as entrevistas esbarraram em um dificultador: a falta de narrativas que possibilitassem uma análise memorial. Pouco encontramos sobre tais patrimônios que pudesse ser associado à relação do título de primeiro povoado mineiro.

Assim sendo, alteramos o objeto de análise do projeto. Ainda considerando a narrativa como ponto de partida, uma pesquisa documental do livro *Memória Histórica de Ibituruna: Primeiro Povoado Mineiro*, de Maria do Rosário de Pompeia (2009), foi realizada. A justificativa para a escolha do livro em questão se deu tanto pelo fato de a autora ser natural da cidade quanto de ser esse um livro de fácil acesso, além de representar a primeira obra publicada sobre a história da cidade. No livro em questão, coletamos algumas memórias narrativas sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, prédio histórico do nosso município, tombado como patrimônio material; e sobre a Festa do padroeiro, São Gonçalo do Amarante, também tombada como patrimônio imaterial.

Em nosso trabalho, utilizamos uma metodologia qualitativa, pois enquadrava-se em questões sociais e subjetivas. Percebendo as narrativas como descrições do povo e do espaço de Ibituruna, consideramos que essa era a melhor metodologia para que pudéssemos confrontar os dados coletados com a bibliografia estudada. Desse modo, passamos agora a apresentação de nossos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando levamos em consideração as afirmações de Candau (2021) e de Delgado (2009), que julgam que não existe uma busca identitária sem que ela passe pelo crivo da memória, destacamos o processo de análise dos nossos dados, que compreenderam memórias narrativas sobre o primeiro povoado mineiro, Ibituruna. Esse processo visava localizar aspectos que revelassem o lado identitário do município. Ainda que os dados coletados sejam de autoria de um único sujeito, acreditamos que eles podem refletir o pensamento da coletividade, pois o livro no qual os dados foram divulgados apresenta um tom de impessoalidade, apesar de recorrer a marcas expressivas de subjetividade.

Antes de falar especificamente sobre os bens analisados, pensamos ser importante definir o que é um patrimônio histórico. Por isso, pontuamos sobre o que a lei brasileira fala sobre a questão. A Constituição, em seu artigo 216, considera:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, 1988).

Portanto, segundo a Constituição, a memória representa um fator importante para a percepção dos patrimônios históricos. Um bem material ou imaterial tombado como Patrimônio Histórico e Cultural de um povo deve reforçar a sua identidade. Trabalhamos, neste relato de experiência, com dois bens tombados em nível municipal na cidade de Ibituruna/MG: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, bem material; e a Festa de São Gonçalo do Amarante, bem imaterial.

Em relação à Igreja do Rosário, como é conhecida popularmente, não existem fontes documentais que comprovem o ano de sua construção, nem mesmo nos registros da paróquia a qual é vinculada. Isso decorre, provavelmente, de um incêndio que acometeu a matriz de São Gonçalo do Amarante e que destruiu grande acervo documental. Outra hipótese é o difícil acesso ao pouco que se tem documentado (Pompéia, 2009). Sabe-se apenas que existe um pedido documentado, destinado à Coroa Portuguesa, de data incerta, mas acredita-se ser de 1808, em que “uma corporação de homens pretos e devotos” pedem ao rei que fosse dada a licença para a construção da capela em honra a Nossa Senhora do Rosário.

Na capela do rosário são realizadas diversas manifestações culturais e religiosas, fruto da devoção do povo católico. Na memória narrativa que segue, podemos perceber como as festas e as celebrações aconteciam:

Olegário Machado era o responsável pelas Festas de Congo no Rosário. Era em sua casa do arraial que os congadeiros almoçavam e tomavam café, chegando e saindo, sempre cantando, portando a bandeira de Nossa Senhora do Rosário (Pompéia, 2009, p. 74).

O “Rosário”, citado na narrativa, é como é conhecido também o local onde está a capela. A capela e a localidade, no contexto popular, muitas vezes se confundem.

De acordo com Delgado (2009), as memórias podem retomar e reascender aspectos valorativos, emoções sociais e/ou individuais, além de relembrar as celebrações e os costumes de um povo. É o que se percebe na memória narrativa anterior. Tudo isso pode contribuir para que a

identidade da sociedade, conhecida como primeiro povoado mineiro, seja reforçada. Contudo, como notamos, não existe uma referência ao termo na memória analisada.

No que concerne à ativação da metamemória, nos termos de Candau (2021), podemos tomar por base uma outra memória narrativa sobre a capela do rosário e que nos ajuda a analisar como se constitui a identidade de um povo em relação à sua própria história. Assim, temos a narrativa que trata sobre o roubo da imagem de Nossa Senhora do Rosário, venerada no templo religioso:

A imagem de Nossa Senhora do Rosário antiga, que ficava no trono, fora roubada aos 23 de junho de 1996. Foi uma consternação total na comunidade, que viveu esse pesadelo; até que teve a exibição, pela TV Globo, de várias peças sacras roubadas. Reconhecida pelos telespectadores, Dona Rosária, a zeladora da igrejinha, e o Padre Kennedy Alemar da Silva, eles foram a Belo Horizonte buscá-la. Logo que reconhecida pela zeladora e pelo Padre, a imagem foi entregue (Pompeia, 2009, p. 74.)

A metamemória é a representação que se tem da própria memória, ou seja, é a forma como falamos sobre ela (Candau, 2021). Na narrativa anterior, a representação que se tem do ocorrido é uma representação subjetiva de afeto, de aproximação do fato narrado. Isso pode ser percebido quando são usados termos como “igrejinha” e “pesadelo”. O uso do diminutivo, por exemplo, define uma aproximação da autora com o que está sendo descrito. No mesmo processo, designar a situação de roubo da imagem como um pesadelo nos faz compreender que há, sim, uma vivência, um pertencimento, para com a comunidade. Contudo, como percebemos, não houve reflexões sobre o título que por nós pretendia ser analisado, o de primeiro povoado mineiro.

Apesar de a expressão “primeiro povoado mineiro” não estar explícita durante a condução das narrativas que estão no livro, a não ser em seu título e em algumas passagens que se apresentam como crítica às políticas de valorização da cidade enquanto tal, há trechos em que percebemos, ainda mais, o sentido de pertencimento e identitário que decorrem da (não) presença dessa expressão.

Reformada e bem limpa, a Igrejinha de Nossa Senhora do Rosário oferece uma vista muito bonita e alegre a todos que assomam à sua praça, pois, o largo em frente foi transformado em um belo jardim, ao fundo do qual a igrejinha desponta singela e linda, formando um quadro maravilhoso! (Pompeia, 2009, p. 75)

Nessa citação, que pode ser compreendida como uma memória descritiva, é possível reconhecer marcas de pertencimento, de reconhecimento de uma identidade. Descrever a maneira como descreve Pompeia na citação só pode ser possível se temos por base a memória. Mesmo que não apareça diretamente no texto narrado, percebemos que a autora inicia a narrativa porque rememora o passado, pois inicia “reformada e bem limpinha”. Portanto, há uma memória de um passado antes de tal reforma. Ainda, se reconhecemos que as memórias são produzidas também a partir dos esquecimentos, da maneira como afirmam Candau (2009) e Delgado (2009), percebemos que aquilo que era possível dizer sobre a Igreja antes da reforma não é dito, porque pode não contribuir para a identidade que emerge dessas memórias.

Muito ainda poderia ser dito sobre a forma que a capela do rosário contribui para reafirmar a identidade do povo de Ibituruna e para que o título de primeiro povoado mineiro fosse preservado e propagado, mas focamos especificamente nas memórias coletadas na obra de Pompeia (2009).

Trataremos, a partir desse ponto, de um outro patrimônio cultural do município, a Festa de São Gonçalo do Amarante. Esse é o bem que mais recentemente passou pelo processo de tombamento, em novembro de 2019 (Ibituruna, 2019). É bem verdade que a Festa de Janeiro, como é popularmente conhecida, se tornou maior apenas nos últimos anos e tem trazido cada vez mais visitantes para nossa cidade, fruto das recentes danças da Congada, Folia e Calango de São Gonçalo do Amarante. Porém, não podemos deixar de evidenciar como as festividades eram tratadas no passado.

Segundo Pompeia (2009), a festa passou por diversas modificações, como podemos perceber no seguinte trecho:

Em tempos passados, o dia do Padroeiro era celebrado juntamente com a festa de São Sebastião, 20 de janeiro. Os três dias de festa eram distribuídos de sorte que poderiam ser 18, 19 e 20 de janeiro,

ou 20, 21 e 22, comemorando-se São Gonçalo, Santa Terezinha e São Sebastião, este deveria ser sempre no dia 20 de janeiro. Mais tarde, resolveram que a Festa do Padroeiro (chamada Festa de Janeiro), fosse comemorada de modo que no dia 10 se celebrasse São Gonçalo. Passaram então, os outros dois, São Sebastião e Santa Terezinha para junto do dia de São Gonçalo. Tempos depois, soube-se que o antigo vigário, Padre José Jorge Nicolau, encontrou um velho missal, onde está registrado o dia de São Gonçalo como sendo o dia 28 de janeiro. Os festejos foram transferidos para essa data e permaneceram até agora [...] A Festa de Janeiro constitui-se de Missas, Procissões, Leilões de gado e de prendas, bandas de música e muita animação (Pompeia, 2009, p. 245).

O trecho que apresentamos serve de contextualização das festividades que ocorrem no município para celebrar o patrono. Essas festas são muito comuns, sobretudo no interior, visto a organização de toda a sociedade em torno da cultura católica. Quando retomamos o estudo da memória enquanto constituição da identidade de um povo, nos princípios traçados por Candau (2021) e Delgado (2009), notamos que Pompeia (2009) possui, em suas memórias, um tom saudosista, retomando tradições e costumes do povo em relação à Festa de Janeiro:

[...] o dia mais festivo é o Dia do Padroeiro, São Gonçalo. Às cinco horas da manhã, a Banda Santa Cecília percorre as principais ruas da cidade, tocando dobrados festivos. É emocionante acordar-se em Ibituruna, aos acordes da música que sempre embala as nossas recordações... Muitas pessoas saem da cama e, mesmo de pijamas e camisolas, vão para as portas ou esquinas, apreciando a alvorada musical (Pompeia, 2009, p. 245-246).

Notamos que a memória trazida por Pompeia (2009) faz constituir uma identidade pautada na tradição, nos costumes, na valorização da religiosidade do povo. Porém, pontuamos que os costumes em relação às festividades do padroeiro, na atualidade, não seguem o mesmo ritmo do passado. Apesar de conservar alguns aspectos, como as missas, as alvoradas e as procissões; o ponto alto dos festejos se concentra nas danças típicas. São nelas que a comunidade tenta, hoje, pautar uma identidade. A fim de preservar esse novo costume, realizou-se o tombamento da festa enquanto bem imaterial. De acordo com os documentos municipais sobre

a festa do padroeiro, há uma tentativa de que essa festividade seja um propulsor do sentido de pertencimento do povo ibiturunense.

A Festa de São Gonçalo em Ibituruna, portanto, apresenta-se como um complexo de ritos e práticas que integram a ortodoxia católica e elementos do catolicismo popular em uma celebração que “resgata” a memória cultural e valoriza a identidade local. Justifica-se, então, o registro da Festa de São Gonçalo como patrimônio imaterial de Ibituruna, em se considerando seu papel como espaço de sociabilidade e vivência cultural (Ibituruna, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na condução deste projeto, nós, alunos-pesquisadores, pudemos vivenciar como se dá o processo de uma pesquisa científica na área de Linguagens. Ainda que nosso percurso tenha possibilitado o encontro com outras áreas do conhecimento, especificamente as Ciências Humanas, foi muito importante reconhecer o processo de construção da identidade através das memórias narrativas. Vários foram os desafios encontrados, como a dificuldade na coleta de dados, no contato com os textos acadêmicos e na construção deste relato. Porém, todas as adversidades permitiram o crescimento científico e o amadurecimento no aprendizado.

Especificamente em relação ao trajeto percorrido para a elaboração deste relato de experiência, avaliamos que a memória tem o poder de criar nos indivíduos um sentido de pertencimento quanto à sua própria história. No que tange à nossa pesquisa, a memória permite aos habitantes de Ibituruna reconhecer a sua própria identidade, suas raízes, seus costumes, seus valores. Entretanto, quando tomamos de maneira mais particular o processo de pertencimento em relação ao título de primeiro povoado mineiro, percebemos que esse fica relegado a um segundo plano.

Nos processos de valorização, através da memória, não há muito o que possibilita aos habitantes de nosso município reconhecê-lo como o “Berço da Pátria Mineira”. Assim, enfatizamos que existe, sim, um orgulho, uma identidade, em relação à própria cidade, mas que não está diretamente ligada ao título de primeiro povoado mineiro. Levantamos

hipóteses de que isso acontece, possivelmente, por falta de investimento e divulgação do município em relação ao tema.

Portanto, este trabalho nos serviu como ponto de reflexão sobre o processo de construção da nossa própria história e sobre como ela pode incutir em nós o sentido identitário e de pertencimento. Outros processos e análises são necessários para que seja possível dizer se há ou não uma relação mais específica quanto ao pertencimento e à identidade de primeiro povoado mineiro. Assim, esta pesquisa pode ser considerada um ponto inicial e importante para que outros atores sociais, interessados no estudo da história e das memórias, possam refletir sobre essa questão tão pertinente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília/DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2021.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, [s. l.], v. 6, 2009. Disponível em: <https://revista.historiao-oral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 5 maio 2022.

IBITURUNA. *Quadro II - C - Processos de registro de bens imateriais na esfera municipal. Festa de São Gonçalo do Amarante Categoria: Celebrações*. Governo do Estado de Minas Gerais, 2019.

POMPÉIA, M. do R. de. *Memória Histórica de Ibituruna*. Primeiro povoado mineiro. São João del-Rei: Imprimax, 2009.

SANTOS, J. C. dos; VALENTIM, M. L. P. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 208-235, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/RTpwsFQsWktXbyx7ZX6cxyJ/?lang=pt#>. Acesso em: 24 out. 2024.

MULHERES ARTISTAS: PINTORAS E ESCULTORAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA NO ACERVO DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO EM JUIZ DE FORA/MG

André Lucas Magrini Moreira¹, Camille Louzada Zaghetto¹, Júlia de Paula Ferreira¹, Lara Alicia Almeida Santos¹, Larissa do Santos Assis¹, Lucas Filipe Visoná dos Santos¹, Mariana Moreira Mello¹, Mayara Aparecida Barbosa Cruz¹, Pedro Lucas Basilio Nascimento¹, Victoria Mariana Alves da Silva¹, Vinicius Lopes de Oliveira¹, Valéria Mendes Fasolato², Vanessa Soares de Paiva³

1 INTRODUÇÃO

Vários estereótipos criados ao longo da história da humanidade caracterizaram identidades femininas e masculinas. Segundo Michelle Perrot (2005), nas sociedades modernas, às mulheres designou-se o espaço privado das casas; já aos homens, o espaço público. Essas divisões estabeleceram uma hierarquia entre os sexos, afastando das relações de gênero a noção de igualdade.

1 Escola Estadual Professor José Freire (Juiz de Fora/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Professor José Freire (Juiz de Fora/MG), valeria.fasolato@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Dom Velloso (Ouro Preto/MG), vanessa.soares.paiva@educacao.mg.gov.br.

Nossa escola, a Escola Estadual Professor José Freire, reconhece a importância das mulheres e estimula as alunas a exigirem igualdade de oportunidades, quebra de estereótipos relegados a identidades femininas e busca pelo protagonismo. Entendemos ainda que a abordagem da historiografia nacional e internacional apresentou as mulheres em papéis coadjuvantes, colaboradoras de uma produção dos homens e não como sujeitos históricos ativos.

Atualmente, a própria historiografia tem reconstruído a história, mostrando trajetórias de mulheres distantes dos estereótipos de acomodadas ou subordinadas sexualmente à espera da benevolência masculina (Del Priore, 1997). Como exemplo, citamos a pesquisa de Maria Odila Dias (1995), que apresenta mulheres que chefiaram suas famílias durante o século XIX, em São Paulo, com comércio ambulante e artesanato, desmistificando a chefia exclusiva dos homens.

A historiadora de arte americana Linda Nochlin (1973) escreveu um artigo importante sobre a pouca participação das mulheres na história da arte. A autora levantou questões intrigantes: Existiram mulheres artistas no passado? Se sim, por que não as conhecemos? Ao contrário do que pensavam sobre a incapacidade criativa das mulheres no passado, a autora percebeu a exclusão delas no processo de formação, pois às mulheres eram vedadas as matrículas nas Academias de Belas Artes (Nochlin, 1973). Do mesmo modo, sobre a história da arte brasileira, pouco sabemos a respeito das mulheres que atuaram antes das consagradas modernistas Tarsila do Amaral (1886-1973) e Anita Malfatti (1889-1964). Reconhecemos que essas existiram, e a tese de doutorado de Ana Paula Simione (2004) mostra a localização de mais de 212 artistas que participaram, entre 1844 e 1922, das Exposições Gerais de Belas Artes (EGBA) no Brasil, praticamente todas elas ainda hoje desconhecidas. Essas mulheres tinham dificuldades de acesso à formação artística, pois, nesse período, discutia-se se eram ou não dotadas das mesmas capacidades intelectuais dos homens.

Dessa forma, julgamos necessária a reconstrução do panorama dos fatos sobre essas mulheres que viveram durante a Primeira República no Brasil,

e, ainda, entendermos o que pintavam, esculpiam e como era ser artista e mulher num período repleto de reservas e estereótipos na vida diária. A ideia partiu das investigações da professora de Arte da nossa escola que, em sua tese (Fasolato, 2020), estudou a produção de Maria Pardos (196?-1928), pintora do período, cujas obras pertencem ao Museu Mariano Procópio (MMP). A motivação para a nossa pesquisa surgiu mediante a busca da docente por alunos que se interessassem pelo tema. É importante ressaltar que uma das alunas da escola, Victória Mariana Alves da Silva (*influencer* digital), em 2021, cursando o 9º ano, já havia lançado olhar para o acervo do MMP, sobretudo para as obras de Maria Pardos. Ela chegou a fazer uma visita ao Museu, em 2019, antes da pandemia, documentando-a por meio de fotos e nos mostrando, em aula. Com isso, visamos a possibilidade de aliar a pesquisa da nossa professora ao interesse da aluna (que passou a ser nosso também), com o objetivo principal de aproximar o público escolar do patrimônio histórico e cultural local.

Diante disso, voltamos nosso olhar para o Museu Mariano Procópio como guardião da memória. Motivados pelas perguntas formuladas por Nochlin (1973), nos questionamos sobre a existência de produção das mulheres artistas do passado brasileiro: Existem obras de mulheres artistas pioneiras (da Primeira República brasileira) no acervo do nosso museu municipal? Nessa perspectiva, nosso foco de pesquisa se concentrou em quantificar e apresentar essas artistas e suas obras, por meio de jogos, produzidos pelos pesquisadores, para popularizar, entre os estudantes de nossa escola, as obras dessas mulheres.

2 DESENVOLVIMENTO

Apresentamos, neste tópico, um relato sobre a experiência de pesquisa que realizamos com 12 alunos do Ensino Médio regular da Escola Estadual Professor José Freire, em Juiz de Fora/MG. A proposta da nossa pesquisa era entender os desafios enfrentados pela mulher no que diz respeito à profissão de artista plástica no início do século XX. O objetivo principal, para além de quantificar as obras dessas mulheres no acervo do

MMP, era popularizar a produção delas entre os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental (6º a 9º anos) e do Ensino Médio.

Para alcançar esses objetivos, agendamos algumas visitas técnicas no Arquivo Central da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e no MMP. Além disso, buscamos, nos fichamentos do museu, artistas do período pesquisado (a Primeira República). Discutimos em reuniões como apresentar as imagens para a comunidade escolar e desenvolvemos os jogos, pensando naqueles que privilegiassem a imagem.

Durante esse percurso, entramos em contato com o livro de Glaucia Lewicki (2018), que conta a história de crianças que desvendam *O Enigma do Museu Mariano Procópio*. Em resumo, enquanto a mãe trabalha na revitalização do MMP, quatro irmãos – Hugo, Camila, Tadeu e Jujuba – aceitam a missão apresentada pelas musas gregas em forma de enigmas: localizar um objeto que é desejado pela maligna “Confraria das Sombras” e está escondido no local. No enredo, há mitologia grega e acontecimentos históricos da América Latina e do Brasil. Dessa forma, a autora apresenta objetos e dados do MMP, citando, por exemplo, que a pintora Maria Pardos foi casada com Alfredo Ferreira Lage, o fundador do museu, e que não tiveram filhos.

Utilizamos, também, como referência, a pesquisa da doutoranda Paula Nathaiane de Jesus da Silva (2022) que, em palestra, nos apresentou sua proposta que consistia em levar, por meio de jogos, a cultura brasileira para brasileiros residentes no Japão. Ademais, fizemos leituras de textos importantes para entender o contexto de formação de espaços de exposição para as mulheres artistas no início do século XX (Tarasantchi, 2004; Farias Alves; Christo, 2021; Fasolato, 2020).

No ambiente acadêmico, fomos convidados para compartilhar a nossa pesquisa com a turma da disciplina de Patrimônio, na Universidade Federal de Juiz de Fora, para alunos do curso de História. Foi uma oportunidade para troca de experiências, haja vista serem pessoas cujos interesses se complementavam.

Durante o processo, tivemos muito desejo de construir jogos digitais, com ideias de enredos instigantes e desafiadores, mas faltaram

domínio técnico e modos para desenvolvê-los. Mediante as dificuldades, optamos por produzir o tradicional Jogo da Memória, cujas peças são obras das mulheres artistas do MMP, selecionadas por nós, integrantes do grupo de pesquisa. Reconhecemos, no jogo escolhido, o potencial para popularizar as imagens entre nossos colegas, levando-os a conhecer as reproduções das obras do museu local e, como consequência, trabalhar a memória fotográfica, a concentração, o raciocínio lógico e a comunicação.

No contexto escolar, aplicamos o jogo durante as aulas de Arte; levantamos as questões sobre a formação artística dessas mulheres por meio de um mapa mental; entrevistamos os alunos sobre a relevância do estudo feito; sugerimos a montagem de uma apresentação de slides coletiva, de todo o Ensino Médio, contendo as descobertas feitas sobre a produção de mulheres artistas brasileiras de diversos períodos. Por fim, propusemos uma criação, coletiva e/ou individual, sobre determinada obra para cada turma. Outra professora de Arte da escola seguiu o mesmo procedimento, propondo releituras de outras obras. Nós, os pesquisadores envolvidos no projeto, levamos os jogos para as turmas do 7º ano, que também desenvolveram releituras. Apresentamos alguns registros na sequência.

Figura 1: Aplicação do Jogo da Memória na turma do 7º ano e Exercícios de desenho de observação, relativos a releituras das aquarelas de Maria Pardos



Fonte: Fotografias de Pedro Lucas Basílio Nascimento e Vinícius Lopes de Oliveira.
Acervo dos autores, 2022.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Localizamos, no acervo do MMP, 48 obras de arte produzidas por mulheres artistas da Primeira República brasileira, sendo 46 de Maria Pardos, 1 de Nicolina Vaz e 1 de Georgina de Albuquerque. Abaixo, o quadro com os títulos das obras e seus respectivos números oficiais no MMP.

Quadro 1: Obras de mulheres artistas da Primeira República, presentes no acervo da pinacoteca do Museu Mariano Procópio (1889-1930)

Nº	Artista (dados biográficos) – Profissão	Título	TOMBO
1.	Maria Pardos (186?, Saragoça, Espanha/1928, Rio de Janeiro, Brasil). Pintora.	<i>Autorretrato</i>	82.21.184
2.		<i>Alfredo Ferreira Lage</i>	82.21.262
3.		<i>Alfredo Ferreira Lage</i>	82.21.324
4.		<i>Pilar</i>	82.21.230
5.		<i>Sem título</i>	82.21.122
6.		<i>Saloia</i>	82.21.183
7.		<i>Mouro</i>	82.21.150
8.		<i>Sem título</i>	82.21.261
9.		<i>Velho mendigo</i>	82.21.156
10.		<i>Capataz</i>	82.21.152
11.		<i>Jornaleiro</i>	82.21.254
12.		<i>Sem pão</i>	82.21.246
13.		<i>Conciliadora</i>	82.21.210
14.		<i>Primeira separação</i>	82.21.157
15.		<i>Serenidade</i>	82.21.192
16.		<i>O caipira violeiro</i>	82.21.240
17.		<i>Jardineiro</i>	82.21.212
18.		<i>Má notícia</i>	82.21.259
19.		<i>Desolada</i>	82.21.227
20.		<i>Esquecimento</i>	82.21.163
21.		<i>Zuleika</i>	82.21.302
22.		<i>Estudo de nu</i>	82.21.215
23.		<i>Estudo para estudo de nu</i>	82.21.415

24.	Maria Pardos (1867, Saragoça, Espanha/1928, Rio de Janeiro, Brasil). Pintora.	<i>Sem título</i>	82.21.439
25.		<i>Sem título</i>	82.21.447
26.		<i>Mulher no bosque</i>	82.21.294
27.		<i>Chiquinho</i>	82.21.162
28.		<i>O Pensativo</i>	82.21.242
29.		<i>São Pedro</i>	82.21.263
30.		<i>Dalila</i>	82.21.328
31.		<i>Sem título</i>	82.21.448
32.		<i>Sem título</i>	82.21.449
33.		<i>Sem título</i>	82.21.239
34.		<i>Laranjas</i>	82.21.272
35.		<i>Sem título</i>	82.21.588
36.		<i>Flores</i>	82.21.241
37.		<i>Flores</i>	82.21.273
38.		<i>Sem título</i>	82.21.274
39.		<i>Sem título</i>	82.21.282
40.		<i>Jardim abandonado</i>	82.21.127
41.		<i>Sem título</i>	98.21.617
42.		<i>Sem título</i>	98.21.618
43.		<i>Sem título</i>	98.21.619
44.		<i>Sem título</i>	98.21.620
45.		<i>Sem título</i>	98.21.621
46.		<i>Sem título</i>	98.21.622
47.	Georgina de Albuquerque (1885, Taubaté, São Paulo/1962, Rio de Janeiro, RJ). Pintora.	<i>Nair de Teffé</i>	82.21.266
48.	Nicolina Vaz de Assis (1874, Campinas, São Paulo/1941, Rio de Janeiro, RJ). Escultora.	<i>O Segredo</i>	<i>Arrolamento 1128</i>

Fonte: Elaboração própria.

3.1 Breve biografia das artistas localizadas

3.1.1 Maria Pardos

Maria Pardos chegou ao Brasil em 1891, onde atuou na dança e, depois, na pintura. Não se casou oficialmente e não teve filhos. Entretanto, manteve, por 37 anos, discreto relacionamento amoroso com Alfredo Ferreira Lage. Discípula de pintura do professor Rodolpho Amoêdo, ela enfrentou dilemas e desafios para se colocar no sistema artístico, já que, no período, as mulheres eram consideradas “amadoras”. Resiliente, a pintora apresentou suas obras na Exposição Oficial Nacional de Arte, de 1913 a 1918. Conquistou prêmios: menção honrosa de 1º grau (1913); medalha de bronze (1914); pequena medalha de prata (1915); e prêmio em dinheiro no valor de quinhentos mil réis (1918).

Expôs suas obras na Galeria Jorge (RJ), em 1916, onde apresentou 54 obras (45 pinturas e 9 desenhos). Também expôs no Centro Artístico Juventas (de 1915 a 1917). Em 1922, na inauguração da atual Galeria Maria Amália, no MMP, das 122 pinturas expostas, 13 eram de sua autoria. O acervo do museu reúne um conjunto expressivo de sua produção: 40 óleos, 6 aquarelas e 201 desenhos. Visualizamos na sua produção: naturezas-mortas, retratos, cenas de gênero, nus e paisagens. Atualmente, ela é reconhecida como uma das artistas mulheres pioneiras na pintura brasileira.

3.1.2 Nicolina Vaz

A trajetória de Nicolina Vaz de Assis foi algo interessante. Em 1897, começou a estudar na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), com 31 anos de idade. Foi casada com o médico Benigno de Assis, com quem teve filhos. Já trabalhava como escultora em Campinas, de forma que a revista *A Mensageira* comentou sobre sua partida

para a ENBA⁴. Também estudou na *Academie Julian*, a partir de 1904, para aperfeiçoar as técnicas de modelo vivo. No Brasil, conquistou ascensão em sua carreira, foi premiada nos salões (menção honrosa de primeiro grau em 1901 e em 1906; e medalha de prata, em 1907), obtendo reconhecimento da crítica⁵.

Nicolina Vaz casou-se pela segunda vez com o também escultor Rodolfo Pinto do Couto. É interessante notar que sua formação não advém dos laços de família, visto que já produzia antes mesmo de se casar com um escultor. É possível perceber sua importância como escultora pelas suas encomendas, como a fonte na Avenida São João, em São Paulo, e a série de bustos de presidentes do Museu da República.

3.1.3 Georgina de Albuquerque

Das três artistas pesquisadas, Georgina de Albuquerque foi considerada uma das primeiras mulheres brasileiras a conseguir êxito nacional e internacionalmente. Nasceu em Taubaté e iniciou seus estudos em pintura lá mesmo, com o pintor de origem italiana, Rosalbino Santoro. Em 1904, se matriculou na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), onde foi aluna de Henrique Bernardelli.

Conheceu o pintor Lucílio de Albuquerque, com quem se casou. Em 1906, foi com ele para a Europa, pois o marido recebeu um prêmio de viagem ao estrangeiro, onde permaneceram por cinco anos. Em Paris, Georgina cursou a *École Nationale Supérieure*

4 Essa publicação mostra a fama adquirida pela escultora: "Partiu para o Rio de Janeiro, a freqüentar a Escola Nacional de Belas Artes, a Exma. Sra. D. Nicolina Vaz de Assis, que há tempos expôs nesta capital diversos trabalhos de escultura, entre os quais um busto do Exmo. Sr. Campos Salles [...]". *A mensageira*, São Paulo, n. 23, 15 set. 1898.

5 "A sra. Nicolina Vaz, sempre laboriosa, apresenta quatro trabalhos. A maneira delicada d'esculpir, em que há certa feminilidade e, por isso, elegância e rapidez, fez-se recomendável no busto de Gravina, na Meditação e Oração, três gessos que participaram da sua alma de artista para a sua intensidade expressiva [...]". Gonzaga Duque em *Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Typografia Benedito de Souza, 1929.

des Beaux-Arts e a *Academie Julian*. Em 1911, de volta ao Brasil, realizou exposições individuais e participou de diversas coletivas. A partir de 1927, foi professora na Escola Nacional de Belas Artes. Ela chegou a ser diretora da Escola Nacional de Belas Artes nos anos de 1950. Entre suas obras, há pinturas históricas, como *Sessão do Conselho de Estado*⁶, de 1922, gênero artístico restrito ao universo masculino.

3.2 Resultados

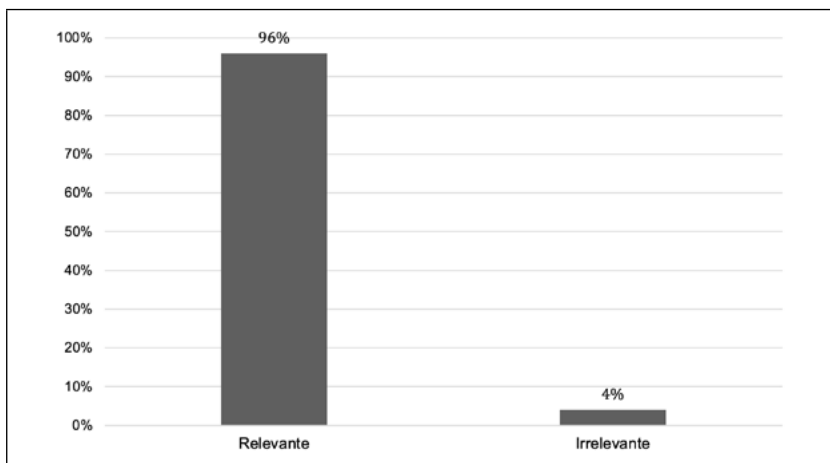
Além dos dados biográficos e do levantamento das obras, entrevistamos 243 alunos do Ensino Médio da nossa escola. Após realizarmos os estudos sobre as artistas e suas obras, nós fizemos a seguinte pergunta para os colegas: “O que mais chamou a sua atenção no estudo sobre a profissão de artista para as mulheres?”.

As respostas dadas por eles foram discursivas, e foram analisadas e separadas em “relevante” ou “irrelevante”. Por exemplo, a aluna K. V. R., 16 anos, escreveu o seguinte parágrafo: “*Eu achei superimportante falar sobre algo assim, que mostre a importância do conhecimento sobre o talento das mulheres. Conhecer seus trabalhos, suas lutas. A visão das mulheres é incrível e algo único, capaz até de mudar o futuro*”. Dessa forma, julgamos sua resposta como relevante. Por outro lado, o aluno I. R. D., 16 anos, fez o seguinte comentário: “*O pré-modernismo*”, o qual julgamos irrelevante, pois ficou um pensamento incompleto e descontextualizado.

Assim, ao analisarmos todas as respostas, obtivemos o seguinte resultado: dos 243 estudantes, 234 (96%) julgaram o assunto relevante, e apenas 9 (4%), irrelevante, como se pode notar no gráfico abaixo.

⁶ A obra pertence ao acervo do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

Gráfico 1: Opinião dos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Professor José Freire relativa à relevância do tema da nossa pesquisa



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Diante dos resultados, concluímos que os estudantes têm muito interesse no assunto, principalmente por se tratar de mulheres artistas pioneiras, que abriram espaço para que hoje outras pudessem se destacar. Muitos alunos observaram que, atualmente, ainda há preconceito e dificuldades enfrentadas por mulheres interessadas nessa profissão.

Outro resultado relevante foi apresentar as obras que pertencem ao MMP para os alunos que não as conheciam. Além de destacar a importância do museu para a nossa cidade e para nosso país, pudemos levar mais informação e cultura para a escola.

Por fim, produzimos nossas próprias imagens, ao fazermos releituras das obras apresentadas, expressando nossos pensamentos, emoções, incômodos e ideias por meio da arte. Um exemplo desse trabalho é o *Quadro a Quadro: 100 Naires*, em que os estudantes do 1º ano do Ensino Médio fizeram modificações por edição, pintura e/ou colagem (adição de acessórios, desenhos, expressões e objetos) da reprodução do retrato de “Nair de Teffé”, de Georgina de Albuquerque. Foi usado como referência o trabalho *Quadro a Quadro: 100 Monas*, feito

por Nelson Leirner (1932-2020), cujo objetivo era ironizar o abuso do uso da tecnologia e a banalização da obra *Mona Lisa*, de Leonardo Da Vinci. Entretanto, a finalidade da nossa releitura foi outra: a de popularizar as obras que foram esquecidas pela sociedade atual e resgatar a admiração pela arte.

Abaixo, para fins de ilustração, selecionamos quatro imagens produzidas pelos alunos (à direita) e a obra original (à esquerda).

Figura 2: *Nair de Teffé*, de Georgina de Albuquerque, seguida de Quatro trabalhos de releitura de alunos da Escola Estadual Professor José Freire



Fonte: *Georgina de Albuquerque*, de Nair de Teffé, s.d., óleo sobre tela 41,7 x 35,6cm.
Releituras da obra: Graziela Ester Ferreira Macedo, Jonas Siqueira da Silva, Joaquim Gabriel Ramos de Paula, Letícia do Carmo Silva. Acervo dos Autores, 2022.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da investigação, nós conhecemos mulheres artistas, suas trajetórias profissionais diante dos desafios e empecilhos do período determinados para o gênero. A pesquisa trouxe conhecimento de uma área que não fazia parte do nosso domínio. Ainda é importante citar o nosso aprendizado empírico

de relações interpessoais e de cooperação. Nosso trabalho também interferiu na valorização do patrimônio cultural local, mais especificamente sobre o MMP.

Apesar dos desafios com a tecnologia, o uso de um jogo tradicional abriu a possibilidade de conhecimento e divulgação das obras, fazendo com que alcançássemos o nosso objetivo. O achado mais relevante foi o de localizar 48 obras de mulheres da Primeira República do Brasil no museu local, que contribuíram para a reconstrução do panorama dos fatos sobre essas artistas não muito conhecidas. Além disso, pudemos conhecer e entender os problemas enfrentados para ser artista mulher na época, como preconceitos; poucos espaços para a formação acadêmica; e, conseqüentemente, dificuldades de desenvolver as técnicas artísticas.

Diante de todo o trabalho desenvolvido, temos ainda a vontade de fazer um jogo digital, para *smartphones*, com jogo da memória e informações sobre as obras, além de desenvolver um *site*, em parceria com o educativo do MMP, ampliando o conhecimento e a divulgação dessas produções e de outras mulheres artistas, de outros períodos, que fazem parte do acervo do museu, como são os casos de Olga Mary (1891-1963) e de Hilda Campofiorito (1901-1997).

Outro desdobramento possível seria levar o projeto para outras escolas da rede em nossa cidade, em forma de oficinas, apresentando, primeiro, as artistas e suas obras por meio dos jogos para um grupo de professores para que, então, eles trabalhassem com suas turmas. Num segundo momento, promover uma mostra com as produções dos alunos de todas as escolas envolvidas, a fim de levá-los a trocar experiências e apreciar as criações de seus pares.

Por fim, nós e nossos colegas ficamos curiosos para conhecer outro museu da cidade, o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes (MAMM), e buscarmos, em seu acervo, obras de outras artistas mulheres. Com isso, gostaríamos de ampliar o projeto e desenvolver a pesquisa também no MAMM.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

DIAS, M. O. L. da S. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FARIAS ALVES, C.; CHRISTO, M. Paixões da alma e estudo das expressões através das figuras femininas de Georgina de Albuquerque. *Caderno Espaço Feminino*, 33 (2), p. 200–223. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/CEF-v33n2-2020-10>. Acesso em: 21 maio 2022.

FASOLATO, V. M. *A catalogação da pintura de Maria Pardos*. Juiz de Fora, 2020. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, 2020.

LEWICKI, G. *O enigma do Museu Mariano Procópio*. 3 ed. Juiz de Fora: Franco Editora, 2018.

NOCHLIN, L. Why there be no great women artists?. In: HESS, T. B., BAKER, E. C. (org.). *Art and Sexual Politics: women's liberation, women artists, and art history*. 2. ed. New York: Macmillan Publishing Co., 1973.

PERROT, M. *As Mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru/SP: EDUSP, 2005.

SILVA, Paula Nathaiane de Jesus da. *Palestra ministrada no dia 23 de junho de 2022 aos alunos desta pesquisa*. Juiz de Fora, Brasil, 2022.

SIMIONE, A. P. C. *Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - FAPESP, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/r7bR7rJffkS7RjrLCgBJpjh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

SIMINIONE, A. P. C. *Profissão Artista: pintoras e escultoras brasileiras entre 1884 e 1922*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001390253>. Acesso em: 24 nov. 2024.

TARASANTCHI, R. S. Mulheres pintoras no Brasil. In: TARASANTCHI, R. S. *Mulheres pintoras: a casa e o mundo*. São Paulo: Pinacoteca, 2004, p. 8-33.

PARTE 3

AS MINAS NÃO PARAM: “NOVAS” MEMÓRIAS E PRODUÇÃO CULTURAL

O CIRCO CHEGOU: PRÁTICA DE ATIVIDADES CIRCENSES PARA A COMUNIDADE DE EWBANK DA CÂMARA/MG

Bruno Henrique Ramiro Rodrigues¹, Giovanna Domingos de Souza Alves¹, Gustavo Henrique Mecler de Paiva¹, Heitor Nascimento Matos¹, Natália de Almeida Meireles¹, Pietro Aparecido Mendes Mateus¹, Luciana Edina da Silva², Eduardo Borba Salzer³, Vanessa Soares de Paiva⁴

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem é o instrumento principal da construção do conhecimento, sendo que ela só ocorre quando o esquema de significação sofre acomodação (Piaget; Greco, 1974). Perrez Gallardo (*apud* Sugimoto, 2006, p. 3) aponta que a função social da escola é a de “socializar o conhecimento universalmente produzido, com todos os integrantes da sociedade, de acordo com as características, necessidades e expectativas da população escolar”.

1 Escola Estadual Antônio Macêdo (Ewbank da Câmara/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Antônio Macêdo (Ewbank da Câmara/MG), luciana.edina@educacao.mg.gov.br.

3 Coorientador, Escola Estadual Antônio Macêdo (Ewbank da Câmara/MG).

4 Tutora, Escola Estadual Dom Velloso (Ouro Preto/MG), vanessa.soares.paiva@educacao.mg.gov.br.

Gasparoni (2017) aponta que o trabalho pedagógico e educativo tem ocorrido nas instituições escolares em meio a um cenário de desinteresse e de desestimulação dos alunos (sem articulação com as comunidades locais), com elevados índices de repetência e de evasão escolar, e de dificuldades de se estabelecer uma aprendizagem significativa e que capacite os jovens a se tornarem adultos críticos, autônomos e conscientes da mudança necessária no contexto social em que se encontram.

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (Brasil, 2018), compete à Educação Física tratar as práticas corporais e suas mais variadas formas de codificação e significação social, através da gestualidade e do patrimônio cultural da humanidade. Soares *et al.* (1992, p. 43) complementam que “a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola”. Para tal, é fundamental que essa prática pedagógica da Educação Física se desenvolva a partir da historicidade da cultura corporal.

Entre os diversos temas da cultura corporal, encontra-se a arte circense, sendo considerada uma das manifestações culturais mais tradicionais do mundo (Reis; Pereira; Tostes, 2013, p. 171). Bortoleto e Machado (2003) defendem sua inclusão nos currículos escolares, justificada pelo provável desenvolvimento das capacidades físicas, além de aspectos, como autoconhecimento, automotivação, superação dos medos, cooperação, socialização, interação, ajuda mútua, criação de vínculo efetivo, alegria espontânea e consciência corporal. Costa, Tiaen e Sambugari (2008) ainda complementam que, ao viabilizar a prática circense no ambiente escolar, se resgatam fontes de informação e cultura, ao mesmo tempo em que se torna uma forma de inovação das práticas escolares, valorizando a criatividade, a sensibilidade e proporcionando vivências lúdicas e experiências corporais.

Além disso, uma grande vantagem de se trabalhar as atividades circenses no ambiente escolar, segundo Duprat, Barragan e Bortoleto (2014), é a ampla variedade de atividades, permitindo que qualquer aluno

encontre uma prática que seja adequada às suas afinidades e qualidades. Entre essa diversidade de possibilidades, destacam-se atividades acrobáticas, de malabares, de equilíbrio, de palhaçaria e mágicas.

Portanto, compreendendo professores e alunos enquanto sujeitos do processo educativo e que devem partir juntos da prática social, a fim de compreender o mundo real, este trabalho teve como objetivo relatar um estudo de caso referente à inserção da atividade circense no ambiente escolar da Escola Estadual Antônio Macêdo, proporcionado pelo projeto de Iniciação Científica na Educação Básica, do Governo de Minas Gerais.

2 DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa baseou-se em métodos qualitativos, que são entendidos como métodos das Ciências Humanas que visam pesquisar, explicitar e analisar fenômenos que não são capazes de serem medidos (Mucchielli, 1991 *apud* Holanda, 2006). Portanto, esta foi uma pesquisa qualitativa, pois analisou um microprocesso, estudando ações sociais individuais e em grupo, buscando aprender e compreender sobre a realidade social (Martins, 2004).

Desta forma, este trabalho pautou-se na metodologia do estudo de caso (Creswell; Poth, 2016). Para tal, dividiu-se o processo de inserção da prática da atividade circense na escola nas etapas descritas na sequência. Primeiro, foi feita a contextualização teórica e conceitual do universo circense, para, em seguida, realizarmos a entrevista semiestruturada com professores que implementaram projetos circenses na região. Depois, foi realizada a formação teórico-prática sobre as modalidades circenses, para, na sequência, ser possível a criação de oficinas de atividades circenses abertas à comunidade de Ewbank da Câmara. Por fim, foi feita a produção de um relato de experiência sobre o processo de construção e aplicação da proposta metodológica do circo na escola.

Inicialmente, realizou-se a divulgação internamente do projeto na escola (Figura 1), através dos professores e redes sociais. Formou-se

o grupo de pesquisa, composto pelo professor-orientador e os estudantes (três alunos do sexto ano e três alunos do nono ano do Ensino Fundamental), que se encontravam presencialmente uma vez por semana no contraturno da escola.

Figura 1: Convite feito aos alunos para integrarem ao projeto de Iniciação Científica da Escola Estadual Antônio Macêdo



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com o grupo formado, iniciaram-se as discussões acerca do objetivo do projeto, bem como a história, os conceitos do circo e suas modalidades (acrobacias coletivas, malabares, mágica e palhaçaria). Foram diversos encontros trabalhando a teoria, tendo como base o livro *Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses* (Bortoleto, 2008), além de textos científicos que tratavam das atividades circenses no ambiente escolar. O principal objetivo das discussões foi o embasamento teórico das atividades circenses por parte dos participantes do projeto, com o intuito de que o aluno tivesse propriedade para apresentar os conceitos durante uma eventual aplicação prática do projeto.

Durante as discussões, surgiu a ideia da realização de entrevistas com alguns profissionais que empreenderam no ramo da atividade circense. A entrevista é uma forma de interação onde os atores sociais buscam e constroem sentido na realidade que o cercam (Fraser; Gondim, 2004). Com isso, foi confeccionado um roteiro de entrevista semiestruturada que seria realizada com profissionais do ramo.

Durante o processo de realização das entrevistas, perguntas de cunho investigativo foram realizadas. Por exemplo: *Como surgiu seu interesse pela atividade circense? O que te faz gostar mais do circo? O que mais te atrai nesse meio artístico?* Tais questionamentos foram pontos norteadores de uma investigação para a aquisição do conhecimento sistêmico sobre o tema em questão.

Segundo Lüdke e André (2004), nesse tipo de entrevista, o entrevistador utiliza um roteiro, mas pode ser flexível em relação a ele. Ao todo, foram realizadas três entrevistas: duas delas com profissionais que abriram escolas particulares específicas voltadas para as atividades circenses; e a terceira com uma professora que trabalhava em uma escola federal e que foi, durante muitos anos, coordenadora do projeto de atividades circenses na instituição. Nessa etapa, o principal objetivo foi a compreensão do processo pedagógico da atividade circense nos seus diversos meios de aplicação, bem como despertar o interesse dos alunos por essas práticas. Cabe destacar que todo o processo, desde a confecção do roteiro, as entrevistas e a sua transcrição, foi realizado pelos próprios alunos do projeto.

Pensando nesse processo de construção do conhecimento, uma das etapas do projeto seria a formação teórico-prática acerca das diversas modalidades circenses. O objetivo era que o aluno pudesse vivenciar a prática das modalidades circenses, mas com o foco no processo de apreensão do conhecimento, a fim de ensiná-lo posteriormente. Para isso, profissionais capacitados seriam contratados para ensinar técnicas e procedimentos pedagógicos para que os alunos do projeto se tornassem capazes de colocar os ensinamentos em prática e

promover o ensinamento para novas pessoas. A partir desse momento, começamos a encontrar problemas quanto à realização das atividades, uma vez que o profissional que iria ministrar o curso de malabares, palhaçaria e acrobacia coletiva sofreu um acidente e ficou afastado das atividades. Além disso, devido à burocracia na questão das compras dos materiais, não foram adquiridos os materiais necessários para a etapa prática do processo. Infelizmente, somente foram realizadas aulas práticas de acrobacia coletiva, com a supervisão do próprio profissional coorientador do projeto e uma aula prática com um profissional especialista em mágica (Figura 2).

Figura 2: Aulas práticas de acrobacias coletivas e mágica realizadas para o aperfeiçoamento técnico dos participantes do projeto



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Vale destacar a realização de uma aula pública, feita durante o recreio da escola, onde os alunos puderam apresentar um pouco das atividades realizadas no projeto para toda a comunidade escolar (Figura 3).

Figura 3: Realização de uma aula pública como forma de divulgação do projeto para a comunidade escolar



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Para a BNCC (Brasil, 2018), as crianças possuem conhecimentos específicos e precisam ser “por um lado, reconhecidos e problematizados nas vivências escolares com vistas a proporcionar a compreensão do mundo e, por outro, ampliados de maneira a potencializar a inserção e o trânsito dessas crianças nas várias esferas da vida social”. No entanto, devido às dificuldades citadas acima, não foi possível a realização das últimas etapas do projeto. Houve a expectativa da compra dos materiais, bem como a melhora do profissional, para que fosse realizada a vivência prática das demais atividades circenses ou que se colocasse em prática as oficinas de atividades circenses para a comunidade de Ewbank da Câmara.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O principal resultado deste trabalho seria a realização de oficinas, abertas ao público, de atividades circenses, promovidas pelos próprios alunos.

Esperava-se, com isso, estreitar os laços entre a comunidade e a escola, além de fomentar, através da prática orientada e lúdica, a prática das atividades circenses, o que não foi possível devido às dificuldades mencionadas.

Além disso, esperava-se alcançar, com este trabalho, o interesse dos alunos pelo processo de construção do conhecimento científico, bem como a aquisição e aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Esperava-se, ainda, que as atividades circenses fossem incluídas no currículo escolar da Escola Estadual Antônio Macêdo.

Embora tenham ocorrido algumas alterações de cunho administrativo que, de certa forma, fizeram com que o projeto ficasse parado por um tempo (por exemplo, as mudanças na orientação do projeto), percebemos que, com o retorno das atividades, havia muito trabalho a ser feito e etapas a serem consolidadas, o que não foi possível devido ao prazo de encerramento do ICEB. Entretanto, tudo o que foi feito foi muito importante e proveitoso para a comunidade escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe a professores e alunos interpretar a realidade do mundo e estabelecer possibilidades de agir sobre ele. Portanto, compreendendo a diversidade de possibilidades de atuação do universo circense e sua abrangência enquanto prática pedagógica, torna-se importante a implementação de práticas circenses no ambiente escolar. Vale ressaltar que o projeto trouxe para integrantes e comunidade escolar um momento único, de um aprendizado que vai além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BORTOLETO, M. A. C. (org.) *Introdução à pedagogia das atividades circenses*. Jundiaí/SP: Fontoura, 2008.

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. *Corpoconsciência*, Santo André, n. 12, p. 36-69, 2003.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

COSTA, A. C. P.; TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. do N. Arte circense na escola: possibilidades de um enfoque curricular interdisciplinar. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 197-217, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1508/1153>. Acesso em: 25 out. 2024.

CRESWELL, J. W.; POTTH, C. N. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. US: Sage publications, 2016.

DUPRAT, R. M.; BARRAGAN, T. O.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades Circenses. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (org.). *Ginástica, dança e atividades circenses*. Maringá: EDUEM, 2014, v. 3, p. 119-157.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

GASPARONI, C. L. Aprendizagem por projetos e iniciação científica. A uma educação popular e humanizadora. *Retratos da Escola*, [s. l.], v. 11, n. 20, p. 265-275, 2017.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise psicológica*, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 363-372, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. (org.) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 8. ed. São Paulo: EPU, 2004, p. 25-44.

MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 30, p. 289-300, 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v30n02/v30n02a07.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. (org.) *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SUGIMOTO, L. Mais que atletas, formar intelectos. *Jornal da Unicamp*, Universidade Estadual de Campinas, ed. 319, 17 a 23 abr., 2006. Disponível em: https://unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju319pg03.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

PIAGET, J.; GRÉCO, P. *Aprendizagem e Conhecimento*. Tradução de Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

REIS, A. de P.; PEREIRA, C. C. C.; TOSTES, F. D. G. O lugar e hora do circo na escola: reflexões sobre a reinvenção da cultura circense na sociedade contemporânea. *In*: REIS, A. de P.; PEREIRA, C. C. C.; PINA, L. D.; LANDIM, R. A. A. (org.). *Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013, p. 171- 189.

CASTELO BRANCO EM CENA: LUZ, CÂMERA E AÇÃO!

Ana Kenya G. Santos¹, Ana Vitória A. Almeida¹, Carlos Eduardo Freitas¹, Geovana C. Tabagiba¹, Ketelen Venâncio¹, Lorena Souza Marcelli Inácio¹, Pedro Henrick Teixeira¹, Ramily Ferreira¹, Sthephanny Santana¹, Thayba Silva¹, Warlison Souza¹, Patricia Bassan de Oliveira Barbosa², Flavia Roberta Alves Pinto³

1 INTRODUÇÃO

O tema da nossa pesquisa foi o teatro, pois entendemos que o teatro, no contexto educacional, tem o papel de estabelecer o compromisso e o respeito com o cotidiano escolar e consigo mesmo, a partir do momento em que se torna uma atividade coletiva e que reflete em uma ação social, na medida em que perpassa os muros da escola.

Nosso estudo buscou responder a seguinte pergunta: Quais as contribuições do teatro, como prática pedagógica, na formação e no desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicossocial dos estudantes da Escola Estadual Dr. Alfredo Castelo Branco?

1 Escola Estadual Dr. Alfredo Castelo Branco (Além Paraíba/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Dr. Alfredo Castelo Branco (Além Paraíba/MG), patricia.bassan@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Professora Alaíde Lisboa de Oliveira (Belo Horizonte/MG), flavia.alves.pinto@educacao.mg.gov.br.

Nosso objetivo geral foi o de oportunizar, ao aluno-pesquisador, o reconhecimento da sua identidade cultural e de seu lugar dentro do ambiente escolar e em seu contexto social, histórico e cultural, por meio do teatro como instrumento pedagógico. Os objetivos específicos foram:

- Investigar a contribuição do teatro na nossa formação integral;
- Compreender o teatro e as suas dimensões artísticas, históricas e sociais;
- Promover ações que estimulem o desenvolvimento do senso crítico, possibilitando assim que nós, estudantes, tenhamos uma postura proativa e autônoma frente à aprendizagem.

Concordamos que a escola é um espaço rico de oportunidades para ampliarmos nossos conhecimentos, onde podemos vivenciar experiências novas e compartilhar as nossas com os demais alunos, pois o conteúdo escolar não é o único responsável pela formação da identidade cultural do aluno, por isso deve-se levar em consideração os costumes fora do contexto escolar. Segundo Freire (1996), as experiências adquiridas fora e dentro da escola devem ser valorizadas. Libâneo (1985), em consonância com as premissas de Paulo Freire, afirma que uma aula deve ser iniciada tendo como ponto de partida a prática real, para depois, com a consciência dessa prática, associá-la aos conteúdos escolares de forma a confrontar essa experiência cultural com o que foi assimilado na escola.

Nossa pesquisa deu início pelo estudo sobre a origem do teatro. O surgimento foi no século IX a. C., na Grécia Antiga, e ele consiste:

em representar uma situação e estimular sentimentos na audiência. A tríade: quem vê, o que se vê e o imaginado, é o apoio do drama, pois ele exige uma reflexão propiciada através do ator ou conjunto de atores interpretando uma história. A palavra teatro pode significar tanto o prédio em que se exibem as diferentes formas de arte como uma delimitada arte. A arte de representar prosperou em terrenos sagrados na Índia, Egito, Grécia, China e nas Igrejas da Idade Média. O modo pelo qual o homem descobriu para revelar seus sentimentos de amor e ódio. As primeiras sociedades primitivas acreditavam que

a dança imitativa influenciava os fatos necessários à sobrevivência através de poderes sobrenaturais, por isso alguns historiadores assinalam a origem do teatro a partir deste ritual (Dantas, [s.d.]).

Figura 1: Teatro de Herodion Atticus sob as ruínas da Acrópole, Atenas, Grécia



Fonte: Freepik⁴.

Na sequência, estudamos sobre os tipos de teatro, momento em que constatamos que há várias vertentes do teatro ou gêneros teatrais, cada uma/um com suas peculiaridades, das quais destacamos:

- Auto: tem como objetivo principal a sátira.
- Comédia: o humor, o fazer rir, é o objetivo principal. Muitas vezes, a peça teatral faz uma crítica a uma esfera, como social, política ou econômica, levando a reflexão do público que a assiste, mas de uma maneira descontraída.
- Drama: conta o sofrimento dos personagens, da vida cotidiana.

⁴ Disponível em: br.freepik.com/fotos-premium/o-teatro-de-herodion-atticus-sob-as-ruinas-da-acropole-atenas-grecia. Acesso em: 25 out. 2024.

- Ópera: falas e música são combinadas, tendo um toque de drama na peça.
- Monólogo: realizada por um único ator.
- Stand-up comedy: está em alta atualmente, contém humor e é contada por comediantes.
- Musical: une canções, diálogos e danças.

O que nosso grupo mais gostou foi o gênero musical, pois achamos mais alegre e com elementos que motivam a participação. Com os gêneros musicais, vimos os elementos que compõem a linguagem teatral: personagem, cenário, iluminação, figurino, maquiagem, sonoplastia e objetos de cena. Estudamos, também, no site Villa Global Education, sobre os benefícios do teatro na escola.

[o] teatro na escola é uma prática importante para a formação integral de crianças e adolescentes. O ensino do teatro vai muito além das disciplinas estudadas em sala de aula. Ele possibilita o desenvolvimento de habilidades cognitivas, físicas, emocionais e sociais dos alunos (Villa Global, [s.d.]).

O site Villa Global Education ([s.d.]) destaca seis benefícios para quem pratica o teatro na escola. São eles:

1. Estimula o autoconhecimento e a comunicação, possibilitando aos alunos desenvolverem a comunicação verbal e a expressão corporal, quando estão atuando numa peça teatral, além de estimular o trabalho em equipe.
2. Aumenta a autoestima, pois, ao atuar numa peça teatral, o aluno trabalha o protagonismo, tendo consciência do que precisa melhorar e valorizando suas qualidades. Essas são competências socioemocionais importantes para o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes.
3. Eleva o interesse pela leitura e estimula a criatividade; aumenta o vocabulário; incentiva a imaginação.

4. Aumenta o senso de responsabilidade e o comprometimento ao participar dos ensaios e do trabalho em equipe para a apresentação da peça, além de desenvolver a responsabilidade e o compromisso, em prol do sucesso da peça.
5. Favorece a integração entre os alunos, mesmo sendo numa escola, há um trabalho em equipe (atores, figurinistas, cenógrafos, entre outros), para que aconteça a apresentação. Nesse período, favorece a formação de novas amizades e ajuda a reduzir o *bullying*.
6. Promove a consciência corporal; as aulas de teatro ajudam a aumentar a consciência corporal e oferecem oportunidades aos alunos de melhorarem suas dicções.

Segundo Damasio ([s.d.]),

por meio da dramatização, a criança desenvolve suas ideias, a consciência do outro e dela própria, a comunicação verbal e não verbal. Por meio da dramatização, a criança experimenta o mundo, ampliando seus conceitos de caráter e de ação, aprofunda a percepção e desenvolve a sensibilidade (Damasio, [s.d.]).

O teatro na escola tem como objetivo criar um diálogo entre os participantes com o intuito de transmitir alguma ideia através das expressões corporais e da voz. Por último, estudamos o teatro como unidade temática, na área de Linguagens, no componente curricular Arte. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018):

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em *performance*. Nessa experiência, o corpo é locus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuentes e espectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção (Brasil, 2018, p. 196).

Concluindo os estudos na literatura escolhida, partimos para a parte prática da nossa pesquisa, com entrevistas aos atores convidados e pesquisa *in loco*, finalizando com a tabulação dos resultados e discussões.

2 DESENVOLVIMENTO

Nosso grupo de pesquisa contou com 12 alunos do Ensino Médio regular, sendo 3 alunos do 1º ano, 2 alunos do 2º ano e 7 alunos do 3º ano. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, tendo em vista que aconteceu a participação direta da professora-orientadora e dos estudantes integrantes da equipe numa estreita associação participativa. Thiollent (2008) define a pesquisa-ação como sendo uma

[...] pesquisa social com base empírica que é concebida em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2008, p. 14).

A abordagem da pesquisa foi qualitativa por possibilitar a compreensão do comportamento humano e os principais progressos e mudanças que podem ocorrer entre os agentes envolvidos na pesquisa, tendo em vista que se deve levar em consideração que não somos seres passivos na sociedade. Para Bogdan e Biklen (1994, p. 13), “a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas: entrevistamos atores profissionais nascidos na cidade de Além Paraíba/MG, dos quais buscamos identificar e analisar, entre outros aspectos relevantes à profissão de ator, a representatividade do teatro para a formação da identidade cultural de cada um dos entrevistados. Foram realizadas 1 entrevista presencial e 4 online. Também foi feita a aplicação de dois questionários aos alunos: um no início do projeto e outro ao final, instrumento

que foi usado para a investigação sobre a participação e a influência do Projeto de Iniciação Científica em sua vida acadêmica e pessoal.

Já a pesquisa *in loco* aconteceu em setembro de 2022, momento em que tivemos a oportunidade de conhecer o Museu do Amanhã, onde percebemos que suas características são bem diferentes dos demais museus, com informações do presente e do possível futuro. Um dos pontos que mais gostamos foram os jogos interativos. À tarde, foi feita a visita guiada ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro, momento em que todos nós ficamos deslumbrados com a beleza do local e toda a sua história. Infelizmente, não tinha nenhuma peça em cartaz. Terminamos nossa viagem assistindo à peça *Heathers – o Musical*, no teatro Cesgranrio. Foi uma experiência incrível, pois o elenco era composto por jovens que cantaram muito bem; tinham um cenário muito bem elaborado, e o roteiro era muito bom. A peça tratou de assuntos do nosso dia a dia, como *bullying* na escola, mudar seu jeito de ser para ser aceito por determinado grupo, orientação sexual e se relacionar com pessoas sem conhecer realmente sua personalidade.

3 RESULTADOS

3.1 Resultados das entrevistas com os atores participantes

- Formação profissional: 60% possuem nível superior nos cursos de Artes Cênicas, Produção Cultural, Comunicação Social, Pedagogia e Mestrado em Artes Cênicas. Um entrevistado relatou ter 3 cursos, sendo 2 graduações e 1 mestrado.

- Área em que trabalha: todos responderam que trabalham com teatro, porém 100% dos que atuam em teatro atuam em outras áreas, como cinema, novela e produção cultural.

- Área de atuação: nessa pergunta, todos responderam que atuam como ator e como diretor. Como podiam marcar mais de duas opções, encontramos quem atua também como produtor e autor de textos teatrais.

- Tempo em que trabalha nessa área: todos atuam há mais de 10 anos na área em questão.

- Motivo principal que o levou a escolher essa profissão: gostar de atuar foi a escolha de todos, tendo, como segundo motivo, gostar da área da Artes, de escrever e influência de amigos.

- Preferência entre as possibilidades de atuação na área e motivação: essa pergunta foi aberta, e foram enviadas as seguintes respostas:

1. “Atuar foi o que me levou às outras áreas, então minha resposta pode ser, atuar”.

2. “Não tenho uma preferida”.

3. “Produção e direção, por ter contato com o processo artístico na sua totalidade”.

4. “Teatro, pois foi no teatro que comecei, onde tenho mais experiência é onde me sinto totalmente à vontade, como se estivesse na minha casa. Além disso, a adrenalina de ser ao vivo, onde tudo pode acontecer, me atrai bastante”.

5. “Em 25 anos posso dizer que fiz dezenas de espetáculos e poucas coisas na TV. Mas, com ou sem experiência, todos os trabalhos sempre foram muito desafiadores. Sempre haverá o frio na barriga antes de entrar em cena (o que mostra o prazer e a responsabilidade com o trabalho. Portanto, ótimo.) Cada personagem grande ou pequeno eu considero preferido no ato da atuação dele. Mas, se tem que escolher um, escolho o personagem Tomé, da comédia teatral *Astro Por Um Dia*, de João Bittencourt, e atuações com os irmãos Flávio e Dirce Migliaccio. Eu estreei já fazendo o protagonista numa grande produção com um grande patrocínio e com turnê por 18 capitais. Foi assustador para um ator recém formado num trabalho grande e de muita responsabilidade”.

- Sobre as experiências com o teatro na sua época de escola, 4 tiveram e somente 1 não vivenciou essa experiência. As justificativas foram:

1. “Na minha amada escola – de Além Paraíba, com um grupo de amigos”.
2. “Como estudava em colégio de freiras, em festividades relacionadas à religião católica. Não sabia que aquilo era teatro na época.”
3. “Dirigia e apresentava peças minhas na escola”.
4. “Infelizmente, não. Sou de uma época em que teatro era coisa de marginal, proibido e visto com maus olhos. Suei para alcançar respeito, inclusive da família”.
5. “Particpei de uma peça num colégio aos 11 anos. Foi minha estreia no palco. Depois disso, participei e implantei as encenações na Feira de Ciências da CNEC, onde a primeira peça montada foi *O Pagador de Promessas*.”

- Como profissional, questionamos se já trabalharam ou trabalham em escola regular: 2 trabalham atualmente em escola com teatro; 2 já trabalharam, mas atualmente não mais; e 1 nunca trabalhou.

- Todos concordaram que, no Brasil, o teatro ainda não tem a mesma popularização, valorização do cinema.

- Sobre o que poderia ser feito para mudar esse cenário, 45% escolheu a opção “incentivo à cultura” e, como segunda opção, a “implementação do teatro no âmbito escolar”. Encontramos, na opção “outros”, as seguintes respostas:

1. “Concordo plenamente. O teatro é a base para qualquer outra arte que envolva atuação. É a grande escola para os atores. Inclusive e não menos importante há que se incluir os estudos teóricos”.
2. “Fomento aos grupos de teatro; publicação e circulação de peças teatrais; cursos de teatro e de produção teatral”.

- Quanto a qual seria a principal contribuição do teatro na escola, na opinião dos entrevistados, “possibilitar que os estudantes desenvolvam habilidades essenciais para o processo de ensino-aprendizagem” foi escolhida por 63% dos entrevistados; 12% escolheu a alternativa de “ter

uma ferramenta para as atividades extracurriculares na escola”; e 25% marcou a opção “outros”, em que foram dadas as seguintes sugestões:

1. “O Teatro, na minha opinião, nos faz questionar o mundo em que vivemos, tornando os alunos mais conscientes de seu papel no mundo. Além disso, por ser uma arte coletiva, é fundamental para desenvolver o trabalho de equipe e a empatia nos alunos, principalmente em crianças e adolescentes, que estão formando seu caráter...”.
2. “Acho fundamental o teatro na escola em diversas frentes de atuação e aprendizado do aluno. Ele vai aprender por exemplo Geografia, História etc. O teatro na escola não precisa nem um pouco ser profissional porque não é o objetivo. Ele te socializa, desinibe, dá coragem para se expressar e se comunicar através do improviso. E como diversão também. Na escola se desenvolve o lúdico e cria por tabela a formação de plateia. Tudo fica melhor com o teatro”.

3.2 Resultado da pesquisa com os estudantes-pesquisadores

Os estudantes-pesquisadores responderam a um primeiro questionário, em fevereiro de 2022, e o segundo na primeira semana de outubro, também em 2022. O grupo era composto por três alunos do 1º ano, dois do 2º ano e sete do 3º ano, pertencentes ao Ensino Médio regular.

Em relação à participação no projeto “Castelo em Cena”, anterior ao ICEB, encontramos 5 alunos que não participaram; 3 que participaram em um ano; 1 que participou em dois anos; e 3 que participaram em três ou mais anos. Dos que já participaram, 6 atuaram e 1 dançou.

Apresentamos, na sequência, a comparação das respostas do questionário 1 e 2:

- Pergunta: Você já assistiu a alguma peça de teatro?

Questionário 1: 7 assistiram na escola e 5 não.

Questionário 2: todos os 12 assistiram.

• Pergunta: Se sua resposta for positiva, qual sentimento em relação ao espetáculo?

Questionário 1: 6 escolheram a opção “gostei muito” e 1 escolheu “gostei”.

Questionário 2: 9 escolheram a opção “gostei muito” e 3 escolheu “gostei”.

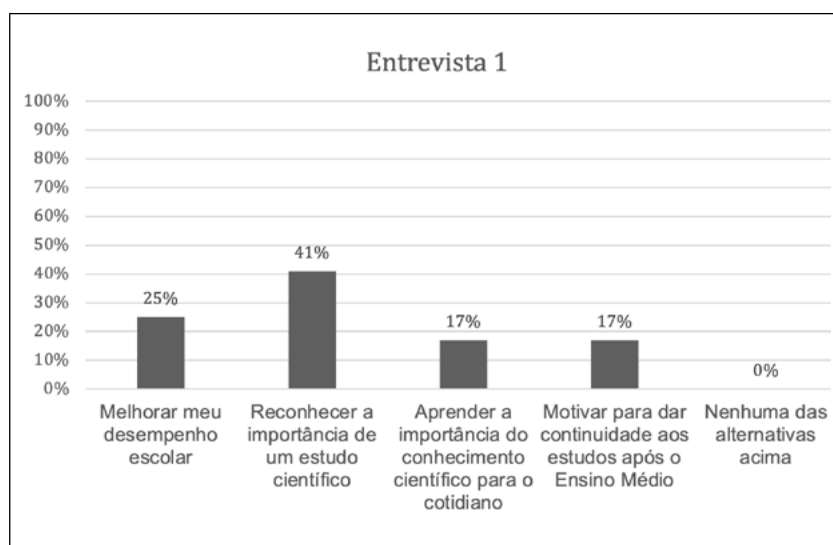
• Pergunta: Você acredita que a participação no projeto ICEB poderá contribuir para sua escolha profissional?

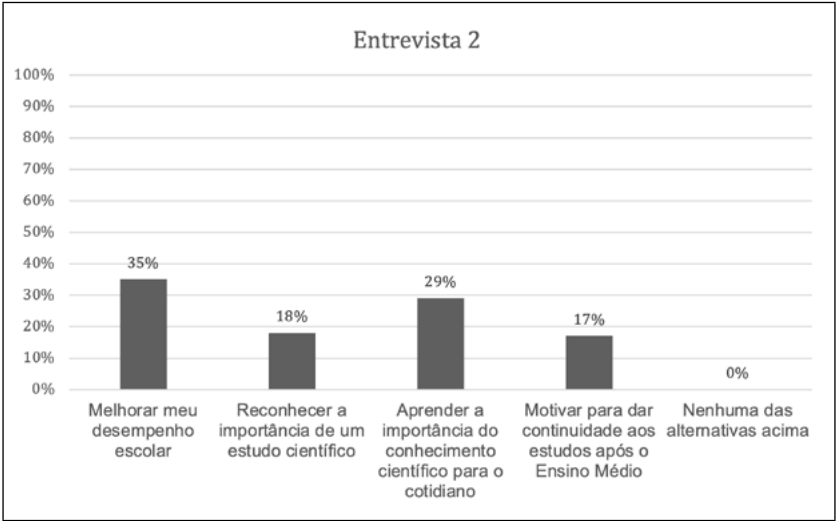
Questionário 1: 8 escolheram a opção “sim” e 4 escolheram “não”.

Questionário 2: 7 escolheram a opção “sim” e 5 escolheram “não”.

• Pergunta: O que espera com a participação no Projeto de Iniciação Científica “Castelo em Cena: luz, câmera e ação!”?

Gráfico 1: Sobre as expectativas quanto à participação no Projeto “Castelo em Cena: luz, câmera e ação!”
(Entrevista 1 e Entrevista 2, respectivamente)

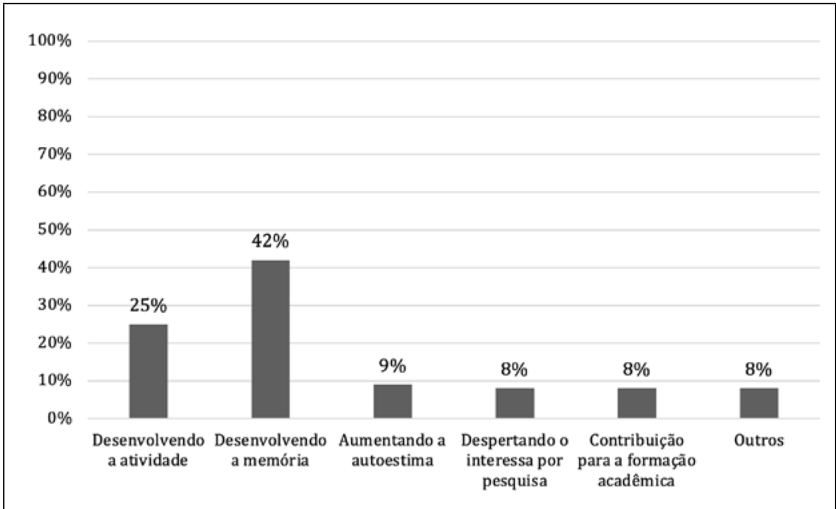




Fonte: Elaboração própria.

• Pergunta: Você acredita que ao participar do Projeto Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB), você estará (numere de 1 a 5, sendo o 1 o principal motivo):

Gráfico 2: Sobre o desenvolvimento de habilidades a partir da participação no Projeto “Castelo em Cena: luz, câmera e ação!”



Fonte: Elaboração própria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar do Projeto de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB) foi uma experiência muito positiva, em que todos nós aprendemos assuntos relacionados ao tema Teatro, que só esse projeto poderia nos proporcionar. Além dos conhecimentos mencionados neste relato, como a história do teatro, a importância das atividades culturais e da inclusão do teatro na escola para o desenvolvimento integral dos alunos, aprendemos o que é um projeto de Iniciação Científica e como o elaborar e desenvolver.

Entender como se faz um relato de experiências foi o maior desafio de toda pesquisa, principalmente após um longo período sem estudos presenciais, devido a pandemia de Covid-19, o que conseguimos superar com nossos encontros presenciais, onde estudávamos em grupo.

Concluímos que o teatro pode e deve ser incluído no contexto escolar, pois é um instrumento pedagógico com muitos benefícios, como a possibilidade de aumentar o interesse pela leitura e o desenvolvimento de autoestima, criatividade, memória, responsabilidade, trabalho em equipe, entre outros. Mesmo não obtendo um resultado unânime, concordamos que o ICEB contribuirá para nossa formação acadêmica, além de ter despertado o nosso interesse em dar continuidade aos estudos após o Ensino Médio.

Por fim, destacamos que ainda existe uma carência no acervo de trabalhos qualificados e de cunho científico relacionados ao teatro na escola. Sendo assim, indicamos que existam mais estudos nessa área para que outros trabalhos possam ser desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

BERTHOLD, M. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

DAMASIO, C. A criança e o teatro na escola. *Meu artigo: Brasil Escola*, [s.d.]. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-crianca-teatro-na-escola.htm>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DANTAS, P. L. Teatro. *Mundo Educação*, [s.d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/teatro.htm>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FREEPIK. Teatro de Herodion Atticus sob as ruínas da Acrópole Atenas Grécia. *Freepik Company*, [s. l.], c2010-2024. Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-premium/acropole-atenas-grecia_30302025.htm#from_view=detail_alsolike. Acesso em: 08 abr. 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. Tendências Pedagógicas na Prática Escolar. In: LIBÂNEO, J. C. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1985, p. 3-16.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2008.

VILLA Global Education. Benefícios proporcionados pelo teatro na escola. Villa Global Education, [s.d.]. Disponível em: <https://www.campusvilla.com.br/teatro-na-escola/>. Acesso: 21 nov. 2024.

LETRAMENTO DIGITAL: PRODUÇÃO ARTÍSTICA E LITERÁRIA NAS MÍDIAS DIGITAIS

Aline Pedroso Bernardo¹, Ana Luiza Andrade dos Santos¹, Ana Paula Corrêa Miranda¹, André Luiz Santos Pereira¹, Augusto Eugenio Corrêa Neto¹, Arthur Vilela Andrade Pinto¹, Eduarda Resende Arruda Barbosa¹, Mariana Sofia Alves Vieira¹, Rafaela Resende Arruda Barbosa¹, Victória Lúcia de Carvalho¹, Yuri Carvalho Alonso¹, Gisele Aparecida Ribeiro², Daniela Valente³

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de décadas, a escola foi o espaço “privilegiado” para aprender, conviver e compartilhar experiências, pois lá os saberes ficavam restritos ao livro didático, apostilas, cadernos e ao conhecimento dos professores regentes de aulas/disciplinas. Entretanto, esse cenário sofreu drásticas mudanças a partir do fim de 2019 e anos subsequentes, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que uma nova pandemia surgia no mundo, ou seja, a Covid-19, uma infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2, que obrigou comunidades inteiras a tomarem as devidas providências para diminuir a sua disseminação. Portanto, casas, comércios,

1 Escola Estadual Tiradentes (Lavras/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Tiradentes (Lavras/MG), gisele.aparecida.ribeiro@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Raul Soares (Ubá/MG), daniela.valente@educacao.mg.gov.br.

indústrias, instituições religiosas e escolas foram fechadas, e a população foi obrigada a ficar reclusa em suas casas.

Consequentemente, com o fechamento das instituições escolares, um novo ambiente de aprendizagem emergiu justamente para tentar dar continuidade aos estudos dos alunos, e a esfera educacional mudou para o ambiente “virtual”. O que antes era físico, palpável, tornou-se cibernético. De fato, a internet não se tratava de um conceito pouco conhecido, uma vez que, com os avanços tecnológicos, grande parte da população já possuía acesso a esses mecanismos. Houve, entretanto, a necessidade de remodelar o ensino e adaptá-lo às novas exigências, por exemplo, adequando os conteúdos básicos da grade curricular por parte dos docentes, bem como buscando novas formas para o engajamento das práticas de estudos por parte dos discentes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) disserta sobre como a educação deve favorecer a formação do indivíduo crítico e atuante, independentemente de “onde” o ensino possa ocorrer, isto é, a “nova escola” deveria privilegiar os múltiplos saberes que os alunos trazem e auxiliá-los nessa construção. Assim, compreende-se que “a sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado” (Brasil, 2018, p. 16).

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (Brasil, 2018, p. 16).

Dentro dessa perspectiva apresentada pela BNCC (2018), estabelece-se que o ensino deve alinhar o conteúdo curricular com a diversidade de saberes advinda do meio social do educando, o que ocorreu

especialmente no período pandêmico, durante o qual o letramento digital tornou-se necessário e urgente. Consequentemente, o papel do professor, independente do ambiente (real ou virtual), foi e é fundamental, uma vez que compete a ele a mediação e a sistematização dos processos cognitivos de ensino-aprendizagem, tornando os alunos mais ativos, conscientes e aptos a compreenderem o mundo em que vivem.

Diante desse novo cenário, o nosso núcleo de Iniciação Científica desenvolveu a pesquisa que será relatada neste trabalho, a partir da nova tecnologia usada no ensino remoto da rede pública. Tivemos por objetivo o desenvolvimento das habilidades cognitivas do letramento digital e o conhecimento de programas e plataformas para desenvolver textos digitais, com a finalidade de produzir materiais que favoreçam a aprendizagem e o interesse pela leitura e pela escrita, utilizando os aplicativos digitais.

Em vista disso, e com o conhecimento sobre a importância do letramento digital, produzimos conteúdos relevantes que desenvolveram o pensamento crítico da comunidade escolar. Conseguimos, de certa maneira, inserir a escola no contexto social e digital vigente, trazendo ideias e inovações no processo de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa com uma linguagem jovial.

2 METODOLOGIA

Para a construção do jornal, objetivo deste trabalho, em um primeiro momento, o grupo focou em uma pesquisa sobre os conceitos de letramento e de letramento digital, a partir de teóricas, como Carla Coscarelli e Ana Elisa Ribeiro (2005) e Magda Soares (2002). O segundo passo foi o de escolher em qual plataforma seria feita a divulgação do jornal. *Wattpad*, *Google Forms*, *Canva*, *Instagram* foram as plataformas digitais pesquisadas, e a escolhida foi pelo *Instagram*.

Terminada essa fase, seguiu-se para a elaboração do jornal. O grupo foi dividido em duplas, de modo que cada dupla ficasse responsável por uma coluna. Os temas escolhidos foram: Saúde, Esportes, Novo Ensino

Médio, Provas e Vestibulares, Entretenimento e Literatura. Desse modo, foi possível que cada dupla se aprofundasse em um tema específico, elaborasse um texto e publicasse no jornal da escola.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 O letramento

Sobre o letramento, temos que entender que ele e os múltiplos letramentos existentes dizem respeito à condição em que um indivíduo participa das práticas sociais de leitura e de escrita de uma sociedade letrada. O conceito nos faz perceber que a leitura não está condicionada apenas ao texto impresso, porque as diferentes ferramentas tecnológicas utilizadas para realizá-la exigem uma abordagem distinta, afinal o espaço da escrita não é somente a do papel, mas também o das telas, por exemplo, e dele decorre uma interação entre o texto, o contexto e o leitor. Tal situação também ocorre com a leitura. Consequentemente, segundo a BNCC:

as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal [...], corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais (Brasil, 2018, p. 63).

Assim, para desenvolvermos a nossa pesquisa, tivemos que compreender como essas ações ocorrem nas disciplinas, especialmente na de Língua Portuguesa, pois, para produzir um texto, é necessário saber a sua finalidade e como é o seu impacto social. Ademais, conhecer o público receptor e qual é a sua linguagem faz com que a comunicação seja mais efetiva e construtiva. Finalmente, para alcançarmos o nosso objetivo de produzir textos críticos e reflexivos, tivemos que fazer o bom uso da base fundamental do letramento, pois somente assim a comunidade escolar, especialmente os alunos, seriam capazes de assumir o protagonismo e a autenticidade nas próprias produções textuais.

3.2 Letramento digital

Entendemos o letramento digital como algo que unifica o passado e o presente, isto é, a unificação global da digitalização da informação e dos novos meios de pesquisa e de informação. Consequentemente, o letramento digital tem o objetivo não só de compreender a tecnologia do planeta e como tudo é conectado, mas fazer o bom uso dela, pois, mesmo sendo nascido na era da expansão da internet, muitos de nós não dominam nem possuem acesso a esses avanços. Dessa maneira, podemos inferir que o déficit de aprendizagem tecnológica é muito grande, seja por falta de acesso, seja pela idade ou por interesse.

Ademais, ressaltamos que o conhecimento atual está acessível, tudo ou quase tudo está na internet, e isso nos proporciona o conhecimento global na palma de nossas mãos, mas se o indivíduo não souber acessar o conteúdo, ou se ele não for utilizado corretamente, pode acarretar consequências desastrosas, como golpes, *fake news* e outros elementos midiáticos maléficos.

Baseados na BNCC (Brasil, 2018), o letramento digital é composto por etapas, sendo a primeira a que compete aos professores criarem um plano de ensino a partir do letramento digital, isto é, tudo referente ao manejo e à condução das ferramentas tecnológicas, mas sempre estando dentro do aspecto educacional. Além disso, tange a eles elaborar atividades, pesquisar em site, e, obviamente, ministrar conteúdos que auxiliem o aluno a seguir informações corretas na internet, dentre várias outras atividades possíveis.

Por fim, o aprendizado básico do letramento digital deve ser finalizado, tendo como premissa a de que o conhecimento aprendido em todo o processo escolar será relevante para a atuação do jovem na sociedade atual, transformando-o num cidadão crítico e atuante.

3.3 A pesquisa

No final de 2021, período pandêmico, o nosso ensino estava no sistema híbrido, e estávamos cursando o 9º ano do Ensino Fundamental II.

Gisele, nossa professora na época, estava desenvolvendo, em parceria com o seu grupo de estudo PIBID da UFLA (Universidade Federal de Lavras), atividades digitais. Entre as atividades propostas, desenvolvemos *Fanfic's*, utilizamos o *Wattpad*, *Google Forms* e *Canva*. Foi a partir daí que nos interessamos pela tecnologia aplicada ao ensino, e começamos a pensar como ela poderia diminuir o déficit tecnológico de nossos colegas, que, por falta de conhecimento e acesso, ficavam à margem da sociedade. O letramento digital permite ao aluno ter o mínimo de conhecimento básico sobre como fazer pesquisas online, se informar por notícias verdadeiras e não cair em *fake news*.

A nossa pesquisa nasceu e, com a professora, formamos um grupo de doze alunos, que a princípio se reuniam pelo *Google Meet*. Essas primeiras reuniões eram sobre o letramento digital e sua importância; depois, passamos a discutir como iríamos fazer para que os adolescentes – estudantes no geral – se interessassem pela leitura. Então, pensamos na possibilidade de criar um site da escola para divulgarmos informações referente às aulas, incentivando a leitura e a produção textual. Em uma das reuniões, a nossa tutora contou-nos como poderíamos construir um site.

Tendo em mente a ideia da construção de um site, procuramos especialistas na área para nos auxiliarem, mas não seria um site comprado e mantido por uma empresa, por isso vimos que precisaríamos de algum professor especialista de aulas de informática, ou alguém que nos guiasse para programar e editar o site. Enquanto nossa orientadora conversava com escolas de informática de nossa cidade, a procura de orçamento para conseguirmos criar um site, nós ficamos pensando em um nome para o nosso espaço digital. Mas, infelizmente, a nossa professora não obteve uma resposta favorável, pois as escolas – empresas – que realmente criam sites e trabalham com isso, disseram que não nos ajudariam no projeto justamente por essa ser sua fonte de renda.

Logo após a negativa das empresas em nos auxiliar, sentamos e redirecionamos o nosso projeto, uma vez que não seria possível criar um site, pois não somos especialistas em tecnologia. Resolvemos, então, criar um jornal, mas no formato digital. Para tanto, pesquisamos sobre o gênero,

estudamos e lemos vários jornais de renome social. Após os estudos, decidimos criar um jornal próprio utilizando o meio digital (Instagram) para divulgá-lo. Em conjunto, concordamos que não seria qualquer jornal, por exemplo um tabloide de fofoca. O jornal teria claro algumas áreas importantes, como: educação, lazer, saúde e cultura. Utilizaria de uma linguagem mais voltada ao adolescente, porém mantendo a linguagem formal, para que não ficasse tão chato de ler.

Com a ideia do jornal já estruturada, partimos então para a escolha do nome, e nós – estudantes-pesquisadores – sugerimos alguns e colocamos em votação na escola via *Google Forms*, pois o nosso objetivo era o engajamento também da comunidade escolar na nossa pesquisa. Assim, o nome escolhido foi *Jornal Tiradentes*.

Coube a nós a responsabilidade de criação da logomarca (Figura 1), do e-mail próprio e da criação da conta no Instagram (Figura 2). Feito isso, partimos para mais uma etapa: a seleção das áreas que iriam compor o nosso jornal. Para que isso ocorresse de maneira correta, fizemos uma visita técnica ao setor de Assessoria e Comunicação da UFLA, guiados pelo professor Luciano de Paula, que é também radialista da Universitária FM, e lá ficamos informados e tivemos a oportunidade de entender um pouco do funcionamento de um jornal, e como é o trabalho de equipe.

Figura 1: Logomarca



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 2: Código QR do nosso perfil



Fonte: Elaboração própria.

De posse do conhecimento sobre o funcionamento de um jornal, nos dividimos em duplas, e cada uma ficou responsável por uma temática de interesse do mundo jovem, nascendo, assim, as colunas: Saúde, Esportes, Novo Ensino Médio, Provas e Vestibulares, Entretenimento e Literatura. A partir disso, criamos nossas próprias postagens, tendo a professora-orientadora como revisora textual, e, em cada reunião, nós discutimos o que seria postado na semana, pois o assunto deveria suscitar interesse na comunidade escolar.

Ficamos focados em nossas responsabilidades, com o projeto sendo desenvolvido, buscando maneiras de melhorar e atualizar o nosso Instagram com o máximo de informações possíveis. Trabalhando com os demais alunos da escola, descobrindo seus gostos, buscamos formas de dar espaço para mostrar as individualidades e talentos da nossa escola. Foi assim que aconteceu a nossa participação na semana de Protagonismo Juvenil, ocorrida no mês de agosto, pois trabalhamos com os demais alunos na montagem de oficinas temáticas, e, de certa maneira, conseguimos incluir a tecnologia como ferramenta de aprendizagem aos alunos com baixa acessibilidade e conectividade.

4 RESULTADOS

Com nossa pesquisa, conseguimos mostrar aos jovens, por meio do Instagram, que com as novas tecnologias nos conectamos com um

universo literário grande, que abraça qualquer tipo de pessoa, de qualquer nível de escolaridade, condição social e com vários gostos diferentes.

O nosso projeto foi capaz de descobrir quais os tópicos literários e quais assuntos atuais mais chamam a atenção dos jovens na atualidade. Conseguimos mostrar, com a devida responsabilidade, que a união da aprendizagem com as novas tecnologias permite aos alunos um desempenho melhor do pensamento crítico.

Finalmente, conseguimos compreender que os resultados do letramento digital são os maiores conhecimentos das áreas de tecnologia, informação, pesquisa e compreensão tecnológica, já que hoje a tecnologia é indispensável tanto para o ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos o projeto desenvolvido importante para o nosso ambiente educacional e para a sociedade que nos cerca, pois o letramento digital é indispensável nos dias de hoje. Também consideramos que a iniciativa de escolas pesquisarem sobre o uso das tecnologias é de extrema importância, uma vez que, se o letramento digital for inserido nas escolas a partir do Ensino Fundamental, o déficit tecnológico de aprendizagem tenderá a uma diminuição drástica, pois tal postura poderá auxiliar os alunos a aprenderem com mais facilidade e de forma mais divertida.

Ressaltamos que aprendemos mais sobre o letramento digital e conhecemos um pouco mais sobre sua importância. Um dos desafios encontrados foi a falta de domínio, pois mesmo usando a tecnologia em nosso dia a dia, manuseando celular e computador, esse assunto, que era uma novidade para nós, foi bem desafiador, mas, pouco a pouco, fomos evoluindo, compreendendo e produzindo. Um outro desafio superado foi o trabalho em equipe, pois éramos doze pessoas de realidades distintas, anseios e comportamentos próprios, mas tínhamos um propósito conjunto: a criação do Instagram para publicarmos conteúdos criativos e reflexivos para nossos amigos. Com muito esforço e

dedicação de todos, conseguimos realizar com maestria nossas funções e administrar nossas colunas.

Ainda vale salientar que, com o projeto, conseguimos nos aprofundar no mundo literário e em um ambiente novo, totalmente digital. Isso foi bem enriquecedor para nós todos, porque, nos meses em que trabalhamos em equipe, aprendemos a ouvir o outro, a checar informações, tomar decisões democráticas. Em suma, no e pelo projeto, conseguimos desenvolver habilidades comunicativas e sociais; trouxemos os alunos para o mundo digital com o Instagram de forma saudável, ao fornecer informações e notícias, como o PAS-UFLA, o Dia da Feira do Livro etc.; além de nos enveredarmos para o caminho da publicidade e do jornalismo, colaborando em realizar projetos interativos na escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>. Acesso em: 13 abr. 2022.

COSCARELLI, C. V; RIBEIRO, A. E. (org.). *Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, M., *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002

RÁDIO ESCOLA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO

Ana Vitoria Aparecida Alves¹, Gabriel Donizete Prado Barbosa¹, Jacqueline Mangabeira de Souza¹, Joyce Carvalho Alves¹, Kelly de Oliveira Barros da Silva¹, Kérsia Ruane do Nascimento Santos¹, Manuela Cristiane Barbosa Norberto¹, Márcio de Castro Ferrari¹, Maria Letícia dos Santos¹, Nayara Vitória dos Santos Silva¹, Victoria Gabanette Ferreira Silva¹, Wildeney Silva Santos¹, Renata de Carvalho², Thiago de Araújo Lira³, Tatiana Falcão⁴

1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa foi realizada na Escola Estadual Henrique Kruger, em Uberaba/MG. O principal objetivo foi desenvolver uma programação para a rádio da escola, principalmente a partir de entrevistas com especialistas de diferentes áreas, ampliando o conhecimento de nossa comunidade escolar sobre o mercado de trabalho.

A Rádio Escola foi desenvolvida mediante a criação de aplicativo próprio, com ferramentas de comunicação, entre Podcast, carregamentos de vídeos diretos no YouTube e Instagram. As entrevistas foram conduzidas ao vivo pelos nossos educandos e foram armazenadas em

1 Escola Estadual Henrique Kruger (Uberaba/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Henrique Kruger (Uberaba/MG), renata.c@educacao.mg.gov.br.

3 Coorientador, Escola Estadual Henrique Kruger (Uberaba/MG).

4 Tutor, Escola Estadual Batista de Oliveira (Juiz de Fora/MG), tatiana.falcao@educacao.mg.gov.br.

nosso canal no YouTube, para serem consultadas ou compartilhadas em momentos posteriores.

Nosso objetivo geral era o de compreender o contexto do processo de escolha do que deve e pode ser veiculado em uma rádio, ao qual os alunos de uma escola pública pudessem ter acesso, além de poderem assumir a posição de protagonistas nesse e desse espaço. Como objetivo específico, nosso trabalho buscou registrar diferentes percepções e possibilidades de construção de carreira na cidade de Uberaba, assim como o conhecimento, por meio das entrevistas, de diferentes profissões exercidas pelos convidados e os caminhos até o exercício dessas profissões, inclusive àquelas ligadas ao audiovisual.

Por meio de entrevistas, nossa pesquisa entrou em contato com diferentes áreas de atuação, elevando o potencial comunicativo dos educandos e lançando a Escola Estadual Henrique Kruger no cenário das novas mídias. Os diferentes personagens da sociedade uberabense abriram caminho para o educando conhecer o universo político nacional (com entrevistas a deputados e representantes do poder legislativo de Uberaba). Foram apresentados diferentes profissionais com atuação no mercado de trabalho nos campos do direito, do jornalismo, do esporte, do lazer, entre outros. Não foi deixado de lado, dentro da nossa proposta de trabalho, um dos principais objetivos da rádio: a difusão da cultura, com entrevistas a membros do meio musical, teatral e da dança.

Entre diferentes perspectivas, vontades e muitas indagações que rondam o universo dos jovens; escolher o que fazer no futuro, ou qual a melhor escolha da profissão, geralmente causa indecisões e até mesmo problemas emocionais, impossibilitando os jovens a definirem escolhas de carreiras futuras. Diante de inúmeras opções, nem sempre pesquisas em sites de busca respondem a todas as dúvidas dos educandos, inclusive na etapa do Ensino Médio.

O trabalho desenvolvido proporcionou contato direto com a comunidade do bairro em que a Escola Henrique Kruger está localizada, justificando o trabalho de divulgação do conhecimento. Foi ainda

apresentado aos nossos alunos, as diferentes possibilidades de formação profissional na cidade de Uberaba. Em uma de nossas entrevistas, tivemos a presença de um dos professores do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, que atua no campus de Uberaba, momento em que foram apresentados os cursos de formação continuada oferecidos. Concomitante, houve ainda a participação de outros profissionais que apresentaram as possibilidades de formação oferecidas pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e pela Universidade de Uberaba.

O processo de comunicação é o fundamento do processo educativo. A relação educador-educando ocorreu em mão dupla: um fala, o outro responde; e o diálogo aconteceu de forma natural. Dessa forma, a rádio escola pôde ajudar na construção de uma prática em que os alunos fossem os protagonistas da aprendizagem, propiciando uma comunicação mediadora entre os componentes da comunidade escolar, além de permitir o afastamento do jovem de percursos que possam prejudicar sua vida. Atender aos educandos, dentro do processo de compreensão das diferentes maneiras de expressar a comunicação, permeou um de nossos objetivos centrais, que foi alcançado por meio de trabalho colaborativo entre os diferentes profissionais que atuam na escola, o que deu margem para o estabelecimento da interdisciplinaridade na adoção de assuntos pertinentes nos diferentes campos de formação dos educandos.

Compreendemos assim, que a rádio é uma ferramenta pedagógica capaz de colaborar com a construção de diversos saberes, transformando a escola em um lugar de troca, construção coletiva, interação, socialização e aprendizagem, além de desenvolver diversas habilidades e competências. Seguindo esse parâmetro, os alunos se caracterizam como protagonistas na direção, na organização das pautas de entrevistas, entre outros elementos, sempre contando com a participação do professor-orientador e a participação dos professores-colaboradores. Nosso grupo de trabalho constituiu uma escala de trabalho disciplinado em que relacionou o conteúdo mais próximo da vida cotidiana dos demais alunos, apresentando perspectivas de história regional, atribuindo viés

de contexto social argumentativo, com elementos criativos na composição de cada entrevista.

A participação dos alunos buscou oportunizar a eles um melhor desempenho de comunicação, organização de pensamento e linguagem, com uma previsão de aprendizado técnico e tecnológico, que possibilitaram o funcionamento dos componentes necessários ao funcionamento da rádio na escola. Logo, a escola e os professores, comprometidos com o bom desempenho didático organizativo, proporcionaram aos educandos envolvidos no projeto a prática do protagonismo educacional.

2 METODOLOGIA

Foram selecionados, inicialmente, seis alunos; cada um teve a responsabilidade de organizar a distribuição de funções dos colegas que entraram no decorrer da aplicação do projeto (totalizando doze alunos), com funções distintas e colaborativas, que agregaram seu protagonismo para o desenvolvimento do projeto. As principais entrevistadoras foram duas alunas que tomaram a frente devido a suas desenvoltura e facilidade no diálogo com os entrevistados. Já a parte técnica ficou a cargo de outros três alunos. As pautas de cada entrevista ficaram a cargo dos demais pesquisadores, tarefa que variou a colaboração de cada um em cada assunto abordado no percurso do projeto.

A escola dispõe de uma rádio montada e equipada, que tem alcance na comunidade. O projeto inicialmente desenvolveu a formação dos alunos em Rádio Escolar, que foram os protagonistas das atividades, mas a capacitação envolveu também os professores. As atividades foram desenvolvidas com os conteúdos em texto, imagens, podcasts e vídeos. Os alunos e a professora-orientadora viabilizaram o acesso à programação e à veiculação da programação para a comunidade. As outras funcionalidades foram disponibilizadas ao público em geral da escola, para divulgação de trabalhos interdisciplinares, como Rádio online (*Player* ao vivo), Mural de Recados, Jornal online, Galeria de Fotos, Podcasts, Vídeos, Contato e Redes Sociais, e entrevistas.

A Rádio Escola foi desenvolvida mediante a criação de aplicativo próprio, com ferramentas de comunicação, entre Podcast, carregamentos de vídeos diretos no YouTube e Instagram. As entrevistas foram conduzidas ao vivo pelos nossos educandos e foram armazenadas em nosso canal no YouTube, para serem consultadas ou compartilhadas em momentos posteriores.

Pensar o espaço da rádio na escola como um elemento de formação prática também corresponde a reconhecer os elementos formativos que o espaço escolar deve oferecer aos nossos educandos, uma vez que, conforme Andrello (2012, p. 140), no que tange à educação atual, existem fatores como “a própria centralidade das tecnologias na sociedade e o papel inegável da escola de preparar os alunos para um mundo cada vez mais midiaticizado”. Com a equipe de gestores, fomos incentivados a desenvolver o projeto utilizando o espaço próximo a cantina, por sua proximidade com os alunos nos horários de lazer, o que facilitaria a interação da atuação da rádio na escola. Os equipamentos utilizados fazem parte dos investimentos e da boa gestão da equipe diretiva, haja vista que os equipamentos, em geral, foram destinados ao projeto, o que propiciou motivação aos pesquisadores, pela potencialidade do projeto, pela organização dos educandos e pela vontade dos envolvidos em aprender novas práticas pedagógicas e experiências de interação. Como exemplo dessa interação, os alunos selecionaram uma *Playlist* de músicas que era veiculada no horário do lanche e do almoço, que podia ser dividida em grupos musicais com o mesmo ritmo.

Os trabalhos de pesquisa, de interação e de preparação das entrevistas foram feitos por meio do material disponibilizado com os recursos do projeto. Por exemplo, os *notebooks*, que foram adquiridos para o projeto, fizeram parte do acervo de material disponibilizado para os alunos organizarem e se comunicarem com a produção da rádio. Com este projeto, buscamos, a todo o momento, integrar as diferentes partes que envolviam o processo educativo dos nossos alunos. Foi possível observar uma grande aceitação dos professores na aplicação e no desenvolvimento do

projeto. Além disso, os educadores da escola puderam desenvolver parcerias, convidando entrevistados que fizeram parte do desenvolvimento de diferentes conteúdos em sala de aula. Também foi possível observar que o processo educativo de aplicação do projeto, a composição da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, tiveram papel fundamental no desenvolvimento de habilidades e de competências dos nossos educandos.

Reconhecemos que a educação compreende o conhecimento de uma forma plural, compactuando com diferentes áreas de conhecimento. Por isso, tivemos um grande evento como forma de apresentar os diferentes processos de evolução da linguagem e da língua portuguesa, com a culminância sendo feita em uma viagem à cidade de São Paulo. Nessa viagem, ocorreu uma visita ao Museu da Língua Portuguesa, à Pinacoteca e às áreas de eventos e comunicação cultural, que envolvem a grande diversidade da cidade. Essa abordagem permitiu apresentar aos educandos o contexto histórico de criação da rádio no Brasil, com as manifestações culturais de comemoração do centenário da rádio no país.

Portanto, as definições práticas e metodológicas do nosso trabalho contaram com as participações de diferentes colaboradores, envolvendo toda a escola. Pelo nosso projeto, foi apresentado, aos educandos, as diferentes possibilidades de formação na cidade de Uberaba, alcançando o objetivo de comunicação e de linguagem diversa, proposto em nosso projeto inicial.

Quadro 1: Entrevistas

Escola Estadual Henrique Kruger Projeto Rádio Escola			
Entrevistados (as)	Data	Assunto	Objetivo para o Projeto
Henrique de Oliveira Moreira	26/05/2022	IFTM	Apresentar as oportunidades de formação técnica e tecnológica, e a formação concomitante nos Institutos Federais.
Helio “Grilo” e Ismar Marão	03/06/2022	Políticas Públicas	Compreender as relações de investimentos dos setores de distribuição de verbas, assim como o processo de repasse econômico e aplicação dos recursos na cidade de Uberaba.

Graciela Argenta e Gloria Beatriz	07/06/2022	Ensino de Tempo Integral	Entender como está sendo implantado o Ensino Médio Integrado e as políticas educacionais entorno do processo de transição para o EMTI.
Marcos Paulo da Silva	08/06/2022	CEBRAC – Mercado de trabalho	Apresentar as possibilidades de carreira ao jovem da Escola Henrique Kruger, assim como os diferentes campos de atuação dos jovens no mercado de trabalho.
Grupo Amantes da Dança	21/06/2022	Dança e Juventude	Mostrar aos jovens as diferentes composições de atuação dos ritmos de dança, aproximando a cultura das ruas ao cenário da educação, por meio do Hip Hop.
Rochelle Gutierrez	30/06/2022	Políticas Públicas em Uberaba	Divulgar o campo de atuação no poder Legislativo da cidade de Uberaba, com as barreiras do trabalho feminino a frente das políticas públicas de inclusão.
Diego Taffarel	06/07/2022	Formação e Carreira na Advocacia	Apresentar as possibilidades de formação na cidade de Uberaba e quais caminhos educacionais podem possibilitar ao jovem a formação em Direito, posteriormente na formação como advogado.
Isabela Quiuqui	09/08/2022	Profissão e Carreira no Vôlei	Compreender a atuação de formação da carreira esportiva, quais os caminhos de formação e os incentivos que os jovens devem fomentar.
Beatriz Cerqueira	12/08/2022	Políticas e Educação	Aplicação das políticas públicas de proteção e preservação das escolas públicas, assim como as relações estabelecidas na Assembleia de Minas Gerais à proteção da carreira educacional dos profissionais da educação.
Marconi Lima	30/08/2022	Profissão e Carreira no Jornalismo	O entrevistado buscou apresentar os campos de atuação do jornalista e quais os caminhos possíveis para uma formação atuante no cenário urbano.
Representantes da Dexco	28/09/2022	Economia e Oportunidade	Os representantes da empresa buscaram apresentar as relações econômicas de investimento em nosso município e quais processos são estabelecidos na tentativa de provocar menor impacto no meio ambiente, a partir da atuação da empresa.

Darci Bosco	21/10/2022	Educação e Histórias infantis	Aplicação de formação lúdica por meio de aparatos de suporte em contação de histórias, com a formação em pedagogia e atuação em escolas públicas do município de Uberaba.
Graça Machado	26/10/2022	Educação e Carreira	Mostrar aos educandos os caminhos de formação educacional nas décadas anteriores e as barreiras enfrentadas por uma mulher no cenário educacional conservador.
Mestres Preto	01/11/2022	Capoeira e Esporte	Apresentar aos educandos a importância da prática esportiva, assim como os preâmbulos de inserção da cultura africana no dia a dia escolar.
Murilouco, Bruno Henrique e Gil	03/11/2022	Música e Interação	Mostrar aos educandos a diversidade de atuação da musicalidade, desvelando os ritmos distintos que compõem a cultura brasileira.

Fonte: Elaboração própria.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nosso objetivo geral era o de compreender o contexto do processo de escolha do que deve e pode ser veiculado em uma rádio, ao qual os alunos de uma escola pública pudessem ter acesso, além de poderem assumir a posição de protagonistas nesse e desse espaço. Como objetivo específico, nosso trabalho buscou registrar diferentes percepções e possibilidades de construção de carreira na cidade de Uberaba, assim como o conhecimento, por meio das entrevistas, de diferentes profissões exercidas pelos convidados e os caminhos até o exercício dessas profissões, inclusive àquelas ligadas ao audiovisual.

Na atualidade, o aumento da interatividade dos meios de comunicação exige o desenvolvimento de habilidades específicas pelos usuários, sobretudo no contexto educacional. Dessa forma, a concretização de uma rádio escolar teve como princípio uma educação para, sobre e na mídia. Para isso, foi estabelecida uma gestão coletiva e democrática

dos recursos, da programação e do saber-fazer, para que a rádio escola representasse a totalidade dos envolvidos e contribuísse para o pleno exercício da cidadania.

Nosso trabalho adotou uma metodologia qualitativa, de análise das entrevistas, que fizeram parte do conjunto definidor do relato de experiência desenvolvido até aqui. Estabelecemos a constituição do diálogo entre o processo de acesso à informação até a escolha da profissão. Portanto, a presente proposta buscou trabalhar a perspectiva de diferentes profissionais e campos de atuação, com o objetivo de apresentar as características profissionais que deveriam compor nosso relato de experiência.

Alguns benefícios foram observados ao longo da execução do projeto, mas o que obteve, de nosso ponto de vista, maior destaque foi que a rádio escolar aumentou bastante a interação entre alunos, inclusive de salas e de idades diferentes. Com isso, os alunos puderam desenvolver habilidades e competências sociais importantes.

Outro ponto importante, que merece destaque, é que, com as pesquisas, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre o mundo da comunicação e como uma rádio efetivamente funcionava, os equipamentos e seus aplicativos, viabilizando maior interação dos jovens, assumindo a posição de protagonistas.

Além disso, na montagem de pauta para os programas de entrevistas, os alunos lançaram mão de conhecimentos, tanto de língua portuguesa como de comunicação. Foi necessário, também, o desenvolvimento de habilidades referentes à desenvoltura na dicção, no tom de voz e na utilização da língua formal. Os pesquisadores também tiveram a oportunidade de criar conteúdos originais e, com isso, desenvolver a criatividade.

Por fim, destaca-se que os alunos tiveram um espaço na grade de programação para criarem conteúdos originais. Assim, tiveram outra excelente oportunidade para desenvolverem suas criatividade. Outro ponto que foi de grande importância e merece destaque foi a orientação do projeto, com a revisão sistemática dos roteiros antes de cada entrevista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos benefícios que observamos na implementação de uma rádio escolar foi que ela aumentou a interação entre alunos de salas diferentes e de idades diferentes, proporcionando à comunidade escolar momentos de interação, além de exercer um papel motivador na vida de todos os alunos de nossa escola. Com isso, foi possível que todos desenvolvessem habilidades sociais importantes para os dias atuais.

Além disso, com as pesquisas realizadas durante a realização do projeto, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre o mundo da comunicação, do audiovisual e como uma rádio efetivamente funciona. Além disso, foi possível aprender sobre os equipamentos necessários e o funcionamento de seus aplicativos, viabilizando maior interação dos jovens com as novas tecnologias. Os alunos precisaram assumir a posição de protagonistas e mediadores do mundo tecnológico com os conteúdos que seriam veiculados na rádio escolar, que ficou inteiramente sob responsabilidade deles.

Conseguimos, por fim, compreender os aspectos das perguntas propostas aos entrevistados, atingindo os objetivos quanto às escolhas profissionais em futuras formações profissionais. As compreensões que as entrevistas proporcionaram foram importantes porque tornaram possível responder e resolver, questões e problemas, que surgiram ao longo do desenvolvimento do projeto, de forma criativa e com empenho. Além disso, alunos, orientador e comunidade observaram a dedicação esperada de cada um sendo superada, demonstrando a grande potencialidade dos alunos como protagonistas, o que poderá ser replicado em seus futuros profissionais.

REFERÊNCIAS

ANDRELO, R. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. *Revista Histedbr on-line*, Campinas, v. 12, n. 47, p. 139-153, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640044/7603>. Acesso em: 10 jul. 2022.

A MÁSCARA COMO LINGUAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE CONFEÇÃO E UTILIZAÇÃO DE MÁSCARAS, REALIZADA PELO NÚCLEO DE PESQUISA DA E. E. OLEGÁRIO MACIEL

Eduarda Santos Souza¹, Eloá Cristina de Souza Pereira¹, Gabriel Henrique Carneiro da Silva¹, Giovanna Gabrielle Moreira Capuano¹, Jeniffer Francisca Lima¹, Juliana Moreira Batista da Silva¹, Lorrane Francisco Pereira Lages¹, Luan Junio Santos Carvalho¹, Marcelo Silva Martins¹, Maria Rafaela Ribeiro Biondini², Michelle Victoria Estrela Ramos¹, Rafaela do Carmo Porto¹, Vítor Hugo Ramos de Paula Costa¹, Vitória dos Santos Alves¹, Wellington Auster Silva Rocha de Sousa¹, Luciana Araújo Castro², Carolina Izabela Dutra de Miranda³

1 INTRODUÇÃO

A experiência que vamos descrever neste relato foi realizada pelo Núcleo de Pesquisa da E. E. Olegário Maciel, formado por estudantes do Ensino Médio, com orientação da professora de Arte, Luciana Araújo Castro; e teve como foco de investigação a máscara como linguagem. O percurso da pesquisa passou pelos estudos da presença das

1 Escola Estadual Olegário Maciel (Belo Horizonte/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Olegário Maciel (Belo Horizonte/MG), luciana.araujo.castro@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Maestro Villa Lobos (Belo Horizonte/MG), carolina.dutra@educacao.mg.gov.br.

máscaras em diferentes culturas, pelo seu papel na área do Teatro e contemplou experimentações práticas de confecção e utilização de máscaras e mascaramentos.

Partimos inicialmente do seguinte problema: Como o estudo das máscaras nas manifestações tradicionais brasileiras, conjugado à investigação sobre as máscaras teatrais e os mascaramentos contemporâneos, podem ajudar na experimentação artística e na inserção da máscara no cotidiano da cidade? O objetivo central da pesquisa foi desenvolver uma investigação em torno do objeto “máscara”, por meio de estudos teóricos e práticos, envolvendo técnicas e procedimentos das artes visuais, do teatro, da cultura popular, da intervenção urbana e da performance.

Foram bases fundamentais desta investigação algumas referências pedagógicas e artísticas estudadas e debatidas ao longo dos encontros do grupo de pesquisa na escola: de um lado, conhecemos a tradição teatral da máscara no treinamento do ator, descrita por Jacques Lecoq (2010), na França, e Fernando Linares (2011), no Brasil; e de outro, verificamos a presença das máscaras nas manifestações tradicionais brasileiras e seus modos de utilização, a partir da pesquisa de Rogério Lopes da Silva Paulino (2010a; 2010b), professor da UFMG.

Além dessas referências principais, a professora orientadora desta Iniciação Científica compartilhou suas pesquisas desenvolvidas na Graduação, sobre o papel da confecção e da utilização de máscaras na formação do ator (Castro, 2013), e no Mestrado (Castro, 2019), voltada para a prática de habitação teatral, que apresenta o uso das máscaras inseridas no cotidiano, isto é, com “um viés mais relacional e performático, logo, menos espetacular” (Castro; Caetano, 2020, p. 11).

A importância deste relato de experiência está em registrar o caminho percorrido durante a pesquisa, com o objetivo de compartilhar com outros pesquisadores, estudantes e professores, nossas descobertas e aprendizados.

2 DESENVOLVIMENTO

Nosso processo de pesquisa começou em outubro de 2021, com encontros virtuais voltados para uma primeira aproximação do objeto “máscara” e, somente no início de 2022, iniciamos os encontros presenciais no espaço da escola, onde ficamos até o final do ano letivo desenvolvendo essa investigação.

A Escola Estadual Olegário Maciel está localizada na região central de Belo Horizonte desde 1924, sendo um prédio histórico tombado pelo estado em 1988, inscrito no Livro de Tombo de Belas Artes e Livro de Tombo Histórico (IEPHA/MG, [s. d.]). Seu entorno é caracterizado por muitos estabelecimentos comerciais e um fluxo intenso de pessoas de diversas regiões da cidade. Assim, nossa escola tem um público bastante diverso, composto por estudantes de várias localidades, classes sociais, econômicas, gêneros, orientações sexuais, religiões, entre outros, o que caracteriza também o perfil dos integrantes deste Núcleo de Pesquisa.

Na primeira etapa da pesquisa, conhecemos máscaras de diferentes lugares, materiais e funções: máscaras da cultura popular; máscaras teatrais pedagógicas (neutras e larvárias); máscaras expressivas inteiras e meias máscaras; máscaras feitas de papel, de tecido, de madeira e de couro. Também coletamos imagens de máscaras africanas e mascaramentos indígenas de diferentes países, e pesquisamos seus usos em diversas culturas e tradições. Depois, voltamos um pouco o nosso olhar para as manifestações tradicionais brasileiras, como a Folia de Reis, uma festa que acontece todo ano em Minas Gerais e em outros estados, mas que ainda era desconhecida por alguns integrantes do Núcleo de Pesquisa.

Assistimos juntos ao documentário *Folia de Minas*⁴ – produzido no contexto de registro das folias como patrimônio imaterial do nosso estado – momento em que conhecemos três folias diferentes e alguns tipos de máscaras usadas pelos foliões: o Benezinho, o Bastião e o Guarda-Mor. De

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6XNgEZ1UUt4>. Acesso em: 23 nov. 2024.

acordo com o artigo *Crianças Mascaradas*, escrito pelo ator, diretor, professor e antropólogo, Rogério Lopes da Silva Paulino (2010a), essas máscaras têm níveis de gradação, sendo a primeira usada para a iniciação, e as seguintes à medida em que os jovens vão ganhando experiência:

Somente após demonstrar habilidades com o Benezinho o folião poderá ser considerado apto para dançar a máscara do Bastião. Isso acontece normalmente quando o folião chega aos quatorze, quinze anos de idade. Sendo que a última etapa do seu processo de iniciação nas máscaras se dará, alguns anos mais tarde, ao assumir o Guarda-Mor, que é a máscara do rei velho; o que deve acontecer lá pelos dezoito, vinte anos, quando o folião já tiver dançado bastante o Bastião (Paulino, 2010a, p. 2).

O autor destaca “a presença de crianças mascaradas dividindo a cena com os adultos, tanto nas Folias de Reis, como em diversas outras manifestações tradicionais” (Paulino, 2010a, p. 1). Segundo ele, nesse tipo de prática popular “os ensinamentos são repassados para as crianças durante as jornadas”, caracterizando uma pedagogia que o autor chamou de “aprender-fazendo”. Então, diferente de uma aula em que o professor explica e depois dá a prova, ou de um teatro que ensaia primeiro e depois apresenta a cena ao público, na folia se aprende fazendo. Ainda nas palavras do autor:

Trata-se de uma espécie de pedagogia, que pode ser observada também em outros contextos de máscaras tradicionais, como comprovam os estudos de Nicholls sobre o mascaramento entre as crianças de Igede na Nigéria. Segundo esse autor, “os estudos de aprendizagem na África tradicional aparentam ser em grande medida autodirigidos e a experiência direta e o aprender fazendo ocorrem mais frequentemente do que o ensino formal” (Nicholls, 2006, p. 141 *apud* Paulino, 2010b, p. 26).

No início, o grupo oscilou bastante, o que atrasou um pouco o processo, mas, após o segundo bimestre, o Núcleo de Pesquisa começou a se firmar de fato e, assim, iniciamos a prática de confecção e utilização de máscaras. Nessa etapa, tivemos duas experiências de oficinas com artistas de Belo Horizonte. A primeira, intitulada “Múltiplas Peles”, com Tamira Mantovani,

voltada para a criação de máscaras e mascaramentos contemporâneos, com materiais recicláveis. Nessa oficina descobrimos que mascaramento não entra apenas na máscara de rosto, mas também no mascaramento corporal, e aprendemos que cada camada do corpo faz parte da cultura e compõe uma máscara. Ao final, fizemos uma breve intervenção com o mascaramento criado no interior da escola e na saída da aula (Figura 1).

Figura 1: Intervenção no interior da escola, utilizando o mascaramento criado na oficina “Múltiplas Peles”



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

A segunda oficina, com Rafael Bottaro, teve como foco a experimentação da técnica de modelagem em argila e da forma de gesso para criação de máscaras larvárias em papel. A escolha das máscaras larvárias foi feita pela professora-orientadora devido à simplicidade das suas formas, ao caráter pedagógico e ao potencial expressivo desse tipo de máscara. Ao longo dos encontros, aprendemos a cortar a argila com linhas, a criar formas e tirar relevo com as mãos ou com instrumentos de madeira. Descobrimos que não podíamos deixar o molde de argila muito chapado nem formar ângulos negativos, para a máscara se encaixar corretamente

no rosto ao final de todo o processo. Cada pessoa fez sua modelagem de forma livre, tendo como referência imagens de máscaras larvárias já existentes, mas com a liberdade de criar sua própria máscara. Foram levadas em conta algumas características das máscaras larvárias, como a *animalidade*, o foco nas formas e a seguinte definição do livro *O corpo poético*, de Jacques Lecoq (2010):

Descoberta nos anos de 1960, no carnaval de Basileia, na Suíça, são grandes máscaras simples que ainda não chegaram a definir-se num verdadeiro rosto humano. Elas têm apenas, ou um nariz grande, ou uma forma de bola, ou parecem uma ferramenta de impacto (Lecoq, 2010, p. 96).

Algumas máscaras foram modeladas por duas pessoas ao mesmo tempo, de modo que cada uma ficou responsável por um lado. Isso porque as máscaras larvárias também podem ser usadas dos dois lados (de cabeça pra cima ou de cabeça para baixo), e cada lado traz uma expressão diferente, o que possibilita, segundo o professor Fernando Linares (2011, p. 139), certa “versatilidade para se escolher o lado que se deseja explorar” na hora de utilizá-las. Para ele, “esta possibilidade, que sem dúvida contribui para ampliar a exploração das suas características larvárias, se deve, embora não exclusivamente, a certo grau de abstração das suas formas” (Linares, 2011, p. 139).

No início foi difícil enxergar as duas faces, mas, na medida em que fomos dando mais forma, conseguimos criar essas máscaras duplas e ver diferentes expressões. Em seguida, começamos a fazer as formas de gesso a partir dos moldes em argila. Aprendemos como atingir a consistência certa do gesso e o jeito ideal de aplicá-lo na argila, isso é, desenvolvemos técnicas que ajudam a espalhar o gesso sobre o molde em argila para criar as formas que serão usadas depois. Ao final da oficina, conseguimos fazer 12 formas de gesso para seguir com a confecção das máscaras em papel.

Nos encontros seguintes, continuamos com a confecção (Figura 2), junto à professora-orientadora, e começamos a empapelar as máscaras usando a técnica de papietagem em papel colê, ou seja, criando várias

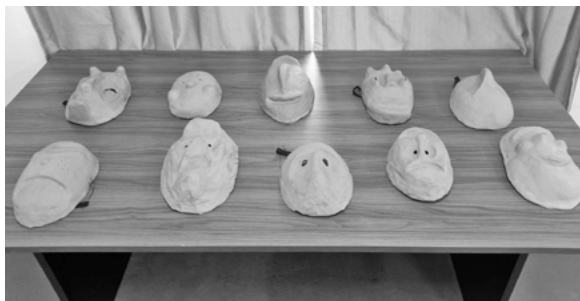
camadas de papel por dentro da forma de gesso. Essa foi a etapa mais demorada da confecção, pois precisamos colar papel craft, pedacinho por pedacinho, até completarem 5 camadas, sendo a última em retalhos de tecido. Por fim, usamos o arame nas bordas para dar sustentação e chegamos aos acabamentos: lixar, passar massa corrida, furar os olhos, pintar, passar verniz internamente, colocar as espumas e os elásticos. Assim, conseguimos finalizar ao todo 10 máscaras larvárias (Figura 3).

Figura 2: Passo a passo da confecção de máscaras: modelagem em argila, forma de gesso, camada em papel, tecido e arame, massa corrida e furos, pintura e verniz, espuma e elástico, máscara pronta.



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Figura 3: Máscaras prontas para serem usadas pelo Núcleo de Pesquisa



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

No mês de setembro, tivemos a oportunidade de conhecer os professores citados, Fernando Linares e Rogério Lopes, na excursão que fizemos para o *Mascarada*, um encontro de Máscaras realizado em Belo Horizonte. Primeiro, assistimos à intervenção cênica “Trincamatraca”, do grupo Teatro e Cidade, pelas ruas do bairro Padre Eustáquio. As máscaras utilizadas eram feitas de pano e cobriam totalmente o rosto, e os mascarados se relacionavam com o espaço de forma leve, descontraída e bem-humorada. Para nós, espectadores, deixavam transparecer espontaneidade e loucura na liberdade de ir e vir pelo espaço urbano. Sem pressa e sem destino certo, eles serpenteavam ao acaso. Suas vozes em tons agudos e suas risadas podiam ser escutados de longe, como um coro de matracas, e no meio de sua rota de brincadeiras infantis interagiam com as pessoas e a arquitetura do lugar por onde passavam.

Depois, na “Aula-espetáculo”, conduzida pelo professor Fernando Linares, vimos atores profissionais utilizando máscaras neutras e expressivas (Figura 4). Descobrimos que a máscara consegue mudar totalmente a pessoa que a usa, tanto física quanto expressivamente, transmitindo inclusive novas ideias ou pensamentos a partir da máscara que utiliza.

Figura 4: Núcleo de Pesquisa assistindo à Aula-espetáculo no Festival Mascarada



Fonte: Fotografia de Pedro Carvalho. Acervo dos autores, 2022.

Sendo essa uma pesquisa-participante, que envolve a prática criativa e a análise das experiências, o processo de confecção e de utilização de máscaras foi a etapa de maior duração e a mais desafiadora. Foram muitos encontros até a finalização de todas as máscaras, tendo em vista as especificidades de cada máscara e o ritmo de cada estudante, restando pouco tempo para a utilização das máscaras e para a experimentação de formas de intervenção artística na escola e no entorno.

Com as máscaras prontas, começamos os exercícios de consciência e expressão corporal, preparando o corpo para usar as máscaras. Aprendemos que a observação da máscara é muito importante para a construção do corpo. No início, sentimos dificuldade para enxergar, pois com as máscaras a visão é bastante limitada.

De modo geral, estas máscaras não têm abertura de boca ou mesmo frestas que especifiquem, claramente, um lugar certo para os olhos e, muitas vezes, apresentam apenas alguns furinhos extremamente pequenos. Nestas máscaras, a não existência dos orifícios, que exponham os olhos do ator, representa um desafio para enfrentar os condicionamentos cotidianos que, em geral, concentram a nossa expressão mais no olhar e no rosto, do que no corpo por inteiro. Esta transposição, que inverte o uso consciente da expressividade, consolida a necessidade da construção do que chamamos de um corpo-máscara (Linares, 2011, p. 137).

Passamos pela observação das máscaras; pela criação do eixo corporal, com exercícios de hierarquias corporais e improvisações, dialogando com a metodologia de Fernando Linares (2011). Num primeiro momento, identificamos uma dificuldade comum, a de conseguir sustentar o eixo corporal criado durante todo o exercício. Depois, na medida em que fomos experimentando andar com a máscara pela escola, fomos entendendo melhor e conseguindo nos divertir. Ao sair pelos espaços da escola e do entorno (Figura 5), a professora nos lembrou das máscaras da folia e do aprender-fazendo, e fomos compreendendo a experiência como uma brincadeira e, ao mesmo tempo, como uma manifestação artística.

Figura 5: Registros de exercícios de intervenção no espaço urbano, realizado no entorno da escola



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Como última ação do projeto, assistimos a uma apresentação artística do trabalho “Ka’adella”, de Idylla Silmarov, apresentado na escola. Essa ação teve como objetivo preencher uma lacuna da pesquisa sobre mascaramentos indígenas (que foi menos contemplada durante o projeto) e objetivou uma abertura para outras possibilidades de compreensão da máscara e de caminhos para continuidade desta investigação.

Os resultados obtidos em uma investigação em arte são difíceis de serem mensurados e contabilizados de modo quantitativo. Sendo este texto resultado de uma pesquisa-participante, que contempla sobretudo uma prática de criação, o compartilhamento do processo se mostra um caminho possível para esta experiência. Chegamos à criação de 10 máscaras, precisamente, e alguns experimentos práticos registrados em fotografias e relatos, como foi apresentado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu expandir nossos conhecimentos na área de Linguagens e suas tecnologias, com foco no objeto “máscara”

e seus usos em diferentes culturas e práticas artísticas e não artísticas. Identificamos as potencialidades da máscara como linguagem, como forma de expressão de um povo, de uma cultura, e como caminho possível para desenvolvermos nossa expressão corporal e nossas habilidades criativas e artísticas. O grupo de pesquisa foi, além de um espaço de investigação e experimentação prática em arte, um local de encontro e troca entre estudantes de turmas diferentes, entre alunos e professora, criando um momento propício de ensino-aprendizagem diferente da rotina formal do currículo obrigatório.

Durante os encontros, enquanto confeccionamos as máscaras, conversamos sobre a vida; sobre as experiências na escola, em casa, no trabalho. Em alguns momentos, o trabalho manual foi quase terapêutico; em outros, era preciso enfrentar a preguiça, o cansaço e a ansiedade. Devido ao longo tempo exigido pela confecção, notamos, ao longo do processo, que seria necessário mais tempo para a investigação e para a experimentação dos modos de utilização das máscaras larvárias e as possibilidades de intervenção artística com a utilização delas.

Também percebemos que a pesquisa não conseguiu se aprofundar nos mascaramentos indígenas e fomos em busca de artistas que desenvolvessem esse trabalho em Belo Horizonte, para realizar uma aproximação. Ainda há muito espaço para a continuidade desta pesquisa, em diversas vias possíveis. Nas últimas conversas, manifestamos o desejo de confeccionar meias máscaras expressivas e, quem sabe, montar uma peça de teatro.

REFERÊNCIAS

CASTRO, L. A. *A confecção de Máscaras no trabalho do ator mascarado*. Uma experiência de ensino com o Grupo Teatral Babilônia (Marliéria/MG). Monografia. (Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CASTRO, L. A. *Sobre o habitar e um teatro que habita: a habitação teatral como processo e poética da cena*. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

CASTRO, L. A.; CAETANO, N. O Habitar como Estética do Público: apontamentos sobre a prática de habitação teatral. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 10, n. 4, e100176, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/hkxLHCwNZZBmpPDLSDwFhYf/>. Acesso em: 25 out. 2024.

FOLIA de Minas. Iepha/MG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6XNgEZ1UUt4>. Acesso em: 23 nov. 2024.

IEPHA – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, [s.d.]. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/116/bens-tombados-edif%C3%ADcio-da-escola-estadual-oleg%C3%A1rio-maciell>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LECOQ, J. *O corpo poético: Uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

LINARES, F. J. J. *A Máscara como segunda natureza do ator: o treinamento do ator como uma técnica em ação*. Dissertação (Mestrado em Artes da Escola de Belas Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

PAULINO, R. L. S. Crianças Mascaradas. *Anais Abrace: VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*, UNICAMP, Campinas/SP., 2010a. Disponível em: <https://www.portalabrace.org/vicongresso/estudosperformance/Rog%E9rio%20Lopes%20da%20Silva%20Paulino%20-%20Crian%E7as%20mascaradas.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2024.

PAULINO, R. L. S. *O Ator e o Folião no jogo das máscaras da Folia de Reis*. Tese de Doutorado em Artes Cênicas. Unicamp. 2010b. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=483194>. Acesso em: 25 out. 2024.

RECEITA COM CIÊNCIA

Erick Eduardo Venâncio da Silva¹, Isadora da Silva Fecundes¹, Kamila Pereira Assis Tiobardo¹, Levertison Valentino Gomes do Nascimento¹, Luiz Otávio Amorim Camilo Silva¹, Maria Eduarda Theodoro da S. Freitas¹, Nicole Silva de Oliveira¹, Rayan Ferreira Norberto¹, Rennan Xisto Rodrigues¹, Waliston Braz Januário¹, Sabrina Gardoni Peixoto Guimarães², Danielly Mesquita Figueiredo³

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem-se observado o crescimento do setor gastronômico devido ao aumento do interesse pela produção de pratos culinários e sua comercialização, desde os mais simples e populares aos mais sofisticados. A gastronomia se relaciona à arte culinária, bem como à preparação de refeições. Segundo Paula (2019), a gastronomia é o setor responsável por inter-relacionar a ciência como culinária e a culinária como ciência. Ao preparar o alimento com a melhor qualidade possível, são necessárias uma dose de conhecimento e de prática na cozinha, afinal há elementos ou técnicas que dão o toque final, tornando o alimento mais saboroso. O segredo por trás dessas preparações são os princípios físicos,

1 Escola Estadual Deputado Agenor Ludgero Alves (Caratinga/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Deputado Agenor Ludgero Alves (Caratinga/MG), sabrina.guimaraes@educacao.mg.gov.br.

3 Tutor, Escola Estadual do Bairro Jardim do Ipê (Governador Valadares/MG), danielly.figueiredo@educacao.mg.gov.br.

químicos e biológicos, cujas propriedades determinam o comportamento dos alimentos durante seu preparo (Wolke, 2002).

No ambiente escolar, as diversas práticas educativas e suas metodologias, que podem ser trabalhadas em Ciências da Natureza e suas Tecnologias, especialmente com as disciplinas Química e Práticas Experimentais, ocorrem em diversos espaços. Um dos ambientes que se utiliza para a realização dessas atividades é a área de alimentação da escola, popularmente conhecida como “Cantina”: área de amplo espaço, mesas grandes, além de ser bastante arejada. Muitos dos materiais utilizados são fornecidos pela própria escola: sal, açúcar, óleo, leite, suco, entre outros. Sendo assim, porque não tornar esse ambiente mais um espaço laboratorial de investigação e de contextualização dos processos químicos, físicos e biológicos que ocorrem na cozinha? É possível aprender ciência na cozinha?

A disciplina de Práticas Experimentais é uma oportunidade de aprendizagem em que são executadas atividades que aproximam a teoria e a prática dos componentes curriculares de Matemática, Biologia, Física e Química. Normalmente, as atividades práticas podem ocorrer na cantina da escola, especialmente quando não há laboratório no prédio escolar. Para obter água, por exemplo, a torneira mais próxima fica perto da cantina. Demais materiais e reagentes para uso durante as aulas ficam guardados em salas próximas à cantina. Materiais, como óleo, sal, açúcar, vinagre, suco, leite, entre outros produtos do ramo alimentício, são provenientes da cozinha, que está situada no espaço da cantina da escola.

Percebe-se, durante as aulas, que os alunos têm certa liberdade de movimento e expressão na cantina, o que torna mais leve o aprendizado: eles sentam, conversam e debatem ao redor da mesa. Surgem articulações e percepções relacionadas ao ambiente, pois é usado também para interação e prosa durante as refeições. Em função do hábito que temos de não associarmos os fenômenos do cotidiano que ocorrem na cozinha aos conteúdos vistos em sala de aula, os alunos desconhecem

e, conseqüentemente, não compreendem os procedimentos químicos, biológicos, físicos e matemáticos que ali ocorrem. E é exatamente nesses momentos, como os vivenciados na cantina, que surgem perguntas cujas respostas devem ser buscadas em experiências gastronômicas e que podem ser explicadas por meio de instruções ou receitas acompanhadas de uma dose de ciência.

Uma vez que os fenômenos ocorrem por meio de transformações que são explicadas por conceitos químicos, físicos e biológicos (Wolke, 2002), a contextualização se apresenta como uma forma de inserção do cotidiano no processo de aprendizagem, o que favorece o entendimento de determinados conceitos científicos correlacionados ao tema em estudo. Dentro dessa perspectiva objetivou-se, com este trabalho, uma investigação sobre as transformações que ocorrem na cozinha e a produção de um *e-book* de receitas culinárias com uma visão científica das produções gastronômicas, tendo em vista o aprofundamento dos saberes científicos, de forma a contribuir para o desenvolvimento de uma postura investigativa, reflexiva e criativa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi estruturada a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratória e investigativa (Gil, 2007). Inicialmente, foi criado um grupo de *WhatsApp* como meio de conversa, discussões e preparação de atividades: sugestão, relato de dúvidas, compartilhamento de fotos, arquivos de textos para leitura, receitas culinárias, entre outros contatos que se fizeram necessários durante a vigência deste trabalho.

O projeto contou com a participação de 10 alunos do Ensino Médio e foi executado em 11 meses para estruturação, desenvolvimento e execução, no período de outubro de 2021 a novembro de 2022, em que foram trabalhadas as seguintes ações divididas em etapas, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Quadro de etapas contendo as ações trabalhadas e os detalhes das ações

Etapas – Ações	Registros
1. Aquisição de material bibliográfico para leitura e conhecimento: documentário, artigos, blogs, livros.	Nessa etapa, a equipe assistiu ao documentário da Netflix <i>Sal, Gordura, Acidez e Calor</i>. Se trata de uma minissérie de 4 temporadas, cuja chefe, Samin Nosrat, prepara receitas mostrando o poder de transformação do sal, do ácido, da gordura e do calor.  Fonte: Netflix, 2018. Aquisição do livro <i>O que Einstein disse ao seu cozinheiro: a ciência na cozinha</i>, do autor Robert L. Wolke.
2. Apresentação do projeto à comunidade escolar.	Foi apresentado o projeto aos alunos, discutindo a importância de se estudar disciplinas da área de ciências ao preparar receitas culinárias no espaço da área de alimentação da escola.  Fonte: Acervo dos autores, 2022.
3. Seleção de receitas culinárias; Produção de arte e camisa do projeto.	Escolha de receitas em acordo com os conteúdos definidos para estudo e aprofundamento: • Receita 1 – Molho matemático: a química da emulsão depende das quantidades certas. • Receita 2 – “Gelato mio”: sorvete caseiro, como fazer e conservar. • Receita 3 – Iogurte: fermentação bacteriana, consumir é saudável? • Receita 4 – Massa de bolo x massa de pizza: existe diferença?

4. Produções culinárias e escrita de relatório; Visita técnica a uma instituição de ensino superior. Departamento de Engenharia dos Alimentos da UFV, Campus Viçosa/MG; Palestra de chefe de cozinha.	Práticas experimentais de 5 receitas: maionese, sorvete, massas de pizza, bolo e iogurte. Visita técnica a uma instituição de ensino superior. Departamento de Engenharia dos Alimentos da UFV, Campus Viçosa/MG:  Fonte: Acervo dos autores, 2022. Palestra sobre culinária com o chefe de cozinha, Gustavo Alves.  Fonte: Acervo dos autores, 2022.
5. Apresentação de seminário na escola, mostra de resultados parciais.	Os alunos do projeto se dividiram em 2 grupos (apresentação para turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio) e fizeram uma apresentação de slides contendo a introdução do projeto, o objetivo e toda a metodologia desenvolvida, além de mostrar os resultados parciais, por meio dos registros fotográficos, e o relato de experiência da visita à instituição de ensino federal.
6. Elaboração do e-book: <i>Receita com Ciências</i>.	Escrita do e-book: <i>Receitas com Ciências</i>. Fonte: Elaboração própria.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados para a execução deste trabalho foram coletados mediante a observação, o registro fotográfico das práticas executadas e

a visita ao Departamento de Tecnologia de Alimentos da Universidade de Viçosa (campus Viçosa/MG), além de descrição de relatório das práticas realizadas e da pesquisa. As receitas escolhidas para a execução da atividade foram retiradas de sites da internet, que continham a lista de ingredientes (materiais) e o modo de preparo (procedimentos).

A experiência resultou em uma aprendizagem de Ciências através de uma abordagem investigativa. Nesse processo, vivenciamos: busca de soluções para os problemas vivenciados na cozinha; elaboração de hipóteses e planejamento da investigação; leitura de materiais que sustentam os fatos ocorridos na cozinha; socialização com os pares; desenvolvimento de apresentação e argumentação que explicassem o produto, ou seja, os processos físicos, químicos e biológicos que levaram ao resultado da experiência culinária; criação de um livro digital de receitas, com explicações dos processos científicos.

As discussões e as reflexões presentes no livro, oriundas da atividade investigativa, além de apresentar potencialidades educacionais a todos os envolvidos, promove o:

conhecimento da Ciência, enquanto construção humana, provisória e problemática e, sua utilização para a melhoria da qualidade de vida, depende principalmente do letramento científico da população. Uma das ações principais para a promoção da alfabetização e do letramento científico é a divulgação científica, que visa à aproximação entre conhecimento científico e o cidadão comum (Colombo Junior *et al.*, 2017, p. 171).

Sendo assim, o livro de receitas surgiu como um instrumento de divulgação científica a partir de quatro receitas experimentadas na cantina da escola. Ao executar a produção de maionese, por exemplo, foi possível investigar por que o ovo é um componente essencial na mistura com óleo, promovendo transformações física e química desses materiais, ao ser processado no liquidificador, fazendo com que a junção dos dois resultem em uma espécie de creme, graças à lecitina presente na gema do ovo, um agente emulsificante cuja função é promover a mistura de dois ou mais líquidos que naturalmente não ocorre.

Com o sorvete, o processo é semelhante, sendo emulsões congeladas formadas basicamente por cristais de gelo, gorduras, açúcares e ar. Com apenas três ingredientes e três processos físicos (uso de liquidificador, batedeira e resfriamento) obtém-se a mistura: leite (gordura), creme e açúcar.

Já produção de iogurte foi feita com apenas um litro de leite, um copo de iogurte natural e o controle de temperatura, passando pelo processo químico e biológico denominado *fermentação*, que ocorre devido à ação dos microrganismos *Streptococcus thermophilus* e *Lactobacillus bulgaricus* (bactérias que consomem a lactose, eliminando o ácido lático que coalha o leite, deixando o meio ácido). A primeira tentativa de fermentação apresentou falhas no processo, visto que o leite não coalhou. Houve uma outra tentativa de execução do procedimento, em que foi feita a coalhada por meio do controle da temperatura ideal para ação das bactérias.

A quarta experiência vivenciada na cantina da escola foi a produção de massa de pizza e massa de bolo, feitas a partir do uso de dois tipos de fermentos: fermento químico e fermento biológico. Foi utilizado o fermento químico como ingrediente da massa de bolo e o biológico como ingrediente da massa de pizza. Conforme a literatura e através da experiência, os dois tipos de fermentos possuem como função principal o crescimento das massas. A única diferença, além da composição, é que o fermento biológico promove o crescimento antes de levar a mistura ao forno; já o fermento químico faz o mesmo trabalho durante o aquecimento da mistura no forno. Durante a palestra, ministrada pelo chef Gustavo, foram obtidas informações acerca da composição desses ingredientes e sobre os resultados insatisfatórios em caso de troca dos fermentos para uso nas mesmas receitas.

Todas essas experiências culinárias mostraram como é possível entender os princípios físicos e químicos que determinam as produções com propriedades e comportamentos únicos dos alimentos, conforme afirma Wolke (2003). Em seu livro, o autor cita o conhecimento científico que está por trás tanto dos alimentos quanto dos instrumentos de preparo. Exemplos disso são os meios físicos e químicos abordados nas receitas usadas: a utilização da batedeira ao fazer o sorvete (um processo

físico); a utilização do fermento químico ou biológico (processo químico) em alguns tipos de preparações de massas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução deste trabalho, composto por revisão de literatura, relato de experiência e contato com saberes teóricos e práticos na cozinha, fez-se necessários destacar algumas considerações importantes, tecidas a partir da análise dos resultados obtidos:

- a aprendizagem de conceitos relacionados aos sistemas coloidais, a partir da produção de maionese e sorvete (o tópico *Colóides* foi abordado em um contexto significativo, permitindo a reflexão e a negociação de significados em um tema da disciplina Química);
- o conhecimento do processo de fermentação do iogurte e como o controle da temperatura influencia na produção;
- o conhecimento da composição do fermento químico e biológico, e seu uso de forma adequada na fabricação de massas alimentícias;
- o uso de processos e equipamentos culinários no ensino de Química, Física e Biologia;
- a possibilidade de explorar outros ambientes na escola, em um processo investigativo, por meio de pequenos experimentos (no caso, culinários) que contextualizam a realidade dos estudantes.

As disciplinas de Química, Física e Biologia permearam as discussões em todos os momentos da etapa de práticas experimentais na cozinha, sendo possível mostrar a importância da ciência presente em um ambiente familiar, de partilha de tradições, saberes e afetos. Exemplo disso foram as observações feitas durante a formação da maionese e do sorvete, a partir da mistura do óleo e do ovo (produto denominado emulsão), e a inserção de ar na mistura preparada de sorvete, com o uso da batedeira.

A respeito do processo da fermentação do iogurte e dos fermentos utilizados nas massas de pizza e de bolo, foram discutidos a faixa de temperatura ideal de proliferação de microorganismos e por que se utiliza o fermento biológico para massas de pães e pizzas, e o fermento químico para bolo. Houve discussões acerca de conteúdos da área de Ciências e Matemática, como proporção, concentração, transformações químicas e físicas, além do contato e da troca de experiência com um chef de cozinha, o que possibilitou o enriquecimento da conversa.

REFERÊNCIAS

COLOMBO JUNIOR, P. D. *et al.* Ciência na cozinha: rompendo com as barreiras disciplinares. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 12, n. 1, p. 169-197, 2017. Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/602>. Acesso em: 29 out. 2024.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PAULA, E. O frango de Newton: a ciência na cozinha. *Revista Espaço Pedagógico*, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 936-940, 2019.

SAL, Gordura, Acidez e Calor. Caroline Suh. EUA: *Netflix*, 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80198288>. Acesso em: 29 out. 2024.

WOLKE, R. L. *O que Einstein disse a seu cozinheiro: A ciência na cozinha*. Zahar, 2002.

DESCRIÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA A PRODUÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA DE UMA COMUNIDADE

Alice Lino Santos da Silva¹, Amanda Stephane Silvério¹, Ana Luíza Gonçalves¹, Ana Luisa Siqueira Ramos¹, Arthur Fonseca Machado¹, João Antônio Souza de Jesus¹, Kaio Rodrigues Félix¹, Letícia de Paula Barbosa¹, Pedro Augusto Silva Santos¹, Quemily Ferreira Contin¹, Thiago Souza¹, Vitória Carolina Pereira Dias¹, Poliane Braga Leitão Figueiredo², Carolina Izabela Dutra de Miranda³

1 INTRODUÇÃO

A história da arte tem passado por transformações ao longo dos últimos 30 anos. De acordo com Cardoso (2009), há um saldo positivo das mudanças que é maior do que o saldo negativo e, hoje, a arte é uma área de fundamentos teóricos sólidos e com uma base de estudos em constante expansão. Além disso, o autor reforça que arte é um campo rico e que se

1 Escola Estadual Sagrada Família (Governador Valadares/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Sagrada Família (Governador Valadares/MG), poliane.figueiredo@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Maestro Villa Lobos (Belo Horizonte/MG), carolina.dutra@educacao.mg.gov.br.

conecta cada vez mais ao pensamento em áreas de grande importância, como cultura visual, mídias eletrônicas, filosofia da linguagem, entre outros.

Nesse contexto, a arte literária encarna os aspectos importantes da socialização da cultura e, portanto, contribui significativamente para a compreensão do aspecto sociológico da cultura. Ainda há outros aspectos, e eles são acessíveis por meio da análise verbal e de outros processos linguísticos e paralinguísticos, que não estão incluídos na inevitável seleção da tradição literária ou no(s) paradigma(s) literário(s) dominante(s) (Filmer; Olivi, 2009).

Isso posto e dada a devida importância de nossa escola, a Escola Estadual Sagrada Família, como referência de formação para vários bairros, é mister que ela também se enquadre em uma ciência que extrapole seus próprios muros e possa, a partir de resultados protagonizados pelos alunos, atingir essa extrapolação. Assim, essa pesquisa visou descobrir e sistematizar a formação artística e literária na qual a escola está inserida para, dessa forma, subsidiar dados concretos, propor e realizar interferências pontuais, a fim de maximizar os processos de formação e de preservação cultural de sua comunidade.

Para André (2008), a experiência artística oferece oportunidades para os indivíduos que são inventores de si mesmos e inventores de suas finalidades. De acordo com a autora, todo artista “original” transgrediu, de alguma forma, a matriz da linguagem artística da qual domina, contrariando regras estabelecidas e categorias consagradas, se apresentando como a diferença. Desse modo, se a arte, de fato, entrar na escola, ela não “ajudará a disciplinar”, não deixará os alunos mais calmos, não os adaptará ao convívio em grupo, não aceitará as regras sem que tudo isso seja colocado em discussão.

Para o aluno, é fundamental responsabilizar-se pelo referencial físico e científico privilegiado que também é fundamental para mediar ações relevantes, a fim de se contrapor às condições inquietantes resultantes desses tempos difíceis nos quais a palavra de ordem é a superação (embora se saiba que muitíssimas condições jamais serão superadas após a Covid-19).

Apesar de a escrita ser utilizada há milênios para explorar e expressar emoções, só recentemente pesquisas têm fornecido evidências de que a saúde pode ser influenciada quando as pessoas transformam seus sentimentos e seus pensamentos em palavras grafadas (Pennebaker; Chung, 2011).

Diante do exposto acima, o problema de pesquisa identificado foi o quadro histórico e atual da formação da produção e da contemplação das artes visuais e literárias entre os moradores da comunidade Sagrada Família. Nossos objetivos gerais e específicos consistiram em:

- Realizar pesquisa de campo dentro e no entorno da Escola Estadual Sagrada Família, a fim de se mapear a produção espontânea, artística e literária de seus membros no território de influência da instituição supracitada;
- Conhecer as diversas artes e literaturas produzidas no território de influência da Escola Estadual Sagrada Família;
- Propor ações pontuais de incentivo à produção artística como catarse e superação da crise emocional inseridas nesses tempos pós-pandemia;
- Divulgar as produções artísticas da comunidade e de seus membros;
- Produzir um relato de experiência expondo os resultados da investigação sobre as manifestações artísticas encontradas na comunidade.

2 DESENVOLVIMENTO

Foi realizada uma pesquisa descritiva, de tipo qualitativo. Segundo Flick (2009), os campos de estudo da pesquisa qualitativa são as práticas e as interações dos sujeitos na vida cotidiana, e ela se caracteriza, entre outros aspectos, pela atenção às perspectivas dos participantes e sua diversidade, e pela reflexividade do pesquisador e da pesquisa. De acordo com Vergara (2005), a abordagem qualitativa facilita a compreensão de um fenômeno e a percepção das experiências dos sujeitos sobre determinado assunto. De acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2013, p. 20), a pesquisa qualitativa:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo; Deslandes; Gomes, 2013, p. 20).

Para Gondim (2003), os critérios de qualidade de pesquisa qualitativa estão relacionados à compreensão de uma realidade particular, diferentemente dos critérios de qualidade da pesquisa quantitativa. Tal perspectiva encontra eco na afirmação de Minayo, Deslandes e Gomes (2013, p.15), acerca da ideia de cientificidade, que “[...] não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer: ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização”.

Todo o trabalho de pesquisa foi realizado nas dependências da Escola Estadual Sagrada Família e na sua comunidade. O processo ocorreu durante o período letivo do ano de 2022, e foram utilizados instrumentos de pesquisa previamente elaborados (questionários e roteiros), a sala de informática da escola e os *notebooks* disponibilizados pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

Após a formação dos grupos, iniciamos a busca de conceitos iniciais relacionados à arte e à literatura, além das formas e dos tipos de artes conhecidas. Com essa pesquisa, foi possível inteirar e avançar mais sobre o tema e sobre o projeto, sistematizar as informações para que, em seguida, pudéssemos identificar as manifestações artísticas na escola, na comunidade e em seu entorno.

A próxima etapa consistiu em identificar expressões artísticas na própria escola, de colegas, professores e colaboradores. Foi orientada uma busca ativa por talentos artísticos entre colegas e profissionais atuantes na instituição. A ideia era que o aluno pudesse identificar, valorizar a arte e os talentos à sua volta. Tudo foi devidamente registrado com a finalidade de produzir o relato.

Posteriormente, os alunos foram em busca de manifestações artísticas entre seus familiares e, em seguida, na comunidade e em seu entorno,

registrá-las por meio de fotos (caso autorizados) e sistematizá-las para o relato de caso. Os registros foram organizados, analisados e discutidos em grupo.

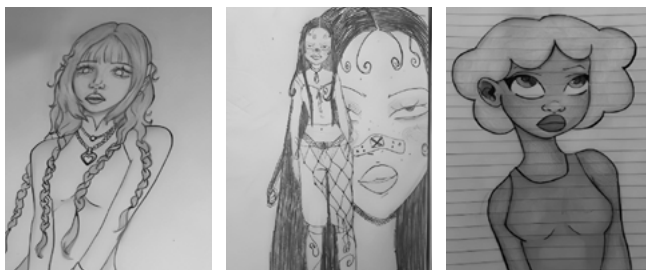
3 RESULTADOS

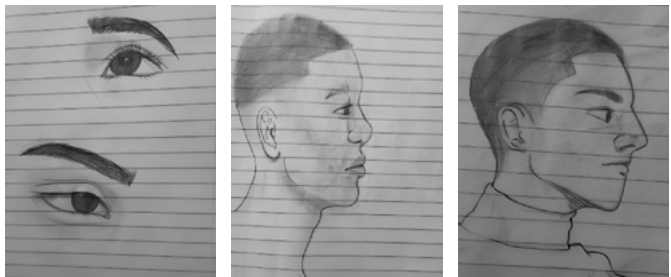
Nesta seção, apresentam-se os resultados da participação dos alunos no projeto de Iniciação Científica. Os trabalhos contribuíram para a aprendizagem, uma vez que aguçaram a nossa curiosidade para a pesquisa, a discussão, a análise e a reflexão em relação ao problema proposto no projeto. O material de apoio e o acesso à internet para a pesquisa foram importantes e bem utilizados com leitura, pesquisa de textos acadêmicos, acesso ao programa *Office*, reportagens, vídeos de manifestações artísticas, reportagens, entre outros. A pesquisa realizada trouxe dados relevantes e importantes para a construção deste relato de experiência.

Os instrumentos de pesquisa (questionário e roteiro de pesquisa) nos auxiliaram no levantamento de possíveis manifestações artísticas na escola e na comunidade, e mostrou uma necessidade de aprofundamento em relação aos instrumentos de pesquisa acadêmicos. Porém, com as devidas mediações durante os trabalhos, a pesquisa foi aprofundada e os dados foram mais fundamentados para elaboração do material final.

Na pesquisa de campo, a princípio na própria escola, identificamos e registram algumas expressões artísticas de alunos e funcionários, e organizamos para a construção do material final e do pôster, conforme registro abaixo:

Quadro 1: Manifestação artística na Escola Estadual Sagrada Família





Fonte: Acervo dos autores.

Quadro 2: Outras expressões artísticas na Escola Estadual Sagrada Família



Fonte: Acervo dos autores.

O resultado dessa busca contribuiu para que percebêssemos que as contribuições e os talentos artísticos estão por toda parte e, ainda, que muitas dessas expressões não são reconhecidas. Além disso, notamos a possibilidade de que os talentos sejam incentivados com cursos e trabalhos contínuos, como a Oficina de Arte e Crochê, realizada na Escola Sagrada Família na semana do Estudante.

Extramuro, as seguintes expressões artísticas foram identificadas, conforme registro abaixo:

Quadro 3: Outras expressões artísticas na Escola Estadual Sagrada Família



Fonte: Acervo dos autores.

Todos os trabalhos foram acompanhados pela docente, resultando neste relato final de experiência e na exposição de manifestações artísticas encontradas durante a pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados, a partir das respostas e das interações dos participantes, indica que a avaliação foi positiva. A proposta de pesquisa científica realizada despertou o interesse dos alunos e mobilizou os estudantes em relação à atividade. Indica também que os estudantes atribuem grande importância ao papel da escola como agente da educação, uma vez que eles aprovam e aderem aos programas e projetos oferecidos pela instituição. Além disso, os participantes da pesquisa consideram a metodologia utilizada mais eficiente do que a metodologia exclusivamente expositiva, e valorizaram as oportunidades de discussão com os colegas durante as etapas do processo de investigação.

As contribuições dos envolvidos foram fundamentais para a construção do relato de experiência, que constitui um dos objetivos do projeto.

A Iniciação Científica provou ser capaz de proporcionar o protagonismo e a troca de informações entre os alunos. Além disso, a estratégia didática promoveu um ambiente mais confortável para as discussões que foram e ainda poderão ser levadas para sala de aula, além de serem incorporadas aos futuros projetos educativos da escola.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, C. M. Escola é lugar para artes? V Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - Criação e Reflexão Críticas. *Anais Abrace: Estudos da Performance*. UFMG, Belo Horizonte/MG, 2008.

CARDOSO, R. A história da arte e outras histórias. *Cultura Visual*, Salvador, n. 12, 2009.

FILMER, P.; OLIVI, L. C. R. A estrutura do sentimento e das formas sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1944>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. Edição do Kindle.

PENNEBAKER, J. W.; CHUNG, C. K. Expressive writing: Connections to physical and mental health. In: FRIEDMAN, H. S. (ed.). *The Oxford handbook of health psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

VERGARA, S. C. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

CLUBE DE FOTOGRAFIAS DO ELOY: PENSANDO O AMBIENTE ESCOLAR ATRAVÉS DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS EXPERIMENTAIS

Ana Julia de Souza¹, Davi Rocha Santos Gonçalves¹, Dayane Gabriele Alves Moreira¹, Giovana Borges Cardoso¹, Guilherme Ribeiro Durães¹, Isaque Cordeiro Santos¹, Lucas Ruan Nascimento¹, Maria Fernanda Santos Gonçalves¹, Maria Luiza Araújo¹, Monike Rafaela Rodrigues¹, Isabella Santos Ramos², Dulce Mirian Veloso Carcereri³

1 INTRODUÇÃO

Neste relato, pretendemos abordar as atividades desenvolvidas no projeto Clube de Fotografias do Eloy, realizado entre os meses de outubro de 2021 a outubro de 2022. O tema central do projeto foi a retratação do ambiente escolar pelos estudantes através de imagens produzidas pelos próprios estudantes, por meio de algumas técnicas da fotografia que foram trabalhadas ao longo do período.

O conceito chave de nosso trabalho foi a percepção do espaço escolar e o que ele representa para os estudantes que ocupam esse espaço.

1 Escola Estadual Eloy Pereira (Montes Claros/MG).

2 Orientadora, Escola Estadual Eloy Pereira (Montes Claros/MG), isabella.ramos@educacao.mg.gov.br.

3 Tutora, Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira (Montes Claros/MG), dulce.veloso@educacao.mg.gov.br.

Brandão (2007, p. 207) entende o “espaço como categoria de representação, como conteúdo social – portanto reconhecível extratextualmente – que se projeta no texto”, ou, em nosso caso, nas imagens. Apesar de o autor falar sobre o espaço na literatura, aqui, nós usamos essa ideia para falar da imagem como esse espaço, pois, em ambas as linguagens estão presentes os exercícios de percepção e de representação. Além disso, entender e expandir o significado de espaço escolar nos leva a questionar a percepção que seus sujeitos têm desse ambiente, além dos desdobramentos possíveis a partir dessas percepções.

O espaço escolar é frequentado pelos estudantes da Educação Básica por pelo menos 12 anos (pensando os níveis Fundamental I e II e Ensino Médio) e é, por isso, entendido como lugar de pertencimento ou trânsito. Assim, nós entendemos que esse relato é importante por ser uma oportunidade de registrar a forma como os estudantes percebem o espaço escolar e retratam esse lugar nas imagens artísticas; disso decorre a necessidade de escrever.

O nosso problema central se pautou em responder a seguinte questão: Como os estudantes da Escola Estadual Eloy Pereira veem o espaço escolar? Sendo assim, nosso objetivo principal estava voltado para aprender mais sobre a fotografia, já que esse era um interesse comum de todos os alunos que participaram do grupo, e exercitar o que aprendemos retratando o espaço escolar, que era o local onde nossas aulas aconteciam. Por consequência, nós acabamos pensando também sobre a estrutura física da escola e os seus pontos positivos e negativos, nos nossos trajetos de ida e volta para a escola, nos temas espontâneos que surgiam a partir das análises que fizemos sobre as imagens que produzimos, entre outras questões.

2 DESENVOLVIMENTO

Os nossos encontros aconteceram com frequência semanal, no período da tarde, entre outubro de 2021 e outubro de 2022. Inicialmente,

todos nós nos encontrávamos no mesmo dia. Depois, com a mudança da situação de alguns membros que precisaram iniciar cursos de pré-vestibular, profissionalizantes ou iniciar no mercado de trabalho, o grupo foi dividido em duas equipes com encontros em dias diferentes da semana e ainda encontros aos sábados, quando havia a necessidade pelas situações citadas.

O grupo de pesquisa tinha perfil aproximado, sendo formado por seis meninas e quatro meninos, todos alunos do primeiro ano do novo Ensino Médio, possuindo 16 anos completos e residindo próximo à escola, em percursos que levavam até 20 minutos no trajeto de casa para a escola. Todos passavam aproximadamente cinco horas e meia no espaço da escola e não participavam de nenhuma atividade escolar além do Clube de Fotografias do Eloy. No contraturno, duas integrantes faziam curso pré-vestibular, um trabalhava, dois faziam curso técnico e um fazia curso técnico e trabalhava.

A maioria das atividades do grupo ocorreu dentro do próprio espaço escolar, no bairro Vila Guilhermina, próximo à área central de Montes Claros/MG⁴. A escola recebe alunos do próprio bairro e das adjacências, tais como: Morrinhos, João Botelho, Cidade Nova, Antônio Canela, entre outros. Como informa Fonseca *et al.* (2015), a escola recebe alunos do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio e possui:

várias salas de aula; biblioteca comunitária; laboratório de física, química e biologia; laboratório de informática; cantina; sala de professores; secretaria; sala de direção; sala de serviço pedagógico; sala de mecanografia; quadra esportiva; depósito para material de limpeza; e área de recreação (Fonseca *et al.*, 2015).

Pensando a nossa experiência de aprendizado de algumas técnicas de fotografia dentro desse espaço escolar, as atividades foram desenvolvidas em três partes principais: a primeira estudando a história da

4 Montes Claros é a maior cidade da região Norte de Minas Gerais, estando a cerca de 422 km da capital do estado. A cidade é, por isso, historicamente uma referência regional na economia. Até hoje, também, um polo universitário.

fotografia, a história do uso da câmara escura e os princípios básicos para aumentar a qualidade das nossas fotografias: questões de iluminação, composição das imagens, regra dos terços etc...

No segundo momento, passamos para a parte prática, as aulas preferidas de todo o grupo. Nelas, tivemos oficinas de colagem; oficinas com produtos químicos que envolviam a produção e algumas técnicas de impressão já bastante antigas, como a cianotipia (impressão com os sais de ferro: ferricianeto de potássio e citrato férrico amoniacal) e antotipia (impressão com sumos de plantas, como a beterraba e a raiz de açafrão); construção de materiais para observar os princípios de fotografia; aulas de fotografia com máquina analógica, que utiliza filme fotográfico; e aulas com a câmera digital, que foi o meio mais utilizado para produzir as imagens. Tudo que era feito sempre tinha como tema o espaço da escola e a forma como nós víamos esse espaço, o que foi se revelando aos poucos.

Figura 1: Cartaz de divulgação da Exposição Olhar de Estudante



Fonte: Acervo dos autores.

A terceira parte se referiu às atividades externas, no caso, as visitas que o grupo realizou ao Centro Cultural do Banco do Brasil, em Belo Horizonte/MG, para uma aula sobre cultura e patrimônio com as artes-educadoras do espaço; e ao Instituto Inhotim, em Brumadinho/MG, com o nosso objetivo foi conhecer um grande espaço de exposição de arte contemporânea para entender melhor como esses espaços funcionam e quais são as suas possibilidades de atuação, já que o grupo nunca tinha tido nenhuma experiência nesse sentido.

Essas duas atividades tinham o objetivo especial de preparar os pesquisadores para a intervenção que iria ser realizada ao final do projeto: uma exposição artística no Museu Regional do Norte de Minas, em Montes Claros/MG. A exposição ficou aberta ao público pelo período de trinta dias, e nela os visitantes puderam apreciar trinta fotografias digitais, de autoria do grupo, e alguns trabalhos de colagem e impressão, na técnica de cianotipia, também realizados pelo grupo.

O eixo central dessa experiência foi a realização de uma atividade que pudesse ser a culminância das nossas reflexões sobre o espaço escolar através das imagens, pois a seleção do que seria exposto e a forma como seria exposto partiu de escolhas e debates do próprio grupo, sendo assim os protagonistas da atividade. Também era muito importante que essa atividade fosse de alguma forma divulgada para a comunidade. Para que isso acontecesse, ao longo do ano, a produção ia sendo separada por autoria e técnica, para facilitar a etapa de escolha das imagens que usaríamos no final para a exposição.

Após, houve um momento de orientação individual, em que cada estudante escolheu três imagens de sua autoria para impressão e exposição. Nesse momento, cada um deveria observar a qualidade das imagens, a coerência entre as imagens escolhidas e a história que as imagens contavam. Alguns temas se repetiram, mas de forma diferente. Uma das conclusões do grupo é que, apesar de estarem ocupando e retratando o mesmo espaço, cada um tem um ponto de vista individual, e isso influencia o olhar artístico pessoal.

Definidos o local de exposição, os materiais que seriam expostos e a data de duração da intervenção, foi realizada uma ação de divulgação da exposição com a confecção de um cartaz contendo as informações do evento. Nele tomamos o cuidado de utilizar imagens produzidas pelo grupo durante a pesquisa. Com o material gráfico em mãos, realizamos ações de divulgação em sala em sala, convidando a comunidade escolar a prestigiar nossa intervenção. Além disso, a atividade foi divulgada na imprensa, o que acabou resultando em uma divulgação via reportagem impressa no jornal *O Norte*, que foi publicada no dia 18 de outubro de 2022.

Figura 2: Reportagem impressa publicada no jornal *O Norte*



Fonte: *O Norte* de Minas, 2022.

Também foi veiculada uma reportagem televisuada, ao vivo, pela Rede Globo de Televisão, através da emissora local, *InterTV Grande Minas*, na primeira edição do jornal diário; que foi ao ar no dia da abertura da exposição, 18 de outubro de 2022.

Figura 3: Captura de tela da exibição do jornal *InterTV Grande Minas 1ª Edição*



Fonte: Globoplay, 2022⁵.

Quem visitou o espaço expositivo pôde perceber que as imagens não foram organizadas pela autoria, mas pela temática. Ao observar a exposição montada, foi possível ver que havia temas que eram frequentes na percepção dos fotógrafos. Ainda, antes disso, conforme o trabalho de montagem da exposição foi acontecendo, era possível notar que as imagens produzidas tinham um padrão de temas que era recorrente no olhar artístico de cada um. São elas: 1) os detalhes físicos vistos em ângulos variados, destacando a arquitetura da escola; 2) a sala de aula; 3) a vegetação – árvores e flores; 4) o livro como um elemento de destaque; 5) as representações de religiosidade; 6) a ideia ou o conceito de “olhar” e de “frestas”; 7) as grades e as ferragens.

Sendo assim, a principal forma de coletar informações sobre a percepção dos alunos sobre o espaço da escola foram as imagens que eles produziam sobre esse espaço, principalmente com a câmera digital. A análise das informações do grupo foi feita qualitativamente, por meio de uma pesquisa visual (análise e debate sobre as imagens) e participante. A pesquisa-participante é aquela em que nós entendemos que todos os participantes são pesquisadores e pesquisados, ao mesmo tempo, pois, a partir

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11038041/?s=0s>. Acesso em: 29 out. 2024.

de suas próprias produções, é que foram feitos os nossos apontamentos e discussões. Essa metodologia parte de uma conformação horizontal entre seus membros (Moroz; Gianfaldoni, 2006).

Durante todas as atividades de produção das imagens do espaço escolar, o grupo tomava o cuidado para não produzir imagens que de alguma forma expusessem os demais colegas, seus rostos ou identidades. Isso foi feito para garantir o cuidado ético. Além disso, de acordo com o andamento da exposição, foi realizada uma última ação para avaliar se a percepção dos pesquisadores-participantes se assemelhava à percepção dos demais colegas da escola. Foi aplicado um questionário anônimo, nas 26 turmas da escola, do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. A pesquisa foi aplicada pelos próprios estudantes do projeto a dois alunos de cada sala, sendo sempre um menino e uma menina por sala. O formulário possuía 15 perguntas e não era obrigatório que os alunos respondessem a todas elas.

A rede de internet da escola é instável e, por isso, a aplicação foi feita no papel. Depois que os questionários foram aplicados pelo grupo de pesquisa, eles foram passados para o aplicativo *Google Forms* pela nossa professora-orientadora e, dessa forma, foi mais fácil observar as respostas dos colegas.

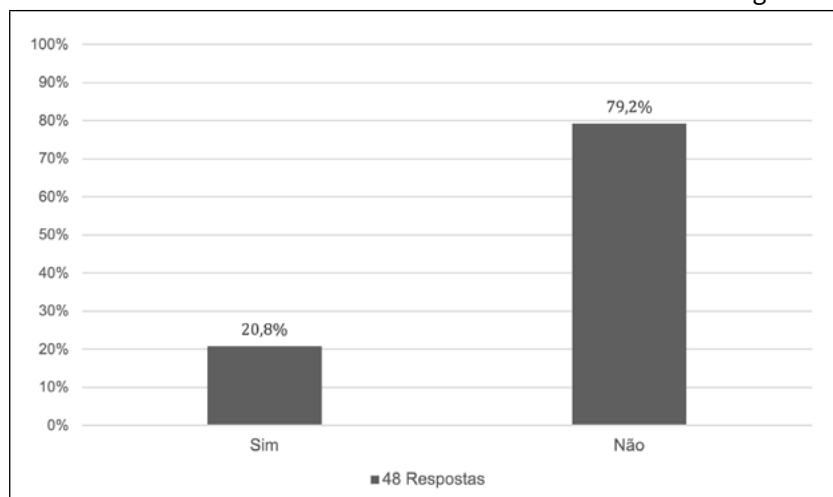
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em números, sabemos que tivemos uma amostra pequena, mas foi um bom exercício para começar a pensar sobre qual a percepção dos colegas sobre o espaço. Descobrimos que a maioria dos colegas estuda na Escola Estadual Eloy Pereira há três anos ou menos. A maioria pensa que o ambiente escolar fica mais agradável com árvores e flores, e considera o ambiente bonito. Entretanto, afirmam também que o espaço estético poderia ser melhor, com mais investimento na estrutura através de reformas.

Quando perguntamos sobre um ponto positivo do espaço escolar, tivemos respostas variadas, que citavam a quadra ou o pátio; porém,

a maioria falava da vegetação, o que faz sentido para a nossa avaliação, já que, quando fomos retratar a beleza do espaço escolar, acabamos registrando, muitas vezes, as árvores e as flores. Quando perguntamos sobre pontos negativos, os problemas mais citados foram os banheiros, a pichação e o piso. Esses aspectos apareceram também nas imagens que o grupo de pesquisa produziu, mas, com exceção das pichações, o grupo decidiu não expor esses aspectos da escola, por querer mostrar os pontos positivos da escola na exposição para a comunidade.

Gráfico 1: Você tem o costume de documentar sua rotina com fotografias?



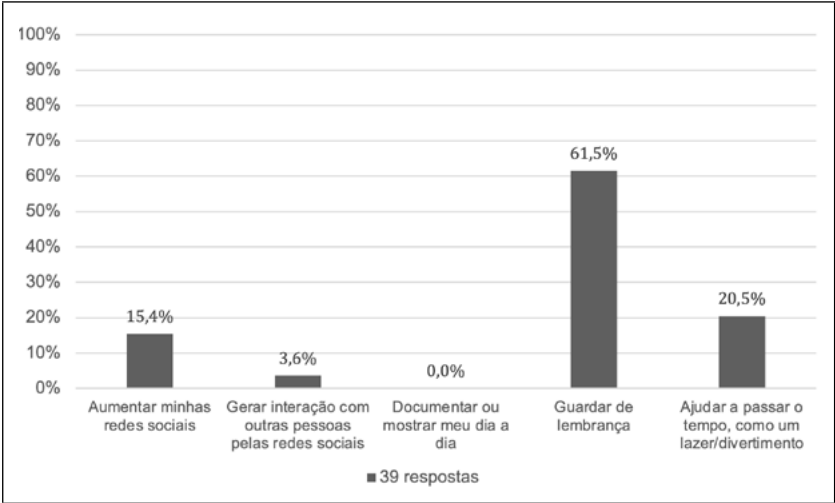
Fonte: Elaboração própria.

A maioria dos entrevistados afirmou que documenta a rotina com fotografias; contudo, o grupo avaliou que a porcentagem de 79,2% é pequena. Ressaltamos, porém que como o uso de telefone celular é proibido durante as aulas, a nossa hipótese é de que, mesmo sendo anônimo, alguns entrevistados tiveram medo de responder a verdade. Aqueles que afirmaram que tiram fotos, usam, na maioria das vezes, telefone celular próprio.

Quando perguntamos sobre a finalidade das fotos (Gráfico 2), a maioria dos entrevistados disse que era para guardar as fotos de lembrança, e isso, para o grupo de pesquisa, fez muito sentido, já que foi um

dos motivos mais citados nos relatos de experiência individual que os membros do grupo de pesquisa desenvolveram. O grupo concluiu que o registro e a manutenção da memória é uma característica importante das imagens que os estudantes produzem.

Gráfico 2: Qual a finalidade das fotos que você costuma tirar?



Fonte: Elaborado pelos autores.

A rede social mais utilizada para compartilhar as imagens que os alunos produzem, de acordo com a pesquisa, foi o *Instagram*. Perguntamos sobre o que os estudantes sentiram mais falta durante o afastamento do espaço escolar que a pandemia causou. Nesse caso, as respostas foram bastante variadas, mas o que foi mais citado foram os momentos de interação com os colegas durante as aulas e o momento de intervalo. Com essas últimas respostas, nós percebemos como os estudantes ainda estavam carentes da conexão com a comunidade escolar mais próxima, que eram os colegas e os amigos da escola, e o espaço escolar era importante para incentivar esses momentos de interação.

Acreditamos que a principal experiência que o grupo vivenciou foi a de perceber a importância subjetiva que habitar o espaço escolar tem para cada um de nós, além de como cada estudante tem a capacidade

de abordar de uma forma diferente um mesmo assunto, já que cada estudante é um indivíduo único, que tem suas próprias relações com o ambiente e, por isso, suas próprias experiências.

De início, tivemos algumas dificuldades por não conhecer ou não saber manusear os equipamentos, também por não conhecer a teoria que poderia deixar nossos trabalhos mais bonitos e interessantes, e tivemos de lidar com a frustração dos trabalhos que davam errado ou com as ideias que não conseguimos tirar do papel; isso foi muito triste e chocante. Com o passar do tempo, também começamos a ter alguns problemas de horário, e foi difícil encaixar as atividades num momento que todos pudessem.

As limitações de conhecimento e prática foram sendo vencidas conforme íamos aprendendo. Tivemos que aprender a lidar com os erros e acertos também, e pensar de que forma poderíamos fazer melhor. Além disso, percebemos como treinar o olhar para o que estamos vendo faz diferença para perceber a beleza de cada espaço e pensar sobre ele de forma mais crítica. Por isso, utilizamos dos conceitos de Brandão (2007) e o espaço como categoria de representação.

Através dos exercícios de fotografia, nós vimos várias categorias importantes: a vegetação, a sala de aula, os livros, os ângulos, as grades, as frestas, e nós nos vimos representados nelas quando registramos o nosso olhar, o olhar de estudante. Esse foi o momento mais especial. Aprender mais sobre fotografia e, no final, ver o nosso trabalho sendo divulgado e reconhecido foi uma grande potencialidade do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o intuito do relato foi parcialmente alcançado, pois ainda há muito que mostrar, e nós acreditamos que ele só estaria completo com mais imagens, pois elas têm uma capacidade de mostrar o que o texto não mostra. Foi uma oportunidade muito importante de perceber como a arte e a ciência podem trabalhar juntas e nos ajudar a perceber o que não vemos de outra forma.

Acreditamos que o trabalho de produção das imagens e o de aplicação de pesquisa de opinião poderia ter sido feito de forma mais ampla, visto que se mais estudantes tivessem participado teríamos mais imagens e novos pontos de vista para discutir; se a pesquisa de opinião fosse aplicada para mais estudantes, teríamos também uma visão mais abrangente da comunidade escolar. Isso teria um desdobramento interessante também se as características negativas que os colegas apontaram pudessem ser modificadas e melhoradas no espaço escolar a partir de um consenso do grupo. Sabemos que esse é um primeiro passo em vista de tudo aquilo que os estudantes podem promover e transformar quando são chamados para serem protagonistas dos espaços em que observam, habitam, vivem.

Por fim, gostaríamos de agradecer à servidora da E. E. Eloy Pereira, Eliane Raquel, por todo apoio e orientações no processo de aquisição de materiais e suporte para as atividades de campo, que foram indispensáveis para a qualidade do nosso trabalho. Gostaríamos de agradecer também a toda a equipe do Museu Regional do Norte de Minas, na pessoa de Karine Dias, pela acolhida e pelo suporte durante a etapa final do projeto. Temos certeza de que foi um diferencial para a conclusão das nossas atividades.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, L. A. Espaços literários de suas expansões. *Aletria*, v.15, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18135/14925>. Acesso em: 29 out. 2024.

FONSECA, R. R. P.; BRANDÃO, R. C.; VENTURA, H. M.; REIS, F. Luciene C. Escola Estadual Eloy Pereira: a evolução do espaço físico durante seus 50 anos de existência. In: I Encontro História e Literatura: Cidade e Escritores Regionais. *Comunicações orais*. Unimontes, 2015.

GLOBOPLAY. *Alunos da rede pública de Montes Claros participam de exposição fotográfica*. Globoplay, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11038041/?s=0s>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H. T. A. *O processo de pesquisa: Iniciação*. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2006.

O NORTE de Minas. *Olhar de estudante*: Alunos da Escola Eloy Pereira expõe fotografias sobre o espaço escolar pós-pandemia em mostra que pode ser vista até o dia 17 de novembro. O Norte de Minas, 2022. Disponível em: <https://onorte.net/variedades/olhar-de-estudante-1.927761>. Acesso em: 25 out. 2024.

*Este volume integra a Coleção ICEB lançada em 2025 pela Editora da
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).*

*O texto foi composto em Source Sans Pro, de Paul D. Hunt, e as aberturas de capítulo
em Leitura Sans, de Dino dos Santos. O projeto gráfico se inspira no universo escolar,
utilizando linhas pautadas, verticais, horizontais e quadriculadas, que foram
combinadas e transformadas em diversas padronagens, aplicadas a cada volume.*

*Para mais informações sobre outros títulos da Editora Unimontes,
visite www.editora.unimontes.br.*